UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

INAIÊ LISANDRE COSTA GARCIA SANCHEZ

HIBRIDIZAÇÃO E VIDA SOCIAL

Um olhar comparativo entre *Memorial do convento*, de José Saramago e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay

São Paulo
2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

HIBRIDIZAÇÃO E VIDA SOCIAL

Um olhar comparativo entre *Memorial do convento*, de José Saramago e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay

Inaiê Lisandre Costa Garcia Sanchez

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior

São Paulo
2011

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo da Publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo

SANCHEZ, Inaiê Lisandre Costa Garcia.

Hibridização e vida social – Um olhar comparativo entre *Memorial do convento*, de José Saramago e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay / Inaiê Lisandre Costa Garcia Sanchez; orientador Benjamin Abdala Junior. São Paulo, 2011.

Tese (Doutorado – Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

1. Literatura comparada. 2. Hibridismo. 3. Globalização. 4. Portugal. 5. José Saramago. 6. Afonso de E. Taunay.

SANCHEZ, Inaiê Lisandre Costa Garcia.

Hibridização e vida social – Um olhar comparativo entre *Memorial do convento*, de José Saramago e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Prof. Dr.: _____
Instituição: _____
Julgamento: _____
Assinatura: _____

Para Yvone Costa Garcia (*in memorian*)
e João Costa Garcia (*in memorian*)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Benjamin Abdala Junior, pelo apoio e orientação.

Aos membros da Banca de Exame de Qualificação, Profa. Dra. Fabiana B. Carelli Marquezini e Profa. Dra. Rejane Vecchia da Rocha, pela leitura cuidadosa e crítica que contribuiu para o amadurecimento da argumentação acadêmica.

À CAPES -- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -- , pela Bolsa de Doutorado que permitiu minha dedicação exclusiva à pesquisa.

A Steve Miller, pelo carinho.

A personalidade de cada um de nós é composta (como sabe a psicologia moderna, sobretudo desde a maior atenção dada à sociologia) do cruzamento social com as “personalidades” dos outros, da imersão em correntes e direções sociais e da fixação de vincos hereditários, oriundos, em grande parte, de fenômenos de ordem coletiva. Isto é, no presente, no futuro, e no passado, somos parte dos outros, e eles parte de nós.

Fernando Pessoa

As fronteiras são traçadas para definir os lugares que são seguros e inseguros, para distinguir o **nós** de **eles**. Uma fronteira é uma linha divisória, uma estreita risca ao longo de uma margem profunda. Uma fronteira é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma linha divisória não natural. Está em constante estado de transição. O negado e o proibido são seus habitantes. **Los atravesados** vivem aqui: Os vesgos, os perversos, os esquisitos, os problemáticos, os mestiços, os mulatos, os de meia raça, os meio mortos; em suma, aqueles que cruzam, que ultrapassam, ou que vão além das margens do “normal”.

Gloria Anzaldua

Tudo isso é apenas para dizer que toda a vida está inter-relacionada. Nós somos pegos em uma inevitável rede de mutualidade; amarrada em um único traje do destino (...). Eu nunca poderei ser o que eu devo ser até que você seja o que você deve ser. Você nunca poderá ser o que deve ser até que eu seja o que eu devo ser. Este é o jeito que o mundo é feito. Eu não o fiz dessa forma, mas essa é a estrutura inter-relacionada da realidade.

Martin Luther King

RESUMO

SANCHEZ, Inaiê Lisandre Costa Garcia. Hibridização e vida social – Um olhar comparativo entre *Memorial do convento*, de José Saramago e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay. 2011. 237 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

O trabalho aqui apresentado insere-se na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e fundamenta-se na teorização sobre o hibridismo cultural e sua influência nas sociedades. Tem-se em vista discutir a circulação dos repertórios culturais entre Brasil e Portugal, tal como aparecem na figura de Bartolomeu Lourenço de Gusmão em duas obras literárias: no romance *Memorial do convento*, de José Saramago, e na biografia *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de E. Taunay. Nessa trajetória, enfocaremos como os dois autores tratam da hibridez de Gusmão, além de outros aspectos referentes ao múltiplo e ao plural, seja no que diz respeito às obras em si, à construção de identidades em um mundo de fronteiras flutuantes e ao hibridismo como resultado do colonialismo. A hibridação permeia todos os níveis das produções culturais das sociedades e, portanto, dos fluxos entre as literaturas. Em um mundo de fronteiras flutuantes, é imprescindível buscarmos novas associações no campo do comunitarismo cultural ao qual historicamente nos vinculamos. A essência marcadamente híbrida de Gusmão é ressaltada tanto por Taunay como por Saramago. A partir do múltiplo, ambos unificam o personagem na figura do herói, apesar de, em Saramago, o herói fazer parte de um grupo. Em uma construção biográfica de caráter transtextual, Taunay visa provar a prioridade aerostática de Gusmão e dar-lhe as glórias que não recebeu em vida. Vemos então um homem de fé, religioso e grande cientista injustiçado pela sociedade portuguesa do século XVIII. Já Saramago constrói um Gusmão profano, herético, desequilibrado, que caminha para a loucura e a morte após construir sua passarola. Esta representa o escape de um mundo opressor e injusto, em uma manobra utópica que nos remete ao sonho de Ícaro e coloca não o divino, mas o homem como o responsável pela dinâmica do mundo. Por meio de um texto que mistura história e ficção, passado e presente, ironia e transtextualidade em uma mescla de gêneros literários, Saramago faz uma releitura da História portuguesa para que melhor possamos compreender o presente e atuar criticamente para modificá-lo. Paralelamente, constatamos que devido à sua constituição altamente híbrida desde a Pré-História, sem exclusivismos de raça ou cultura, a sociedade portuguesa apresentou uma burguesia atípica, ficando marcada por uma rusticidade resultante da passagem de uma sociedade não totalmente tradicional a uma não tipicamente moderna. O seu ingresso tardio no coro europeu apenas a partir dos grandes descobrimentos marítimos determinou um tipo de sociedade que se desenvolveu, em alguns sentidos, quase à margem das outras nações europeias e constitui-se uma zona de transição por ser uma das pontes pelas quais a Europa comunica-se com outros mundos. A plasticidade social portuguesa influenciou na formação do Brasil colônia, em uma hibridação que se aprofundou através da mesclagem com índios e negros, possibilitando o nosso caráter tipicamente híbrido e não apenas multicultural.

Palavras-chave: Hibridismo, Portugal, José Saramago, Afonso de E. Taunay.

ABSTRACT

SANCHEZ, Inaiê Lisandre Costa Garcia. Hybridization and social life – A comparative look at *Memorial do convento*, by José Saramago and *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, by Afonso de E. Taunay. 2011, 237 p. Thesis (Doctorate) - Philosophy, Languages and Human Sciences College, University of São Paulo, Brazil, 2011.

The work here presented belongs to the field of Comparative Studies of Portuguese Literature Languages and is based on the theorization about cultural hybridism and its influence in the societies. It discusses the flow of cultural repertoires between Brazil and Portugal, as seen in Bartolomeu Lourenço de Gusmão, character of two literary works: in the romance *Memorial do convento*, by José Saramago, and in the biography *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, by Afonso de E. Taunay. In this way, we will focus on how the two authors deal with the existing hybridity in Gusmão and other aspects concerning multiple and plural issues, plus identity building in a world of floating boundaries and hybridity as a result of colonialism. Hybridity is present in all levels of cultural production of societies and, therefore, in the flow of the literatures. In a world of floating boundaries, the search for new associations in the cultural groups to which we are historically connected is vital. The marked hybrid essence of Gusmão is highlighted by both Taunay and Saramago. Starting from the multiplicity, both unify the character in a hero, although in Saramago the hero is formed by a group. In a biographic construction of transtextual features, Taunay aims to prove Gusmão was the inventor of the balloon and give him the glories he did not get in life. We see, then, a religious man of faith and great scientist to whom the Portuguese society of the XVIII century did an injustice. Saramago, on the other hand, builds a profane, heretic and emotionally unstable Gusmão, who heads to insanity and death after building his airship. The flying machine represents the escape from an unfair and oppressive world -- in an utopic maneuver who leads us to the Icarus dream -- and places, not a divinity, but men as the one responsible for the dynamics of the world. In a text that mixes History and fiction, past and present, irony and intertextuality in a blend of literary genders, Saramago promotes an actual reading of the Portuguese History so we can better understand the present and act critically to modify it. At the same time, due to its highly hybrid formation since Pre-History without race or culture exclusivism, we verified that the Portuguese society presented an atypical bourgeoisie, being characterized by a rusticity that resulted from the passage of a not totally traditional society to a not typically modern one. Its late entry in the European core countries only with the big maritime discoveries determined it to be a society that developed, in certain aspects, almost at the margin of other European nations. It is a kind of transition zone for being one of the bridges through which Europe communicates with other worlds. The social Portuguese plasticity influenced in the formation of Brazil as a colony, in a hybridization that got deeper by the mixture with black and native people, generating our typically hybrid character instead of an only multicultural one.

Keywords: Hybridism, Portugal, José Saramago, Afonso de E. Taunay.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	LITERATURA E CULTURA: DESENHO E PULVERIZAÇÃO DE FRONTEIRAS..	23
2.1	A evolução da literatura comparada.....	23
2.1.1	Surgimento ocorre na era dos nacionalismos.....	24
2.1.2	EUA e Europa: abordagens distintas.....	27
2.1.3	A influência francesa com a desconstrução.....	29
2.1.4	A literatura comparada e a globalização.....	32
2.2	As fronteiras flutuantes.....	38
2.2.1	Nacionalismo e cultura.....	42
2.3	O hibridismo e suas implicações.....	45
2.3.1	A problemática do discurso <i>worldless</i>	48
2.3.2	Negociações de espaço e construção de identidades.....	59
2.3.3	Dialogismo e intertextualidade.....	64
2.4	Transferências discursivas na América Latina.....	67
3	AS MULTIFACES DE BARTOLOMEU DE GUSMÃO.....	73
3.1	A obra de Taunay e Bartolomeu de Gusmão.....	74
3.1.1	A construção biográfica de um herói.....	79
3.2	A obra de Saramago e Bartolomeu de Gusmão.....	89
3.2.1	A questão do herói em <i>Memorial do convento</i>	97
3.3	A hibridez de Gusmão em Taunay e Saramago.....	103
3.3.1	O Gusmão de Saramago: Um personagem profano.....	112
3.3.2	A articulação de diferenças na construção de identidades.....	125
3.3.2.1	A questão identitária no ambiente colonial.....	129
3.3.2.2	A subversão presente no híbrido.....	134
3.3.3	Os ataques e insultos ao Voador.....	135
3.3.4	Múltiplos nomes para uma multiplicidade de “eus”.....	142

4	HISTÓRIAS MESCLADAS.....	150
4.1	A influência dos diálogos culturais na formação de Portugal.....	150
4.1.1	A dialética com outros países europeus e com o Brasil colônia.....	153
4.2	Implosão de fronteiras entre o histórico e o literário em <i>Memorial</i>	159
4.2.1	A instabilidade do gênero literário.....	160
4.2.2	A relação entre ficção e História.....	162
4.2.2.1	A hibridez na crônica do real maravilhoso.....	166
4.2.2.2	O papel do narrador.....	168
4.2.2.3	A intertextualidade e a ironia como arma crítica.....	175
4.3	O diálogo passado/presente.....	185
4.4	A utopia como legado em <i>Memorial do convento</i>	191
5	CONCLUSÃO.....	200
	BIBLIOGRAFIA.....	218

1. INTRODUÇÃO

O conceito de hibridismo permeia todos e quaisquer aspectos da produção intelectual, a começar pelo próprio discurso até o completo repertório literário e cultural da vida social. Sua marca, portanto, é perceptível desde tempos remotos até a contemporaneidade, onde as sociedades integradas em tempo real pelas redes de comunicação permitem a troca de ideias de uma forma cada vez mais rápida pelos quatro cantos do planeta.

Como a noção de mescla está intimamente ligada ao múltiplo, sublinhamos aqui a importância do tema, já que a preservação do pluralismo cultural é apontada como a única forma de garantir que a literatura em língua portuguesa, juntamente com os outros elementos que definem a nossa identidade cultural, possam se manifestar e florescer no espaço que lhes é próprio em um mundo globalizado.

Assim, discutimos a hibridez no intuito de provar sua inerência, revelando ao mesmo tempo traços compartilhados pela comunidade luso-brasileira ao identificar fluxos culturais presentes em *Memorial do convento*, de José Saramago, e a biografia *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de Taunay.

As duas obras escolhidas exemplificam como tais fluxos caracterizam a dinâmica do hibridismo. Para começar, elas têm em comum a figura de Gusmão, que pretendemos provar ser o exemplo de um personagem de essência marcadamente mista em ambos os textos, apesar de os autores percorrerem caminhos diferentes.

Mas o exemplo de mesclagem não se limita ao personagem de Gusmão. Os dois livros, embora escritos em contextos e épocas diferentes, trazem a pluralidade como marca. O de Taunay distingue-se pela transtextualidade. Ele utiliza-se de textos de autores portugueses, principalmente, e também de brasileiros, para traçar a trajetória do padre nascido em Santos e garantir-lhe o posto de inventor do balão com suas experiências em Portugal no século XVIII. Nessa caminhada, através de seu olhar brasileiro, mostra-nos também aspectos da sociedade lusitana, de sua História, e de sua relação com colônias e países europeus na época, destacando os motivos que a levaram a não valorizar a prioridade aerostática de Gusmão. Taunay tira, assim, o padre brasileiro das páginas da História e o resgata como herói.

Já José Saramago – único escritor de Língua Portuguesa a ganhar um Prêmio Nobel e que deixa transparecer o modo de ser do homem ibero-americano através de sua face portuguesa¹ – propõe em *Memorial* o rompimento de linhas divisórias através de uma homenagem ao homem do povo em busca de uma sociedade mais justa. E nesse movimento rechaça qualquer tipo de elitismo ou ideias puristas. A figura do herói, aí, é representada não apenas por Gusmão, mas por um grupo.

Em adição ao ponto de vista de que todas as culturas são híbridas, Portugal sofreu mesclagens que lhe conferiu características peculiares, influenciando no caráter brasileiro tipicamente híbrido e não apenas multicultural.

Contudo, tal miscigenação implicou também uma forma de dominação. E é justamente o repúdio à exploração do homem pelo homem -- já que todas as formas de exploração se assemelham -- que norteia Saramago em *Memorial*. Afinal, são com recursos tais como o ouro e a madeira provenientes do Brasil e a utilização brutal da mão-

¹ ABDALA JR., Benjamin. *De voos e ilhas: Literatura e comunitarismos*. Ateliê Editorial, 2005, p. 98.

de-obra dos miseráveis que D. João V constrói o complexo de Mafra. Em um texto que mistura História e ficção, passado e presente, assim como o uso conjugado da paródia e da intertextualidade, Saramago utiliza-se do realismo-maravilhoso buscando a criação de uma consciência crítica no leitor. A passarola de Gusmão voa, assim, movida pelas vontades humanas, ou seja, pela vontade coletiva onde o homem é o sujeito, representando um projeto para romper as barreiras geradas por uma sociedade injusta e atrasada.

Vejamos então como logramos as considerações acima expostas. Para chegarmos ao enfoque pós-colonialista baseado no hibridismo que norteia os estudos de literatura comparada na atualidade e melhor compreender os seus princípios e implicações, julgamos ser necessário, no capítulo I, refazer a trajetória da literatura comparada a partir de seu nascimento, no século XIX. Nesse percurso, visitaremos as tendências ditas pelas escolas francesa, alemã e americana até os movimentos atuais, sem nos esquecer da posição onde se situa o Brasil no campo literário.

A partir do final dos anos 70, o foco do estudo da literatura deixa de ser centrado na língua e é transferido para dentro dos contextos psicológicos, históricos ou sociológicos. Nessa perspectiva, a questão passa a girar em torno da construção de teoremas do múltiplo. Sob a influência de Foucault e Bakhtin, ganham espaço nos departamentos de literatura críticos como Edward Said, Gayatri Spivak e Homi Bhabha. Emerge, assim, a teoria pós-colonial que desafia a hegemonia das culturas colonizadoras, mas ao mesmo tempo, reconhece a pluralidade de contatos entre o colonizador e o colonizado. No Brasil, temos uma tradição formada de pensamento filosófico e literário ao longo de dois séculos de assimilação de ideias estrangeiras, principalmente as francesas. Essa tradição desse ser lembrada em função de nossas circunstâncias locais, considerando-se a realidade latino-americana, mas com espírito crítico e sem servilismos.

Um ponto fundamental dessa tese é a concepção de Said de que, em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas e heterogêneas. Nesse universo de fronteiras múltiplas, é essencial buscarmos novas associações no campo do comunitarismo cultural a que historicamente nos vinculamos de uma forma a não reproduzir gestos coloniais ou imperiais. O conceito do heterogêneo, entretanto, ainda é considerado incômodo e, em um mundo onde os neonacionalismos continuam defendendo ideais de pureza, o hibridismo exerce um papel potencial subversivo. Daí a importância dos estudos que celebram a heterogeneidade com novas estratégias discursivas e metodologias inovadoras.

Na atual dinâmica, a ideia de uma identidade nacional derivada apenas de um território definido não é mais suficiente para definir uma pessoa ou um grupo. As identidades, antes outorgadas, passam a ser construídas. Nesse processo, a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação tensa, complexa, que ocorre – segundo Bhabha -- em “entrelugares” e procura conferir autoridade aos hibridismos culturais.

As bases linguísticas da heterogeneidade são encontradas em Bakhtin, para quem o processo de mesclagem e de relações dialógicas nas trocas sociais já se faz presente a partir dos próprios discursos. Ou seja, o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Tal concepção levou ao conceito de intertextualidade, proposto por Julia Kristeva, de que todo o texto é absorção e transformação de outro texto. Yuri Lotman, por sua vez, afirma que o texto não é um fenômeno isolado e pertence a um sistema maior, chamado de semiosfera. Concluimos, conseqüentemente, que a hibridação permeia todos os níveis das produções culturais – e,

portanto, dos fluxos entre as literaturas – das sociedades. Surge então, nos quatro cantos do planeta, um vocabulário plural que tenta dar conta do conceito do heterogêneo.

Nesse processo dinâmico, a cultura brasileira tem certo know-how em relação à cultura global por ser polifônica. Mas nesse contexto de mundialização, é necessário fazer frente a uma situação de dependência em relação às culturas hegemônicas por meio de articulações político-culturais. A literatura comparada a partir dessa perspectiva, então, é uma atividade política, parte de um processo de reconstrução e reafirmação cultural e da identidade nacional no período pós-colonial.

Tendo, portanto, apresentado as teorias do híbrido dentro da trajetória de evolução da literatura comparada, cremos ter fundamentado a importância em se analisar a hibridez e os traços compartilhados pela comunidade luso-brasileira apontados nas obras escolhidas de Taunay e Saramago. No segundo capítulo, abordaremos então o enfoque que Bartolomeu de Gusmão recebe de ambos os autores dentro de suas respectivas trajetórias e porque representa como uma luva os preceitos embutidos nas definições de hibridez apresentadas no primeiro capítulo. Destacamos que ambos os autores transformam o padre em herói, apesar de seguirem caminhos diferentes. Por fim, debateremos a articulação de diferenças na construção de identidades para chegar ao como Gusmão construiu a sua multiplicidade de “eus” no ambiente colonial.

Bhabha define a hibridez como um processo de negociação cultural que ameaça a autoridade colonial porque subverte o conceito de origem pura. Gusmão é o retrato dessa definição. Nascido no Brasil colônia, migra para Portugal onde vive por anos, negociando valores culturais. Os conflitos resultantes de tais negociações geraram consequências: apesar de cientista brilhante, não consegue se firmar, em vida, no cenário

português e europeu. Contudo, suas ações não deixam de representar uma atitude de “resistência” ao *establishment* da época.

Tal papel ameaçador de Gusmão, conferido por um hibridismo que lhe possibilita múltiplas identidades, aparece tanto em Taunay como em Saramago. O primeiro mostra como o padre incomodou a sociedade portuguesa da época com o seu brilhantismo e, o segundo, como a invenção do personagem representa um escape de uma realidade opressora. Ambos procuram, em obras escritas em momentos históricos diferentes e distintas demandas, unificar o personagem na figura do herói a partir da questão do múltiplo. A principal diferença – além dos distintos propósitos dos autores -- é que, em Saramago, o herói é um grupo formado, além do padre, por Baltasar e Blimunda.

Taunay tem como principal objetivo não deixar dúvidas de que Gusmão foi injustiçado pela sociedade portuguesa da época, que não soube ver a importância de seu feito. Nele, o mito do herói justifica-se por um herdado cunho romântico com seu desejo de retratar o nacionalismo, também pautado pelo viés positivista da época. Ao contrário de Saramago, a Taunay não interessam questões socioeconômicas da época em questão. Retira de vários autores tanto as opiniões favoráveis como as não favoráveis a Gusmão para, de qualquer maneira, exaltá-lo. A prática intertextual da obra não apenas nos traz o seu estilo e visão como, também, nos apresenta a projeção dos textos que antecedem o livro.

Já Saramago incorpora atitudes do Neo-realismo em seu livro pela preocupação social, procurando combater as injustiças e dando voz às multidões de miseráveis. E a saga de Gusmão representa, justamente, a aspiração por liberdade e escape de uma sociedade opressora em um texto que engloba desde influências estéticas do Barroco até características do realismo mágico hispano-americano.

Alguns aspectos biográficos de Bartolomeu de Gusmão foram registrados por ambos os escritores: A origem, a primeira viagem a Portugal aos 15 anos, seu talento e sua memória extraordinários, além de detalhes controversos de sua vida, como as ligações com judeus e o interesse pelo Alcorão.

Taunay, interessado em que o padre receba sua glória póstuma como brilhante cientista de família honesta e religiosa, dá-nos detalhes de invenções diversas de Gusmão, além de destacar aspectos familiares bem como a sua vida estudantil no Brasil antes de embarcar para a Europa. Mas em nenhum momento se vê em Taunay um Gusmão questionando dogmas religiosos, como acontece em *Memorial*.

Já para Saramago, por outro lado, não importa mencionar detalhes sobre a família e nem sua trajetória na terra natal. Além do escape de um mundo injusto por meio da passarola, interessa-lhe mostrar o drama teológico que vai levá-lo à loucura, drama esse agravado pela multiplicidade de funções que o tornou um ser fragmentado e dividido. Ao contrário do apresentado por Taunay, tal multiplicidade não nos leva a um símbolo patriótico que marcou a história da humanidade com a sua invenção e, sim, a um religioso de comportamento herético que questiona a Santíssima Trindade. Enquanto Taunay menciona a religiosidade da família de Gusmão para ressaltar sua origem cristã, o Gusmão de Saramago tem mais fé na ciência do que na inspiração da fé. Assim, o elemento divino, que tudo sustenta no universo, nada mais é do que humano. A dinâmica do mundo acontece, então, por meio do fazer dos homens e não por vontade divina. No final da trajetória do padre, em Saramago, vemos um homem de alma torturada que caminha para o desfecho da loucura e da morte. Em Taunay, encontramos um inventor genial que não teve o reconhecimento em vida da corte portuguesa.

No que diz respeito à articulação de diferenças na construção de identidades, observamos com base nos estudos de hibridismo de Bhabha que, tanto em Taunay como em Saramago, o padre articula seu espaço junto à elite portuguesa, trazendo em sua bagagem a origem simples de um padre do Brasil colônia. Tais matizes refletem-se, principalmente, nas formas dos nomes adotados pelo religioso. Observamos que essa negociação é conflitante e ambígua, pois se trata de uma estratégia que procura se apoderar do *outro*. Além disso, é visível em ambos os lados, ou seja, tanto no colonizado como no colonizador.

Como os aspectos da sociedade portuguesa e da relação colonizador/colonizado estão presentes nas duas obras estudadas, iniciamos o terceiro capítulo traçando um panorama da influência dos diálogos culturais na formação de Portugal que revela um acentuado *melting pot* desde a sua Pré-História. Um apanhado dessa constituição altamente mesclada é relevante porque, por ter resultado em uma sociedade com expressiva mobilidade social, a sociedade portuguesa apresentou uma burguesia que se processou de forma atípica. Dessa forma, o povo português ficou marcado por uma rusticidade resultante da passagem de uma sociedade não totalmente tradicional a uma não tipicamente moderna – o que determinou um tipo de sociedade que iria se desenvolver, em alguns sentidos, quase à margem de outras nações europeias.

Como resultado desse processo formativo, Portugal é como uma zona de transição pela qual a Europa comunica-se com outros mundos, tendo aberturas culturais que compreendem, por um lado, a Europa, por outro o Brasil e, até certo ponto, a África. A plasticidade social portuguesa, caracterizada por ausência de qualquer orgulho de raça, veio a influenciar na formação do Brasil colônia em uma hibridação que se aprofunda por meio da mesclagem com índios e negros. Além disso, o caráter aventureiro do colo-

nizador português, baseado no provisório, gerou uma maleabilidade que possibilitou o nosso caráter tipicamente híbrido e não apenas multicultural.

É ponto fundamental, também, que tal miscigenação implicou uma forma de dominação. E é justamente o repúdio à exploração dos mais fracos, seja de cunho colonial ou não, que norteou Saramago a criar em *Memorial* uma obra na qual podemos enxergar o mundo em que vivemos a partir de uma história com personagens do século XVIII.

Em *Memorial do convento*, “onde melhor cabe uma já sua anterior ironia de quinta-essência barroca”², Saramago nos mostra um país com longa história de contato com outras culturas. E, nesse movimento, expõe não apenas as relações desiguais entre colonizado e colonizador como também entre as diferentes camadas da sociedade portuguesa -- em um vai e vem de fatos históricos e de inserções da imaginação em um texto multifacetado. Podemos dizer que Saramago chega a reinventar o gênero literário, pois se trata de um romance histórico ao detalhar o Portugal do século XVIII, torna-se romance social ao mostrar e criticar a exploração dos trabalhadores de Mafra e assume os contornos de romance de realismo fantástico na criação de Blimunda e no voo da passarola.

Em *Memorial*, vemos uma mistura de História e ficção, onde a narração é fundamentada no passado para que melhor possamos entender o presente e atuar criticamente sobre ele. Assim, Saramago não visa, simplesmente, transportar o leitor ao passado. Em um “não” oposto à infelicidade histórica do ser humano, altera o sentido dos dados atestados em documentos históricos por meio da narrativa. Em um jogo de identificação e estranhamento em um texto de natureza dialógica, o narrador-contador exerce papel chave, impedindo o leitor de fazer uma leitura meramente digestiva.

² SARAIVA, A.J; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto, Porto Editora, 2000, p. 1099.

Tendo como ponte de partida as *Obras do diabinho da mão furada*, de António José da Silva, Saramago utiliza a intertextualidade como arma crítica. Com o mesmo propósito emprega a ironia, abrindo-se para a literatura carnavalizada onde ridiculariza os setores das classes dominantes e enaltece o homem do povo.

Ao diálogo História/ficção soma-se o de passado/presente, visando, da mesma forma, a criação de um mundo completo, em um “não” oposto à infelicidade histórica do ser humano, nem que para isso seja preciso reinventar o mundo em que vivemos.

Por sua obra ter um cunho de transformação social, o autor português acredita num mundo mais humano, a partir da perda das amarras individuais - um mundo libertário, que ultrapasse os labirintos construídos pela sociedade em função das forças sociais hegemônicas. Já que os sonhos não conhecem limites, a solução encontrada para esse alargamento de fronteiras encontra-se na utopia, no caso a construção de uma passarola que nos remete ao sonho de Ícaro.

Ao passo que Taunay descreve as experiências factuais com o balão realizadas pelo religioso em âmbito restrito – e que frustraram as expectativas da época devido à ignorância popular --, Saramago vai além e mostra-nos que a passarola voa movida não pelo ar quente, mas sim pelas vontades humanas para romper as barreiras geradas por uma sociedade injusta.

Ao contrário de Taunay, para Saramago são desnecessários os detalhes históricos de que os experimentos foram realizados. Interessa-lhe, sim, mostrar que cabe ao homem o destino de participar da criação do universo. Contudo, apesar de percorrerem caminhos diferentes ao focar a saga de Gusmão, podemos dizer que ambos os autores visam o futuro. Se Taunay empenha-se para dar ao padre santista as glórias merecidas,

não o faz apenas para o presente, mas principalmente para as gerações futuras. Já Saramago investe em um personagem de várias almas para mostrar-nos que o homem, e apenas ele, é responsável por sua própria história.

2. LITERATURA E CULTURA: DESENHO E PULVERIZAÇÃO DE FRONTEIRAS

2.1 A evolução da literatura comparada

O fato de este trabalho envolver a comparação de duas obras de autores de diferentes nacionalidades leva-nos a fazer uma reflexão prévia sobre a evolução da literatura comparada e do processo cultural no qual se insere no que diz respeito aos seus objetivos e aspectos, desde quando o termo apareceu pela primeira vez, no início do século XIX, até a nova era da informação. Ou seja, desde quando os nacionalismos traçavam fronteiras até os nossos dias, quando as mesmas se entrelaçam, se desfazem ou se redesenham. Assim, esse capítulo apresenta os pilares contemporâneos teóricos sobre os quais essa tese foi escrita, ou seja, com uma ênfase pós-colonialista baseada no hibridismo. Para tanto, fazemos pontuações sobre a evolução da literatura e da cultura desde os dois últimos séculos para melhor entendermos as tendências atuais.

No século XIX, a principal distinção feita na literatura comparada era entre a escola francesa, com ênfase no positivismo, com a pesquisa privilegiando as fontes; e a escola alemã, com enfoque no *zeitgeist*³ em raízes étnicas e raciais – modelo que foi adotado posteriormente pelos nazistas com nefastas consequências. No período pós-guerra, a escola francesa dominou os estudos de comparação até ser desafiada pela escola americana, com um enfoque na despolitização da literatura. Dessa forma, no início dos anos 60, havia o modelo positivista, e outro sem preocupações históricas, conforme ainda

³

Espírito da época é a tradução nossa desse termo alemão para o português.

abordaremos neste item. Só no início dos anos 70 que ambos foram seriamente desafiados e outros, alternativos, surgiram fora da tradição europeia e americana.⁴

2.1.1 Surgimento ocorre na era dos nacionalismos

A definição de literatura comparada tem sido o foco de uma acalorada discussão desde o seu surgimento até a era do pós-modernismo, com os críticos debatendo-se sobre qual é o seu objeto de estudo.⁵

Haun Saussy lembra que, apesar de o termo ter nascido no século XIX, a literatura, de certa forma, tem sempre sido comparada. As placas de barro da Mesopotâmia trazem evidências das rivalidades e fusões estratégicas nas narrativas de heróis de culturas vizinhas, assim como os livros da Bíblia. E características da morfologia do Latim escrito foram primeiramente elaboradas por escribas de língua celta que não possuíam o treinamento literário do típico patrício romano.⁶

Contudo, a origem específica da disciplina surgiu na era dos nacionalismos. No final do século XVIII e no começo do século seguinte, as nações europeias lutavam por independência – dos impérios Otomano, Austro-Húngaro, Russo e Francês –, e sur-

⁴ BASSNETT, Susan. *Comparative literature: A critical introduction*. 1st ed. Oxford, Blackwell, 1993, p. 40,41. Tradução nossa.

⁵ É consenso que o termo ‘literatura comparada’ surgiu de uma série de antologias francesas utilizadas para o ensino de literatura, publicada em 1816 e intitulada *Cours de littérature comparée*. René Wellek observa que o uso desse título engatinhou na França nos anos de 1820 a 1830, e que sua versão em alemão, *vergleichende Literaturgeschichte*, apareceu primeiramente em um livro de Moriz Carrière em 1854. Em inglês, seu emprego inicial é atribuído a Matthew Arnold, que se referiu a ‘literaturas comparadas’ no plural em uma carta de 1848. A despeito de quem introduziu o termo em suas próprias línguas, o conceito de literatura comparada que considerava mais de uma literatura já estava em circulação na Europa no início do século XIX – uma era considerada de transição. Id., *ibid.*, p.12. Tradução nossa.

⁶ SAUSSY, Haun. “Exquisite cadavers stitched from fresh nightmares: of memes, hives and selfish genes”. Em sua *Comparative literature in an age of globalization*. Baltimore, The Johns Hopkins Univ. Press, 2006, p. 5, 6. Tradução nossa.

giam novos Estados, engajados em uma luta por raízes culturais, por uma cultura nacional e por um passado. A identidade nacional estava, assim, intrinsecamente ligada à cultura nacional. Embora se discutisse sobre as raízes de uma literatura universal, juntamente com ideias sobre o espírito ou alma de uma nação, eram feitas comparações que colocavam uma cultura superior a outra. O crítico francês e professor de literatura comparada do College de France, Philaréte Chasles, em sua palestra intitulada *Littérature étrangère comparée*, em 1835, traçou um cenário idealista de cooperação internacional, de influências circulando como presentes de uma cultura para outra. Apesar de pintar um panorama harmônico da literatura internacional, ele mencionou que a “França é o mais sensível de todos os países.... o que a Europa é para o mundo, a França é para a Europa”. Ao mesmo tempo, acrescentou que tinha “completo desprezo pelo patriotismo cego e estreito”. Esse duplo ponto de vista permitiu-lhe salientar a natureza imparcial da literatura comparada, ao mesmo tempo em que proclamava a superioridade francesa.⁷

Aliás, foi na França que a expressão “literatura comparada” mais rapidamente se firmou, utilizada por Abel-François Villemain nos cursos sobre literatura do século XVIII que ministrou na Sorbonne em 1828-1829. Em sua obra *Panorama da literatura francesa do século XVIII* empregou por diversas vezes não apenas a combinação “literatura comparada” como também “panoramas comparados”, “estudos comparados” e “história comparada”.⁸

Circulava na época, também, uma noção completamente diferente sobre troca cultural. Byron, em 1819, em seu prefácio à *Profecia de Dante* comentou que “Os Italianos com uma desculpável nacionalidade, são particularmente ciumentos de tudo que

⁷ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 20. Tradução nossa.

⁸ Também foi na França que surgiu a primeira cátedra de literatura comparada, em 1887 em Lyon, seguida por outra na Sorbonne, em 1910. CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. São Paulo, Ática, 2004, p. 9, 10.

lhes sobrou como uma nação – sua literatura, e no atual amargor da clássica guerra romântica, não estão dispostos a permitir sequer que um estrangeiro os aprove ou os imite, sem encontrar alguma falta com sua presunção ultra montanhesca”.⁹

A delicada fronteira entre a influência vista como um empréstimo e a percebida como uma apropriação ou roubo era uma questão de perspectiva. Contudo, ao comentar essas visões paradoxais sobre como a literatura comparada era vista no início, Susan Bassnett observa que o termo era utilizado sem se ter uma ideia muito clara do que significava. Com as vantagens de se poder olhar para o passado, entretanto, ela aponta que a palavra ‘comparada’ era empregada em oposição à ‘nacional’ e que, ao mesmo tempo em que o estudo de literaturas ‘nacionais’ corresse o risco de sofrer acusações de sectarismo, o estudo de literatura ‘comparada’ trazia em si um sentido de transcendência do nacionalismo estreito. Em outras palavras, o termo foi utilizado de uma forma solta, mas associado com o desejo de paz na Europa e harmonia entre nações, embora tivesse profundas raízes nas culturas nacionais.¹⁰

O termo ‘literatura comparada’ continuou despertando opiniões distintas. Em 1903, Benedetto Croce rejeitava a ideia de que fosse vista como uma disciplina separada, sugerindo que o correto objeto de estudo seria a história literária. Para ele,

a história comparativa da literatura é a história compreendida em seu verdadeiro sentido como uma completa explicação do trabalho literário, abarcado em todos seus relacionamentos, posicionado na composta totalidade da história da literatura universal (...), visto naquelas conexões e preparações que estão em sua razão de ser.¹¹

⁹ Byron podia ver, portanto, a estreita relação entre identidade nacional e herança cultural, reconhecendo que uma nação (ou uma série de pequenos Estados, como no caso da Itália da época) engajada em lutas por independência guardava com ciúmes sua herança literária contra todos os que chegavam. BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 13, 14. Tradução nossa.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 14, 21. Tradução nossa.

¹¹ Id., *ibid.*, p. 2, 3. Tradução nossa.

Contudo, outros acadêmicos a defenderam com garra. Charles Mills Gayley, um dos fundadores da literatura comparada norte-americana, proclamou no mesmo ano do ataque de Croce que a premissa de trabalho do estudante da disciplina era:

a literatura como um meio de pensamento distinto e integral, uma expressão institucional comum de humanidade; diferenciada, para se ter certeza, por condições sociais do indivíduo, por influências raciais, históricas, culturais e linguísticas, oportunidades e restrições, mas sem restrições de época ou forma, impelida pelas necessidades e aspirações comuns do homem, brotada das faculdades comuns, psicológicas e fisiológicas, e obedecendo a leis comuns de material e modo, do indivíduo e da humanidade social.¹²

2.1.2 EUA e Europa: abordagens distintas

O enfoque dado à literatura comparada nos EUA, desde o início, difere do europeu, em contrastes que podem ser sentidos até hoje. Podemos encontrar em Gayley, conforme vimos acima, as raízes do processo de despolitização da disciplina – uma marca da escola norte-americana –, em acentuada oposição ao desenvolvimento da literatura comparada na Europa. Distanciado do fervor nacionalista das nações europeias e das lutas por independência dos países da América Latina, Gayley e outros comparatistas americanos adotaram um modelo com base em ideias de interdisciplinaridade e universalismo, que se voltava para perspectivas globais. O estudo literário incluía-se em uma rede de assuntos que se alimentavam entre si e faziam parte da estrutura orgânica que era a cultura. Já o desenvolvimento da literatura comparada na Europa correu paralelo a mudanças político-sociais, estando sempre ligado a um sentido de importância da história. A

¹²

Id., *ibid.*, p. 3. Tradução nossa.

ênfase, na Europa, estava nas fontes, em se documentar como os textos poderiam ser lidos através de fronteiras linguísticas e culturais, ao se traçar origens e no estabelecimento de uma base cultural de consciência nacional. Além disso, na França, por exemplo, os comparatistas procuravam delimitar a literatura comparada dentro de fronteiras, delineando o que poderia ou não ser considerado apropriado à disciplina.¹³

Após a Segunda Guerra Mundial, consolidou-se uma visão idealista, como resultado da grave crise internacional. Wellek e Warren em sua *Theory of literature*, em 1949, afirmaram que “A Literatura é uma unidade; da mesma forma que a arte e a humanidade são uma unidade”.¹⁴

Nos anos 50 e 60, entendia-se que o trabalho dos comparatistas envolvia a projeção de uma meta de consolidação, unificadora. “O esforço e a recompensa do comparatista”, diz François Jost, “é perceber o mundo literário em sua fundamental unidade”. O desejo de totalidade era, assim, uma resposta à violenta dilaceração das culturas europeias durante a guerra.¹⁵

O problema é que Jost, Gayley e outros antes dele propunham uma literatura comparada como um tipo de religião mundial, aponta Bassnett: “A sugestão implícita é de que todas as diferenças culturais desaparecem quando os leitores se deparam com

¹³ Foi na França, um país onde a cultura é caracterizada por nuances de universalismo e nos EUA, um país de imigrantes com uma visão eclética de cultura, que a literatura comparada teve as suas primeiras bases institucionais. Para as diferenças de enfoque entre EUA e França, ver BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 32 a 34 e Saussy, H. “Exq. cad. stit. from fr. night”. Em sua *Comp. lit in an age of glob.*, p. 9. Tradução nossa.

¹⁴ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 4. Tradução nossa.

¹⁵ BERNHEIMER, Charles. “The anxieties of comparison”. Em sua *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995, p. 3. Tradução nossa.

grandes obras; a arte é vista como um instrumento de harmonia universal e o comparatista é quem facilita a disseminação dessa harmonia”.¹⁶

Durante esse período, nas definições sobre a disciplina no meio acadêmico americano enfatizava-se o supranacionalismo, a interdisciplinaridade e o método era menos importante que o assunto, apontou Owen Aldridge, em 1969, em introdução a uma coleção de ensaios intitulada *Comparative literature: Matter and method*. Essa visão universal tão distante de questões metodológicas explica pelo menos em parte as razões da intensidade do debate sobre os objetivos da literatura comparada. Wellek, em 1958, em seu trabalho intitulado *The crisis of comparative literature* aponta que “O sinal mais sério do estado precário de nosso estudo é o fato de que o mesmo não tem sido capaz de estabelecer uma questão distinta de sujeito e uma metodologia específica”.¹⁷

2.1.3 A influência francesa com a desconstrução

Os anos 70 ficaram conhecidos como a época em que o método tornou-se mais importante do que o tema. Nas universidades americanas comparavam-se mais as teorias sobre comparação do que as literaturas. Os departamentos de literatura comparada tornaram-se incubadoras de teoria, e esta foi identificada com a prática da desconstrução. O apelo desconstrutivista pode ser parcialmente entendido em relação à desconfiança e ao cinismo presentes após a Guerra do Vietnã. Isso porque, segundo Charles Bernheimer, a desconstrução – encarada como uma técnica de desmistificação -- requer uma suspeita sistemática. Em certo sentido, o objetivo da comparação não mudou, ou

¹⁶ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 4. Tradução nossa.

¹⁷ BERNHEIMER, C. “The anx. of comp.”. Em sua *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 2, 3. Tradução nossa.

seja, o de perceber o mundo da literatura em sua unidade fundamental. “Não há porque as análises do tipo do sugerido aqui por Proust”, disse Paul de Man em 1979, “não sejam aplicáveis, com as adequadas modificações de técnica, a Milton ou a Dante ou a Hölderlin”.¹⁸

Contudo, Bernheimer aponta que a unidade literária significava algo muito diferente para de Man do que para Jost ou Aldridge. Como humanistas, a literatura para eles era um repositório de valores. Em contraste, as técnicas de leitura para qualquer texto aplicadas por de Man, um Ph.D. em literatura comparada de Harvard e um anti-humanista, sempre mostravam que os valores eram ilusórios e, as motivações, anomalias.¹⁹

De Man – assim como Geoffrey Harman e Hillis Miller -- fazia parte da chamada “escola de Yale” que surgiu no final dos anos 70 em torno de Derrida. O intelectual francês começou a dar cursos regulares nos EUA trabalhando indiferentemente textos de filosofia e literatura. Segundo Leyla Perrone-Moisés, a desconstrução tornou-se assim uma marca de prestígio nas universidades estadunidenses, maravilhadas com a vasta cultura de Derrida, ainda que muitas vezes por meio de uma leitura superficial dos seus textos.²⁰

Perrone-Moisés aponta que os desconstrucionistas de Yale eram ainda literários com sólida formação em filosofia, em teoria literária e um vasto conhecimento em literatura em geral. Mas observa que muitos dos especialistas em cultura que invocaram Derrida parecem não ter entendido bem o que é a desconstrução, pois a utilizaram no sentido de uma crítica textual assentada em sentidos previamente determinados em ter-

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 4. Tradução nossa.

¹⁹ Id., *ibid.*, p. 4. Tradução nossa.

²⁰ PERRONE-MOISÉS, Leyla. “Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas”. Em seu *Do positivismo à desconstrução*. Edusp, São Paulo, 2004, p. 224, 226, 227.

mos morais, ou seja, de um “bem” oposto a um “mal”, de posições “politicamente corretas” opostas a posições “incorretas”. Assim, seria ‘desconstrutivo’ quaisquer ataques ao euro centrismo, ao colonialismo, etc. Para ela, a relação de Derrida com a tradição é muito mais complexa do que seria uma simples rejeição da mesma: “Não se trata de destruir alguma coisa: trata-se somente e por fidelidade, de tentar pensar como aquilo aconteceu, como se constitui algo que não é natural: uma cultura, uma instituição, uma tradição”.²¹

Hillis Miller, um influente defensor da desconstrução nos EUA em seu ensaio de 1989 *The function of literary theory at the present time*, aponta que há mais conversa sobre a desconstrução, como uma ‘teoria’ ou como um ‘método’ e tentativas de aplaudi-la ou de lastimá-la, do que mostrar que é ‘aplicável’ a Milton ou a Dante – em referência ao comentário feito por De Man.²²

Nos anos 80, os que haviam sido influenciados pela desconstrução apontavam sinais de cansaço devido à contínua atitude de suspeita, afastamento e alienação adotada.

Desde 1979, observa Hillis Miller, o foco do estudo de literatura abandona o caráter intrínseco -- o estudo centrado na língua e suas leis -- e passa a um estudo das relações extrínsecas, ou seja, de suas colocações dentro de contextos psicológicos, históricos ou sociológicos.²³

Perrone-Moisés aponta como relevante o fato de que na origem das principais tendências que predominam hoje nas universidades americanas e, em certa medida nas latino-americanas, encontramos teóricos franceses. Contudo, vê com ironia a atitude

²¹ Id., *ibid.*, p. 227, 228.

²² MILLER, Joseph Hillis. “The function of literary theory at the present time”. Em sua *Theory now and then*. Durham, Duke University Press, 1991, p. 385. Tradução nossa.

²³ Contudo, Hillis Miller aponta que sem tal estudo retórico, “não podemos ter esperança de simplesmente entender qual o papel que a literatura possa ter na sociedade, sua história e na vida humana individual”. Id., *ibid.*, p. 385, 386. Tradução nossa.

de quem festeja o fim de nosso colonialismo cultural em relação à França, pois, ao adotar no Brasil as propostas norte-americanas, estamos indiretamente adotando as francesas. “A única diferença, para nós, é que no passado buscávamos inspiração teórica na matriz francesa, e agora o fazemos passando pelos EUA”. Perrone-Moisés observa que não temos uma “filosofia brasileira” no sentido de criação de conceitos e métodos absolutamente originais. Mas já temos uma boa tradição de pensamento filosófico e literário, constituída ao longo de dois séculos de assimilação de ideias estrangeiras, sobretudo francesas. “Essa tradição merece ser prosseguida e lembrada, em função de nossas circunstâncias locais, com espírito crítico e sem servilismos coloniais de qualquer espécie”.

24

2.1.4 A literatura comparada e a globalização

O interesse nos estudos de literatura, na era da globalização, desloca-se, mais claramente, do texto literário para questões referentes à situação circunstanciada do receptor e sua referência institucional formada por múltiplos reguladores da esfera cultural e social, ou seja, para uma definição pragmática da literatura.²⁵

Nessa perspectiva, a questão que mobiliza uma parte considerável dos teóricos gira em torno da construção de teoremas do múltiplo, do heterogêneo e o próprio objeto de estudo pulverizou-se, pluralizou-se. Heidrun Olinto explicita essa questão ao afirmar que a visão da literatura como rede de múltiplos processos interativos e instáveis

24

PERRONE-MOISÉS, L. “Pós-estr. e desc. nas Am.”. Em seu *Do posit. à desc.*, p. 231,232, 236.

25

OLINTO, Heidrun. *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo, Ática, 1996, p.

28.

nos obriga, assim, a repensarmos “a esfera do literário nessas proporções alteradas e a refletir sobre as próprias circunstâncias sócio-históricas do fenômeno literário”.²⁶

Assim, as mudanças ocorridas nas teorias da literatura, caracterizadas por perspectivas pragmáticas e alianças interdisciplinares, tiveram como efeito significativo o deslocamento da investigação para fora dos limites da matriz disciplinar tradicional e para fora dos limites nacionais. Cabe então aqui fazermos algumas observações sobre como o processo de globalização se desenvolveu e sua influência nas transferências culturais, lembrando antes que a constituição de teorias da multiplicidade transformou-se em desafio para todas as disciplinas, não só na esfera das ciências humanas e sociais, mas igualmente das ciências naturais e formais.²⁷

No início dos anos 70, iniciou-se uma crescente integração do comércio e das finanças internacionais que interligou os mercados nacionais em um novo sistema supranacional. A esse processo convencionou-se chamar de globalização. Com a criação de sistemas de telecomunicação cada vez mais sofisticados, a economia global passou a se caracterizar pelo fluxo e troca quase instantâneos de informação, capital e comunicação cultural.

Na era da desterritorialização midiática, as fronteiras tornaram-se extremamente tênues e, ao contrário de vigorar como linhas demarcatórias de território, assemelham-se a um tracejado imaterial pulverizado.²⁸

Tal revolução das tecnologias de informação a partir do final do século XX começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado e as economias

²⁶ Id., *ibid.*, p. 28, 29.

²⁷ Id., *ibid.*, p. 29.

²⁸ Mais sobre espaço virtual pode ser encontrado em MARCONDES FILHO, Ciro (Coord). *Pensar pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidades*. São Paulo, Ed. NTC, 1996, p. 156.

dos países dos cinco continentes passaram a ser dependentes em meio à descentralização dos mercados financeiros. Houve o aumento da concorrência global e a resultante perda de força dos sindicatos, o crescimento das empresas transnacionais e o traçado de novas linhas divisórias com o surgimento dos blocos econômicos ²⁹ -- e consequentes problemas gerados pelas diferenças de idiomas, de costumes e de desenvolvimento econômico dos países participantes e subseqüentes desequilíbrios na balança de poder.

Paralelamente, com o desenvolvimento das mídias analógicas e digitais, ocorre tal mundialização cultural que quase ninguém, mesmo nas regiões mais remotas do planeta, está imune às formas de influência globais. Esses fluxos regulam e condicionam, ao mesmo tempo, o consumo e a produção. Isso implica a circulação e consumo mundiais de imagens, sons, letras, cifras e símbolos.

Com o fortalecimento do capital transnacional de um lado e o enfraquecimento do Estado de outro, tornou-se crescente a influência corporativa na elaboração das políticas governamentais. ³⁰

No campo político, eventos como a queda do muro de Berlim, o término da Guerra Fria, o fim do comunismo na Rússia e na Europa Central e as eleições democráticas na África do Sul contribuíram para abrir o mundo aos processos de globalização, democratização e descolonização que Mary Louise Pratt, no início dos anos 90, classificou de criativo para a literatura comparada como “um espaço especialmente hospitaleiro

²⁹ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. 8. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2005, p. 39-40.

³⁰ STRANGE, Susan. *States and markets*. 2nd ed. London, Pinter Publishers, 1994, p. 134-135. Tradução nossa.

para se cultivar o multilinguismo, a poliglossia, as artes da mediação cultural, um profundo entendimento intercultural e uma consciência genuinamente global”.³¹

Ao contrário dessa visão gentil, o espaço literário mundial visto por Homi Bhabha é menos convidativo, menos aberto à mediação, mais fracionado, conforme ele mesmo descreve, “com uma forma de discordância e alteridade cultural, onde termos não consensuais de afiliação podem ser estabelecidos sobre as bases de um trauma histórico”.³²

De qualquer forma, a literatura comparada, de acordo com Mary Russo, tem sido um local privilegiado para tal reflexão sobre cruzamento e culturas³³ e Michael Riffaterre observa que a disciplina está mais perto do campo de estudos culturais ao anexar parte de seu território e muitos de seus métodos.³⁴ Bernheimer enfatiza que a literatura não teve o seu papel diminuído na evolução em direção aos estudos culturais. Ao contrário, teve o seu horizonte expandido em um mundo multimídia. Salienta, ainda, que um trabalho literário nunca pode espelhar autenticamente uma cultura porque “a obra é uma representação literária e, portanto, não é um meio transparente e, sim, uma estrutura formal”.³⁵

Em muitas partes do mundo existem agora nas universidades departamentos de literatura ocidental que pressupõem uma categorização distinta da tradicionalmente adotada pelos colegas europeus e americanos. A literatura comparada binária via, por

³¹ PRATT, Mary Louise. “Comparative literature and global citizenship”. In: BERNHEIMER, C. (Ed.). *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 58. Tradução nossa.

³² APTER, Emily. “Comparative exile”. In: BERNHEIMER, C. (Ed.). *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 92. Tradução nossa.

³³ RUSSO, Mary. “Telling tales out of school”. In: BERNHEIMER C. (Ed.). *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 190. Tradução nossa.

³⁴ RIFFATERRE, Michael. “On the complementarity of comparative literature and cultural studies”. In: BERNHEIMER, C. (Ed.). *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 66. Tradução nossa.

³⁵ BERNHEIMER, C. “The anx. of comp.” Em sua *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 8, 15. Tradução nossa.

exemplo, as literaturas francesa e italiana como diferentes de todo jeito – seja no que diz respeito a aspectos linguísticos, geográficos, históricos e estéticos. Contudo, uma vez que estas literaturas sejam incluídas sob uma designação geral de literatura europeia ou literatura ocidental, suas similaridades e conexões são o foco das atenções, muito mais do que as suas diferenças. Tal modelo reconsidera questões de identidade cultural, implicações políticas de influência cultural e de história literária, rejeitando a falta de historicidade da escola americana e da abordagem formalista.³⁶

Sob a influência de Foucault, a análise do discurso, associada a mecanismos regulatórios de poder, desbancou o estudo da retórica. Sob a influência de Bakhtin, a linguagem passou a ser vista menos como uma estrutura autônoma à la Saussure e mais como um leque de discursos altamente variáveis produzidos através de (e geradores de) diferenciação social e interação de conflito. Sob a influência da escola de Frankfurt, especialmente de Benjamin, práticas sociais materiais foram vistas para expressar complexas dinâmicas psicopoéticas. Fredric Jameson mostrou que a análise marxista poderia usar produtivamente *insights* pós-estruturalistas para a crítica literária e cultura. Críticos mais jovens como Edward Said e Gayatri Spivak ajudaram a gerar interesse no campo de estudos colonial e pós-colonial ao mostrar como as formas literárias estão embutidas em histórias coletivas e estruturas ideológicas.³⁷ Emerge, assim, dos departamentos de literatura a teoria literária pós-colonial que, embora desafie a hegemonia das culturas colonizadoras, reconhece a pluralidade de contatos entre o colonizador e o colonizado.³⁸ E novos paradigmas críticos são desenvolvidos.³⁹

³⁶ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 40. Tradução nossa.

³⁷ BERNHEIMER, C. “The anx. of comp”. Em sua *Comp. lit. in the age of mult.*, p. 7. Tradução nossa.

³⁸ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 78. Tradução nossa.

³⁹ Intelectuais do lado anglofônico (como Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha, Ngũgĩ wa Thiong’o, Paul Gilroy e Robert Young) e do francofônico (como Frantz Fanon, Albert Memmi, Édouard

Para Said, por exemplo, a literatura é, definitivamente, “mundializada” e para analisar tal aspecto o intelectual precisa focar-se em fenômenos globais como cultura, imperialismo, dominação, submissão, racismo, resistência nativa e nacionalismo.⁴⁰

Por último, é preciso salientar a importância de não se adotar enfoques que dizem respeito à Europa e aos EUA sem levar em conta a nossa realidade latino-americana. Mesmo porque, quando o multiculturalismo entrou em pauta nos EUA nos anos 90, aqui há muito já vivíamos um processo de mesclagem cultural. Além disso, o multiculturalismo já vem sofrendo críticas mesmo nos Estados Unidos. E até nessas críticas nós saímos na frente. Haun Saussy, na obra *Comparative literature in an age of globalization* – na qual apontou, em 2004, os caminhos traçados pela literatura comparada nos EUA na última década para a American Comparative Literature Association (ACLA) -- escreveu que, há dez anos, o processo de globalização deu uma guinada e parecia ser exatamente o oposto de multiculturalismo. Isso porque, a “globalização é Americanização, não no sentido superficial de difundir uma cultura consumista uniforme (...), mas no delineamento de decisões políticas e econômicas em escala global de acordo com as notadas necessidades dos Estados Unidos”. No relatório feito para a ACLA, Saussy reconhece com atraso o que já sabemos faz tempo, ou seja, de que “os Estados Unidos unilateralmente repudiam acordos internacionais sobre comércio, armamentos ou meio ambiente quando estes não servem a propósitos domésticos, um privilégio que não

Glissant, Abdelkebir Khatibi, Abdelwahab Meddeb, Achille Mbembe, Françoise Vergès e Réda Bensmaïa) desenvolveram paradigmas críticos que se engajaram em profundidade com o trabalho de Freud, Adorno, Lacan, Bakhtin, Benjamin, Althusser, Foucault, Derrida, Levinas, Deleuze, Irigaray e Cixous. APTER, Emily. “Je ne crois pas beaucoup à la littérature comparée”. In: SAUSSY, H. (Ed.). *Comp. lit. in an age of glob.*, p. 59. Tradução nossa.

⁴⁰ DAVIS, Robert C.; SCHLEIFER, Ronald. *Literary criticism*. New York, Longman, 1998, p. 157. Tradução nossa.

estende a outras nações e procura (explicitamente, desde 2001) bloquear a emergência de rivais regionais ou globais”.⁴¹

Outro fator relevante no cenário internacional refere-se ao crescimento do terrorismo. Djelal Kadir avalia que a literatura comparada na era do terror é obrigada a negociar alguma forma de habitação entre uma crítica à diferença e a difícil questão da incomparabilidade:

A incomparabilidade é a dinâmica, não da crítica ou do contraponto de comparação, mas uma produção do terror. O terror prospera na inviolável diferença, na exceção, nas mônades políticas e culturais que se situam além da plausibilidade da discordância e fora da possibilidade do consenso negociado.⁴²

2.2 As fronteiras flutuantes

Partindo do princípio de que a literatura faz parte da cultura e que a literatura comparada analisa expressões culturais em diferentes contextos políticos, econômicos e epistemológicos, teceremos agora considerações sobre a cultura em um ambiente global com seus deslocamentos e negociações transformadores.

O processo de hibridação que caracteriza a atual sociedade global estruturada em redes vem levantando novas questões relacionadas a formulações híbridas e aos horizontes das políticas culturais. Primeiro porque, com a integração das economias nacionais em um sistema global, o alcance das políticas educativas, culturais e científicas de um país não se limita mais a suas próprias fronteiras. Segundo, para que os países que

⁴¹ SAUSSY, H. “Exq. cad. stit. from fr. night.”. Em sua *Comp. lit. in an age of glob.*, p. 25. Tradução nossa.

⁴² KADIR, Djelal. “Comparative literature in an age of terrorism”. In: SAUSSY, H. (Ed.). *Comp. lit. in an age of glob.*, p. 74. Tradução nossa.

aderem aos tratados internacionais em condições de desigualdade ganhem mais competitividade, é preciso que sejam planejadas políticas adequadas ao caráter transnacional da reestruturação.⁴³

Hoje podemos dizer que o incremento comunicacional, apoiado pelas novas tecnologias, mexe na estruturação dos signos e das obras. Como Manuel Castells coloca em seu livro *A Sociedade em rede*, uma vez que a cultura é determinada pela comunicação, as próprias culturas, ou sistemas de códigos produzidos, são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico – o que acontecerá ainda mais com o passar do tempo.⁴⁴

De acordo com Edward Said, em sua obra *Cultura e imperialismo*, tal conjunto de padrões foi possibilitado e inaugurado pelos impérios modernos, mas o mundo inteiramente global teve suas bases lançadas já pelos impérios do passado. Ele aponta, como exemplo, que quase não se leva em conta o fato de que a extraordinária extensão mundial do imperialismo europeu clássico, do século XIX e começo do século XX, ainda lança sombras consideráveis sobre nossa própria época. Na própria Europa, no final do século XIX, praticamente todos os aspectos da vida eram tocados pelos fatos do império; as economias tinham afeição por mercados ultramarinos, matérias-primas, mão-de-obra barata e terras rentáveis.⁴⁵

Nesse sentido, ignorar ou minimizar a interdependência de terrenos culturais nos quais o colonizador e o colonizado coexistiram e combateram um ao outro por meio de projeções, narrativas e histórias rivais é perder de vista o que há de essencial no

⁴³ CANCLINI, Néstor García. *Culturas en globalización*. 1ª. ed. Caracas, Editorial Nueva Sociedad, 1996, p 7, 8. Tradução nossa.

⁴⁴ CASTELLS, Manuel. *A soc. em rede*, p. 414.

⁴⁵ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 36 e 38.

mundo nos últimos cem anos. “Em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas, extremamente diferenciadas, sem qualquer monolitismo”, diz Edward Said.⁴⁶

Hoje, as redes refletem e criam culturas distintas. As culturas híbridas sob o signo das redes encerram contradições, mas ao mesmo tempo, abrangem dimensões solidárias. E a produção literária nos países de língua portuguesa – com os seus diferentes registros territoriais, cronológicos, sensoriais e políticos – não está imune a esta dinâmica.

Em uma direção oposta à pulverização de fronteiras entre os Estados nacionais, reforçam-se os laços comunitários supranacionais com a busca por novas associações entre as comunidades culturais. Nesse movimento, grupos sociais e minorias podem sentir-se compelidos a reforçar sua identidade para não desaparecer nessa dinâmica.

O enfraquecimento do Estado Nacional com tal processo da internacionalização da economia propiciou assim o desenvolvimento de associações supranacionais, como a criação de organizações não governamentais e o desenvolvimento de laços comunitários. Tais formas de agregação opõem-se à ação das corporações ao propor modelos alternativos à globalização neoliberal. Como diz Benjamin Abdala Junior em sua obra *De voos e ilhas*,

pelas margens de um mundo de fronteiras múltiplas, parece-nos imprescindível buscar novas associações no campo do comunitarismo cultural a que historicamente nos vinculamos – articulações que efetivamente não reproduzam gestos coloniais ou imperiais⁴⁷.

⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 22 e 28.

⁴⁷ ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p. 78-79.

Nos novos modelos de comparatismo global há argumentos para se abandonar a geografia pós-colonial. Assim, a francofonia, por exemplo, pode não apenas designar as relações transnacionais entre a França e suas ex-colônias, mas zonas de contato linguístico em todo o mundo onde o francês, ou algum tipo de francês, é um dos muitos idiomas em uso. Charles Forsdick e David Murphy falam dessa concepção em sua obra *Francophone postcolonialism* na qual concluem que os estudos pós-coloniais precisam se abrir para experiências com francês, holandês, espanhol, belga, português, japonês e turco, entre outros:

Devemos olhar além de certos discursos triunfalistas de uma uniformidade anglofônica, globalizada, para melhor entender a complexidade e diversidade – linguística, cultural e política – do mundo em que vivemos. Como a retórica do império parece ocupar cada vez mais um proeminente lugar no discurso público, a urgência de tal projeto torna-se cada vez mais aparente.⁴⁸

A globalização implica, assim, um grande deslocamento de diferentes culturas em um amplo leque de direções, resultando em frequentes e, às vezes, significativas modificações em cada uma delas. Nesse cenário, no que diz respeito à literatura, o desafio é lidar com áreas de investigação de fronteiras flutuantes que precisam de redes teóricas cada vez mais finas e intrincadas sem que se reduzam os universos analisados por princípios sintéticos e, ao mesmo tempo, sem perdê-los em uma infinidade de processos individuais aleatórios e banais, diz Heidrun Krieger Olinto. Em outras palavras, “a ques-

⁴⁸ APTER, E. “Je ne crois pas beauc. à la litt. comp.”. In: SAUSSY, H. (Ed.). *Comp. lit. in an age of glob.*, p. 55, 56. Tradução nossa.

tão é como produzir novas racionalidades sem anular o compromisso de construir modelos não redutores de complexidade”.⁴⁹

2.2.1 Nacionalismo e cultura

Pelo menos desde Nietzsche, escrever a história (e acumular memória) é atividade vista como um dos alicerces fundamentais do poder, guiando suas estratégias e orientando seu progresso, lembra Edward Said em seu livro *Cultura e política*.⁵⁰ Como já observamos a própria literatura comparada teve origem na era dos nacionalismos, no século XIX.

Em *A invenção das tradições*, Eric Hobsbawn adverte que as tradições são frequentemente bem menos tradicionais do que parecem, quando não simplesmente inventadas, e utilizadas como uma estratégia do poder seja ele político, religioso ou cultural. Para Teixeira Coelho, com esse recurso procura-se recusar espaço ao novo que, em princípio, não apenas escapa ao controle do poder como o contesta. Ele aponta que os exemplos dessa manipulação são bem conhecidos e lembra a insistência com que a política cultural da ditadura militar brasileira (1964-1984) procurava privilegiar o passado histórico colonial, de origem portuguesa, como fonte de valor a ser reconhecido, preservado e privilegiado pela correspondente política cultural patrimonialista.⁵¹

Uma concepção particularista de cultura – como a adotada na Alemanha ao longo de todo o século XVIII e segundo a qual a cultura de um lugar não deveria ser vis-

⁴⁹ OLINTO, H. *Hist. de lit.*, p. 7.

⁵⁰ SAID, Edward. *Cultura e política*. Trad. Luiz Bernardo Pericás. 1ª. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003, p. 39.

⁵¹ COELHO, R. Teixeira. *Nem tudo é cultura*. Paper não publicado do curso A cultura flutuante – A dinâmica cultural no novo século, ministrado por Coelho entre 20/03/2006 a 07/07/2006 na ECA, USP.

ta como uma somatória e, sim, como algo específico de um local – apresentou consequências que desembocaram no nazismo.⁵²

Em termos de literatura comparada, os nazistas apropriaram-se do modelo alemão reinante no século XIX que enfatizava raízes raciais e étnicas, enquanto acadêmicos de direita tentavam mostrar que havia justificativa literária e histórica para políticas genocidas que colocavam a raça ariana como superior a todas as outras. Susan Bassnett observa que a reação contra esse tipo de simplificação grosseira de uma relevante corrente de pensamento do século XIX sobre as origens e sobre o significado da cultura oral resultou na supressão de uma importante linha da literatura comparada romântica, que apenas recentemente foi restabelecida.⁵³

A cultura, assim, vem a ser associada de forma agressiva à nação ou ao Estado, quase sempre com algum grau de xenofobia. E, neste sentido, é uma fonte de identidade combativa, como é visto em recentes “retornos” à cultura e tradição, diz Edward Said: “Esses ‘retornos’ acompanham códigos rigorosos de conduta intelectual e moral, que se opõem à permissividade associada a filosofias relativamente liberais como o multiculturalismo e o hibridismo. No antigo mundo colonial, esses ‘retornos’ geraram vários fundamentalismos religiosos e nacionalistas”.⁵⁴

Não é por acaso, portanto, que em *Memorial do convento* -- cujo pano de fundo mostra a construção dos monumentais Mosteiro e Igreja de Mafra na matriz portuguesa em um cenário de absolutismo e inquisição --, Saramago nos apresenta o padre Bartolomeu de Gusmão, que com características híbridas e o voo de sua passarola ultrapassa os limites de sua época histórica.

⁵² COELHO, R. T. *Nem t. é cult.*

⁵³ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 40. Tradução nossa.

⁵⁴ SAID, E. *Cult. e imp.*, p. 13.

A revitalização de nacionalismos, regionalismos e etnicismos nos últimos anos tem pretendido reduzir o trabalho histórico da construção e readaptação das identidades à simples exaltação de tradições locais, observa Canclini. O fundamentalismo com que muitos movimentos se caracterizaram – desde a ex-Iugoslávia e ex-URSS até o Sendero Luminoso no Peru ou os militares caras-pintadas argentinos – anula qualquer espaço de transação. “Para tais setores, a identidade não é algo que se possa negociar; esta é simplesmente afirmada ou defendida”, diz.⁵⁵

Movimentos de cunho fundamentalista deste tipo expressam, em parte, demandas pela identidade que foram sufocadas ou mal assumidas durante a constituição das nações modernas. Em vários casos, observa Canclini, sua violência é proporcional à opressão que se impôs a vários setores sociais e à torpeza com que a orientação neoliberal da globalização ignora as particularidades étnicas e regionais. Ele avalia, entretanto, que essas reações fundamentalistas não têm futuro, pois tais formas de se “solucionar” as questões de identidade não estão de acordo com a realidade de países com uma composição sociocultural muito heterogênea que há séculos interagem com os processos de internacionalização. Citando como exemplo a América Latina, Canclini diz que “é pouco crível – e menos exequível – que os múltiplos modos de ser argentino, venezuelano ou peruano possam ser reduzidos a um bloco fixo de traços arcaicos, a um patrimônio monocórdio e a-histórico”.⁵⁶

Por outro lado, Edward Said aponta que nunca tivemos tanta consciência da singular hibridez das experiências históricas e culturais, de sua presença em muitas experiências e setores contraditórios, do fato de transporem as fronteiras nacionais, de desa-

⁵⁵ CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. 4ª. ed. Tradução: Maurício Santana Dias; Javier Rapp. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001. p. 249, 250.

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 250.

fiarem a ação policial dos dogmas simplistas e do patriotismo ufanista. “Longe de serem algo unitário, monolítico ou autônomo, as culturas, na verdade, mais adotam elementos ‘estrangeiros’, alteridades e diferenças do que os excluem conscientemente”.⁵⁷

Em um mundo onde os neonacionalismos continuam defendendo ideais de pureza, o hibridismo tem, portanto, um papel potencial subversivo conforme expresso nas palavras de Bhabha, ao defini-lo como “o nome para a inversão estratégica do processo de dominação por meio da contradição (...)”.⁵⁸

2.3. O hibridismo e suas implicações

A História nunca foi gentil com os híbridos. Bessie Head, uma das mais importantes escritoras de Botswana, explica porque nasceu no Pietermaritzburg Mental Hospital, na África do Sul: “pois minha mãe era branca e me teve de um homem negro. Ela foi julgada insana e levada para um hospital psiquiátrico quando grávida”.⁵⁹

Esse exemplo ilustra a origem de “híbrido”, do grego *hybris*, cuja etimologia remete a “ultraje” -- uma mistura que violava as leis naturais e correspondia à desmedida, ao ultrapassar de fronteiras, ato que exigia imediata punição. A partir daí, foram considerados sinônimos palavras como irregular, anormal ou monstruoso.⁶⁰

A lição de diversos exemplos históricos de que a defesa de tal concepção pode acabar em episódios nefastos não foi suficiente para pôr fim ao incômodo causado

⁵⁷ SAID, E. *Cult. e imp.*, p. 46.

⁵⁸ Apud MERCER, Kobina. “Busy in the ruins of wretched phantasia”. In: ALESSANDRINI, Anthony. (Ed.). *Franz Fanon: Critical perspectives*. London, Routledge, 1999, p. 212. Tradução nossa.

⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 216. Head (1937-1986) nasceu de uma rica mulher branca e de um serviçal negro quando as relações inter-raciais eram proibidas na África do Sul. Tradução nossa.

⁶⁰ BERND, Zilá. “O elogio da criouldade”. In: ABDALA JR., Benjamin. (Org.). *Margens da cultura*, p. 99.

pela noção de mestiçagem, de criouliização, de mistura de imaginários. A ideia relacionada à palavra “mistura” não tem apenas o inconveniente de ser vaga. Também carrega conotações das quais “convém fugir como o diabo da cruz”, diz Serge Gruzinski em sua obra *O pensamento mestiço*. Isso porque ela é percebida como uma passagem do homogêneo ao heterogêneo, do singular ao plural, da ordem à desordem.⁶¹

Nas culturas mais prestigiosas, os conceitos de cultura ambígua, aberta, incerta -- para não citar os de confusa e degradada -- não são bem aceitos. Assim como também não o são as noções de cultura misturada, compósita, miscigenada.

Teixeira Coelho, em seu texto *Nem tudo é cultura*, lembra que B. K. Malinowski fez uma proposta de trabalho proveitosa para os que, além de compreender o processo cultural, pretendem atuar sobre ele. Malinowski sugere que se deve entender uma cultura no presente e não remontar ao que se presume terem sido suas origens. Tal atitude não seria eficiente, pois o que se propõe como origem de uma cultura não é objeto suscetível de prova científica.⁶²

O fato é que os discursos sobre cultura recheados de juízos morais, típicos da sociologia da segunda metade do século XIX e em vigor até o final da guerra fria com a queda do muro de Berlim começaram a escassear.⁶³

O fenômeno da mistura, de interpenetração de estilos, tornou-se então uma realidade cotidiana, associando criaturas e formas que, a priori, nada deveria aproximar, diz Gruzinski.⁶⁴ De acordo com Saramago, o conceito de mistura não pode ser dissociado até da própria língua. Para ele, um idioma não tem formas puras ou impuras, é diverso,

⁶¹ GRUZINSKI, SERGE. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d’Aguilar. São Paulo, Companhia das Letras, 2001, p.42.

⁶² COELHO, R. T. *Nem t. é cult.*

⁶³ COELHO, R. T. *Uma cultura para o século*. Paper não publicado do curso A cultura flutuante – A dinâmica cultural no novo século, ministrado por Coelho entre 20/03/2006 a 07/07/2006 na ECA, USP.

⁶⁴ GRUZINSKI, S. *O pens. mest.*, p.43.

percorre toda a sociedade, tanto horizontal quanto verticalmente. Não haveria, portanto, contaminações e sim, intercâmbios, evolução, mutações. “Não há nada mais mestiço que a língua”, disse em entrevista à revista *Língua Portuguesa*. Ainda considerando o caráter híbrido da linguagem e as falas de seus personagens, acrescenta: “Com as palavras, todo cuidado é pouco, mudam de opinião como as pessoas”.⁶⁵

A compreensão da mestiçagem choca-se com hábitos intelectuais que levam a preferir os conjuntos monolíticos aos espaços intermediários. Os enfoques dualistas seduzem pela simplicidade, mas é um ponto de vista que empobrece a realidade. É assim que, diante da impossibilidade de subverter modelos visuais e gêneros impostos, artistas sejam da Cidade do México ou de Hong Kong elaboram novas práticas de imagem e desestabilizam ou distorcem gêneros quando se apropriam de produções do Renascimento, de filmes de kung-fu, ou quando reciclam velhos cantares ameríndios. Em vez de se limitar a representar “situações de impasse” ou rejeitá-las, cada uma dessas obras aciona deslocamentos ou mutações que cultivam de todas as maneiras os recursos da mestiçagem e da hibridação.⁶⁶

Como Seamus Deane observa, a cultura surge de um ato de invenção cultural que, em si mesmo, depende de uma natureza anterior legitimadora. E uma vez que a origem é entendida como sendo uma invenção, nunca novamente pode ser considerada como algo “natural”.⁶⁷

⁶⁵ PEREIRA JR., Luiz Costa. Um português de sons e pausas. *Língua Portuguesa*. São Paulo, n. 3, dez. 2005.

⁶⁶ GRUZINSKI, S. *O pens. mest.*, p. 319.

⁶⁷ EAGLETON, T; JAMESON, F.; SAID E. *Nationalism, colonialism and literature*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1990, p. 17. Tradução nossa.

2.3.1 A problemática do discurso *worldless*

Os estudos culturais contemporâneos celebram os fluxos e a heterogeneidade com novas estratégias discursivas e inovadoras metodologias. A transdisciplinaridade e internacionalização dos bens culturais levam, então, ao surgimento de um vocabulário teórico miscigenado, de origem incerta, em contradição com o bairrismo confortável anterior. O discurso crítico contemporâneo tornou-se *worldless*, como diria Said.⁶⁸

Entre os termos criados e repensados nos quatro cantos do planeta sobre mesclagens estão os de hibridismo, mestiçagem, sincretismo, criouliização e multiculturalismo, além de transculturação e interculturalismo. A questão que colocamos aqui é que, apesar de apresentar consensos, tais conceitos trazem também nuances e divergências que descortinam o esforço dos críticos em dar conta das dinâmicas interculturais e das literaturas plurais. O objetivo não é o de apresentar uma exaustiva lista conceitual, mas o de mostrar relevantes pontos de vista sobre a ideia do heterogêneo – um dos pilares do projeto pós-colonial no qual esta tese baseia-se --, que substituiu a noção de pureza e de oposições binárias.

Um dos conceitos de hibridismo mais utilizados em trabalhos nas áreas mais variadas das ciências sociais é o apresentado por Homi Bhabha. Segundo ele,

A hibridação não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica 'híbrida' – trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura, sem a transcendência

⁶⁸ Apud OLINTO, Heidrun. *Hist. de lit.*, p.28. De acordo com tradução nossa, o termo inglês *worldless* aqui significa sem origem determinada.

das condições complexas e conflitantes que acompanham o ato da tradução cultural.⁶⁹

Para Bhabha, que sofreu influências de Foucault, Derrida, Freud, Fanon e Bakhtin, a hibridez é um processo de negociação cultural que ameaça a autoridade colonial e cultural por dois motivos. Primeiro porque subverte o conceito de origem pura ou identidade da autoridade dominante e, segundo, porque é imprevisível. Trata-se de uma hibridez indiferenciada que essencializa o conceito, na medida em que não aborda diferenças, por exemplo, entre o Primeiro e Terceiro mundos.⁷⁰

Acredita-se que Bhabha começou a pensar o hibridismo em seus trabalhos iniciais, ao confrontar as maneiras diferentes de representar o sujeito colonial, tanto nos textos escritos pelos colonizadores ingleses como pelos escritores nativos das colônias. O que parecia estar em jogo, para esses escritores, era a forma mais “verdadeira” de representar o sujeito colonial – o que Bhabha classifica de uma atitude arraigada em um conluio entre o historicismo e o realismo. Ele critica tanto o realismo literário, que pressupõe a existência de uma realidade extratextual, quanto o historicismo e sua crença na possibilidade de se identificar um ponto de origem a partir do qual todo o passado de uma cultura pode ser visto como se fosse um processo linear e coerente.⁷¹

⁶⁹ Apud SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. “Hibridismo e tradução cultural em Bhabha”. In: ABDALA JR., Benjamin. (Org.). *Margens da cultura: Mestiçagem, hibridismo e outras misturas*, p. 113.

⁷⁰ MABARDI, Sabine. “Encounters of a heterogenous kind: Hybridity in cultural theory”. In: GRANDIS, Rita de; BERND, Zilá. (Ed.). *Critical Studies – Unforeseeable Americas: Questioning cultural hybridity in the Americas*, Amsterdam-Atlanta, Editions Rodopi, 2000, p. 5 e 6. Tradução nossa.

⁷¹ Na crença de uma realidade preexistente, fora da linguagem e do texto, o significado é visto como independente dos meios de produção da linguagem, ou seja, do contexto social e histórico e, por isso, independente do significante que é necessário para tornar-lhe signo. Em termos de linguagem, tanto na representação historicista como na realista o signo é dado, não construído, e as diferenças implícitas na lacuna entre o significante e o significado passam despercebidas, resultando na aparente estabilidade e previsibilidade do significado. A postura desconstrutivista de Bhabha abre uma fenda entre o significante e o significado, postulando o texto não como uma representação de algo exterior, no plano de uma realidade extratextual e extralinguística, mas sim como um processo produtivo de significados situado em

Praticando a desconstrução como forma de abordar o “real” e o “autêntico” e valorizando o hibridismo como um elemento constituinte da linguagem, Bhabha parte do conceito de discurso como prática de significado, ou seja, um processo que postula a significação como produção situada dentro de determinados sistemas e instituições de representação – sejam ideológicos, históricos, estéticos ou políticos. Por meio desse processo produtivo de significados, várias posições de sujeito ideológicas e historicamente situadas podem ser estabelecidas, posições a partir das quais o significado é construído numa dinâmica de referências e diferenças em relação a outros discursos ideológica e historicamente construídos (isto é, os discursos dos colonizados se constroem no contexto dos discursos dos colonizadores e vice-versa) que, por sua vez, constituem as condições do texto.⁷²

Os termos híbrido e hibridação vêm sendo utilizados, principalmente pela crítica pós-moderna, preferentemente a mestiçagem ou sincretismo. De acordo com Néstor García Canclini, a mestiçagem estaria principalmente associada à mistura de raças, no sentido, portanto, de miscigenação, enquanto sincretismo à mistura de diferentes credos religiosos. Além disso, o termo mestiçagem funcionou como um paradigma da modernidade principalmente devido a Gilberto Freyre, que em *Casa grande e senzala* advogou a causa de uma América mestiça, mas predominantemente branca, ficando preservado o argumento racista por excelência -- o da desigualdade de raças. Nesse sentido, o conceito de mestiçagem pode camuflar a manutenção de uma identidade calcada na homogenei-

instituições de representação. SOUZA, L. M. T. M. de. “Híbrid. e trad. cult. em Bhabha”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 114 a 118.

⁷² Apud id., *ibid.*, p. 117.

dade, preocupada em integrar os grupos marginalizados, mas conforme as concepções dominantes da nação.⁷³

Canclini reconhece que os termos mestiçagem, sincretismo e criouliização continuam a ser usados em boa parte da literatura antropológica e etno-histórica para especificar formas particulares, mais ou menos clássicas, de hibridação. Entretanto, aponta que o termo hibridação parece ser mais especializado para nomear não apenas a mistura de elementos étnicos ou religiosos, mas também fusões entre mídia de massa e culturas urbanas da classe trabalhadora, de estilos de consumidores de gerações diferentes, de músicas locais e transnacionais, enfim, de avançadas tecnologias e processos modernos e pós-modernos.⁷⁴

Considerado pioneiro nos estudos sobre hibridismo nas culturas latino-americanas, Canclini entende por hibridação processos socioculturais nos quais práticas ou estruturas separadas, previamente existentes em formas independentes, são combinadas para gerar novas estruturas, objetos e práticas. Observa, entretanto, que as chamadas “estruturas independentes” resultaram de hibridações anteriores e, portanto, não podemos considerá-las como pontos de origem puros.⁷⁵

Tais fusões, segundo Canclini, ocorrem de uma forma planejada ou são o resultado imprevisto de processos de migração, turismo e troca comunicacional ou econômica. “Mas frequentemente, a hibridação emerge da criatividade individual e coletiva não apenas nas artes, mas na vida diária e no desenvolvimento tecnológico. Contudo, observa que elementos de resistência não devem ser negligenciados, pois o fenômeno da

⁷³ BERND, Z. “O el. da crioulid.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 99,100.

⁷⁴ CANCLINI, Néstor García. *Hybrid cultures: Strategies for entering and leaving modernity*. Minneapolis, Univ. of Minnesota Press, 1995, p. xxxiv. Tradução nossa.

⁷⁵ Id., *ibid.*, p. xxv. Tradução nossa.

hibridação gera inseguranças entre grupos culturais diferentes e conspira contra sua auto-estima etnocêntrica.⁷⁶

Por sua vez, Sabine Mabardi observa que um dos princípios fundamentais dos projetos pós-estruturalistas, pós-modernistas e pós-colonialistas é o conceito de heterogeneidade que “substituiu o credo modernista do universalismo, essencialismo, oposição binária e pureza”.⁷⁷

Hibridação, portanto, seria a palavra mais apropriada para englobar diversas mesclas interculturais. Zilá Bernd explica que a pós-modernidade, ao trazer à tona o conceito de hibridização, enfatiza acima de tudo o respeito à alteridade e a valorização do diverso. Para ela, o “Híbrido, ao destacar a necessidade de pensar a identidade como processo de construção e desconstrução, estaria subvertendo os paradigmas homogeneizantes da modernidade, inserindo-se na movência da pós-modernidade e associando-se ao heterogêneo”.⁷⁸

Já sobre o conceito de criouliização destaca-se a contribuição feita pelos autores francófonos do Caribe, que traz a ideia de confrontação cultural de povos em um mesmo espaço. Para Édouard Glissant, a criouliidade é “o encontro, a interferência, o choque, as harmonias e as desarmonias entre as culturas na totalidade realizada no mundo da terra”. Dentro do conceito, portanto, está embutida a renúncia a qualquer ideal de

⁷⁶ Id., *ibid.*, p. xxvii, xxxvii. Canclini aponta que a hibridação também representa um desafio para o pensamento analítico moderno, acostumado com a separação binária entre o civilizado e o selvagem, entre o nacional e o estrangeiro e entre o anglo e o latino. Contudo, resiste em considerar a pós-modernidade como um estágio que substituiu a era moderna. “Prefiro concebê-la como um modo de problematizar as articulações que a modernidade estabeleceu com as tradições que tentou excluir ou superar”, citando teóricos como Anthony Giddens e Ulrich Beck, que estudam o processo como culminação de tendências e conflitos modernos. Canclini observa que nos anos 80 e começo dos 90, a modernidade foi julgada pelo pensamento pós-moderno, mas que os anos 90 reduziram o apelo do mesmo, com a globalização tendo sido colocada no centro das ciências sociais; p. xxxv, xxxvii. Tradução nossa.

⁷⁷ MABARDI, S. “Enc. of a het. kind: Hyb. in cult. th.”. In: GRANDIS, R. de e BERND, Z. (Ed.). *Crit. st. – Unf. Am.: Quest. cult. hyb. in the Am.*, p. 1. Tradução nossa.

⁷⁸ BERND, Z. “O el. da crioulid.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 100.

pureza e de mestiçagem controlada e previsível das etnias e culturas. Bernd aponta que, na perspectiva da pós-modernidade, a criouliização, com seu valor acrescido de imprevisibilidade, desierarquização e intervalorização de culturas esgarça o conceito de mestiçagem.⁷⁹

Para Glissant, entretanto, nem todas as regiões culturais são território propício para a criouliização ocorrer. Os Estados Unidos, por exemplo, abrigariam o multiculturalismo, que prevê, no máximo, uma justaposição tranquilizadora de culturas, sem chegar a uma hibridação imprevisível.⁸⁰

Na América Latina, o conceito de transculturação -- apresentado em 1940 pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz em seu *Contrapunto cubano del tabaco y el azúcar* -- veio substituir expressões etnocêntricas correntes como aculturação e desculturação, que teriam poluído os estudos da colonização na região.⁸¹

Tal transculturação -- ao considerar intercâmbios culturais entre ambas as partes da equação -- prevê reciprocidade, com perdas e ganhos nas passagens de uma cultura a outra. Nessa dialética -- considerada a grande vantagem do conceito -- são gerados produtos originais que trazem elementos das culturas de origem e de chegada, conforme podemos ver na definição apresentada por Ortiz:

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura para outra, porque este não consiste somente em adquirir uma cultura, que é o que a rigor indica o termo anglo-americano *aculturação*, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia ser chamado de

⁷⁹ Apud BERND, Z. “O el. da crioulid.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 102.

⁸⁰ Id., *ibid.*, p. 105

⁸¹ AGUIAR, Flávio; GUARDINI VASCONCELOS, Sandra. “O conceito da transculturação na obra de Ángel Rama. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 87.

uma desculturação parcial e, além disso, significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados *neoculturação*.⁸²

Ortiz, entretanto, não cobria completamente as transformações que ocorrem quando duas culturas entram em contato. Com algumas correções, nos anos 70, o crítico uruguaio Ángel Rama desenvolveu o mesmo conceito – incorporando-o nos estudos de literatura comparada -- para descrever o que ele chamou de “narrativas de transculturação” em escritores como José María Arguedas, Juan Rulfo, João Guimarães Rosa e Augusto Roa Bastos.⁸³ Ao transitar entre o local e o universal, tais escritores atuam como “transculturadores”, estendendo uma ponte entre setores localistas com padrões culturais próprios e um projeto modernizador de maior amplitude.⁸⁴ Sofrendo influência de Antônio Cândido, empenhou-se para oferecer um conceito que pudesse contribuir para explicar nossa forma específica de inserção no sistema cultural mundial não em uma posição subalterna, mas em condições de igualdade.

Rama via no processo de transculturação proposto por Ortiz três etapas: a desculturação parcial, as incorporações procedentes da cultura externa e, por fim, o esforço de recuperação gerenciando os elementos sobreviventes da cultura de origem e os que vieram de fora. Apesar de reconhecer que a concepção de Ortiz traduzia uma perspectiva latino-americana, Rama entendia que esses três passos não davam suficientemente conta dos critérios literários de seletividade e de criação próprios da plasticidade cultural. Para ele, a seletividade não só se aplica à cultura estrangeira como, principalmente, à

⁸² Apud RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*, 4.ed. Ciudad de México, Siglo XXI Editores, 2004, p. 32,33. Tradução nossa.

⁸³ MAZZOTTI, José Antônio. “Mestizo dreams: Transculturation and heterogeneity in Inca Garcilaso de la Vega”. In: ST. GEORGE, Robert Blair. (Ed.). *Possible pasts – Becoming colonial in early America*. Ithaca, Cornell University Press, 2000, p. 132. Tradução nossa.

⁸⁴ FANTINI, Marli. “Águas turvas, identidades quebradas”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 165, 166.

de origem. A transculturação ocorreria então em quatro etapas: perdas, seleções, redescobrimientos e incorporações.⁸⁵

Citando como exemplo a colonização espanhola na América, Rama observa que a cultura doadora selecionou suas contribuições para dar-lhes maior visibilidade e que a mesma seletividade é encontrada no receptor cultural em todos os casos que não lhe foi imposto um determinado produto. Nesse caso, a escolha poderia ser feita no rico leque de contribuições externas ou, até, em elementos escondidos da cultura de dominação. Esse foi o caso, por exemplo, do impacto transculturador europeu do entre guerras do século XX, que não incluía em seu repertório o marxismo e, todavia, esse foi selecionado por vários grupos universitários de toda a região.⁸⁶

Já na seletividade aplicada à cultura de origem, que é onde se produzem as perdas, é possível deparar-se com o redescobrimento de valores quase esquecidos dentro do sistema cultural. Segundo Rama, nessa tarefa seletiva sobre a tradição -- quando são buscados valores resistentes, capazes de enfrentar os estragos da transculturação --, pode-se ver também um processo inventivo, como parte da neoculturação observada por Ortiz, trabalhando simultaneamente com as duas fontes culturais postas em contato.⁸⁷

Por sua vez, o teórico peruano Antonio Cornejo Polar apresentou uma abordagem alternativa, quando em seu texto *Mestizaje, transculturación, heterogeneidad*, de

⁸⁵ RAMA, Á. *Transc. nar. en A. Lat.*, p. 38,39. Tradução nossa.

⁸⁶ Id, *ibid.*, p. 38,39. Tradução nossa.

⁸⁷ Id, *ibid.*, p. 39. Ao tratar dos diálogos culturais, Rama interessou-se também por como as regiões internas recebem influências das mais modernizadas. Primeiramente, observa que as culturas internas podem ser expostas diretamente ao influxo de metrópoles externas. Contudo, normalmente recebem a influência transculturadora de suas capitais nacionais ou da área que está em estreito contato com o exterior. No caso de a capital, que é normalmente a orientadora do sistema educativo e cultural, estar atrasada na modernização em relação a uma das regiões internas do país, seus intelectuais poderiam ir contra as normas culturais da capital. Entretanto, aponta ser mais frequente que as regiões internas recebam os impulsos das mais modernizadas, de tal modo que se cumpram dois processos transculturadores sucessivos: o realizado pela capital e o pela cultura regional interna. Esses dois processos se resolvem graças à migração de jovens escritores provincianos em direção às cidades principais de cada país, que mesclam os impulsos modernizadores e as tradições locais. (p. 34 a 36). Tradução nossa.

1994, criticou o conceito de transculturação observando se tratar de uma síntese que, em muitos casos, não acontecia.⁸⁸ Sugeriu, então, seu conceito de heterogeneidade literária. Nas palavras de José Antônio Mazzotti, a abordagem de Polar prevê que muitos sistemas discursivos possam coexistir independentemente, sendo que tal coexistência não necessita sugerir uma síntese harmônica.⁸⁹

A proposta do autor já havia ficado clara, em 1977, no texto *El indigenismo y las literaturas heterogêneas - Su doble estatuto sociocultural*. Citando como exemplos a narrativa de Salazar Bondy, no Peru, e de Donoso e Edwards, no Chile, Cornejo diz que a literatura homogênea é produzida e lida, respectivamente, por escritores e um público do mesmo estrato social, ou seja, uma sociedade que fala de si mesma. Por outro lado, caracteriza as literaturas heterogêneas como as que apresentam a duplicidade dos signos culturais de seu processo produtivo. Em suma, “trata-se de um processo que tem, pelo menos, um elemento que não coincide com a filiação de outros e crê, necessariamente, em uma zona de ambiguidade e de conflito”.⁹⁰

Determinado a continuar ressaltando a questão das contradições, em seu ensaio *Los sistemas literarios como categorías históricas - Elementos para una discusión latinoamericana*, Polar recusa o simplificador esquema pluralista, afirmando em seu lugar que na América Latina não há somente uma literatura e, sim, genuínos sistemas lite-

⁸⁸ Apud SOBREVILLA, David. Transculturación y heterogeneidad: Avatares de dos categorías literarias en América Latina. *Revista de crítica literaria latino-americana*, Lima-Hanover, n.54, 2001, p.21 a 33. Disponível em <http://www.insumisos.com/lecturasinsumisas/Transculturacion%20y%20heterogeneidad.pdf> Acesso em 5 abr. 2011. Tradução nossa.

⁸⁹ MAZZOTTI, J. A. “Mest. dr.: Transc. and het. in I. Garc. de la Vega”. In: ST. GEORGE, R.B. (Ed.). *Pos. pas. – Bec. col. in early Am.*, p. 132. Tradução nossa.

⁹⁰ Apud SOBREVILLA, David. Transc. y het.: Av. de dos cat. liter. en A.L. *Rev.de cr. lit. lat.* Tradução nossa.

rários com sujeitos, tempos e espaços distintos, o que suscita relações contraditórias entre eles.⁹¹

O conceito de transculturação também sofreu outras críticas. Friedhelm Schmidt observou em seu artigo *Literaturas heterogêneas ou literatura de transculturação*, de 1995, que Rama considerava – da mesma forma como a teoria da dependência -- a cultura latino-americana como uma só cultura homogênea e, conseqüentemente, que só possuía uma sistema literário reforçado pela literatura de transculturação. Schmidt acredita que a proposta de Polar é mais adequada, porque o crítico peruano opina que em cada país há vários sistemas literários (o culto, o da literatura popular e o de literatura em línguas nativas).⁹²

Outro crítico, Abril Trigo, sustenta que o termo tornou-se obsoleto pelas mudanças trazidas pela globalização, como o enfraquecimento do Estado-nação e pelos discursos pós-modernistas.⁹³ Flávio Aguiar e Sandra Guardini Vasconcelos consideram o termo pertinente para a contemporaneidade desde que seja repensado para levar em conta a atual realidade, bem mais complexa do que no tempo de Ortiz e Rama. Aguiar e Guardini não se referem apenas à atual difusão das diversidades culturais em escala planetária, mas também, ao fato de que a condição de reconhecimento da própria tradição das literaturas latino-americanas -- como fontes matriciais de invenção e cultura --, é hoje muito mais rica do que há sessenta anos.⁹⁴

⁹¹ Apud id., ibid. Tradução nossa.

⁹² Id., ibid. Tradução nossa.

⁹³ TRIGO, Abril. "Shifting paradigms: From transculturation to hybridity: A theoretical critique". In: GRANDIS, R. de; BERND, Z. (Ed.). *Crit. st. – Unf. Am.: Quest. cult. hyb. in the Am.*, p. 86. Tradução nossa.

⁹⁴ AGUIAR, F.; GUARDINI VASCONCELOS, S. "O conc. da transc. na obr. de Á. Rama". In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 92,96.

Observada a necessidade de tal revisão crítica, o conceito de transcultura parece apresentar vantagens sobre o de multiculturalismo e interculturalismo, que também representam iniciativas de analisar a diversidade e o contato de diversas culturas nas Américas. A título de exemplificação, Zilá Bernd utiliza-se do contexto canadense, onde o multiculturalismo foi fundamentado na justaposição de grupos etno-culturais, formando um mosaico que tende à segmentação e ao isolamento. Já o interculturalismo – uma resposta de Quebec ao multiculturalismo – procurou ser um “entrelugar” entre a política do *melting pot* dos EUA, que tendeu à homogeneização das diferenças culturais, e o multiculturalismo, que embora concebido para preservar as culturas de origem e promover a identidade nacional, acabou favorecendo o desenvolvimento de compartimentos estagnados.⁹⁵

O conceito de transcultura foi relançado em Quebec, principalmente entre 1983 e 1996, pelos fundadores da revista trilingue *Vice Versa* -- os escritores migrantes italianos Lamberto Tassinari, Fulvio Caccia e Antonio d’Alfonso. O termo relaciona-se com outras noções que também circularam na revista como hibridação cultural e mestiçagem. Segundo eles, o prefixo “trans” é rico em conotações, pois remete a translação, transgressão e transição.⁹⁶

No contexto de Quebec, as implicações da transcultura deixam transparecer a evolução ocorrida a partir da recepção mais local do trabalho de Ortiz, como mostra a definição do termo, retomado por Jean Lamore. Segundo ele, a palavra sugere “um conjunto de transmutações constantes; é criadora e jamais concluída; é irreversível. Sempre é um processo no qual se dá alguma coisa em troca do que se recebe: as duas partes da

⁹⁵ Mais sobre o assunto pode ser encontrado em BERND, Z. Perspectivas comparadas trans-americanas. In: CONGRESSO DA ABRALIC, [2006?], Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.zilabernd.com/pdf/ABRALIC2006.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2011.

⁹⁶ Id., *ibid.*

equação encontram-se modificadas. Dela surge uma nova realidade que não é um mosaico de caracteres, mas um fenômeno novo, original e independente”. Lamore, portanto, não descarta a acepção original do termo quando foi criado. E vai além: aponta que o sentido exato e inovador da ideia de transculturação -- conforme Ortiz a delineou -- é claro e deve ser retomado, reconhecendo, assim, a importância histórica de tal noção e seu caráter profundamente vivo e evolutivo.⁹⁷

2.3.2 Negociações de espaço e construções de identidades

A diversidade de identidades previamente reprimida nos nacionalismos culturais vem à tona na hibridação que permeia o debate pós-colonial, desalojando a demanda por autenticidade e pureza. Nos estudos dos deslocamentos e negociações culturais, reconhece-se que a afirmação da identidade depende da dinâmica da diferenciação e que as formas de identidade individual e coletiva estão inter-relacionadas.

Nesse contexto, é crucial focalizar os processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais. Como aponta Bhabha em *O local da cultura*, “esses entrelugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de co-laboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”. Assim, é na

⁹⁷ LAMORE, Jean. “Transculturation: naissance d’un mot”. In: LACROIX, J.-M; CACCIA, F. (Org.). *Métamorphoses d’une utopie*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle/Triptyque, 1992, p. 47. Tradução nossa.

emergência desses interstícios que as experiências intersubjetivas e coletivas de nação, o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados.⁹⁸

Tais negociações não ocorrem sem confrontos. Para Georg Simmel, entretanto, o enfrentamento presente nos processos de hibridismo pode ser visto como um fator positivo. De acordo com Simmel, o conflito é um fator de socialização, não sendo a causa de uma disfunção, mas fonte de regulação já que possui um caráter unificador que integra as diferentes formas sociais. O conflito seria assim uma forma de socialização. Não se obtém, dessa forma, uma vida coletiva mais rica se as energias repulsivas e destrutivas são eliminadas.⁹⁹

De acordo com Teixeira Coelho, um território agora se amplia ou se reduz conforme o ponto de referência e não é mais um domínio fixo, rígido. “No atual momento da dinâmica cultural, o território claramente se descolou da nação e está ali onde está a sociedade ou a comunidade. A sociedade (em todo caso, a comunidade) carrega o território, não mais (tanto) o inverso”, diz. Portanto, no lugar do território cultural, temos agora a ideia de espaço cultural.¹⁰⁰

Neste universo de intensos deslocamentos de tudo para todas as direções, a identidade passou por processo similar de renovação e adaptação, sendo que seus conceitos e modelos tradicionais evaporaram-se. A ideia de uma identidade nacional, derivada apenas de um determinado território, não basta mais para definir uma pessoa ou um grupo. Um novo entendimento conceitual da questão identitária então se formou. O que parecia uma inevitabilidade tornou-se opção, já que as identidades, antes outorgadas, passa-

⁹⁸ BHABHA, H. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2005, p. 20.

⁹⁹ Paper não publicado de Maressa de Freitas Vieira sobre “O conflito”, de Georg Simmel, produzido para o curso A cultura flutuante – A dinâmica cultural no novo século, entre 20/03/2006 a 07/07/2006, ECA, USP.

¹⁰⁰ COELHO, R. T. *Uma cult. p. o séc.*

ram a ser construídas. Assim, uma pessoa ou um grupo, ao longo de suas existências, podem ter mais de uma identidade, da política à sexual.¹⁰¹

Como argumenta Bhabha, “o afastamento das singularidades de ‘classe’ ou ‘gênero’ como categorias conceituais e organizacionais básicas resultou em uma consciência das posições do sujeito – de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica, orientação sexual – que habitam qualquer pretensão à identidade no mundo moderno”.¹⁰²

Da noção de hibridismo e da configuração não dicotômica ou dialética da identidade ecoam a figura do rizoma de Deleuze e Guattari, articulada no livro *Mille plateaux*, na qual a imagem da raiz principal brota em raízes secundárias que adquirem seu próprio desenvolvimento. O princípio do rizoma é sua multiplicidade e não há relação com o *eu* como objeto ou sujeito, como uma categoria ontologicamente pura, mas como uma multiplicidade que não tem nem sujeito nem objeto, apenas determinantes.¹⁰³

Essa nova era de sociedade das tecnologias comunicacionais e informacionais sofisticadas apresenta uma espiral de possibilidades existenciais, de modos de agir distintos numa só pessoa, intercambiáveis conforme as circunstâncias, que se viabiliza na troca infinita de máscaras e roupagens.¹⁰⁴ A identidade é, assim, algo que está em constante transformação, pois podemos ser vários ao mesmo tempo.

Dessa forma, entender as transições das identidades “clássicas”, como as de nações, classes ou etnias nas novas estruturas globais é pensar a recomposição das rela-

¹⁰¹ Id., *ibid.*

¹⁰² BHABHA, H. *O loc. da cult.*, p. 19,20.

¹⁰³ GRANDIS, R. de; BERND, Z. “Hybridity: the never-ending metamorphosis?” Em seu *Crit. st. – Unf. Am.: Quest. cult. hyb. in the Am.*, p. xiv. Tradução nossa.

¹⁰⁴ Mais sobre o homem da era tecnológica pode ser encontrado em MARCONDES FILHO, Ciro. (Coord.). *Pens. Puls.: cult. com., tecn., vel.*, p. 42.

ções sociais.¹⁰⁵ E nesse processo de realocação e redefinição de identidades, as comunidades étnicas minoritárias podem sentir-se impelidas a preservar uma identidade própria.

Tal articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. Dessa forma, diz Bhabha, o “direito” de se expressar a partir da periferia do poder é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”.¹⁰⁶

Esse processo de negociação que caracteriza o hibridismo não está livre de tensões entre os constituintes heterogêneos – mesmo porque existe aí um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, como diz Abdala Junior.¹⁰⁷

No contexto histórico de relações opressivas, a identidade de um indivíduo é continuamente posicionada como o *outro* em relação à construção do *eu* de outra pessoa. Ou seja, os discursos racistas estereotipados reforçam as relações de poder baseadas na fixação das posições branco/negro, eu/outro. Para desconstruir a forma como as ideologias procuram fixar e eternizar as diferenças em oposições binárias categóricas, artistas negros utilizam-se da colocação de Fanon de que “o verdadeiro Outro para o homem branco é e continuará sendo o homem negro”.¹⁰⁸ No campo da fantasia, o negro é assim imaginado como o *outro* para garantir o status da identidade do homem branco.

Com a emergência das sociedades cosmopolitas, o racismo sofreu metamorfose. Seu objeto não é mais, apenas, um indivíduo julgado por suas características geno-

¹⁰⁵ GARCÍA CANCLINI, N. *Cult. en glob.*, p. 15. Tradução nossa.

¹⁰⁶ BHABHA, H. *O loc. da cul.*, p. 21.

¹⁰⁷ ABDALA JR., B. “Um ensaio de abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismo”. Em seu *Marg. da cult.*, p. 19.

¹⁰⁸ Apud MERCER, Kobena. “Busy in the ruins of a wret. phant”. In: ALESSANDRINI, A. (Ed.). *Franz Fanon: Crit. persp.*, p. 199, 200. Tradução nossa.

típicas ou fenotípicas, mas uma forma de existir. Fanon menciona a antítese entre o Cristianismo e o Islamismo como formas de vida encalacradas no combate ideológico.¹⁰⁹

Ainda de acordo com o ponto de vista de Fanon, a afirmação da identidade pode ser libertadora apenas no contexto de uma batalha também para transformar formas institucionais de opressão. Isso tendo sido posto, afirmar, expressar ou celebrar a identidade é psicologicamente fortalecedor.¹¹⁰

É necessário notar, por fim, que a ordem hegemônica, para exercer seu domínio, tende a incorporar as tensões que causam alguma distonia no sistema e a atenuar essas diferenças para torná-las consumíveis em escala global. Nesse sentido, Zilá Bernd pergunta-se se o conceito de hibridização não corresponderia a mais uma utopia da pós-modernidade, encobrendo certo imperialismo cultural prestes a apropriar-se de elementos das culturas periféricas para reutilizá-las a partir dos modelos das culturas hegemônicas. Tal mecanismo tratar-se-ia apenas de um processo de glamorização de objetos culturais da cultura popular para inseri-los em uma esfera de consumo elitizada. Por outro lado, diz Bernd, estaríamos diante de um processo fertilizador na ocorrência de um “processo de ressimbolização em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução” da cultura de origem.¹¹¹

¹⁰⁹ SAN JUAN JR., E. “Fanon: An intervention into cultural studies”. In: ALESSANDRINI, A. (Ed.). *Franz Fanon: Crit. persp.*, p. 130. Tradução nossa.

¹¹⁰ KRUKS, Sonia. “Fanon, Sartre, and Identity Politics”. In: GORDON, Lewis R.; SHARPLEY-WHITING, T. Denean; WHITE, Renée T. (Ed.). *Fanon: A critical reader*. Massachusetts, Blackwell, 1996, p. 123, 133. Do ponto de vista da autora, a reformulação de políticas universalistas pré-existentes de identificação que hoje culminam na política de identidade teve sua formulação filosófica nos trabalhos iniciais de Sartre e Fanon. Sartre, no tratamento da questão judia e, Fanon, em sua crítica e criativa reapropriação dessa análise em termos de identidade negra. Tradução nossa.

¹¹¹ Apud ABDALA JR., B. “Um ens. de abert.: mest. e hib., glob. e com.”. Em seu *Marg. da cult.*, p. 18-19.

2.3.3 Dialogismo e intertextualidade

As bases linguísticas da heterogeneidade podem ser encontradas em Mikhail Bakhtin, para quem o processo de mesclagem e de relações dialógicas nas trocas sociais já se faz presente a partir dos próprios discursos. Ou seja, o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Para Bakhtin, portanto, toda a linguagem é heterogênea:

A orientação dialógica da palavra é, seguramente, um fenômeno próprio de toda a palavra. É a orientação natural de toda palavra viva. Em todas suas vias até o objeto, em todas suas orientações, a palavra se encontra com a palavra alheia e não pode deixar de entrar em inteiração viva, intensa, com ela.¹¹²

Bakhtin chega por este caminho ao conceito de pluridiscursividade, segundo o qual os textos literários incorporam contribuições discursivas autônomas e de proveniência diversa, acolhendo componentes sociais, políticos e ideológicos, disseminados nos contextos que envolvem a enunciação.¹¹³

Como coloca Dominique Maingueneau, no nível da constituição discursiva não há possibilidade de geração de uma identidade fechada, mas apenas de uma identidade relacional, que se engendraria a partir de trocas enunciativas. Todo enunciado de um discurso tem um direito e um avesso e essas duas faces são indissociáveis. Partindo desse pressuposto, Pierre-André Taguieff mostra, por exemplo, que o discurso racista modificou-se a partir do discurso antirracista. Passou da ideia universalista de que havia uma escala entre as diferenças de raças - o que implicava considerar alguns homens mais

¹¹² Apud REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura*. Coimbra, Livraria Almedina, 1998, p. 185.

¹¹³ Id., *ibid.*, p. 185.

humanos que outros - para a ideia de que os homens são culturalmente diferentes e que cada comunidade tem a obrigação de preservar sua diferença e, por isso, deve-se combater, em nome da pureza cultural, a imigração, a migração, a mestiçagem, etc. Esse novo discurso racista baseia-se em dois temas centrais do discurso antirracista que se constitui a partir do discurso racista universalista, ou seja, a comunidade e a alteridade.¹¹⁴

As reflexões empreendidas por Julia Kristeva sobre a obra de Bakhtin resultaram no conceito do intertextual, ou seja, de que “todo o texto se constrói como mosaico de citações, todo o texto é absorção e transformação de um outro texto. No lugar da noção de intersubjetividade se instala a da intertextualidade (...)”.¹¹⁵

A ideia baseia-se, assim, em uma concepção dinâmica dos escritos, funcionando como espaço de diálogo, troca e interpenetração constante de textos. O termo *logosfera*, proposto por Roland Barthes, expressa o mundo intertextual das linguagens em que o texto literário é ativado. E Derrida abre ainda mais as hipóteses de interação e reinteração textual quando escreve, em *Marges da la philosophie*:

Todo o signo, linguístico ou não linguístico, falado ou escrito (no sentido corrente desta oposição), em pequena ou grande unidade, pode ser citado, posto entre aspas: desse modo ele pode romper com um dado contexto, engendrar, até ao infinito, novos contextos, de maneira absolutamente não saturável.¹¹⁶

Cabe citar aqui novamente Guattari e Deleuze e sua figura do rizoma -- um vegetal de crescimento desordenado, com fraturas múltiplas e aleatórias nas raízes e brotações aéreas, mudando de natureza à medida que multiplica suas conexões incertas --

¹¹⁴ Apud FIORIN, José Luis. “Bakhtin e a concepção dialógica da linguagem”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 37, 40, 41.

¹¹⁵ KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè. Recherches por une sémanalyse*. Paris, Seuil, 1969, p. 146.

Tradução nossa.

¹¹⁶ Apud REIS, Carlos. *O conh. da lit.*, p. 185.

que se transformou em um emblema do pensamento pós-moderno.¹¹⁷ Rita de Grandis e Zilá Bernd apontam que um método rizomático analisa a linguagem não em termos de um sistema de decomposição estrutural interna, mas como um processo descentralizador envolvendo outras dimensões ou registros.¹¹⁸

Seguindo a linha de Bakhtin, o semiólogo russo Yuri Lotman distingue duas funções de textos, a de transmitir significados e a de gerar novos significados. Para ele, um texto não é um fenômeno isolado e pertence a um sistema maior, que chamou de semiosfera em analogia ao conceito de biosfera. Uma de suas características é a fronteira que, em um processo transformativo e de filtragem, traduz comunicações externas para a linguagem interna da semiosfera e vice-versa. Lotman observa então que “as contínuas ‘invasões’ semióticas para uma ou outra estrutura no ‘território do outro’ faz nascer o significado, gerando nova informação”.¹¹⁹

Com a concepção dialógica da linguagem, a análise histórica de um texto deixa de ser a descrição da época em que foi produzido e passa a ser uma sutil análise semântica, que leva em conta deslizamentos de sentido, etc. Ou seja, a história não é algo exterior ao discurso, mas é interior a ele, pois o sentido é histórico, aponta José Luiz Fiorin ao analisar a teoria de Bakhtin. Ao longo da história de uma sociedade, estabelecem-se pontos de vista contraditórios. Por isso, os discursos estão em relação polêmica uns com os outros. Num texto está o outro em oposição ao qual, num determinado momento, ele se constituiu. “Nesse sentido, todo discurso é histórico”, analisa Fiorin.¹²⁰

¹¹⁷ OLINTO, Heidrun. *Hist. de lit.*, p. 30.

¹¹⁸ GRANDIS, R. de; BERND, Z. “Hyb.: the never-end. metam.?” Em seu. *Crit. st. – Unf. Am.: Quest. cult. hyb. in the Am.*, p. xiv. Tradução nossa.

¹¹⁹ LOTMAN, Yuri. On the semiosphere. *Sign Systems Studies*, 2005, vol. 33. Disponível em www.ut.ee/SOSE/sss/Lotman331.pdf. Acesso em 8 ago. 2009, p. 2, 6, 11.

¹²⁰ FIORIN, José Luis. “Bak. e a conc. dialóg. da ling.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 46, 65.

2.4. Transferências discursivas na América Latina

O período que abre a modernidade na América Latina teve início nos anos 60. Nesse período, a região empreende um desenvolvimento histórico e cultural próprio, incorporando elementos tanto do espaço internacional como do regional. Contudo, apesar de ir adquirindo no âmbito cultural um maior equilíbrio em seu descompasso em relação ao Primeiro Mundo, nunca deixou sua condição de periferia, lembra Ana Pizarro no texto *Áreas culturais na modernidade tardia*.¹²¹

A condição periférica brasileira é apontada por Antonio Candido ao dizer que “A nossa literatura é galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem do jardim das Musas (...)”¹²² em uma oscilação onde vemos “ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus”.¹²³

Ao reconhecer que nossa literatura vem de um processo de imposição de valores do processo colonial e que a cultura brasileira nutre-se da dialética contraditória entre o local e o universal, Candido mostra ser necessário conhecer criticamente essa inculcação para, assim, reverter o quadro da dependência que extrapola esse momento histórico, observa Abdala Junior. Assim, entre os polos interno e externo abrem-se espaços para relevar carências que favorecem uma maneira crítica de nos ver como comunidade nacional. Tal tomada de consciência

¹²¹ Apud PIZARRO, Ana. “Áreas culturais na modernidade tardia”. In: ABDALA JR., B. (Org.) *Marg. da cult.*, p. 21 e 22.

¹²² CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: Momentos Decisivos*. 3. ed. São Paulo, Livraria Martins, [s.d.], 1 v., p. 9.

¹²³ CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2008, p. 117.

reúne condições então, no particular da série literária como no de outras séries de nossa cultura, de levar ao *aprofundamento das sugestões locais*, formas de nosso imaginário que se fazem assim universais.¹²⁴

Da mesma forma, Gabriel García Márquez diz que o desafio que um escritor latino-americano enfrenta é o de encontrar formas de falar sobre sua realidade sem recorrer a modelos impostos pelos europeus, enquanto reconhece que a História da América Latina não pode ser separada da Europa e do restante do mundo. Ao mesmo tempo em que rejeita mitos sobre a região que circulam no imaginário europeu e americano, Márquez reconhece a necessidade de uma produção que reflita a realidade latino-americana.¹²⁵

Canclini, por sua vez, aponta que essas relações de dependência da América Latina com a Europa, que em seus diversos períodos implicaram conflitos e hibridações, foram-se concentrando no decorrer do século XX nos vínculos com os Estados Unidos. Contudo, tal deslocamento não pode ser visto apenas como uma mera troca de senhor, já que modificações ocorridas enquanto se passava da subordinação europeia para a norte-americana alteraram estruturalmente o caráter dessa dependência. O que, durante algum tempo, tornou-se subordinação ao imperialismo norte-americano “foi-se reordenando em uma posição periférica e dependente dentro de um sistema mundial de intercâmbios desiguais disseminados”.¹²⁶

¹²⁴ ABDALA JR., Benjamin. “Formação da literatura brasileira – Antonio Candido”. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org.). *Introdução ao Brasil – Um banquete nos trópicos*. 3. ed. São Paulo, Senac, 2001, p. 362, 379.

¹²⁵ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 87. Tradução nossa.

¹²⁶ CANCLINI, N. García. *Cons. e cidad.*, p. 12, 13.

O conceito de hibridismo, em termos dessas articulações do capitalismo planetário, favorece a disseminação das mais variadas possibilidades de consumo, diz Abdala Junior. Contudo, ele avalia ser ideológica a ideia de que os Estados nacionais não são mais relevantes – o que daria um embasamento para a ampla liberalização dos mercados. As articulações comunitárias procuram então fazer face aos aspectos predatórios do processo de globalização neoliberal, podendo minimizar suas forças políticas e de seus organismos de controle. “É das formas misturadas, crioulas, diríamos, que é possível se promover uma coexistência contraditória, onde cada unidade considerada não se anule na outra; ou então se feche nas perspectivas da guetização ou dos fundamentalismos”, diz Abdala Junior.¹²⁷ E se toda cultura é mestiça, na América Latina essa situação torna-se ainda mais relevante pelo fato de a mesclagem cultural ser mais recente.¹²⁸

Nesse processo dinâmico, a cultura brasileira, por ser de identidades polifônicas, tem certo know-how em relação à cultura global já que é animada por identidades que não sentem necessidade de perguntarem-se o tempo todo por suas origens. Como Teixeira Coelho observa, há tempos que a cultura brasileira é flutuante. Seus três elementos básicos constituintes – a cultura branca do europeu, negra do africano e a índia –, acrescidos depois por outras etnias, sempre flutuaram lado a lado, “roçando-se e de vez em quando saindo um pouco de si para assumir os tons do outro e em seguida voltar a si já de modo diferente”.¹²⁹

De acordo com Abdala Junior, para fazer frente a uma situação de dependência em relação às culturas hegemônicas, duas formas de articulações político-culturais se apresentam, ou seja, as que apontam para a América Latina e as relacionadas

¹²⁷ ABDALA JR., B. “Um ens. de abert.: mest. e hib., glob. e com”. Em seu *Marg. da cult.*, p. 19.

¹²⁸ ABDALA JR., B. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, Abralic, n. 3, p. 88, 1996.

¹²⁹ COELHO, R. T. *Uma cult. p. o séc.*, p. 15.

aos países onde se fala o português, como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Nesse contexto, o hibridismo favorece o entendimento entre pessoas e povos, na promoção de uma coexistência na qual cada unidade considerada não se anule na outra. “Num mundo de fronteiras múltiplas, torna-se politicamente indispensável ao pensamento crítico considerar o sentido estratégico dessas associações comunitárias supranacionais, com base no comunitarismo cultural”, diz. Tais enlaces são importantes não apenas para fazer face à americanização do mundo, mas também para promover uma efetiva democratização da vida política, econômica e social para o campo da cultura.¹³⁰

Conforme aponta o próprio Saramago, Portugal corre o risco de ver-se preso na órbita europeia, assim como o Brasil na norte-americana. “Por isso existem motivos suficientes para que nos aproximemos e para que não nos esqueçamos de que temos o mesmo idioma”, disse, lembrando os laços históricos e literários entre os dois países.¹³¹

Referindo-se à comunidade cultural ibero-afro-americana, Abdala Junior justifica a necessidade dos estudos de literatura comparada, uma vez que a situação de dependência envolve a todos nós e torna-se imperativo desenvolver estratégias para reverter tal quadro através da observação dessas culturas a partir de um ponto de vista próprio.¹³² Nesse contexto, no que diz respeito ao relacionamento político-cultural com Portugal a partir da revolução anti-salazarista e do processo de abertura política do regime militar brasileiro, a celebração de acordos bilaterais entre os dois lados e o fluxo de pro-

¹³⁰ ABDALA JR., Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: Um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo, Senac, 2002, p. 31,175.

¹³¹ Entrevista de Saramago em ARIAS, Juan. *José Saramago: El amor posible*. Barcelona, Planeta, 1998, p. 89. Tradução nossa.

¹³² ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p. 67.

dução artística brasileira para aquele país começaram a refletir a definição de estratégias não hegemônicas.¹³³

No âmbito das Américas, Zilá Bernd observa que cada território cultural elaborou suas próprias respostas originais, embora tenha se confrontado com dificuldades parecidas como ter que se expressar na língua do colonizador e fabricar seus próprios processos de autonomização literária à revelia da força hegemônica das matrizes europeias.¹³⁴

A literatura comparada a partir dessa perspectiva é uma atividade política, parte de um processo de reconstrução e reafirmação cultural e da identidade nacional no período pós-colonial.¹³⁵ E a literatura, como Eagleton diz, “no sentido da palavra que nos herdamos, é uma ideologia”, ou seja, reflete as hierarquias culturais que organizam os caminhos no qual o mundo é entendido e até vivenciado.¹³⁶ Nada, porém, de mesclagens subordinantes como as das elites brasileiras que vêm do século XIX, cuja ideia de miscigenação embute a tendência à valorização dos padrões éticos e culturais dominantes, diz Abdala Junior.¹³⁷

Finalmente, como aponta Edward Said, se desde o princípio reconhecemos as histórias profundamente complexas e entrelaçadas das experiências específicas, não há nenhuma razão intelectual particular para conceder um estatuto ideal e separado a cada uma delas. “Mas seria desejável preservar o que há de único em cada qual, enquanto

¹³³ ABDALA JR., B. Brasil-Portugal (1974-1987): Repensando identidades. *II Seminário de Estudos Literários – Anais*, São Paulo, HVF – Arte & Cultura, 1994, p. 106.

¹³⁴ BERND, Z. *Persp. comp. trans-americanas*.

¹³⁵ BASSNETT, S. *Comp. lit.*, p. 39. Tradução nossa.

¹³⁶ Apud DAVIS e SCHLEIFER, *Lit. crit.*, p. 7. Tradução nossa.

¹³⁷ ABDALA JR., Benjamin. A literatura, a diferença e a condição intelectual. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 28, jul. 2006.

preservamos também algum sentido da comunidade humana e as disputas efetivas que contribuem para sua formação, e da qual todas participam”.¹³⁸

Dessa forma, as novas fronteiras que se delineiam não devem ser de separação e, sim, de compartilhamento. Na articulação das diferenças culturais, os “entrelugares” propiciam os novos signos de identidade e contestação, abrindo espaço para “o novo”, num processo não livre de tensões onde culturas periféricas como as latino-americanas têm, nas organizações comunitárias, uma base para fazer frente a culturas hegemônicas. E é cada vez mais nos espaços culturais, e não nos territórios culturais, que esses processos de construção de identidades ocorrem.

Tendo em vista esse panorama é que faremos as análises propostas nas obras *Memorial do convento*, de José Saramago; e *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*, de Afonso de Taunay, que servem de base para este trabalho fundamentado na teorização sobre o hibridismo cultural.

¹³⁸SAID, E. *Cult. e Imp.*, p. 65.

3. AS MULTIFACES DE BARTOLOMEU DE GUSMÃO

As formas como Taunay e Saramago retratam o padre Bartolomeu de Gusmão oferece-nos uma valorosa oportunidade para analisar o personagem e suas identidades nas duas obras, a partir do conceito de hibridismo. Dizemos que Gusmão é um personagem híbrido valendo-nos das definições de hibridez propostas por teóricos abordadas no primeiro capítulo. Bhabha, por exemplo, aponta que se trata de um processo de negociação cultural que ameaça a autoridade colonial porque subverte o conceito de origem pura. Gusmão é um retrato dessa definição. Nascido no Brasil colônia, migra para Portugal onde vive por anos, negociando valores culturais no que Bhabha chama de os “entrelugares”. Os conflitos resultantes de tais negociações geraram consequências: apesar de cientista brilhante, não consegue se firmar, em vida, no cenário português e europeu. Contudo, suas ações não deixam de representar uma atitude de “resistência” ao *establishment* da época.

Tal papel ameaçador de Gusmão, conferido por um hibridismo que lhe possibilita múltiplas identidades, fica claro tanto em Taunay como em Saramago. O primeiro mostra como o padre incomodou a sociedade portuguesa da época e, o segundo, como a invenção do personagem representa um escape daquele *status quo* opressor. Ambos procuram, em obras escritas em momentos históricos diferentes, a partir da questão do múltiplo, unificar o personagem na figura do herói. A diferença é que – além dos distintos propósitos dos autores -- em Saramago, o herói é um grupo formado, além do padre, por Baltasar e Blimunda.

Nesse capítulo analisaremos, portanto, a multiplicidade do personagem nos dois livros aqui estudados, além de posicioná-lo nas obras dos respectivos escritores.

3.1 A obra de Taunay e Bartolomeu de Gusmão

Como historiador, biógrafo, lexicógrafo, ensaísta, romancista e tradutor, Afonso de Taunay deixou-nos um rico legado superior a cem obras, sem contar extensa publicação em jornais e revistas, principalmente no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, onde colaborou por mais de trinta anos.¹³⁹

De origem aristocrática, nasceu em Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, Santa Catarina, em 1876, filho de Alfredo d'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay – senador pela província de Santa Catarina e também historiador e romancista, além de ter sido um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.¹⁴⁰

O ambiente culto no qual cresceu rendeu-lhe um curriculum eclético. Engenheiro Civil formado em 1900, no Rio de Janeiro, atuou como professor da Escola Politécnica de São Paulo como substituto (1904) e catedrático (1910). Em 1917, foi convidado a assumir a direção do Museu Paulista¹⁴¹ – onde, em 1938, antes de deixar o cargo, inaugurou a Sala Bartolomeu de Gusmão.¹⁴²

¹³⁹ MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, 1977, v.1, p. 46.

¹⁴⁰ Arquivo eletrônico da ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS com biografias do Visconde de Taunay e de Afonso de E. Taunay disponível em www.academia.org.br. Acesso em 19 fev. 2010. Afonso de Taunay era neto de Félix Emílio Taunay, barão de Taunay, e de Gabriela de Robert d'Escagnolle. Seu bisavô, o famoso pintor Nicolau Antônio Taunay, foi um dos chefes da Missão Artística francesa de 1818. Seu avô foi um dos preceptores de D. Pedro II e durante muito tempo dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes. Pelo lado materno, era bisneto do conde d'Escagnolle, emigrado da França pelas contingências da Revolução.

¹⁴¹ Ibid. Taunay também foi encarregado pelo governo federal para reorganizar, em comissão, a biblioteca e o arquivo do Ministério das Relações Exteriores, em 1930. Entre 1934 e 1937, ocupou o cargo de professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Em dezembro de 1945 foi aposentado por decreto especial com o título de Servidor Emérito do Estado de São Paulo. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Histórico de São Paulo, da Academia Paulista de Letras, da Academia Portuguesa de História e sócio correspondente de institutos históricos estaduais.

¹⁴² SOUZA, Jonas Soares de. Afonso de Taunay: História e ação. Publicação eletrônica *Itu.com.br* Disponível em www.itu.com.br/columnistas/artigo.asp?cod_conteudo=6868 Acesso em 2 out. 2008.

As atividades museológicas de Afonso de Taunay não se limitaram ao Ipiranga. Logo após aceitar a função de dirigi-lo, teve a seu cargo a organização de um museu em Itu, criado por Washington Luís para recordar a histórica convenção republicana de 1873. O Museu Republicano “Convenção de Itu” tornou-se, então, uma espécie de complemento do Museu Paulista.¹⁴³

Taunay foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras em novembro de 1929 para ocupar a cadeira n. 1 e, em dezembro de 1944, tornou-se membro honorário da American Historical Association junto de outros grandes nomes da historiografia universal. “Era a consagração estrangeira ao maior trabalhador da historiografia brasileira, cuja obra vasta e monumental tinha trazido uma contribuição factual tão grande quanto a de Varnhagen”, aponta José Honório Rodrigues em sua obra *História e historiadores do Brasil*.¹⁴⁴

O reconhecimento era mais do que justo. A partir da publicação da *História geral do Brasil* de Varnhagen, em 1854, e especialmente dos artigos de Capistrano de Abreu a respeito, iniciou-se na historiografia brasileira uma corrente revisionista que teve como principais continuadores Rodolfo Garcia e Afonso de Taunay. O primeiro, com seu preparo histórico e bibliográfico, revisou e ampliou a *História geral do Brasil*. Já Taunay, seguindo ainda o caminho apontado por Capistrano, preencheu a grande lacuna deixada pela obra, construindo a sua própria.¹⁴⁵ Foi assim que surgiu a *História geral das bandeiras paulistas*, publicada em 11 volumes entre 1924 e 1950.

A partir de 1931, Afonso de Taunay assumia assim a liderança da historiografia brasileira com uma obra já extensa: os volumes da *História geral das bandeiras*, a

¹⁴³ MATOS, O. N. de. *A. de Taunay, hist. de S. Paulo e do Br.*, p. 37.

¹⁴⁴ RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo, Fulgor, 1965, p. 135.

¹⁴⁵ Id., *ibid.*, p. 138,139.

contribuição documental decorrente da elaboração dos *Anais do Museu Paulista*, além dos artigos na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e nas publicações dos *Institutos Históricos* estaduais. Seu prestígio cresceu ainda mais quando publicou, entre 1927 e 1937, a *História do café*.¹⁴⁶

Conforme aponta Honório Rodrigues, o trabalho de Taunay ficou, assim, assinalado pela análise de dois elementos estruturais, um seiscentista (Bandeiras) e outro oitocentista (Café), ambos fundamentais para a compreensão de nosso processo histórico.¹⁴⁷

Dessa forma, preenchendo importantes lacunas, Taunay dedica-se à história de São Paulo nas suas duas grandes fases até então pouco conhecidas construindo obras não apenas como historiador, mas também como biógrafo.

A sua formação como engenheiro, sem dúvida, reforçou a constituição da pesquisa sobre os inventos do Voador. Em 1931, após receber sugestão de Afrânio Peixoto, seu colega da Academia Brasileira de Letras, decidiu pesquisar a vida de Bartolomeu de Gusmão¹⁴⁸ e é daquele ano que datam seus primeiros escritos sobre o assunto em colunas no *Jornal do Comércio*.¹⁴⁹

Após reunir vultosa documentação inédita em São Paulo e, também, dados de colaboradores europeus, publicou no *Anuário da Escola Politécnica de São Paulo*, ainda em 1934 e em 1935, os títulos *A vida gloriosa e trágica de Bartolomeu de Gusmão* e *Bartolomeu de Gusmão e sua prioridade aerostática*.¹⁵⁰ Seguiram-se reedições e acrés-

¹⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 139.

¹⁴⁷ Id., *ibid.*, p. 141.

¹⁴⁸ TAUNAY, Afonso. "Bartolomeu de Gusmão". In: *Homens de São Paulo*, São Paulo, Martins/EDUSP, São Paulo, 1981, proêmio.

¹⁴⁹ MATOS, O. N. de. *A. de Taunay, hist. de S. Paulo e do Br.*, p. 53.

¹⁵⁰ Id., *ibid.*, p. 54.

cimos à obra até 1943, com base em fontes inéditas que firmou o crédito de Gusmão como o primeiro inventor das Américas.¹⁵¹

Em 1942, reuniu o trabalho de seus estudos no livro *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*.

Conforme José Honório Rodrigues diz, Taunay “ofereceu a prova de sua capacidade de pesquisa” na edição dos velhos textos sobre Bartolomeu de Gusmão.¹⁵² Entretanto, ao construir a biografia do Voador – assim como as Bandeiras também um elemento seiscentista –, Taunay tira o padre das páginas da História e o transforma em herói, buscando evocar fortes sentimentos de nacionalidade por meio da exaltação de seu intelecto e de suas descobertas científicas.

É assim que em uma narrativa de exaltação, Taunay nos conta sobre a vida do padre desde o seu nascimento até a sua morte, com base em textos de diversos autores portugueses, em sua maioria, mas também nacionais. No primeiro capítulo, cita uma pesquisa biográfica do brasileiro Visconde de S. Leopoldo realizada em 1838, informando-nos que Bartolomeu nasceu na vila do Porto de Santos em dia não sabido do ano de 1685. Seus pais foram Francisco Lourenço Rodrigues, cirurgião-mor do presídio da cidade, e D. Maria Alvares, definidos como “cristãos velhos, pessoas de pequenos bens e honesta origem”.¹⁵³

A leitura que Taunay faz dos diversos autores que descrevem aspectos relacionados à família, à formação do padre e à sua carreira tem como objetivo principal não deixar dúvidas de que ele inventou o aeróstato e de salientar como foi injustiçado pela

¹⁵¹ ELLIS, Myriam e HORCH, Rosemarie. *Afonso D'Escagnolle Taunay no centenário do seu nascimento*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1977, p. 23.

¹⁵² RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2a. ed. aum. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969, p. 98,99. (Col. Brasileira, série Grande Formato, v. 20).

¹⁵³ TAUNAY, Afonso de E. *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*. São Paulo, Edições Leia, 1942, p.17 a 19.

sociedade portuguesa da época, que não soube ver a importância de seu feito. Divide a obra em duas partes. Na primeira, procura focar a vida de Gusmão e, na segunda, o seu invento. Contudo, não segue à risca tal divisão, entrelaçando-a por diversas vezes.

Taunay salienta por toda a obra o quão talentoso Gusmão era para, precisamente, defender a sua prioridade aerostática. Apresentando-o como menino prodigioso ainda na infância em Santos, conta-nos que ingressa na Companhia de Jesus, na Bahia, fundada pelo seu protetor, o padre Alexandre de Gusmão. Lá permanece até 1701, onde deixa já a sua marca como inventor genial ao criar uma bomba de água para suprir as necessidades do seminário. Ainda em 1701 faz viagem a Portugal, mas retorna ao Brasil.

Sua ordenação ocorre em terras brasileiras no final de 1708 ou começo de 1709, após a qual retorna a Portugal. Em 1709, apresenta a D. João V a petição relativa ao aeróstato.¹⁵⁴

São poucos os comentários em tom de crítica que Taunay faz na obra em relação a Gusmão. O mais contundente foi por não ter divulgado imediatamente, após suas experiências, uma memória ilustrada relativa à invenção. Observa que ele talvez estivesse protegendo seus direitos autorais, mas acredita que, pelo menos, alguma coisa deveria ter publicado. Isso porque, em sua petição ao rei, prometera resultados de vulto e os que se seguiram pareceram ser pequenos para o entendimento da época. Ao invés disso, espalhou uma estampa absurda da passarola¹⁵⁵ em um ambiente não propenso a entender seu invento, gerando disparates grosseiros. “Assim, foi o próprio Gusmão que, com as pró-

¹⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 27,28,31, 35. Há registros de que se matriculou na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra em dezembro de 1708. Porém, interrompeu os estudos e só retomou-os em 1716, para cursar o 2º. ano, p. 50, 61.

¹⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 158, 159. Segundo o Marquês de Fontes e Abrantes, protetor de Gusmão, os autores da estampa mistificatória da passarola foram Bartolomeu de Gusmão e seu discípulo, o conde de Penaguião, filho do próprio marquês. E o fizeram ainda no período do preparo das experiências, para se verem livres do incômodo dos curiosos, que atormentavam o inventor sôfregos por qualquer notícia do aparelho aerostático.

prias mãos, preparou o descrédito de seus títulos arriscando-se a um ludíbrio dos contemporâneos (...)".¹⁵⁶

De 1713 a 1716 sai de Portugal e viaja pela Holanda, França e, ao que parece, Inglaterra, ou por temer acusações devido às suas amizades com judeus ou por buscar ambiente mais culto como impulso para a continuação de suas pesquisas com o aeróstato. Ao retornar, cursa a Faculdade de Cânones de 1716 a 1720, quando se doutorou. Gusmão, então, alcança lugar de destaque no serviço diplomático e também ingressa na Academia Real da História, criada por D. João V em 1720. Sua trajetória, entretanto, entra em declínio. Com receio da atuação policial do Santo Ofício, foge para a Espanha em 1724, onde morre desprestigiado em Toledo.¹⁵⁷

3.1.1 A construção biográfica de um herói

Na reconstrução de uma trajetória individual vemos uma rede de relações, com as temporalidades do ontem e do hoje, que dizem respeito tanto sobre quem se escreve, quem escreve e para quem se escreve. Tendo isso em vista, analisaremos como surgiu o Gusmão de Taunay.

Em um processo de afirmação de valores no qual os grandes feitos se ligam aos homens extraordinários que permite ao passado legitimar o presente, o processo de memória, não raramente, se distancia de uma vigilância crítica ao passado. Taunay constrói a biografia de Gusmão sob o seu ponto de vista, que é o de provar ser o padre o inventor do balão e enaltecer sua personalidade. Portanto, ao contrário de Saramago, a ele

¹⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 44,45.

¹⁵⁷ Id., *ibid.*, p. 50, 53, 61, 62, 63, 79, 85, 87.

não interessam questões sócio-políticas da época em questão. Utiliza os documentos e depoimentos buscando convencer e não fazer refletir.

Ciente dessa escolha e por causa dela, Taunay sente necessidade, logo no início da obra, de estabelecer terreno para a credibilidade de seu trabalho. Diz, implicitamente, que foi imparcial em sua pesquisa, já que, no início, duvidada dos méritos de Gusmão:

Pareciam-nos a princípio discutíveis, senão falaciosos, os méritos do glorioso filho de Santos. Agora os temos como indiscutíveis e com a mais viva satisfação enxergamos e proclamamos, na pessoa do experimentador de 1709, o primeiro dos inventores não só brasileiros como americanos.¹⁵⁸

Ou ainda:

Ao encetarmos o nosso trabalho, com muita reserva admitíamos que pudesse ter sido o precursor dos Montgolfier. Não críamos, porém, na possibilidade de sua primazia aeronáutica. O exame, minudente e demorado, da larga documentação que nos foi dado recolher trouxe-nos a convicção absoluta de que se lhe não cabe tal prioridade, assiste-lhe outra indiscutível, a aerostática.¹⁵⁹

Taunay descreve os experimentos aerostáticos do padre com todas as datas e detalhes que conseguiu reunir. Menciona-os já na primeira parte do livro, mas por ter conseguido um material volumoso sobre tais ensaios, faz uma análise detalhada desses na segunda parte da obra.

Ao citar referências às experiências contidas em ensaios e documentos diversos, o autor procura fornecer material para que se conheça o trabalho de Gusmão e

¹⁵⁸ TAUNAY, Afonso de E. B. *de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 13.
¹⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 14.

para que lhe seja dado o devido crédito como o inventor do balão.¹⁶⁰ Assim, com base em monografia de Gustavo T. Correia Neves, Taunay aponta que os documentos dignos de confiança colocam as experiências no ano de 1709.¹⁶¹ Aprendemos que os primeiros experimentos de que há menção nos documentos são realizadas no Terreiro do Paço. No primeiro deles, ocorrido dentro de uma casa e testemunhado por D. João V em três de agosto, o balão queimou logo no começo do teste. Alguns dias depois, no dia cinco ou oito, repetiu-se a tentativa na sala das embaixadas com um pequeno globo de papel, que subiu a uns quatro metros de altura e foi destruído por dois criados da casa real, com receio que pegasse fogo. Citando diversas fontes onde há a concordância nos informes com maiores ou menores detalhes, é mencionado o terceiro experimento em três de outubro no pátio da Casa da Índia, e ensaios na sala do Forte. As experiências, entretanto, foram tidas como um fracasso uma vez que a sociedade da época – que esperava uma máquina de voar -- não conseguiu perceber as consequências do invento do padre brasileiro.¹⁶²

“É para nós absolutamente fora de dúvida que Bartolomeu de Gusmão construiu um aerostato, balão de São João ou montgolfière que, a 5 ou a 8 de Agosto de 1709, elevou-se aos ares de uns 4 ou 5 metros acima do solo”, diz Taunay.¹⁶³ E continua: “Imenso este primeiro exito obtido, cujo alcance os contemporâneos, por deficiência de cultura, não puderam avaliar nem sequer compreender”.¹⁶⁴

¹⁶⁰ Taunay critica os portugueses da época de Gusmão que não lhe souberam dar a glória da prioridade da navegação aérea, fama da qual vieram usufruir os irmãos franceses Joseph Michel Montgolfier e Jaques Étienne Montgolfier, inventores que construíram o primeiro balão tripulado em 1783.

¹⁶¹ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 208.

¹⁶² Id. *ibid.*, p. 208, 209.

¹⁶³ Id. *ibid.*, p. 43.

¹⁶⁴ Id. *ibid.*, p. 43.

Dentro desse contexto, o Gusmão de Taunay não tem defeitos e, sim, qualidades, que são destacadas para transformá-lo não apenas em um herói nacional, mas em um benfeitor para a humanidade. Contudo, morre incompreendido e criticado.

Na ode ao padre voador, que reivindica para o brasileiro as glórias da invenção do balão, vemos espelhados os “diálogos das grandezas”, “os cantos gentílicos em louvor de façanhas de guerreiros” – elementos esses presentes nos esforços de nossa literatura para liberar-se da aparência lusa que a caracterizava, luta que culminará no Romantismo, conforme aponta Afrânio Coutinho.¹⁶⁵

Nesse sentido, o livro “está em estrita relação com o século XIX e com demandas que poderíamos chamar, grosso modo, de 'românticas'”, observa Fabiana Carelli Marquezini.¹⁶⁶

Georg Lukács, em *La théorie du roman*, aponta que o herói romântico não tem as características dos heróis épicos, protagonistas de feitos grandiosos que os elevavam a um patamar próximo dos deuses, com quem, muitas vezes, tiveram que lutar como representantes de um destino coletivo.¹⁶⁷ Estando em um patamar tão elevado, a personalidade de tais heróis – sempre destinados ao sucesso e cumpridores de grandes proezas que deles se esperavam – não estava submetida a nenhum processo de evolução em suas trajetórias.¹⁶⁸

Já o personagem/herói que surge no Romantismo muitas vezes entra em conflito com a sociedade; torna-se problemático porque se engaja em buscas que nem

¹⁶⁵ COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1968, v.1, p. 23.

¹⁶⁶ Fabiana Carelli Marquezini participou da banca de exame de qualificação de doutorado de Inaiê Sanchez em 2008.

¹⁶⁷ Apud ARNAUT, Ana Paula. *Memorial do convento – História, ficção e ideologia*. Coimbra, Fora do Texto, 1996, p. 25,26.

¹⁶⁸ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv – Hist. fic. e ideol.*, p. 26,27

sempre estão de acordo com os valores defendidos pela comunidade a que pertencem. Segundo Michel Zéaffa, “as grandes personalidades romanescas do século XIX serão <<problemáticas>>, porque a sua consciência será (...) demasiado vasta para o mundo concreto em que querem realizar o seu destino”.¹⁶⁹ E esse é o Gusmão de Taunay.

Devemos considerar ainda que, nas primeiras décadas do século XX, a sociedade brasileira buscava um tipo de progresso ilustrado, conforme os ideais positivistas.¹⁷⁰ E a divulgação de um herói cientista em *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aeróstato* ocorreu naquele momento, revelando a inter-relação entre o conteúdo exposto na biografia e o discurso hegemônico da época.¹⁷¹ Além disso, o livro tem um caráter documental, com todo um viés de cientificidade que a filiação de Taunay ao positivismo traz.

José Honório Rodrigues, ao fazer uma avaliação sobre a obra do autor, observa que “Taunay narrava mais do que interpretava, descrevia mais que compreendia”. Além disso, aponta que “desobedeceu a um dos princípios mais rigorosos da história, ao transcrever os documentos sem indicar exatamente de onde os transcreve”. Apesar de citar sempre a fonte no decorrer das transcrições, interrompidas por digressões nem sempre correspondentes, Taunay não menciona dados como o volume ou a página do texto de onde tirou a informação, dificultando o trabalho de quem se predispõe a reler o documento citado.¹⁷²

Em defesa de Taunay, não podemos deixar de observar aqui que biografia não é História. O biografismo – apesar de o uso constante de fontes requerer certo grau

¹⁶⁹ Apud ARNAUT, A. P. *Mem. do conv – Hist. fic. e ideol.*, p. 26.

¹⁷⁰ CARDOSO, Marília Rothier. Biografia e valor literário. *Revista brasileira de literatura Comparada*, Belo Horizonte, Abralic, 2002, p. 191.

¹⁷¹ O positivismo defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro.

¹⁷² RODRIGUES, J. H. *Hist. e historiadores do Br.*, p. 142,143.

de fidelidade à História -- não deixa de ser uma montagem, ainda mais considerando-se que a própria História já é uma construção.

Não existe realidade sequer na própria linguagem, conforme apontam as teorias do discurso, apenas sua representação.¹⁷³

Além disso, se pensarmos a biografia como forma particular de memória, podemos nos valer do trabalho de Pierre Nora para afirmar que há claras diferenças entre memória e História:

A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta e a torna sempre prosaica.¹⁷⁴

Nesse processo de construção biográfica, Taunay utiliza tantos as opiniões favoráveis como as não favoráveis a Gusmão para, de qualquer maneira, exaltá-lo. Os pontos de vistas positivos, mais numerosos, servem para reforçar as suas qualidades. Já os negativos, ele procura desacreditá-los, demolindo-os com críticas ou insultos. Quanto a um poeta anônimo que procurou desacreditar Gusmão, Taunay o descreve como “homenzinho”, “imbecil” e “detrator”.¹⁷⁵ E uma crítica de Tomaz Pinto Brandão ao padre

¹⁷³ STRÔNGOLI, Maria Thereza. “O discurso literário, o mítico e o multiculturalismo”. In: AMARANTE DOS SANTOS, Dulce; TURCHI, Maria. (Org.). *Encruzilhadas do imaginário: Ensaios de literatura e história*. Goiânia, Cãnone Editorial, 2003, p.117.

¹⁷⁴ Apud RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: Memória e história na perspectiva de Pierre Nora. In: *História e-História*, Unicamp, Ceans, ago. 2004. Disponível em www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11 Acesso em 6 abr. 2010.

¹⁷⁵ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 57, 58.

recebe classificações como “versalhada insulsa”, soneto “imbecil” e “apócopas sandias”.¹⁷⁶

Para salientar as qualidades do religioso, Taunay abre aspas para expressar a opinião de vários autores. Transcreve, por exemplo, as palavras de Diogo Barbosa Machado, patriarca da bibliografia portuguesa, sobre a capacidade intelectual do padre:

Logo, nos primeiros annos, deu manifestos indícios de grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admiravel promptidão com que comprehendeu as dificuldades da Philosophia e Mathematicas, como na prodigiosa memoria com que conservava as noticias mais reconditas da Historia Sagrada e profana.¹⁷⁷

Também destaca, entre outros, a argumentação de Augusto Felipe Simões em prol da veracidade das experiências de Gusmão: “O certo é que o autor era homem de talentos e de grande capacidade e de que a tal machina foi experimentada, segundo o testemunho de alguns de probidade que ainda vivem em a nossa corte (...)”.¹⁷⁸

Vemos, assim que a transtextualidade ou, mais especificamente, o conceito de intertextualidade¹⁷⁹ traçado a partir da reflexão empreendida por Julia Kristeva sobre a obra de Bakhtin, como exposto no Capítulo 1, é uma marca do livro de Taunay. Costurando trechos de escritos de outros autores sobre Gusmão, ele os transforma em um novo texto com seu personagem heroico. A visibilidade de outras práticas textuais, entretanto, está longe de desvalorizar a obra por falta de originalidade. A prática intertextual não

¹⁷⁶ Id., *ibid.*, p. 53,54.

¹⁷⁷ Id., *ibid.*, p. 27.

¹⁷⁸ Id., *ibid.*, p. 297.

¹⁷⁹ REIS, C. *O conh. da lit.*, p. 187. Gérard Genette propõe o termo “transtextualidade” quando fala de tudo o que tem relação manifesta ou secreta com outros textos, e adianta cinco modalidades específicas de diálogo transtextual, sendo a intertextualidade – que engloba a citação e alusão – uma delas.

apenas nos traz o estilo e a visão de Taunay, como também significa a possibilidade de termos no livro a projeção intertextual dos textos que o antecedem.

No Brasil, devemos a Afonso de Taunay a criação dos mitos históricos, diz Tito Lívio Ferreira. O mito nacional, criado pelo mestre da Bandeirologia, assume, então, as formas da evidência e da realidade:

Antes de Mestre Afonso de Taunay, os nossos antepassados tinham uma existência irreal, fantástica, imprecisa, indecisa na História Pátria. Taunay deu-lhes vida, movimento, linguagem, ação e atividade. Ressuscitou-os dos mortos. Revestiu-os de forma e expressão humanas.¹⁸⁰

Levi-Strauss, ao discutir a organização interna da narrativa mítica em sociedades indígenas do Canadá em sua obra *Mito e significado*, oferece elementos para pensarmos nossos próprios mitos e a forma como nos apropriamos da memória. Não é simples coincidência que, segundo o autor, os índios usam sua mitologia como forma de atingir determinados objetivos, utilizando as tradições lendárias para fundamentar reivindicações territoriais ou políticas, enquanto a memória histórica pode servir a objetivos semelhantes. “Não ando longe de pensar que, nas nossas sociedades, a História substitui a Mitologia e desempenha a mesma função, já que (...) a Mitologia tem por finalidade assegurar, com um alto grau de certeza (...) que o futuro permanecerá fiel ao presente e ao passado”.¹⁸¹

¹⁸⁰ FERREIRA, Tito Lívio. Mestre Afonso de Taunay – O historiador da pátria. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1960, p. 86.

¹⁸¹ LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Trad. António Marques Bessa. Lisboa, Edições 70, [s.d.], p. 57, 63.

Assim como fez com o bandeirismo, Taunay foi buscar Gusmão no passado, ressaltando o mito histórico para projetá-lo no futuro. É o que vemos, por exemplo, nesse trecho onde discorre sobre a prioridade aerostática do padre:

Esta primazia encerra em si diversas outras. E das mais proeminentes. Confere a Bartolomeu de Gusmão novo primado entre brasileiros, entre portugueses e entre americanos. Associa o primeiro nome luso-brasileiro, o primeiro nome americano, à história universal das grandes invenções, lembramo-lo novamente.

E graças a invento de que vulto? Ao que acabou outorgando ao Homem a conquista da atmosfera! Ao que, dia a dia, avulta assombrosamente e tem diante de si horizontes de insuspeitada amplidão.

182

É nesse sentido que a atividade biográfica mostra a sua “potência de transformação”, segundo Paul Valéry.¹⁸³ Biografar deixa, portanto, de ser um registro do passado, para voltar-se para o futuro. E tanto o que doa quanto o que recebe a herança faz parte da construção do porvir.

Nesse resgate, Taunay acentua a sua admiração por Gusmão e seus feitos, como quando diz tratar-se de “um dos mais notáveis triunfos da inteligência humana!”¹⁸⁴, cuja figura desperta “o maior interesse sinão só no Brasil e sim no Universo”.¹⁸⁵

Northrop Frye, no ensaio *Mito, ficção e deslocamento*, observa que a questão do mito entrou para a crítica literária porque foi sempre um elemento integrante da literatura desde Homero, marcando sua presença no texto literário de diversas formas.¹⁸⁶ Portanto, para Frye, o trabalho de análise de texto, em sua maior parte, consiste em reco-

¹⁸² TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 14.

¹⁸³ Apud CARDOSO, M. R. Biog. e valor lit. *Rev. br. de lit. comp.*, p.198.

¹⁸⁴ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 45.

¹⁸⁵ Id., *ibid.*, p. 15.

¹⁸⁶ Apud MELLO, Ana Maria Lisboa de. “Poesia e Mito”. In: AMARANTE DOS SANTOS, Dulce; TURCHI, Maria. (Org.). *Enc. do im.: Ens. de lit. e hist.*, p. 13.

nhecer elementos universais constantes, como os mitos e os arquétipos, incorporados na literatura.¹⁸⁷

Nesse contexto, apontamos em Taunay o que Charles Mauron define como “o mito pessoal”. De acordo com ele, os personagens se metamorfoseiam, mas se constata que caracterizam numa boa medida o escritor. Em outras palavras, o “mito pessoal” seria a fantasia mais frequente no escritor ou, melhor ainda, a imagem que resiste à sobreposição de suas obras. Tais figuras míticas representam “objetos internos” e se constituem por identificações sucessivas, diz Daniel Bergez em *Métodos críticos para a análise literária*. Em tal processo, o objeto exterior é interiorizado, tornando-se uma pessoa na pessoa.¹⁸⁸

Em muitas produções literárias de Taunay, embora de contextos e épocas diferentes, tal imagem recorrente é justamente a do herói. A tal ponto que estudiosos de sua obra imputam a ele a própria condição de glória imortal, privilégio dos heróis.

Ao comentar sobre a *História geral das bandeiras paulistas*, Lívio Ferreira ressalta que “os heróis se alçam na ênfase da epopéia”. E, em seguida, complementa: “Mestre Afonso de Taunay, ao levantar o monumento das glórias bandeirantes, construiu também o edifício da sua glória imortal, ao fundir, num só bloco, o suado esforço de seus heróis e o seu heróico esforço, consolidados para o todo sempre, para a Vida e para a Eternidade”.¹⁸⁹

Frye aponta ainda que, em todas as culturas, “a mitologia se funde imperceptivelmente na e com a literatura”, já que as narrativas míticas têm a vocação para

¹⁸⁷ BIRCH, David. *Language, literature and critical practice*. London, New York, Routledge, 1989, p. 130. Tradução nossa.

¹⁸⁸ BERGEZ, Daniel et alli. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo, Martins Fontes, 1997, p. 86.

¹⁸⁹ FERREIRA, Tito L. Mest. Af. de T. – O hist. da pátr. *Rev. do Inst. Hist. e Geog. de S. P.*, p. 93.

fornecer, de modo cifrado, respostas que preocupam o homem de qualquer época.¹⁹⁰ No caso de Taunay, na obra sobre o padre voador, o mito do herói justifica-se por um herdado cunho romântico com seu desejo de retratar o nacionalismo, também pautado pelo viés positivista da época.

3.2 A obra de Saramago e Bartolomeu de Gusmão

José de Sousa – esse era para ser o nome de Saramago – nasceu na aldeia de Azinhaga, no norte de Portugal, em 1922. Todas as famílias do local eram conhecidas por um apelido e a de Saramago recebeu este por associação a uma planta silvestre. Ao registrar seu nascimento, o funcionário do cartório acrescentou a alcunha sem o conhecimento dos pais, que só vieram a descobrir o “engano” ao matricular o menino na escola primária.¹⁹¹

Teve infância pobre no seio de uma família de trabalhadores rurais, em meio à exploração econômica exercida pelos grandes proprietários fundiários locais – o que haveria de influenciar a sua postura literária no futuro. Aos dois anos mudou-se com os pais para Lisboa. Coursou a Escola Industrial e trabalhou como serralheiro antes de estreitar na literatura, em 1947, com o romance *Terra do pecado*. Após duas décadas em silêncio, vieram, em 1966, *Os poemas possíveis* e, após eles, um passeio por gêneros literários como a poesia, conto, teatro e crônica. Nos anos 70, trabalhou como jornalista

¹⁹⁰ Apud MELLO, Ana. M. L. de. “Poes. e mito”. In: AMARANTE DOS SANTOS, Dulce; TURCHI, Maria. (Org.). *Enc. do im.: Ens. de lit. e hist.*, p. 12.

¹⁹¹ CALBUCCI, Eduardo. *Saramago, um roteiro para os romances*. Cotia, Ateliê Editorial, 1999, p.11.

no Diário de Lisboa e no Diário de Notícias, mas abandonou a atividade por motivos políticos.¹⁹²

Membro do partido comunista português desde 1959, Saramago teve que esperar o fim do salazarismo e a Revolução dos Cravos do abril de 1974 para despontar com o destaque merecido na cena literária portuguesa e internacional. E com *Memorial do convento* (1982), seu quarto romance, conquista definitivamente o sucesso de crítica e público. Em 1995, antes do Nobel de Literatura, ganha o Prêmio Camões – considerado o mais importante do universo da lusofonia. Com o sucesso de crítica e público, obras como o *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e *Ensaio sobre a cegueira* (1995) foram traduzidas para mais de vinte idiomas.¹⁹³

A base da literatura de José Saramago é considerada em Portugal o Neo-Realismo, que se difunde no país a partir de 1938. De acordo com A. J. Saraiva e Óscar Lopes, essa tendência “apresenta como característica básica uma nova focagem da realidade portuguesa, de certo modo análoga à da Geração de 70, mas que [...] critica o elitismo pedagógico [...], pois tem em vista a conscientização e dinamização de classes sociais mais amplas”.¹⁹⁴

Sua obra combate, portanto, o autoritarismo, a intolerância, a exploração dos oprimidos e defende a igualdade de direitos, os sem-terra, o respeito ao indivíduo.

¹⁹² Id., *ibid.*, p.12.

¹⁹³ A obra de Saramago reúne 16 romances (*Terra do pecado*, 1947; *Manual de pintura e caligrafia*, 1977, *Levantado do chão*, 1980; *Memorial do convento*, 1982; *O ano da morte de Ricardo Reis*, 1984; *A jangada de pedra*, 1986; *História do cerco de Lisboa*, 1989; *O evangelho segundo Jesus Cristo*, 1991; *Ensaio sobre a cegueira*, 1995; *Todos os nomes*, 1997; *A caverna*, 2000; *O homem duplicado*, 2002; *Ensaio sobre a lucidez*, 2004; *As intermitências da morte*, 2005; *A viagem do elefante*, 2008; *Caim*, 2009), 3 poemas (*Os poemas possíveis*, 1966; *Provavelmente alegria*, 1970; *O ano de 1993*, 1975); 4 crônicas (*Deste mundo e do outro*, 1971; *A bagagem do viajante*, 1973; *As opiniões que o DL teve*, 1974; *Os apontamentos*, 1977); 3 contos (*Objecto quase*, 1978; *Poética dos cinco sentidos – O ouvido*, 1979; *O conto da ilha desconhecida*, 1997); 2 diários e memórias (*Cadernos de Lanzarote*, 1994; *As pequenas memórias*, 2006); 1 coleção de crônicas de viagem (*Viagem a Portugal*, 1981), um livro infantil (*A maior flor do mundo*, 2001) e 5 peças teatrais (*A noite*, *Que farei com este livro?*, *A segunda vida de Francisco de Assis*, *In nomine dei*, *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*).

¹⁹⁴ Apud CALBUCCI, E. Sar., *um rot. p. os rom.*, p. 13.

Portanto, o objetivo do autor em *Memorial* é dar voz às multidões de miseráveis, não só às que foram oprimidas no século XVIII como em qualquer outro período, utilizando-se assim da literatura como um instrumento de emancipação humana.

Em *Memorial do convento* vemos três fios narrativos, que aparentemente não dependem entre si: a promessa do convento aos franciscanos feita pelo rei e do começo das obras em Mafra, a construção da passarola e seu voo, e a história de amor do casal Blimunda e Baltasar.

No pano de fundo, avalia Eduardo Calbucci, Saramago trabalha com o ideário marxista tanto quando valoriza a força de trabalho como quando alude a uma possível revolta dos trabalhadores: “enquanto não se acabar quem trabalhe, não se acabarão os trabalhos”¹⁹⁵, diz o narrador, estabelecendo uma relação de causa e efeito entre os operários submissos e a exploração. “O normal seria pensar que os trabalhos são a causa de haver trabalhadores, mas o narrador promove inversão, de maneira que enquanto houver disposição para a exploração, haverá quem explore”, diz Calbucci.¹⁹⁶

Saramago incorpora assim atitudes do Neo-realismo pela preocupação social, aponta Linhares Filho em seu texto *Uma leitura de memorial do convento*¹⁹⁷, características essas expressas, por exemplo, na aspiração de liberdade e escape de uma sociedade opressora que a passarola de Gusmão representa.

Podemos encontrar também em Saramago as tensões próprias do Maneirismo, escola que representou a crise do clássico e transmitiu ao Barroco sua complexidade

¹⁹⁵ Apud id., *ibid.*, p. 29.

¹⁹⁶ Id., *ibid.*, p. 29.

¹⁹⁷ LINHARES FILHO. “Uma leitura de *Memorial do Convento*”. In: BERRINI, Beatriz. (Org.). *José Saramago, uma homenagem*. São Paulo, Educ, Fapesp, p. 171.

expressa em paradoxos. Além disso, relaciona-se ainda com o Barroco pelo gosto conceptista, que transparece na organização sintática.¹⁹⁸

Em *Memorial do convento* vemos espelhados os efeitos estéticos do Barroco, em voga na época, em duas artes sonoras, ou seja, o sermão e a música, sendo possível identificar pinceladas dessa estética em constantes trocadilhos.¹⁹⁹ Gusmão faz uso do jogo de palavras, por exemplo, ao dizer a Blimunda porque teme a Inquisição: “(...) querendo o Santo Ofício, são más todas as razões boas, e boas todas as razões más, e quando umas e outras faltem, lá estão os tormentos da água e do fogo, do potro e da polé (...)”.²⁰⁰ Ou ainda quando o músico Domenico Scarlatti conversa com o padre sobre a construção de Mafra:

Muito diferente é a dimensão da basílica que está a ser construída na vila de Mafra, gigantesca fábrica que será o assombro dos séculos, Como se mostram variadas as obras das mãos do homem, são de som as minhas, Fala das mãos, Falo das obras, tão cedo nascem logo morrem, Fala das obras, Falo das mãos, que seria delas se lhes faltasse a memória e o papel em que as escrevo, Fala das mãos, falo das obras.²⁰¹

Por outro lado, aponta Linhares Filho, Saramago segue as seguintes “pistas da nova literatura”, além do romance histórico: o fantástico, como possível influência do realismo mágico hispano-americano; o chamado discurso sobre o corpo, isto é, o erótico, consequência da extinção da censura; aspectos do romance psicológico, revelando gran-

¹⁹⁸ Id., *ibid.*, p. 171.

¹⁹⁹ MONIZ, Antônio. *Para uma leitura de Memorial do convento*, 1 ed., Lisboa, Editorial Presença, 1995, p. 80.

²⁰⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 184, 185.

²⁰¹ Id., *ibid.*, p. 160. Sobre esse diálogo, o narrador faz a seguinte alusão à estética barroca: “parece apenas um gracioso jogo de palavras, um brincar com os sentidos que elas têm, como nesta época se usa, sem que extremamente se importe o entendimento ou propositadamente o escurecendo” (p. 160).

de experiência do narrador; aspectos do *nouveau roman* pela escrita um tanto caótica devido à falta de alguma pontuação e pelo desvio do tempo presente.²⁰²

Essa gama considerável de influências e acúmulo de tendências para refletir as tensões do mundo atual demonstra a filiação estética de Saramago ao Pós-modernismo. Entre as características desse estilo de época em sua obra estão a reflexão do existencialismo ontológico – embora tal atitude também seja encontrada no Modernismo –, a intertextualidade, a paródia, a colagem, a valorização da ironia, as posturas do *nouveau roman*, a problematização da História, a substituição do discurso individual pelo coletivo, o questionamento da religião e outros sistemas que criam relações de poder.²⁰³

Em *Memorial do convento* vemos claramente tais tendências: a intertextualidade nos diálogos que o narrador mantém, em um tom irônico, com outros autores portugueses; a paródia, com a utilização da ironia e do deboche (descrição irônica da corte de D. João V); o fantástico, nos poderes de Blimunda e no voo da passarola; o erótico no amor de Baltasar e Blimunda; a problemática da religião na figura do padre Gusmão, que coloca em xeque os principais dogmas da igreja; e a preocupação com as questões sociais, ao se dar voz aos oprimidos.

Como exemplo de intertextualidade, destacamos aqui o trecho em que o narrador menciona o padre Antonio Vieira²⁰⁴, no *Sermão de S. António aos peixes*, para acusar o Tribunal de Justiça de ser fonte ilícita de dinheiro:

²⁰² O desvio do tempo presente (anacronia) se dá por meio do *flash-back* ou analepse (retrocesso do fato) e do *flash-forward* ou prolepse (antecipação do fato). LINHARES FILHO. “Uma leit. de *Mem. do conv.*”. In: BERRINI, B. (Org.). *J. Sar., uma homen.*, p. 171.

²⁰³ Id., *ibid.*, p. 171.

²⁰⁴ Entretanto, conforme observa Salma Ferraz, o padre Bartolomeu estiliza os sermões de Vieira, mas a aproximação ocorre só na forma (conceptismo) e não no conteúdo. O pregador barroco usava o texto bíblico e dava-lhe, por vezes, interpretação literal, em outros momentos a interpretação alegórica ou ainda, a histórica, em colocações nas quais as verdades bíblicas eram irrefutáveis. Já Gusmão usa o estilo conceptista para corroer os dogmas e para implantar a dúvida e a heresia no que antes era sagrado. FERRAZ,

É que, entretanto, vão-se mungindo as tetas do bom leite que é o dinheiro, requeijão precioso, supremo queijo, manjar de meirinho e solicitador, de advogado e inquiridor, de testemunha e julgador, se falta algum é porque o esqueceu o padre António Vieira e agora não lembra.²⁰⁵

A ironia em *Memorial* é constante, já que seu narrador nos apresenta as classes superiores a partir das inferiores. É um mundo ao contrário, próprio da literatura carnavalizada definida por Bakhtin²⁰⁶. No discurso carnavalesco as máscaras dos poderosos caem para dar lugar aos sentimentos dos homens simples. Dessa forma, Saramago utiliza tal recurso para criticar a elite e enaltecer o povo. Pela paródia, ridiculariza a realidade e o relacionamento entre o casal real, como vemos no trecho em que descreve a cama da rainha, infestada de percevejos:

Quando a cama aqui foi posta e armada ainda não havia percevejos nela, tão nova era, mas depois, com o uso, o calor dos corpos, as migrações no interior do palácio, ou da cidade para dentro, donde este bichado vem é que não se sabe, e sendo tão rica de matéria e adorno não se lhe pode aproximar um trapo a arder para queimar o enxame, não há mais remédio, ainda não o sendo, que pagar a Santo Aleixo cinquenta réis por ano, a ver se livra a rainha e a nós todos da praga e da coceira. Em noites que vem el-rei, os percevejos começam a atormentar mais tarde por via da agitação dos colchões, são bichos que gostam de sossego e gente adormecida. Lá na cama do rei estão outros à espera de seu quinhão de sangue, que não acham nem pior nem melhor que o restante da cidade, azul ou natural.²⁰⁷

Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Juiz de Fora, Blumenau, Ufjf/Edifurb, 2003, p. 90.

²⁰⁵ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 182, 183.

²⁰⁶ Para mais informações sobre a literatura carnavalizada descrita por Bakhtin, ver OLIVEIRA FILHO, Odil José de. *Carnaval no convento: Intertextualidade e paródia em José Saramago*. São Paulo, Unesp, 1993, p. 41,42.

²⁰⁷ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 16.

Em contraposição ao relacionamento caricato do rei e da rainha, a união de Baltasar e Blimunda completa-se até no nome -- já que também são chamados, respectivamente, de Sete-Sóis e Sete-Luas --, e é valorizada por ser verdadeira. O narrador deixa claro o contraste no seguinte trecho:

Há muitos modos de juntar um homem e uma mulher, mas, não sendo isto inventário nem vademeco de casamentar, fiquem registados apenas dois deles, e o primeiro é estarem ele e ela perto um do outro, nem te sei nem te conheço, num auto-de-fé, da banda de fora, claro está, a ver passar os penitentes, e de repente volta-se a mulher para o homem e pergunta, Que nome é o seu, não foi inspiração divina, não perguntou por sua vontade própria, foi ordem mental que lhe veio da própria mãe, a que ia na procissão, a que tinha visões e revelações, e se, como diz o Santo Ofício, as fingia, não fingiu estas, não, que bem viu e se lhe revelou ser este soldado maneta o homem que haveria de ser de sua filha, e desta maneira os juntou. Outro modo é estarem ele e ela longe um do outro, nem te sei nem te conheço, cada qual em sua corte, ele Lisboa, ela Viena, ele dezanove anos, ela vinte e cinco, e casaram-nos por procuração uns tantos embaixadores, viram-se primeiro os noivos em retratos favorecidos, ele boa figura e pelescurita, ela roliça e brancastríaca, e tanto lhes fazia gostarem-se como não, nasceram para casar assim e não doutra maneira, mas ele vai desferrar-se bem, não ela, coitada, que é honesta mulher, incapaz de levantar os olhos para outro homem, o que acontece nos sonhos não conta.²⁰⁸

Na carnavalização, Saramago inverte então os papéis, mostrando o quão pobre é a vida amorosa do todo poderoso casal real, em oposição aos verdadeiros sentimentos compartilhados pelos dois personagens do povo.

Miguel Sanchez Neto destaca a preocupação social em Saramago -- na contramão de um movimento de tecnização que tem acompanhado a modernidade após a

²⁰⁸

Id., *ibid.*, p. 107, 108.

Segunda-Guerra –, pois o escritor propõe que a literatura dê maior visibilidade às pessoas. Suas obras, assim, estariam a serviço do homem.²⁰⁹

Em *Memorial do convento* o passado é convocado, como apontou Maria Alzira Seixo em *A palavra pelo romance*, pelas suas possibilidades “brechtianas” de crítica ao presente. Assim, uma sociedade marcada pelo terror da Inquisição sugere um paralelo com o regime de Salazar, com a censura e a polícia política; o contraste chocante entre o luxo e a pobreza, a fome e a servidão remetem às injustiças sociais contemporâneas e a cena em que o rei pomposamente coloca a primeira pedra do convento faz lembrar as inaugurações oficiais do Estado Novo.²¹⁰

O sonho de voar de Gusmão, por sua vez, faz contraponto com a arbitrariedade do absolutismo de D. João V, que não poupou esforços para construir o Mosteiro e a Igreja de Mafra, por meio do suor e do sangue de tantos operários portugueses sem nome.

Dessa forma, Saramago representa com dignidade essa multidão de miseráveis, dando-lhes a voz que eles não tiveram no século XVIII, e vai além ao apresentar uma saída à opressão na passarola de Gusmão que seria o contraponto fantástico ao poder inefável da engenharia civil portuguesa do século XVIII.²¹¹

²⁰⁹ Para Sanches Neto, a estética na arte acabou ocupando o mesmo espaço que os objetos eletrônicos têm na vida do homem atual, reduzindo-o a um ser perplexo em meio a coisas que roubaram o seu lugar. Como consequência, na literatura de ficção, o centro das atenções foi transferido para o narrador, ou seja, para um lugar técnico da narrativa. Dentro dessa visão distorcida, a obra ganharia relevância quando houver a construção aprimorada de um narrador, e o livro passaria a valer pelos recursos que convoca e não pelas verdades humanas condensadas nas trajetórias de seus personagens. O autor, assim, perderia espaço em detrimento da figura do narrador, o que equivaleria a dizer que o homem deixaria de ser relevante. SANCHES NETO, Miguel. Saramago, a vaidade justificável. *Jornal de Poesia*. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches29.html>. Acesso em 5 jun. 2009.

²¹⁰ Apud ROCHA, Clara. “Ficção dos anos 80”. In: LOPES, Óscar e MARINHO, Maria de Fátima. (Dir.). *História da Literatura Portuguesa – As correntes contemporâneas*. Lisboa, Publicações Alfa, [2003?], v.7, p. 464.

²¹¹ CALBUCCI, E. Sar., *um rot. p. os rom.*, p. 28 e 31.

Se Taunay empenha-se para construir um Gusmão merecedor de glória por suas invenções, Saramago investe em um pensador de “opostas e inimigas verdades”²¹² que rouba, com seu grupo, o papel de protagonista que, nas histórias, normalmente cabem a reis e rainhas. O resultado é um personagem que questiona Deus e com uma indelével fé no homem e na ciência:

Um dia terão lástima de nós as gentes do futuro por sabermos tão pouco e tão mal, padre Francisco Gonçalves, isto dissera o padre Bartolomeu Lourenço antes de recolher ao seu quarto, e o padre Francisco Gonçalves, como lhe competia, respondeu, Todo o saber está em Deus, Assim é, respondeu o Voador, mas o saber de Deus é como um rio de água que vai correndo para o mar, é Deus a fonte, os homens o oceano, não valia a pena ter criado tanto universo se não fosse para ser assim, e a nós parece-nos impossível poder alguém dormir depois de ter dito ou ouvido dizer coisas destas.²¹³

Um exemplo marcante do repúdio de Saramago à intolerância e ao autoritarismo encontra-se no diálogo entre Gusmão e Domenico Scarlatti, onde ambos acreditam na “necessidade do erro”:

(...) é um defeito comum nos homens, mais facilmente dizerem o que julgam querer ser ouvido por outrem do que cingirem-se à verdade, Porém, para que os homens possam cingir-se à verdade, terão primeiramente de conhecer os erros, E praticá-los, Não saberei responder à pergunta com um simples sim ou não, mas acredito na necessidade do erro.²¹⁴

3.2.1 A questão do herói em *Memorial do convento*

²¹² SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 170.

²¹³ Id., *ibid.*, p. 119, 120.

²¹⁴ Id., *ibid.*, p. 156

Assim como Taunay, a partir da questão do múltiplo, Saramago unificou o personagem de Gusmão na figura do herói. A diferença – além dos distintos propósitos dos autores -- é que, em Saramago, tal figura, no caso da construção da passarola, é representada não apenas pelo padre como também por Baltasar e Blimunda. No universo de Saramago, o herói, a havê-lo, é sempre um grupo, segundo Clara Rocha.²¹⁵ A princípio, a passarola é o sonho de apenas uma pessoa, ou seja, do padre. Mas acaba por ser compartilhado por Baltasar, que contribuiu no projeto com sua força física; por Blimunda, com seus poderes sobrenaturais e, posteriormente, por Scarlatti, com sua música.

O voo da passarola que se torna possível com o trabalho do grupo representa a jornada mitológica que Joseph Campbell classifica de o “chamado à aventura”. “Isto significa que o destino requisita o herói e transfere o seu centro de gravidade espiritual de uma área de dentro de sua sociedade para uma zona desconhecida”. Tal região de tesouros e perigos pode ser lugares como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo ou acima do céu, diz Campbell.²¹⁶

Não importa se em pequena ou grande escala, tal chamado levanta a cortina sobre um mistério de transfiguração – um rito ou um momento de passagem espiritual que, quando completo, leva a uma morte ou a um nascimento.²¹⁷ Assim, o desaparecimento de Gusmão, seguido da notícia de sua morte, ocorre após voar em fuga do Santo Ofício pelo céu português no aeróstato com Blimunda e Baltasar. O voo da passarola concilia, dessa forma, a física com a metafísica para possibilitar ao padre ultrapassar os limites de sua época histórica e descortinar uma saída utópica para os oprimidos.

²¹⁵ ROCHA, C. “Ficção dos anos 80”. In: *Hist. da lit. port.*, p. 513.

²¹⁶ CAMPBELL, Joseph. *The hero with a thousand faces*. New York, Pantheon Books, Cop. 1949, p. 58. Tradução nossa.

²¹⁷ Id., *ibid.*, p. 51.

O trio heroico, portanto, é formado pelos três personagens que compõem o quadro harmônico do maravilhoso, no sentido de ultrapassar totalmente os limites circunscritos à realidade histórica narrada. Blimunda, porque sendo mulher, é mais do que uma mulher devido aos seus poderes mentais que testemunham a existência de outro saber que herdou da mãe. No entanto, apesar de ser mais, é também igual às outras mulheres na vida diária que leva. Baltasar, porque sendo homem, é menos do que homem devido à sua deficiência, tornando-se, contudo, mais do que homem ao construir a passarola e nela voar – o que o condenará à morte. Por fim, o padre Bartolomeu de Gusmão é mais do que um frade, mais do que um doutor em leis, mais do que um orador da corte, é um homem de sonhos visionários, proféticos, que constrói o futuro em forma de estradas no céu e passarolas nelas voando. É um homem habitado pela nova mentalidade científica da Idade Moderna. E isto, igualmente, o condenará à loucura e à morte.²¹⁸

Um sub-personagem, por assim dizer, já que dele não depende o núcleo diegético de *Memorial do convento* é Domenico Scarlatti – músico italiano que vem de Londres, contratado para ensinar cravo à infanta D. Maria Bárbara e assumir o lugar de mestre da capela real. A ele cabe também certo aspecto maravilhoso, embora bem menor do que o dos três personagens principais. Ele condensa a função criadora da arte como expressão viva da alma na procura de uma harmonia entre o pensamento e a ação humanos.²¹⁹ Nesse sentido, quando declara a Gusmão que só a música é aérea, este replica que vai lhe confessar um segredo – a construção da passarola. O padre deixa, assim, subentendido que a mecânica científica é, em termos de sonhos humanos e como criação do homem, idêntica ou paralela à arte musical; os sonhos levantam de um modo heroico o

²¹⁸ REAL, Miguel. *Narração, maravilhoso, trágico e sagrado em Memorial do convento de José Saramago*, Lisboa, Caminho, 1995, p. 51,52.

²¹⁹ Id, *ibid.*, p. 52, 53.

futuro, embora amarguem o presente (“a amargura é o olhar dos videntes”)²²⁰. É tal paralelismo temático entre revolução científica e revolução artística, uma conceitual e outra no domínio da sensibilidade, que permite a Domenico Scarlatti ser o único personagem, com exceção dos do trio, a tomar conhecimento da existência da passarola.²²¹

O narrador aproxima Baltasar, que não tem a mão direita, do próprio Criador, ao dizer que Ele também é maneta. Mas esta não é a única vez que engrandece os personagens Blimunda e Baltasar, seus heróis do povo. E, por isso mesmo, dá a entender que se trata de heróis mais valorosos do que quaisquer outros, pois é de gente como eles que nasceria uma revolução popular. Scarlatti, ao conhecer o casal, os compara ao par mitológico Vulcano e Vênus. Contudo, o narrador aponta que, em alguns pontos, o casal prevalece sobre as divindades:

É Vênus e Vulcano, pensou o músico, perdoemos-lhe a óbvia comparação clássica, sabe ele lá como é o corpo de Blimunda debaixo das roupas grosseiras que veste, e Baltasar não é apenas o tição negro que parece, além de não ser coxo como foi Vulcano, maneta sim, mas isso também Deus é. Sem falar que a Vênus cantariam todos os galos do mundo se tivesse os olhos que Blimunda tem, veria facilmente nos corações amantes, em alguma coisa há-de um simples mortal prevalecer sobre as divindades. E sem contar que sobre Vulcano também Baltasar ganha, porque se o deus perdeu a deusa, este homem não perderá a mulher.²²²

No que diz respeito à trajetória do trio, Real observa que: “Como personagens heroicos, por vezes epopeicos, o seu destino teria necessariamente de ser trágico no sentido de um desenlace fatal, violento, radicalmente perturbador da normalidade em que viviam”.²²³

²²⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 161.

²²¹ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 53.

²²² SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 164

²²³ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 54.

Apesar do frei Manuel Guilherme, consultor do Santo Ofício; do padre mestre António Caetano de Sousa e do frei Boaventura de S. Gião, censor do paço, afirmarem que os sermões do padre Bartolomeu de Gusmão não contêm nada que ofenda a Santa Fé, a Inquisição o persegue até fugir para a Espanha e morrer louco em Toledo. As características heréticas e heterodoxas da personalidade de Gusmão ultrapassam, sem dúvida nenhuma, a consciência filosófica e científica de Portugal da época, causando a sua desgraça.²²⁴

Já Baltasar paga o preço por ter ousado voar, desafiando a atmosfera cultural e religiosa da época, para qual o céu é morada divina, inacessível ao homem. Passa a beber e torna-se outro desde que soube da morte de padre Bartolomeu, até ser queimado pela Inquisição que tanto bloqueou o avanço português. Mas, na verdade, Saramago não poderia reduzir a nada o Baltasar-povo, sua vontade não poderia ir para as estrelas e aí perder-se. Sua vontade teria, isso sim, que continuar na terra, no corpo de Blimunda. Numa leitura com base na ideologia saramaguiana, deduziríamos então que Blimunda, como outra representante do povo, daria continuidade às vontades passando-as adiante, numa corrente que um dia resultaria na revolução popular.²²⁵

Não seria à toa, portanto, que no final da obra, em sua busca por Baltasar, herda a alcunha do padre que nos remete a seu voo libertário (“Por fim já era conhecida de terra em terra, a pontos de não raro a preceder o nome de Voadora, por causa da estranha história que contava”).²²⁶ Além disso, lembra-nos do comportamento herético de Gusmão, ao mandar dizer aos religiosos que fizera promessa de só se confessar quando

²²⁴ Id., *ibid.*, p. 58,59.

²²⁵ Id., *ibid.*, p. 55.

²²⁶ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 343.

se sentisse pecadora (“(...) não poderia encontrar resposta que mais escandalizasse, se pecadores todos nós somos (...).”)²²⁷

No entanto, Blimunda, a terceira integrante desse trio heroico, presumivelmente também deve ser arrastada para um fim trágico assim como o foi sua mãe, Sebastiana, por conta de seus poderes místicos. “Ainda que não se saiba, porque o romance não o diz, não custa adivinhar que Blimunda morrerá ou como sua mãe morreu, degredada para Angola ou queimada na fogueira”, avalia Miguel Real.²²⁸

No que diz respeito à outra construção abordada no livro, a do convento de Mafra, a paródia reside na subversão do discurso heroico. Como já mencionamos, a Saramago não interessa o herói da realeza, dotado de toda a sua grandeza histórica, mas aquele que Lukács denomina, a propósito dos romances históricos de Walter Scott, os “*heroes moyen*”. Apesar de D. João V ter sido o mandante da obra, foram pessoas comuns que a concretizaram. O monarca não é o alvo da admiração no enredo e, sim, todas as outras figuras marginais à História. Na construção de Mafra vemos novamente, então, o conceito de carnavalização de Bakhtin, na medida em que a classe baixa, paulatinamente, vai tomando o lugar dos heróis oficiais pela mão de um narrador ideologicamente empenhado na troca de lugares:

(...) tudo quanto é nome de homem vai aqui, tudo quanto é vida também, sobretudo se atribulada, principalmente se miserável, já que não podemos falar-lhes das vidas, por tantas serem, ao menos deixemos os nomes escritos, é essa a nossa obrigação, só para isso escrevemos, torná-los imortais, pois aí ficam, se de nós depende, Alcino, Brás, Cristóvão, Daniel, Egas, Firmino, Geraldo, Horácio, Isidro, Juvino, Luís, Marcolino, Nicanor, Onofre, Paulo, Quitério, Rufino, Sebastião, Tadeu, Ubaldino, Valério, Xavier, Zacarias, uma letra de cada um para ficarem todos representados (....). De quantos pertencem ao alfabeto da amostra e vão a Pêro Pinheiro, pesen-os deixar ir sem vida contada aquele Brás que é ruivo e camões

²²⁷ Id., *ibid.*, p. 344.

²²⁸ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 55, 60.

do olho direito, não tardaria que se começasse a dizer que isto é uma terra de defeituosos, um marreco, um maneta, um zarolho, e que estamos a exagerar a cor da tinta, que para heróis se deverão escolher os belos e formosos, os esbeltos e escorreitos, os inteiros e completos, assim o tínhamos querido, porém, verdades são verdades, antes se nos agradeça não termos consentido que viesse à história quanto há de belfos e tartamudos (...).²²⁹

O herói do autor português é, assim, o homem do povo. Como diz Maria Alzira Seixo, os verdadeiros heróis da ação são sempre os da construção popular direta, braços anônimos que Saramago demiurgicamente erige em representantes dessa massa popular.²³⁰

3.3 A hibridez de Gusmão em Taunay e Saramago

A partir de colocações já citadas como as de Zilá Bernd, para quem hibridação é o termo mais condizente para englobar variadas mesclas interculturais, podemos dizer que o padre Bartolomeu de Gusmão é um exemplo de ser misto, que reuniu em si ideias de mundos opostos, conflitantes, a começar pela sua origem. Nascido no Brasil colonial, ele imigra para a matriz onde convive com uma sociedade que, em relação ao Brasil dá as cartas, mas no contexto europeu é periférica.

Veio ao mundo, entretanto, em uma época onde a ideia do híbrido não era bem-vinda. Em autos restaurados do arquivo da Cúria de São Paulo sobre a ordenação de Gusmão, encontra-se o inquérito para se conhecer a “limpeza” do sangue materno do religioso, nos conta Taunay. No processo, várias personalidades de destaque na comuni-

²²⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 233.

²³⁰ SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987, p. 42.

dade santista declararam, com unanimidade, que na ascendência de Maria Alvares não havia a mínima raça de “(...) mouro, judeu, mulato ou qualquer outra infecta nação”.²³¹

No tocante a Saramago, vemos que celebra a hibridez com uma marcada ironia ao descrever um grupo punido no auto-de-fé, dando seu nome a um dos personagens que faz parte dos “(...) chamuscados, assados, dispersos e varridos (...)”²³²:

(...) e este mulataz da Caparica que se chama Manuel Mateus, mas não é parente de Sete-Sóis, e tem por alcunha Saramago, sabe-se lá que descendência a sua será, e que saiu penitenciado por culpas de insigne feiticeiro, com mais três moças que diziam pela mesma cartilha, que se dirá de todos estes e de mais cento e trinta que no auto saíram, muitos irão fazer companhia à mãe de Blimunda, quem sabe se ainda está viva.²³³

Em outro momento, enfatiza as qualidades superiores de ser mestiço:

Com os calcanhares, o padre Bartolomeu Lourenço tocou para diante a mula, experiente animal que nem com a artilharia se assustara, é o que faz não ser de raça pura, estes já viram muito, a mestiçagem tornou-os pouco espantadiços, que é a maneira melhor de viverem neste mundo as bestas e os homens.²³⁴

Mais do que tudo, a forma como Saramago desdobra o discurso ficcional é uma forma de sublinhar a temática do duplo. O texto constituído a partir da parataxe, ou predomínio das ligações coordenativas sobre as subordinativas, concretiza-se na abundância da virgulação e na integração dos diálogos por meio da supressão de grande parte

²³¹ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 37.

²³² SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 92.

²³³ Id., *ibid.*, p. 93.

²³⁴ Id., *ibid.*, p. 116.

dos pontos finais e dos parágrafos. Tal continuidade, portanto, torna as fronteiras indecisas, postulando a necessidade de conjugação da diferença.²³⁵

Tomamos conhecimento da jornada de contrastes de Gusmão já em Taunay. Ele não apenas fez contribuições substanciais para o desenvolvimento da ciência com sua “invulgar erudição, sacra e profana”,²³⁶ como também desafiou os costumes em várias frentes. Inventor de inteligência e memórias privilegiadas circulava entre ricos e pobres e, apesar de sua formação católica, mantinha amizade com judeus e era leitor do alcorão. Além do doutoramento em Cânones, também, ocupou lugar de destaque no serviço diplomático da Secretaria de Estado da coroa portuguesa.²³⁷ Orador sacro, teve três sermões impressos. Sua biografia nos apresenta ainda desde inventos geniais que pareciam impossíveis para a época até reviravoltas que até hoje permanecem não explicadas.

A origem, a primeira viagem a Portugal aos 15 anos e o talento e a memória extraordinária de Bartolomeu foram registrados por ambos os escritores. Citando as palavras do noticiarista José Soares da Silva, nas páginas da *Gazeta em forma de carta*, Taunay abre aspas:

O Brasil, hoje e mais que nunca fertil de engenhos, nos mandou nesta frota o mais raro que jamais produziu, em hum moço natural de Santos, mais nobre por prendas, que por Pais, em o qual se anteciparão as Ciencias aos annos, pois de 15 para 16, dizem que sabe o que contem a memoria infra inscripta; o que parece excede a capacidade do tempo, ainda que fosse imprimindo-lhe fielmente na memoria tudo quanto lesse, sem lhe discrepar hum apice, como dizem que ele faz, e lhe fica tudo quanto hua vez passou pelos olhos.²³⁸

²³⁵ SEIXO, M. A. *O ess. s. J.S.*, p. 46.

²³⁶ TAUNAY, Afonso de E. B. *de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 77.

²³⁷ Id., *Ibid.*, p. 62,63.

²³⁸ Id., *Ibid.*, p. 33.

Taunay nos mostra que Bartolomeu já revelava um notável pendor para o estudo das ciências desde os primeiros anos de sua estadia no Seminário de Belém, na Bahia, para onde foi após completar os estudos primários no colégio jesuítico de Santos. Lá, tornou-se o mais célebre de seus discípulos por ter inventado uma bomba hidráulica:

Estava o seminário edificado sobre um monte arejado e airoso, mas faltava-lhe água para alimentação e serviço da casa, no que se despendia bastante. Bartolomeu Lourenço estudou o assunto e conseguiu, por meio de um cano e maquinismo, fazer subir ao convento a água de um brejo que ficava a alguma distância e inferior ao convento de 101 metros.²³⁹

A invenção desse mecanismo hidráulico por Bartolomeu foi reconhecida pela Câmara da Baía em dezembro de 1705, tornando-se o privilégio extensivo a todo o país em novembro de 1706.²⁴⁰

Saramago, por sua vez, escreve:

(...) Bartolomeu Lourenço, que no Brasil nasceu e novo veio pela primeira vez a Portugal, de tanto estudo e memória que, sendo moço de quinze anos, prometia, e muito fez do que prometeu, dizer de cor todo Virgílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrcio, Suetônio, Mecenas e Sêneca, para diante e para trás, ou donde lhe apontassem, e dar a definição de todas as fábulas que se escreveram, e a que fim as fingiram os gentios gregos e romanos, e também dizer quem foram os autores de todos os livros de versos, antigos e modernos, até ao ano de mil e duzentos, e se alguém lhe dissesse uma poesia, logo responderia a propósito com dez versos seus ali mesmo compostos, e prometia também justificar e defender toda a filosofia e os pontos mais intrincados dela, e explicar a parte de Aristóteles, ainda que extensa, com todos os seus embaraços, termos e meios-terminos, e responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, tanto

²³⁹ Id., *ibid.*, p. 28.

²⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 27, 28. Taunay, contudo, expressa surpresa diante de tal invento, pois não lhe parece crível que uma bomba do início do século XVIII, época em que não existia ainda a propulsão mecânica, pudesse elevar a água a tal altura. Acrescenta, entretanto, documento do Arquivo Colonial, onde o padre Alexandre de Gusmão testifica o feito de Bartolomeu (p. 29).

do Testamento Velho como do Novo, repetindo de cor, quer a fio corrido quer salteado, todos os Evangelhos dos quatro Evangelistas, para trás e para diante, e o mesmo das epístolas de S. Paulo e S. Jerónimo, e os anos de profeta a profeta e quantos de vida teve cada um deles, e o mesmo de todos os reis da Escritura, e o mesmo, para baixo e para cima, para a esquerda e para a direita, dos Livros dos Salmos, dos Cantares, do Êxodo e todos os Livros dos Reis, e que não são canónicos (...).²⁴¹

No que diz respeito à família de Gusmão no Brasil, Saramago não faz referências à mesma e nem sobre sua trajetória na terra natal antes de sua vida em Portugal. Já Taunay nos descreve as ocupações de seus pais e irmãos, bem como suas atividades de estudante no país antes de embarcar para a Europa. Destaque é dado para seu irmão, Alexandre de Gusmão, que deixou o Brasil na infância e jamais retornou:

Dos irmãos de Bartolomeu de Gusmão um há de sua estatura, o grande ministro de D. João V o negociador do Tratado das Côrtes, consolidador do alargamento extra-tordesilhano do Brasil. Foi como que o delegado diplomático de seus compatriotas, os bandeirantes de S. Paulo e os devassadores da Amazônia, na obra da ratificação internacional, inter-ibérica, do imenso recuo do meridiano de 1494, por eles realizado para o coração da América do Sul.²⁴²

Mas Gusmão também possuía qualidades diplomáticas para tentar ganhar pontos com perseguidores. Taunay nos conta que ao mandar imprimir o sermão dedicado a Nossa Senhora – escrito a pedido de D. João V –, o padre dedicou-o ao Cardeal da Cunha, Bispo Capelão-mor, inquisidor geral, e membro do Conselho do Estado do rei.²⁴³

A vida de Gusmão ficou longe de seguir uma linha reta, presumível. Seja pela ação dos invejosos, que lhe atrapalhavam o caminho e o levavam a reviravoltas, seja

²⁴¹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 59,60.

²⁴² TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 21.

²⁴³ Id., *ibid.*, p. 67, 68.

pelo seu espírito inquieto e investigador que a vida dentro de uma instituição religiosa poderia tolher. Partiu da casa paterna certo de se afiliar a Companhia de Jesus. Nada mais natural, diz Taunay, dadas as relações de seus pais com o padre Alexandre de Gusmão. Mas não se preservou neste intento. Pergunta Taunay:

Porque razão terá desistido de ser Jesuíta? Por vontade própria ou porque os Superiores da Companhia o despacharam? Seus inimigos proclamaram, em todos os tons, que se tornara indesejável. Mas é possível que se sentisse constrangido dentro das férreas normas do perinde *ac cadaver ubi peccatum non cerneretur* e desejoso de mais amplitude de movimentos para dar maior expansão aos projetos que a *vis creatrix* lhe sugeria.²⁴⁴

Taunay acrescenta que, se Bartolomeu de Gusmão foi jesuíta, deixou a Companhia antes de receber a primeira das ordens: “Na memória excelente de Baltazar Wilhelm demonstra-se iniludivelmente que pertenceu à Companhia de Jesus, dela saindo noviço ainda, em 1701, aos 15 anos de idade”.²⁴⁵

Porém, mesmo deixando a Companhia não abandonou a ideia de ser sacerdote. Em maio de 1703, com 17 anos, endereçou uma petição a Dom Fr. Francisco de S. Jeronimo, bispo do Rio de Janeiro, “(...) exprimindo-lhe seu grande desejo de ser promovido a todas as ordens menores e sacras, para servir a Deus em seu estado mais perfeito”. A data de sua ordenação é imprecisa, como já apontamos, tendo ocorrido no final de 1708 ou no início de 1709.²⁴⁶

As múltiplas facetas de Gusmão ajudaram Saramago a formar um personagem de corpo e alma híbridos:

²⁴⁴ Id., *ibid.*, p. 31.

²⁴⁵ Id., *ibid.*, p. 31.

²⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 32, 38.

Três, se não quatro, vidas diferentes tem o padre Bartolomeu Lourenço, e uma só apenas quando dorme, que mesmo sonhando diversamente não sabe destrinchar, acordado, se no sonho foi o padre que sobe ao altar e diz canonicamente a missa, se o académico tão estimado que vai incógnito el-rei ouvir-lhe a oração por trás do reposteiro, no vão da porta, se o inventor da máquina de voar ou dos vários modos de esgotar sem gente as naus que fazem água, se esse outro homem conjunto, mordido de sustos e dúvidas, que é pregador na igreja, erudito na academia, cortesão no paço (...).²⁴⁷

Ou ainda:

(...) visionário e irmão de gente mecânica e plebeia em S. Sebastião da Pedreira, e que torna ansiosamente ao sonho para reconstruir uma frágil precária unidade, estilhaçada mal os olhos se lhe abrem, nem precisa de jejum como Blimunda. Abandonara a leitura consabida dos doutores da Igreja, dos canonistas, das formas variantes escolásticas sobre essência e pessoa, como se a alma já tivesse extenuada de palavras, mas porque o homem é o único animal que fala e lê, quando o ensinam, embora então lhe faltem ainda muitos anos para a homem ascender, examina miudamente e estuda o padre Bartolomeu Lourenço o Testamento Velho, sobretudo os cinco primeiros livros, o Pentateuco, pelos judeus chamado Tora, e o Alcorão. Dentro do corpo de qualquer de nós poderia Blimunda ver os órgãos, e também as vontades, mas não pode ler os pensamentos, nem ela a estes entenderia, ver um homem pensando, como um pensamento só, tão opostas e inimigas verdades, e com isso não perder o juízo (...).²⁴⁸

A natureza híbrida do Gusmão apresentado por Saramago fica evidente, também, nas palavras do próprio personagem. Apesar de sacerdote na época da Inquisição, que facilmente confundia progressos científicos com bruxaria, ele se reconhece um judeu afeito a “feitiçarias”: “Eu sei do que me acusarão, se a minha hora chegar, dirão que me converti ao judaísmo, e é verdade, dirão que me entrego a feitiçarias, e também

²⁴⁷ Id., *ibid.*, p. 170.

²⁴⁸ Id., *ibid.*, p. 170.

verdade é, se feitiçaria é esta passarola e outras artes em que não paro de meditar(...)”.²⁴⁹

Fica então registrado o deboche saramaguiano na hibridez de Gusmão: um padre católico, judeu e “feiticeiro” em tempos inquisitoriais.

Ambos os escritores apontam, portanto, as suas ligações com judeus e seu interesse pelo Alcorão, fatos que contribuíram para a sua derrocada. Diz Taunay: “Suponho que, tanto em 1713 como em 1724, o Padre Bartolomeu Lourenço fugiu de Portugal por temer especialmente as acusações de judaizante que em virtude das suas relações com os hebreus se lhe poderiam fazer!”.²⁵⁰

Vemos na biografia, contudo, que a gota d’água para a fuga do padre para a Espanha ocorre após intrigas envolvendo a amante do rei, madre Paula, conhecida como Trigueirinha (do convento de Odivelas), e D. Paula de Souza e suas irmãs (convento de Santana e, também, Odivelas). Dessas intrigas resulta uma tentativa de enfeitiçar o rei por parte das mulheres e o nome de Gusmão acaba sendo investigado pelo Santo Ofício devido ao relacionamento amoroso que manteve com D. Paula de Souza. O padre, entretanto, apavora-se e não espera os resultados da investigação coordenada pelo desembargador Bacalhau, que em busca feita em sua casa após a fuga para a Espanha encontra uma cópia do Alcorão.²⁵¹

O caso é investigado pelas autoridades da Inquisição, mas os envolvidos recebem punição leve, já que D. João V percebe tratar-se apenas de intrigas de mulher.

²⁴⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 185.

²⁵⁰ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 53.

²⁵¹ Id., *ibid.*, p. 98 a 108. Destacamos ainda o seguinte trecho na p. 108: “(...) mas o que o levou ao Santo Ofício foi a sua freira, por causa da irmã que queria destronar a morena de Odivelas, foi a convivência com o mulherio que acompanhou a Coina, e foi o Alcorão aberto e anotado”.

Bartolomeu teria, assim, exagerado em sua reação de fuga, já que os documentos das investigações não mostram intenção do Santo Ofício de prendê-lo por esse motivo.²⁵²

Para Taunay, a amizade com judeus e cristãos novos prevalece, portanto, como o mais grave motivo para a pressão contra Gusmão:

Muito mais graves, perante a Inquisição, eram, porém, as suas relações amistosas com cristãos novos, seus patrícios, brasileiros, que o Santo Ofício trazia severamente vigiados em Lisboa. Mil vezes mais grave isto do que o caso das feiticeiras (...).²⁵³

De acordo com ele, se as experiências aerostáticas de Gusmão fossem culpadas por seus problemas com o Santo Ofício, este não haveria esperado desde 1709 até 1724 para persegui-lo.²⁵⁴

Quanto ao envolvimento amoroso do padre com D. Paula, Taunay o reprovava, mas minimiza a crítica inserindo elogios ao falar sobre as conclusões do processo: “(...) são assás desabonadoras das virtudes do glorioso inventor do aeróstato, muito embora o eximam da acusação de se deixar arrastar à prática da feitiçaria, e outras, indignas da sua inteligência e cultura”.²⁵⁵

Na trajetória que nos é contada por Taunay, em nenhum momento se vê um Gusmão questionando dogmas religiosos, como o faz o Gusmão de Saramago. Ao contrário, ao transcrever um trecho de seu último sermão, o da festa de Corpus Christi (1721), Taunay nos mostra toda a devoção do padre a Deus, que menciona a pequenez do homem diante do Criador:

²⁵² TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 111, 113

²⁵³ Id., *ibid.*, p. 110.

²⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 108.

²⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 105.

-- Ah Senhor, se este mesmo mundo, se estes mesmos Ceos se achassem no Vosso conselho quando resolvestes sacramentar-Vos, com quanta apparencia, de razão poderiam dizer-Vos: lembrae-vos Senhor, do que sois e do que somos! Se nós, se toda a nossa grandeza, comparada comvosco nada é e perde-se no abysmo infinito de Vossa immensidade, como podereis Vós estreitar-Vos a ficar dentro do homem? Do homem, cuja limitada capacidade nos não póde comprehender a nós; homem que comparado com Vosco nada é também? ²⁵⁶

Já a Saramago interessa mostrar o drama teológico do padre que vai levá-lo à loucura. Drama que, segundo António Moniz, é “agravado por sua multiplicidade de funções e estatutos que faz dele um ser fragmentário e dividido, numa espécie de heteronímia pessoana, sem um travejamento unitário que o equilibre”. ²⁵⁷

3.3.1 O Gusmão de Saramago: Um personagem profano

Veremos agora com mais detalhes como Saramago utilizou diversas facetas do padre brasileiro para compor um personagem híbrido que, como cientista, ignora os fanatismos religiosos de sua sociedade e questiona os principais dogmas da Igreja.

Seu comportamento considerado inapropriado para um padre nos remete, novamente, a Serge Gruzinski, para quem o híbrido chega a scandalizar e ser visto como profano. São essas características, estudadas a seguir, que permitirão ao religioso assumir uma atitude de resistência diante do *establishment* da época. Vejamos:

²⁵⁶

Id., *ibid.*, p. 75.

²⁵⁷

MONIZ, Ant. P. *uma lei. de Mem. do conv.*, p. 83.

Interessado em questões relacionadas a voos, – assunto por si só mal visto pelo Santo Ofício -- Gusmão procura a mãe de Blimunda, atitude também condenável para um membro da Igreja da época, já que a personagem acaba punida pela Inquisição por seus poderes intuitivos. Em um diálogo com Baltasar, este pergunta:

Então foi por querer voar que conheceu a mãe de Blimunda, por ser de artes subtis, Ouvi dizer que ela tinha visões de ver pessoas voando com asas de pano, é certo que visões não falta por aí quem diga tê-las, mas havia tal verossimilhança no que me contavam, que discretamente a fui visitar um dia, e depois ganhei-lhe amizade (...).

²⁵⁸

Da mesma forma, ao invés de condenar a paranormalidade de Blimunda – o que seria de se esperar de um padre da época –, Gusmão não só a aceita como, em um batismo não convencional, dá-lhe o nome de Sete-Luas, em uma alusão a seus poderes:

(...) Baltasar depois disse ao padre Bartolomeu Lourenço, Este ferro não serve, tem uma racha por dentro, Como é que sabes, Foi Blimunda que viu, o padre virou-se para ela, sorriu, olhou um e olhou outro, e declarou, Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, tu serás Sete-Luas porque vês às escuras, e, assim, Blimunda, que até aí só se chamava, como sua mãe, de Jesus, ficou sendo Sete-Luas, e bem baptizada estava, que o baptismo foi do padre, não alcunha de qualquer um.

²⁵⁹

Baltasar perde, assim, o seu sobrenome cristão, que é Mateus; e Blimunda perde o sobrenome cristão de Jesus. Dessa forma, vemos uma nova heresia, com o padre descartando os sobrenomes cristãos e dando-lhes outros, alquímicos e mágicos. ²⁶⁰

²⁵⁸ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 62.

²⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 88.

²⁶⁰ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 95.

Ademais, Gusmão é um padre que não apenas não se importa em pregar uma mentira, como ainda admite que Deus também aceita tal comportamento. Mente a um vigário vizinho de Sete-Sóis dizendo que havia casado Blimunda e Baltasar em Lisboa, “(...) contente por assim ter mentido à face de Deus e saber que Deus não se importava, um homem tem de saber, por si próprio, quando as mentiras já nascem absolvidas”.

261

A sua obsessão de voar leva-o, assim, a compor uma parceria com um casal não abençoado pela Igreja e a usar as capacidades heréticas de Blimunda, que farão a passarola alçar voo. Por sua ousadia em tentar voar, Sete-Sóis lhe pede cautela:

(...) Parece-me que estão na verdade aqueles que disseram que essa arte de voar se entendia mais com o Santo Ofício que com a geometria, se eu estivesse no vosso caso dobraria de cautelas, olhai que cárcere, degredo e fogueira costumam ser a paga desses excessos, mas disto sabe um padre mais do que um soldado (...).²⁶²

As advertências de Baltasar, entretanto, não surtem nenhum efeito no padre, que tem como pecado o “(...) orgulho e ambição de fazer levantar um dia aos ares [a passarola] (...)”.²⁶³

A questão de Deus ser maneta aparece ainda numa primeira fase do romance, antes da passarola ser construída, evidenciando já uma atitude insólita de descrença religiosa por parte do padre. Gusmão lança a ideia ao convidar Baltasar e Blimunda para trabalharem com ele na construção da máquina de voar:

²⁶¹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 117.

²⁶² Id., *ibid.*, p. 62.

²⁶³ Id., *ibid.*, p. 86.

Com essa mão e com esse gancho podes fazer tudo quanto quiseses, e há coisas que um gancho faz melhor que a mão completa, um gancho não sente dores se tiver de segurar um arame ou um ferro, nem se corta, nem se queima, e eu te digo que maneta é Deus, e fez o universo (...).²⁶⁴

E Baltasar reage à heresia:

Que está a dizer, padre Bartolomeu Lourenço, onde é que se escreveu que Deus é maneta, Ninguém escreveu, não está escrito, só eu digo que Deus não tem a mão esquerda, porque é à sua direita, à sua mão direita, que se sentam os eleitos, não se fala nunca da mão esquerda de Deus, nem as Sagradas Escrituras, nem os Doutores da Igreja, à esquerda de Deus não se senta ninguém, é o vazio, o nada, a ausência, portanto, Deus é maneta. Respirou fundo o padre, e concluiu, Da mão esquerda.²⁶⁵

Vemos, assim, que o ex-soldado maneta, um homem simples do povo, transforma-se em mecânico da passarola, persuadido pelo argumento herético da analogia com o Deus-maneta, criador do universo – uma lógica heterodoxa advinda de uma interpretação literal da expressão bíblica “Senta-se à minha direita”. Esta argumentação que tanto impressionou Baltasar aproxima o protagonista, um homem do campo, do próprio Criador, em um simbolismo mitificante que visa escandalizar.²⁶⁶

Posteriormente, nos aproximadamente treze anos em que decorre a construção da passarola, a figura de Deus é redimensionada e envolta em um ceticismo cada vez maior, observa Arnaut, quando são repensadas “velhas verdades” como o dogma da Santíssima Trindade.²⁶⁷

²⁶⁴ Id., *ibid.*, p. 65.

²⁶⁵ Id., *ibid.*, 65.

²⁶⁶ MONIZ, Ant. *P. uma lei. de Mem. do conv.*, p. 73. 99

²⁶⁷ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv: hist., fic. e ideol.*, p. 48.

Como Salma Ferraz aponta em “*As faces de Deus na obra de um ateu - José Saramago*”, os três personagens substituirão progressivamente a Trindade consagrada pelo cristianismo. Bartolomeu, com seu vasto conhecimento científico e humanístico, alquímico e, principalmente teológico, representa dentro dessa nova trindade o papel de Deus. E é de um legítimo representante da Igreja, portanto de Deus, que vem a suprema heresia, a de voar, o que implica ser igual aos anjos. “Voar, literalmente, e voar como alegoria de libertação, de igualdade ou ainda de superação dos deuses”, diz Ferraz ²⁶⁸, acrescentando que o desejo de voar do padre é um desejo profano porque, se voar, igualar-se-á a Deus e chegará próximo ao céu, onde “até hoje apenas subiram Cristo, a Virgem e alguns escolhidos santos”. ²⁶⁹

Outra característica atribuída à Primeira Pessoa da Trindade, segundo a autora, é o fato dele ser o Senhor das indagações e das perguntas embaraçosas que ficam sem resposta, entre elas a dúvida se o divino é uno ou trio. ²⁷⁰ O padre ensaiava seu Sermão para a festa do Corpo de Deus quando grita a seguinte dúvida: “Deus é uno em essência e em pessoa, (...) Deus é uno em essência e trino em pessoa”. ²⁷¹ Diante de afirmações tão contraditórias por parte de um religioso, tanto Baltasar quanto Blimunda não sabem o que dizer diante das dúvidas que atormentam Gusmão:

(...) e o padre repetiu, Deus é uno em essência e pessoa, Deus é uno em essência e trino em pessoa, onde está a verdade, onde está a falsidade, Não sabemos, respondeu Blimunda, e não compreendemos as palavras, Mas acredito na Santíssima Trindade, no Padre, no Filho e no Espírito Santo, falo do que ensina a Santa Igreja, não do que disse o italiano, Acredito, Então Deus, para ti, é trino em pessoa, Pois será, E seu eu te disser agora que Deus é

²⁶⁸ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 83,86.

²⁶⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 86.

²⁷⁰ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 89.

²⁷¹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 166.

uma só pessoa, que era ele só quando criou o mundo e os homens, acreditarás, Se me diz que é assim, acredito, Digo-te apenas que acredites, em quê nem eu próprio sei, mas destas minhas palavras não fales a ninguém, e tu, Baltasar, qual é a tua opinião, Desde que comecei a construir a máquina de voar, deixei de pensar nessas coisas, talvez Deus seja um, talvez seja três, pode bem ser que seja quatro, a diferença não se nota se calhar Deus é único soldado vivo de um exército de cem mil, por isso é ao mesmo tempo soldado, capitão e general, e também maneta, como me foi explicado, e isso, sim, passei a acreditar, Pilatos perguntou a Jesus o que era a verdade e Jesus não respondeu, Talvez ainda fosse muito cedo para o saber (...).²⁷²

Vemos aí novamente os jogos de palavras, de conceitos aparentemente paradoxais típicos do Barroco, novamente nos reportando ao padre Vieira – que fazia perguntas a si próprio e, a partir daí, desenvolvia sua interpretação. Contrapondo perguntas, primeiro afirma a unicidade de Deus, depois aceita a Trindade. Em seguida, diz que Deus é uma pessoa só, acrescentando, finalmente, que o importante é crer, mas ele nem sabe em que. O que é a verdade é a grande indagação de Gusmão e do romance, já que nem Jesus soube responder a Pilatos. Para Saramago, se existe uma verdade, ela está no homem e somente ele sabe a resposta.²⁷³

A desconstrução de partes da Bíblia já havia começado anteriormente à conversa com Baltasar e Blimunda sobre a questão da verdade, em um diálogo com o músico Scarlatti:

(..) disse o padre, mas, desse modo, não está homem livre de julgar abraçar a verdade e achar-se cingido com o erro, Como livre também não está de supor abraçar o erro e encontrar-se cingido com a verdade, respondeu o músico, e logo disse o padre, Lembrai-vos de que quando Pilatos perguntou a Jesus o que era a verdade, nem ele esperou pela resposta, nem o Salvador Iha deu, Talvez soubessem ambos que não existe resposta para tal pergunta. Caso em

²⁷² Id., *ibid.*, p. 167.

²⁷³ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 90, 91, 97.

que, sobre esse ponto, estaria Pilatos sendo igual de Jesus, Derradamente, sim (...).²⁷⁴

O trecho acima diz respeito ao Evangelho de São João, 18:38. No texto bíblico, Pilatos perguntou o que era a verdade da qual Jesus tanto falava. Corrompendo o modelo bíblico, o padre afirma hereticamente que, talvez ambos, Pilatos e Jesus, soubessem que não havia resposta para esta questão. Conforme observa Salma Ferraz, podemos ver nessas falas uma ação do autor no sentido de inocentar mais um repudiado pelo Cristianismo: Pilatos.²⁷⁵

Voltando à questão anterior, com o trio substituindo a Santíssima Trindade (Baltasar, Cristo, e Blimunda, o Espírito Santo), notamos também aí um aspecto de carnalização, de inversão de papéis. Blimunda, por exemplo, é uma mulher do povo, mas ao mesmo tempo pode se apropriar das vontades humanas, que pertenceriam a Deus, além de ver o que ninguém vê. A esta descrença no valor de Deus e da sua religião agrega-se outro elemento que disputa o lugar do divino: o homem e a crença nas suas potencialidades para desempenhar o papel de protagonista em sua própria história. Não é à toa que vemos a sugestão de que a “trindade terrestre” é o segredo da passarola:

Disse o padre Bartolomeu Lourenço, Não irei revelar o segredo último do voo, mas, tal como escrevi na petição e memória, toda a máquina se moverá por obra de uma virtude atractiva contrária à queda dos graves, se eu largar esse caroço de cereja, ele cai para o chão, ora, a dificuldade está em encontrar o que o faça subir, E encontrou, O segredo, descobri-o eu, quanto a encontrar, colher e reunir é trabalho de nós três, É uma trindade terrestre, o pai, o filho e o espírito santo. Eu e Baltasar temos a mesma idade, trinta e cinco anos, não poderíamos ser pai e filho naturais, isto é, segundo a natureza, mais facilmente irmãos, mas, sendo-o, gémeos teríamos

²⁷⁴ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 157.

²⁷⁵ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 97.

de ser, ora ele nasceu em Mafra, eu no Brasil, e as parecenças são nenhuma, Quanto ao espírito, Esse seria Blimunda, talvez seja ela a que mais perto estaria de ser parte numa trindade não terrenal (...).²⁷⁶

Dessa forma, o Voador põe em xeque abertamente pontos considerados fundamentais e indiscutíveis de sua religião. E tal contestação ganha contornos mais convincentes por dois motivos. Primeiro, por ser não apenas um padre, mas um doutor nos preceitos do direito eclesiástico. O questionamento, portanto, viria de um estudioso da própria Igreja. Segundo, por tratar-se de um personagem que de fato existiu.

O Gusmão de Saramago tem mais fé na ciência do que na inspiração cristã da fé. Portanto, procura unir as teorias antigas da física medieval do éter como quinta-essência do mundo (além dos quatro elementos ar, água, terra e fogo) com a eletricidade presente no âmbar e o eletromagnetismo do ímã. Para tanto, ele que estudara no Brasil e em Portugal de acordo com o rígido esquema do ensino escolástico imposto pela contrarreforma, sente-se compelido a viajar para a liberal Holanda com o objetivo de comungar das novas descobertas científicas do século XVIII. De lá traz a nova e paradoxal teoria que destrói a antiga tese da existência de uma quinta-essência divina²⁷⁷:

(...) Na Holanda soube o que é o éter, não é aquilo que geralmente se julga e ensina, e não se pode alcançar pelas artes da alquimia, para ir buscá-lo lá onde ele está, teríamos nós de voar e ainda não voamos, mas o éter, dêem agora muita atenção ao que vou dizer-lhes, antes de subir aos ares para ser o onde as estrelas se suspendem e o ar que Deus respira, vive dentro dos homens e das mulheres (...).²⁷⁸

²⁷⁶ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 164, 165.

²⁷⁷ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 50.

²⁷⁸ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 121.

Para Gusmão, então, o elemento divino, que tudo sustenta no universo, nada mais é do que humano e está dentro de cada homem; o éter compõe-se, então, da vontade dos vivos. Assim, ao dizer que “um dia voarão os filhos do homem (...)”²⁷⁹, Gusmão deixa subentendido que isso acontecerá quando a humanidade substituir o domínio social da ideologia religiosa pelo pensamento científico, fundamentado no processo histórico.

280

Cabe destacar que o padre faz uma leitura completamente distinta da Igreja sobre a alma. Para Gusmão, ela não é a mesma coisa que as vontades dos seres vivos:

Dentro de nós existem vontade e alma, a alma retira-se com a morte, vai lá para onde as almas esperam o julgamento, ninguém sabe, mas a vontade, ou se separou do homem estando ele vivo, ou a separa dele a morte, é ela o éter, é portanto a vontade dos homens que segura as estrelas, é a vontade dos homens que Deus respira, (...).²⁸¹

Não é à toa que o padre temia os tentáculos do Santo Ofício, que veria a passarola como algo demoníaco. Para a Igreja, não havia vontades, só almas. E, provavelmente, ele, Baltasar e Blimunda seriam acusados de manterem presas as almas cristãs, impedindo-as de subirem aos céus. Estariam, então, roubando o que a Deus pertencia. Sem contar que é através do combustível da passarola, ou seja, das vontades humanas, que o homem vai se igualar a Deus, conforme analisa Salma Ferraz. Segundo ela, o narrador demonstra o indecifrável mistério das vontades ao dizer que onde cabe uma, cabem milhões. Em outras palavras, o um é igual ao infinito. Na passarola havia o âmbar amarelo, que atrairia o éter. Pois bem: o éter, na alquimia, era o resultado das vontades hu-

²⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 138.

²⁸⁰ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 51.

²⁸¹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 122.

manas. Portanto, Blimunda deveria andar sempre com o âmbar para atrair o éter (as vontades humanas). Quando visse a nuvem/vontade tentando sair de dentro das pessoas, deveria aproximar o frasco aberto e as vontades entrariam nele. “Portanto, morrem os homens, mas as vontades deles são perpétuas, permanecem na terra, não se dirigem para os céus. Não é através da alma que o homem se igualará a Deus, já que a alma pertence ao campo do divino, mas sim, através das vontades humanas, uma vez que os deuses se alimentam delas”, diz Ferraz.²⁸²

Esse outro trecho -- onde o padre, em uma mula, e Baltasar, a pé, seguem para S. Sebastião da Pedreira -- mostra que a dinâmica do mundo acontece por meio do fazer dos homens e não por vontade divina. Vemos que o padre valida a sabedoria esotérica: “(...) porque o mundo é ele uma nora e são os homens que, andando em cima dele, o puxam e fazem andar. Mesmo já cá não estando Sebastiana Maria de Jesus para ajudar com as suas revelações, é fácil ver que, faltando os homens, o mundo pára”.²⁸³

Observamos, ainda, que o trabalho de construção/desconstrução da passaro-la evidencia também a imprescindível ação do homem para a continuidade do mundo, o que descarta, indiretamente, a ação de Deus. Valoriza-se, portanto, o empreendedorismo, os experimentos, o fazer:

Em menos de uma semana deixou a máquina de ser máquina ou seu projecto, quanto ali se mostrava poderia servir para mil diferentes coisas, não são muitas as matérias de que os homens se servem, tudo vai é da maneira de as compor, ordenar e juntar, veja-se a enxada, veja-se a plaina, um tanto de ferro, um tanto de madeira, e o que faz aquela, esta não faz. Disse Blimunda, Enquanto o padre Bartolomeu Lourenço não chega, construímos aqui a forja, E como iremos fazer o fole, Vais a um ferreiro, vês como é feito, se à primeira não sair bem, sairá à segunda, se não conseguires à se-

²⁸² FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 96, 97.
²⁸³ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 63.

gunda, conseguirás à terceira, ninguém espera por nós para fazermos outra coisa que não seja isto (...).²⁸⁴

O fazer e desfazer também aparece em outros trechos evidenciando a relevância das ações do homem. Quando Scarlatti vê a passarola e questiona como ela passará pela porta, Blimunda responde com a solução: “Há um tempo para construir e um tempo para destruir, umas mãos assentaram as telhas deste telhado, outras o deitarão abaixo, e todas as paredes, se for preciso”.²⁸⁵

O problema da relação Deus/Homem é uma constante. No trecho abaixo, em suas elucubrações teológicas, Gusmão coloca que Deus depende do ser humano:

Deus cabe dentro do homem, mas como pode Deus caber no homem se é imenso Deus e o homem tão pequena parte das suas criaturas, a resposta é que fica Deus no homem pelo sacramento, claro está, claríssimo é, mas ficando no homem pelo sacramento, é preciso que o homem o tome, e assim Deus não fica no homem quando quer, mas quando o homem o deseja tomar, posto o que será dito que de alguma maneira o criador se fez criatura do homem (...).²⁸⁶

E segue com outra heresia, corrompendo o modelo bíblico, ao mencionar que Adão recebeu castigo cruel:

(...) ah, mas então grande foi a injustiça que se cometeu contra Adão, dentro de quem Deus não morou porque ainda não havia sacramento, e Adão bem poderá arguir contra Deus que, por um só pecado, lhe proibiu para sempre a árvore da Vida e lhe fechou para sempre as portas do paraíso, ao passo que os descendentes do mesmo Adão, com tantos outros e mais terríveis pecados, têm

²⁸⁴ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 137.

²⁸⁵ Id., *ibid.*, p. 163.

²⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 168.

Deus em si e comem a árvore da Vida sem nenhuma dúvida ou impedimento, se a Adão castigaram por querer assemelhar-se a Deus, como têm agora os homens a Deus dentro de si e não são castigados, ou o não querem receber e castigados não são (...) ²⁸⁷

Dono de uma mente em caos constante, Gusmão, que deveria representar Deus na Terra, segue questionando toda a base de sua religião. E continua com o devaneio expressando dúvidas heréticas:

(...) que ter e não querer ter Deus dentro de si é o mesmo absurdo, a mesma impossibilidade, e contudo Et ego in illo, Deus está em mim, ou em mim não está Deus, como poderei achar-me nesta floresta de sim e não, de não que é sim, do sim que é não, afinidades contrárias, contrariedades afins, como atravessarei salvo sobre o fio da navalha, ora, resumindo agora, antes de Cristo se ter feito homem, Deus estava fora do homem e não podia estar nele, depois, pelo sacramento, passou a estar nele, assim o homem é quase Deus, ou será afinal o próprio Deus, sim, sim, se em mim está Deus, eu sou Deus, sou-o de modo não trino ou quádruplo, mas uno, uno com Deus, Deus nós, ele eu, eu ele (...) ²⁸⁸

Vemos, assim, que o lado profano de Bartolomeu de Gusmão está em constante contradição com sua formação religiosa. É um homem torturado, desequilibrado, que caminha para o desfecho da loucura e da morte.

Posteriormente, sua fuga é desencadeada por essas pressões externas e internas, das quais o Santo Ofício é apenas a ponta do iceberg ²⁸⁹:

O padre Bartolomeu Lourenço entrou violentamente na abegoaria, vinha pálido, lívido, cor de cinza, como um ressuscitado que já fosse apodrecendo, Temos de fugir, o Santo Ofício anda à minha pro-

²⁸⁷ Id., *ibid.*, 168.

²⁸⁸ Id., *ibid.*, 168.

²⁸⁹ MONIZ, Ant. P. *uma lei. de Mem. do conv.*, p. 85.

cura, querem prender-me, onde estão os frascos. Blimunda abriu a arca, retirou umas roupas, Estão aqui, e Baltasar perguntou, Que vamos fazer. O padre tremia todo, mal podia sustentar-se de pé, Blimunda amparou-o, Que faremos, repetiu, e ele gritou, Vamos fugir na máquina, depois, como subitamente assustado, murmurou quase inaudivelmente, apontando a passarola, Vamos fugir nela, Para onde, Não sei, o que é preciso é fugir daqui. Baltasar e Blimunda olharam-se demoradamente, Estava escrito, disse ele, Vamos, disse ela.²⁹⁰

O desequilíbrio de Gusmão, atormentado por suas ideias consideradas profanas, vai chegando ao pico em sua fuga na passarola com Baltasar e Blimunda:

O padre ria, dava gritos, deixara já a segurança do prumo e percorria o convés da máquina de um lado a outro para poder olhar a terra em todos os seus pontos cardeais, tão grande agora que estavam longe dela, enfim levantaram-se Baltasar e Blimunda, agarrando-se nervosamente aos prumos, depois à amurada, deslumbrados de luz e de vento, logo sem nenhum susto, (...) O padre veio para eles e abraçou-se também, subitamente perturbado por uma analogia, assim dissera o italiano, Deus ele próprio, Baltasar seu filho, Blimunda o Espírito Santo, e estavam os três no céu, Só há um Deus, gritou, mas o vento levou-lhe as palavras da boca. (...)

Nunca perguntaremos se haverá juízo na loucura mas vamos dizendo que de louco todos temos um pouco. (...)

O sol vai baixando para o lado da barra (...). O padre Bartolomeu Lourenço sente uma inquietação cuja causa não consegue discernir (...) é como se finalmente tivessem abandonado o porto e as suas amarras para ir descobrir os caminhos ocultos (...).²⁹¹

E, apesar de a passarola ter conseguido pousar ilesa com as providências do casal, o fim trágico do padre é iminente. Enquanto Baltasar planejava fazer subir novamente a máquina no dia seguinte, os sinais de loucura de Gusmão são aparentes:

²⁹⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 186.

²⁹¹ Id., *ibid.*, p. 189, 190, 193.

Faremos subir a máquina, já conhecemos as manobras, se o vento nos não faltar, um dia inteiro dará para chegarmos longe, onde o Santo Ofício o não alcance. O padre Bartolomeu Lourenço não respondeu. Apertava a cabeça entre as mãos, depois fazia gestos como se conversasse com um ser invisível, e o seu vulto tornava-se cada vez mais impreciso na escuridão.²⁹²

Após por fogo em sua grande obra, ele desaparece:

Blimunda perguntou em voz baixa, num tom neutro, como se conhecesse de antemão a resposta, Por que foi que deitou fogo à máquina, e Bartolomeu Lourenço respondeu, no mesmo tom, como se estivesse à espera da pergunta, Se tenho de arder numa fogueira, fosse ao menos nesta. Afastou-se para as moitas que ficavam da banda do declive (...) O tempo passava, o padre não reaparecia. Baltasar foi buscá-lo. Não estava. Chamou por ele, não teve resposta. (...) Sumiu-se, e Blimunda declarou, Foi-se embora, não o tornaremos a ver.²⁹³

3.3.2 A articulação de diferenças na construção de identidades

Com base no estudo do hibridismo citado por Bhabha em *O local da cultura* e seus processos produzidos na articulação das diferenças culturais nos “entrelugares”, vemos como Gusmão negocia seus valores, experiências e espaço junto à elite portuguesa, trazendo em sua bagagem a origem simples de um padre do Brasil colônia.

Tanto Taunay como Saramago destacam as ligações do religioso com as classes mais humildes, a começar pela menção feita por Taunay sobre a residência da família em Santos, descrevendo-a como a “(...) modesta casinha paterna na rua do Co-

²⁹² Id., *ibid.*, p. 197.

²⁹³ Id., *ibid.*, p. 198, 199.

mércio (...)”²⁹⁴. Já em Saramago, a grande prova do relacionamento do padre com as classes humildes reside na amizade de Gusmão com Blimunda e Sete-Sóis. “Diz o padre Bartolomeu de Lourenço, No mundo tenho-te a ti, Blimunda, a ti, Baltasar, estão no Brasil os meus pais, em Portugal meus irmãos, portanto pais e irmãos tenho, mas para isto não servem irmãos e pais, amigos se requerem (...)”²⁹⁵

Ou então em: “Deitou o padre Bartolomeu Lourenço a bênção ao soldado e à vidente, eles beijaram-lhe a mão, mas no último momento se abraçaram os três, teve mais força a amizade que o respeito, e o padre disse, Adeus Blimunda, adeus Baltasar (...)”²⁹⁶

Por outro lado, Saramago mostra-nos em uma das primeiras referências que faz ao padre a sua influência junto à corte portuguesa, ao contar que ele foi ao palácio real a pedido de Baltasar apurar se haveria ou não uma pensão de guerra. Disse o padre a Sete-Sóis:

Falei com os desembargadores destas matérias, disseram-me que iam ponderar o teu caso, se vale a pena fazeres petição, depois me darão uma resposta, E quando será isso, padre, quis Baltasar saber, ingénua curiosidade de quem acaba de chegar à corte e lhe ignora os usos, Não te sei dizer, mas, tardando, talvez eu possa dizer uma palavra a sua majestade, que me distingue com a sua estima e protecção, Pode falar com el-rei, espantou-se Baltasar (...)”²⁹⁷

Ou então, mais adiante, em outra conversa com Sete-Sóis, disse Gusmão: “(...) se não fosse a protecção de el-rei não sei o que seria de mim, mas el-rei acreditou

²⁹⁴ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 17.

²⁹⁵ Id., *ibid.*, p. 121.

²⁹⁶ Id., *ibid.*, p. 94.

²⁹⁷ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 58, 59.

na minha máquina e tem consentido que, na quinta do duque de Aveiro, a S. Sebastião da Pedreira, eu faça os meus experimentos (...).²⁹⁸

Taunay também destaca a amizade que D. João V nutria por Bartolomeu, porém com mais frequência do que Saramago. Tem a intenção de mostrar que, não obstante as críticas e as contrariedades, o talento do padre foi, de certa forma, reconhecido principalmente pelo monarca português. Destaca tal apreço ao salientar que Gusmão sabia que “(...) o Rei positivamente por êle se interessava.”²⁹⁹ Ou então no seguinte trecho:

Persistia D. João V em demonstrar a Bartolomeu de Gusmão todo o apreço. Revelam-no a dedicatória do memorial sobre a bomba marítima e, pouco depois, o convite a vilegiaturar com os Reis e a Corte em Salvaterra de Magos, a incumbência da pregação de um sermão e a impressão desta peça oratória pelo real bolsinho.³⁰⁰

Ao citar palavras de Manuel M. Rodriguez, Taunay conta-nos que D. João V, o marquês de Fontes e o conde de Ericeira encontraram no religioso “bastantes notícias de matemáticas”.³⁰¹ Como consequência, el-rei ordenou o pagamento de uma mesada ao religioso para estudar matemática, benefício que acabou cancelado após reclamação da Junta dos Tres Estados, que informou ao rei não ter recursos para efetuar os pagamentos.³⁰² Podemos ver outros exemplos de apreço do monarca por Gusmão quando o monarca conferiu a seu pai o título de Fidalgo da Casa Real³⁰³, ou quando Taunay cita o final da obra *Memória*, descoberta por Felipe Simões. O texto confirma a proteção cons-

²⁹⁸ Id., *ibid.*, p. 61.

²⁹⁹ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 43.

³⁰⁰ Id., *ibid.*, p. 55.

³⁰¹ Id., *ibid.*, p. 210.

³⁰² Id., *ibid.*, p. 210, 211.

³⁰³ Id., *ibid.*, p. 90.

tante de D. João V ao seu amigo, até quando entendera não ter mais condições de conservá-lo na corte. “Salvara-o, contudo, da vindita dos inimigos rancorosos”.³⁰⁴

O primeiro sermão impresso feito por Gusmão, dedicado à Virgem Maria, foi-lhe encomendado por D. João V em 1712. “Do panegírico da Virgem incumbiu El-Rei a Bartolomeu de Gusmão, nova mostra do valimento que atraia o jovem prégador brasileiro ao convívio das pessoas magestáticas, na intimidade de uma vilegiatura”, diz Taunay.³⁰⁵

E, por gozar da simpatia de D. João V, conseguiu angariar elogios até de autoridades do Santo Ofício que, mais tarde, iria persegui-lo. Segundo Taunay, em meados de 1721, o prestígio de Gusmão chegou ao apogeu. Sobre o sermão de Corpus Christi, o Censor do Paço, o Rev. Fr. Boaventura de São Gião, para fazer média com o rei, reservou rasgados elogios ao padre brasileiro³⁰⁶:

Da America para este Reino (...) transportou-se esse grande engenho, sendo a prenda mais preciosa que podia, em suas frotas, offercer ao seu Soberano aquella grande parte do mundo, presentando o Oceano ao Tejo, offerta da maior valia que o tributo que continuamente recebe de suas crystallinas aguas e douradas areias.³⁰⁷

Chegou até a comparar sua oratória aos grandes, diz Taunay:

E cada vez mais exagerado na ansia de agradar ao valido real, chegava Fr. Boaventura a verdadeiro cúmulo: a equiparar-lhe a oratória à de Antonio Vieira! Enviara a Divina Providência Bartolomeu a

³⁰⁴ Id., *ibid.*, p. 95.

³⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 67.

³⁰⁶ Id., *ibid.*, p. 72.

³⁰⁷ Id., *ibid.*, p. 73.

Portugal para substituir o formidável jesuíta, “de cujo talento e compreensão era herdeiro”.³⁰⁸

3.3.2.1 A questão identitária no ambiente colonial

A busca por espaço de Gusmão no país colonizador está relacionada a questões de identidade remetendo-nos aos estudos de Bhabha, como vemos em Menezes de Souza³⁰⁹. Seguindo Fanon, Bhabha aponta três aspectos fundamentais no processo de construção da identidade em contextos coloniais. Em primeiro lugar, é preciso existir para *outro*. A construção da identidade do sujeito implica um desejo lançado para fora; dessa forma, a base para a construção da identidade é constituída pela relação desse desejo para com o lugar do *outro*. Isso resultaria no que Fanon chamaria de “sonho de inversão”, ou seja, um sonho no qual o colonizado sonha em, um dia, ocupar o lugar do colonizador. Várias passagens na biografia escrita por Taunay sinalizam, por parte de Gusmão, esse movimento de ocupação de espaço. Ao mudar-se para a avançada Europa, continente das potências da época, o padre descarta seu nome de batismo, Bertolameu, assume a forma mais moderna Bartolomeu e, posteriormente, o sobrenome Gusmão, preparando-se para ser doutor em uma universidade portuguesa. A busca do prestigiado diploma vai lhe conferir status na corte, assim como suas escolhas profissionais. Conforme mencionado, após seu doutoramento em Coimbra, volta a Lisboa onde entra para a

³⁰⁸ Id., *ibid.*, p. 73.

³⁰⁹ Os conceitos aqui apresentados sobre identidade em contextos coloniais foram extraídos de SOUZA, L. M. T. M. de. “Hib. e trad. cult. em Bh.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 120, 121.

Secretaria de Estado de D. João V, alcançando lugar de destaque no serviço diplomático português.³¹⁰

Nesse esforço de identificação com o colonizador, na folha de rosto de seu terceiro e último sermão impresso, o da festa de Corpo de Deus, em 1721, ele se intitula “Fidalgo cappellão da Casa de Sua Majestade e das Academias Real e Portuguesa”.³¹¹

Por sua vez, de acordo com Bhabha, o colonizador sonha aterrorizado e de forma paranoica com a ameaça de perder seu lugar privilegiado para o colonizado. Dessa forma, o desejo colonial enquanto construção de identidade é sempre articulado em relação ao lugar do *outro*.³¹² Tal temor pode ter sido a motivação para a reação negativa de parcela da população portuguesa em relação aos inventos de Gusmão. Ao invés de reconhecer a importância das experiências realizadas pelo brasileiro, poetas anônimos ou não o atacaram ferozmente por meio da galhofa com o intuito de desacreditá-lo.

Além das críticas de Tomaz Pinto Brandão, Taunay nos apresenta o documento *Memoria do padre Bartholomeu Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pela razão que abaixo de relata*, de autoria anônima, descoberto na biblioteca da Universidade de Coimbra por Felipe Simões. Citando inicialmente que o padre é natural do Brasil e que recebe apoio do Marquês de Abrantes, o autor não desconhece os talentos do padre, que mostrou a D. João V a sua rara

em outrem vista memoria, pois dizia que sómente de ouvir um sermão o repetia, palavra por palavra, e na mesma fórma repetia a lauda de qualquer livro, e, o que mais é, que que repetia tudo o que lia ás avessas, sem lhe errar palavras, e com estas e outras habili-dades o introduziu em palácio.³¹³

³¹⁰ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 63.

³¹¹ Id., *ibid.*, p. 71.

³¹² SOUZA, L. M. T. M. de. “Hib. e trad. cult. em Bh.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 120.

³¹³ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 55.

Contudo, a menção à inteligência de Gusmão e à receptividade de autoridades só serve para criar o contraponto que virá com a galhofa sobre a sua invenção e o ataque a aqueles que esperavam algum êxito das experiências. No trecho abaixo, o anônimo escritor cita a “nação portuguesa” sendo enganada (pelo brasileiro), indicando-nos uma atitude de defesa pelo temor ao colonizado, conforme exposto por Bhabha.

É miseravel esta nossa nação portugueza, que não só o plebeu, mas ainda algumas pessoas de claro entendimento se capacitaram de que teria effeito esta invenção, e uma dellas foi o Marquez de Abrantes, que defendia e aprovava esta materia com tanta tenacidade, que rompia em impaciencia e despresos de quem lh’o contradizia, e era para elle como ponto de fé esta idéa.³¹⁴

Ou ainda na passagem a seguir, onde o anônimo comenta com amargor os direitos de tal invento terem sido dados somente ao brasileiro pelas mais altas autoridades da corte:

Passou a mais misera da nação, porque se lhe passou alvará de mercê pelo Desembargo do Paço, assignado por Sua Magestade, de que não poderia outra pessoa alguma fazer o tal invento senão elle, cujo alvará passou pela chancellaria, e pagou novos direitos de mercê. Isto succedeu no principal tribunal da côrte (como todos sabem) que é a mesa do Desembargo do Paço, em que assistem os ministros de maior reputação, aos quaes presidia naquelle tempo o Duque de Cadaval, principe que foi dotado de heroicas e clarissimo entendimento.³¹⁵

Por fim, faz menção à viagem de Gusmão à Holanda para deixar claro que os holandeses não se deixaram enganar pelo padre:

³¹⁴ Id., *ibid.*, p. 56.

³¹⁵ Id., *ibid.*, p. 56, 57.

(...) fugiu desta Côrte para Hollanda, aonde tambem quiz dar mostras das suas habilidades, como se os hollandezes fossem tão fa-
ceis de enganar, como os portuguezes.

Não fizeram caso da sua memoria, porque diziam (e não há duvida) que muitos homens tinham no seu reino de mais requintadas memorias, dos quaes se não fazia caso (sic) e muito menos fizeram das mostras, que começou a dar das suas habilidades, vendendo-as por grangear dinheiro, como bufarinheiro: mas foi muito pouco o que tirou.

A primeira foi por-se a assar carne ao sol com uns vidros diante, das quaes e doutras ridicularias semelhantes se começaram a rir, e a escarnecer os hollandezes.³¹⁶

Ao criticar, com aparente total desconhecimento, outro invento possivelmente baseado nas propriedades das lentes convergentes, o escritor anônimo passa a mensagem de que só mesmo portugueses incautos para acreditarem em um colonizado. De acordo como a construção da identidade do sujeito colonial se articula, o anônimo perderia espaço se qualquer tipo de crédito fosse dado a Gusmão. É preciso, então, ridicularizá-lo. Nesse processo, cria para si uma máscara como possuidor de uma cultura superior que, a exemplo dos holandeses, não se deixou enganar.

Os outros dois aspectos apontados por Bhabha podem também ser reconhecidos no Bartolomeu de Taunay. Nesse espaço relacional marcado pela alteridade e pela duplicidade, ocorreu um processo de cisão: ao mesmo tempo em que o colonizado almeja ocupar o lugar do colonizador, ele não quer abrir mão de ocupar seu espaço de colonizado. “Nesse sentido, no processo relacional da constituição de identidades, a alteridade do branco constitui o negro tanto quanto a alteridade do negro constitui o branco: instaura-se assim o hibridismo no seio da identidade”, diz Menezes de Souza.³¹⁷

³¹⁶ Id., *ibid.*, 57.

³¹⁷ SOUZA, L. M. T. M. de. “Hib. e trad. cult. em Bh.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 120.

Tal aspecto fica evidente no sermão que Gusmão escreve, em 1718, em honra a Nossa Senhora do Desterro, padroeira dos emigrados. Nele, salienta a sua posição de colonizado nas saudades que sente da pátria distante. Vejamos o que Taunay nos apresenta:

Pungido pelas recordações pátrias, eloquente, exclamava o santista, ao lembrar que Nossa Senhora também estivera sete anos desterrada:

‘Difficultosa e admiravel resolução a que impelle ao exilio!

Quem ha que vendo o Sol voltar todos os annos, á mesma casa de onde sahiu, e vendo se fora da sua o não combatam as saudades da patria?

O coração aperta e se angustia; os olhos apenas retêm as lagrimas: a memoria nos afflige sem cessar; o sitio da Patria, as conversações, os amigos, as saídas, os divertimentos, tudo nos anda diante dos olhos, tudo nos martiriza!’

Depois desta expansão exclamava o exilado, triste, mas não sabemos se sincero ou visando unicamente fins oratórios:

‘Porque hei de viver tantos annos desterrado? que peito ha, tão de bronze que não arrebente de dor e saudade?’³¹⁸

Por último, segundo Bhabha, o processo de identificação nunca se limita à afirmação de uma identidade preexistente, pelo contrário. Trata-se sempre da produção de uma imagem de identidade acompanhada simultaneamente pela tentativa de transformar o sujeito, fazendo com que ele assuma essa imagem. A angústia e a cisão no processo de identificação surgem, justamente, na percepção do espaço intersticial e relacional entre a imagem (a máscara) e a pele; e a percepção desse espaço faz com que o sujeito se esforce mais ainda para tentar eliminar a distância inapagável entre a máscara e a pele, na busca por uma imagem “autêntica”. Ou seja, o sofrimento e a angústia da busca pela

³¹⁸

TAUNAY, Afonso de E. B. *de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 70.

imagem emanam do fato de que, por mais autêntica que possa parecer a imagem, ela não deixará de ser apenas uma imagem, que nunca substituirá a coisa em si.³¹⁹

Tal angústia reflete-se no comportamento errático e inconstante de Gusmão. Já vimos que não é conhecida a razão porque abandonou a Companhia de Jesus, desistindo de ser jesuíta. Também não se sabe ao certo o que lhe motivou a interromper os estudos na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra, após ter se matriculado em dezembro de 1708. Só retoma o curso aos 32 anos, após suas viagens pela Europa, onde se diz que chegou a ser vendedor na rua. Deixa de lado os aeróstatos para ocupar-se de outros inventos, como as bombas de esgotamento de naus.³²⁰ Por fim, sua angústia transforma-se em um pânico que o leva a abandonar tudo em fuga desesperada, culminando em sua morte. Fim esse desnecessário, pois seus biógrafos afirmam que, se tivesse vivido, encontraria o perdão do rei no caso da Trigueirinha. Gusmão, entretanto, foi vítima dessa angústia insolúvel originada no seio da busca identitária.

3.3.2.2 A subversão presente no híbrido

Por último, vemos em Taunay que as ambivalências do padre, tidas como inconstâncias, são vistas como um problema pelas autoridades, pois subvertem o sistema. Sobre o paradeiro do padre em viagem na Europa, o embaixador português em Haia, Conde de Tarouca, diz em carta: “Antes me afirmarão, que vive modestamente, em cuja moderação faz pouco merecimento por ser tão inconstante como se tem visto”.³²¹

³¹⁹ SOUZA, L. M. T. M. de. “Hib. e trad. cult. em Bh.”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Marg. da cult.*, p. 120, 121.

³²⁰ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 31, 50, 51, 218.

³²¹ Id., *ibid.*, p. 51.

Depois de sua fuga para a Espanha após o caso das freiras, sabia-se que pretendia estabelecer-se em Paris. Dom João V ordenou então ao seu embaixador que fizesse passar por louco o seu antigo valido. “Achava o diplomata fácil conseguir-se tal intento, tanto mais quanto sempre êle próprio tivera o santista como desequilibrado ‘sem embargo do seu grande engenho’”.³²²

Vemos então o cerne do conceito de hibridismo de Bhabha e suas raízes em Bakhtin – cuja proposta não é fundir pontos de vista diferentes, mas colocá-los uns contra os outros numa situação de conflito, quando se desmascara, então, o discurso da autoridade.³²³ Por meio de Gusmão e suas múltiplas facetas, o português da corte, o colonizador, se vê ignorante diante da erudição do religioso. A criatividade do padre vista em inventores de outros países europeus, como Inglaterra e França, mostra mais uma vez aos seus colonizadores a sua fragilidade intelectual. É preciso, então, rechaçá-lo, desacreditá-lo.

3.3.3 Os ataques e insultos ao Voador

Como vimos, o processo de negociação de espaço não ocorre sem confrontos, típicos nos processos de hibridismo. Em diversos trechos, Taunay ressalta os diversos ataques que Gusmão foi alvo devido ao resultado de suas experiências aerostáticas.

As galhofas começaram em 1709, quando se espalhou por Lisboa que Bartolomeu Lourenço ia realizar experiências com a sua máquina voadora e ele tornou-se

³²² Id., *ibid.*, p. 124.

³²³ YOUNG, Robert J. C. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London e New York, Routledge, 1995, p. 21, 22. Tradução nossa.

uma celebridade. A galeria de críticos que se empenhou em detratar a sua figura, procurando prejudicá-la junto a D. João V, foi capitaneada por Tomaz Pinto Brandão.³²⁴ É interessante notar como Taunay assume a defesa do padre ao chamar seus críticos de “camarilha de detratores”.³²⁵ E acrescenta: “Contra o inventor, e o invento, alçou-se um côro de soezes injúrias e pesados escárneos, formando vultosa antologia de charra e insulsa versalhada”.³²⁶

Observa que são numerosas as poesias concernentes à máquina voadora e que não se sabe quais se perderam e quantas outras ainda podem aparecer. Nenhum poeta da época, entretanto, criticou tão ferozmente o padre brasileiro quanto Brandão, de acordo com Taunay. Ele cita, por exemplo, versos que “ridicularizam” o inventor, de autoria de Brandão, que foram retirados da biografia do padre intitulada *Memória*, de Freire de Carvalho. A peça intitula-se *Ao novo invento de andar pelos ares*, e é anterior às experiências com o seu tom de denúncia, observa Taunay³²⁷:

DÉCIMAS

1º

Esta maroma escondida,
Que abala toda a cidade,
Esta mentira verdade,
Ou esta duvida criada;
Esta exalação nascida
No Portuguesez firmamento:
Este nunca visto invento
Do Padre Bartholomeu,
Assim fôra santo eu,
Como ella he coisa de vento.

³²⁴ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 42, 43.

³²⁵ Id., *ibid.*, p. 157.

³²⁶ Id., *ibid.*, p. 176.

³²⁷ Id., *ibid.*, p. 177.

2º

Esta féra passarola,
 Que leva, por mais que brame,
 Trezentos mil réis de arame
 Sómente para a gaiola:
 Esta urdida paviola,
 Ou este tecido enredo:
 Esta das mulheres medo
 E emfim dos homens espanto;
 Assim fôra eu cedo santo
 Como se ha de acabar cedo.

Como vemos, nos versos acima Brandão menciona o alvoroço causado em Portugal pelo experimento do padre, os altos gastos para a sua construção e a convicção de que a passarola não dará em nada. Contudo, além do tom de crítica às experiências aerostáticas, notamos também o de deboche à sociedade da época: a referência ao medo das mulheres e ao espanto dos homens diante da novidade, inclusive como fator que contribuiria para o fracasso da máquina de voar. Na antítese “Esta mentira verdade” que reflete o dualismo barroco na primeira estrofe, notamos inclusive um possível reconhecimento da autenticidade da experiência que, no entanto, não teria resultados frutíferos (“Como ella he coisa de vento”). Afinal, Portugal nunca vira nada igual (“No Portuguese firmamento/Este nunca visto invento/Do Padre Bartholomeu”). Em um jogo de duplo sentido, Brandão faz galhofa, mas ao mesmo tempo, parece insinuar que o experimento estava fadado ao fracasso devido à mentalidade atrasada de sua terra.

Como aponta João Adolfo Hansen, em seu artigo *O percevejo, as carnes e a utopia*, Brandão -- amigo do poeta Gregório de Matos, o Boca do Inferno -- sabia que a autonomia prometida nos voos inclinava-se a subverter os costumes. Hansen lembra que

as sátiras de Brandão associam a inovação científica e bruxaria, onde a passarola de Gusmão infringe as leis naturais da divina Providência em que se baseiam o Estado e a Igreja. Brandão seria, assim, “revolucionário como Gregório de Matos, que por ‘revolução’ entendia o movimento circular de um corpo que sucessivamente retorna ao ponto inicial de donde saiu”.³²⁸

Também seria original como Gregório, invocando as autoridades que repõem as coisas na ordem de origem. E, como de hábito, as autoridades poderiam queimar a passarola e o seu autor.³²⁹ É o que vemos nessa outra décima, onde Brandão diz que o padre poderá ter o mesmo fim de Antonio Homem, Decano da Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra que, depois de garroteado, foi jogado em uma fogueira como pecador e judeu³³⁰:

Na fortuna que o ergueu
Teve a sua desventura
Pois o ver-se em tanta altura
Foi o que desvaneceu
De tudo ao nada desceu

E quando outro rumo tome
Mudando de alma e de nome
Quererá com certo apenso
De Bartolomeu Lourenço
Passar para Antonio Homem.

Contudo, ressaltamos aqui que a ferocidade com a qual Brandão atacava o padre derivava, provavelmente, da necessidade de o colonizador vestir uma máscara de

³²⁸ HANSEN, João Adolfo. O percevejo, as carnes e a utopia. *Folha de S. Paulo*. Disponível em <http://biblioteca.folha.com.br/1/04/1998101801.html>. Acesso em 07/04/2011.

³²⁹ Id., *ibid.*

³³⁰ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 53.

superioridade, com base no temor de perder terreno para o colonizado – conforme já citado em Bhabha. Nas apócopes do soneto de Brandão apresentado abaixo que Augusto Felipe Simões descobriu na Universidade de Coimbra, Taunay vê a possibilidade de representarem “a verberação de um vício de linguagem acoimado aos brasileiros ignaros”. Acrescenta que, como Brandão residira por longo tempo no Brasil, “sempre que lhe era possível agredia, do modo mais soez, os colonos americanos”³³¹:

AO PADRE VOADOR

Como segredos totaes do gabiné (te)
 Se foi no pecabote o Voadô (r)
 E agora espalhará por todo o Nó (rte)
 O que se não sabia neste re (ino)

Julgam todos que foi fe (ito)
 Para que não se fiem no ranho (so)
 Negocios que dependem de outros ho (mens)
 Encargos que se dão a outros subj (eitos)

Muitos trezentos mil reis delle apledi (?)
 Sem saber qual delles o levá (rá)
 A terras contra nossa religi (ão)

Nesse mundo inquieto aonde está
 Se espera da gente de outro cli (ma)
 E de homens com discurso endiabra (do)

Taunay, não poupando esforços para defender a prioridade aerostática de Gusmão, critica Brandão e, em defesa do padre, cita um trecho de carta de Camilo Castello Branco, de 1873, dirigida a Alberto Pimentel:

³³¹ Id., *ibid.*, p. 53,54.

A plebe de 1709, má porque ignorante, disse que o padre Bartolomeu era feiticeiro; mas os doutos, os poetas daquele tempo, que não acreditavam nos feitiços, perseguiram o padre com a irrisão, e depois com os quadrilheiros do Santo Ofício, porque êle, pactuando com o diabo, tecera as asas da Passarola, e afrontara a santa ignorância de frades e poetas, que nunca tinham ousado erguer-se acima da terra sem o auxílio de uma escada.³³²

Nas décimas intituladas *Ao padre Bartholomeu, lendo na Academia*, que Augusto Felipe Simões inseriu na *A invenção dos aeróstatos*, Brandão, a quem Taunay chama de “insultador profissional”, não dá trégua a seus ataques³³³:

Meu padre Bartholomeu
 Eu, segundo o meu sentir
 Não vi outro mais subir
 De quantos vi voar eu;
 O conceito é como meu;
 Que o que não pude achar melhor;
 Porem se como orador
 Tanto sabeis levantar,
 Não me deveis estranhar
 Que eu vos chame Voador.

Tanto no ar vos remontaes,
 Que com delgadas idéas
 Fazeis de alcunhas plebeas
 Anatonomasias reaes;
 E, pois vos avisinhaes
 Mais ao celeste fulgor,
 Será tyranno rigor,

³³² Id., *ibid.*, p. 133.

³³³ Id., *ibid.*, p. 82,83.

Que eu no ar também não fale,
 E que na terra se cale,
 Que é uma aguia o Voador, etc.

No verso “não vi outro mais subir”, entendemos que Brandão caça do resultado das experiências aerostáticas. Sua capacidade de fazer uma máquina voadora não seria real, devendo-se apenas à lábia de ser bom orador: “Porém se como orador/ Tanto sabeis levantar/Não me deveis estranhar/Que eu vos chame Voador”.

Já os versos “Fazeis de alcunhas plebeas/Antonomasias reaes” são uma clara referência ao fato de o padre não ter adotado o sobrenome de seu pai, Rodrigues, e sim o de Gusmão, “altissonante no nobiliário ibérico, e patronímico da rainha D. Luiza de Guzman, mulher de D. João IV e avó de D. João V”, explica Taunay.³³⁴

Já em Saramago, as zombarias as quais o padre foi submetido também não passam despercebidas. É o que vemos no seguinte diálogo sobre o nome da máquina de voar ser “passarola”: “É assim que se chama a sua máquina, perguntou Baltasar, e o padre respondeu, Assim lhe têm chamado por desprezo”.³³⁵

Ou nessa conversa entre os dois quando a passarola ficou pronta: “Terei de informar el-rei de que a máquina está construída, mas antes haveremos de experimentá-la, não quero que tornem a rir-se de mim, como há quinze anos fizeram (...)”.³³⁶

O descontentamento pelo atraso e pela falta de visão da sociedade da época para reconhecer seu feito também ficam evidentes na seguinte afirmação feita por Gusmão a Baltasar: “Tenho sido a risada da corte e dos poetas, um deles, Tomás Pinto Bran-

³³⁴ Id., *ibid.*, p. 83.

³³⁵ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 63.

³³⁶ Id., *ibid.*, p. 181.

dão, chamou ao meu invento coisa de vento que se há-de acabar cedo...”.³³⁷ Tal frustração acaba por contribuir para o seu fim trágico, conforme vimos anteriormente.

3.3.4 Múltiplos nomes para uma multiplicidade de “eus”

Nesse universo de intensas trocas, as identidades passam por processos de desconstrução e reconstrução, de renovação e adaptação. Em seus estudos sobre literatura, Ettore Finazzi-Agrò observa que, mais do que qualquer outro país da América Latina, o Brasil surge sob a marca “diabólica” da multiplicidade, do pluralismo das alusões étnicas e culturais, como resultado de um emaranhado engaste de espaços heterogêneos que resultam em um coágulo exemplar de alteridade. E Gusmão, imigrante brasileiro a viver na corte portuguesa, representa essa mistura. O seu *outro* é, como diria Finazzi-Agrò, o que se mexe além duma fronteira, num “fora” indefinido e indefinível. E o que gera o *outro* é precisamente essa fronteira, que classifica de “borda trabalhada e instável, margem dilacerada” – noções relativas, mutáveis e interdependentes, mas que servem para delimitar o âmbito de um modelo cultural.³³⁸

E esse é o hibridismo de Gusmão, mescla essa que lhe possibilitou a elaboração de múltiplas identidades nos diversos espaços culturais por onde transitou. Já abordamos as questões de negociação de espaço e dos conflitos resultantes no processo de construção de identidade. Enfocaremos a seguir como esses aspectos refletiram-se nos nomes próprios do religioso. Como veremos em trechos pinçados de Taunay, a adoção

³³⁷ Id., *ibid.*, p. 61.

³³⁸ FINAZZI-AGRÒ, Ettore. O duplo e a falta – Construção do outro e a identidade nacional na literatura brasileira. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 1, Abralic, Niterói, março 1991, p. 53, 54.

do sobrenome Gusmão e alterações na grafia de seu primeiro nome equivalem a fases ou identidades assumidas ao longo de sua vida. Também em Saramago, os matizes do padre refletem-se nas diferentes formas em que seus nomes são apresentados. Enfim, múltiplos nomes para uma multiplicidade de “eus”. Começemos por Taunay:

Dos doze filhos de Francisco Lourenço Rodrigues e D. Maria Alvares, oito eram eclesiásticos, sendo que quatro adotaram o sobrenome de “Gusmão” em honra ao célebre jesuíta Alexandre de Gusmão. Amigo da família, ele foi padrinho de batismo do irmão de Bartolomeu, que ganhou o seu nome. Taunay explica que, na época, embora fosse natural que os filhos tomassem o nome paterno, era “(...) comuníssimo que numa irmandade surgissem os apelidos mais díspares”, como justificativa para o fato de alguns dos filhos de Francisco Lourenço não terem adotado o sobrenome Rodrigues.³³⁹

Antes de começar a descrever a infância de Bartolomeu de Gusmão no capítulo IV, Taunay dedica todo o capítulo III para discorrer sobre divergências a respeito das variações da grafia do nome do Voador, apelido do padre, classificando-as de “discussão acirrada a propósito de fútil questão”. Assim, explica que as várias formas de assinatura são válidas, mas que dependem da época em que foram feitas. Batizado com o nome de Bertolameu, a princípio o Voador assinava a forma arcaica Bertholameu Lourenço, mas posteriormente, mudou-a para Bartolomeu:

Durante vários anos, contudo, oscilou-lhe o nome entre Bertolameu e Bartolomeu. Assim, nos autos de ordenação diversos requerimentos do próprio punho do ordenando, numa série de milésimos, trazem a forma arcaica que desaparece, de vez, depois que o santista passa a residir em Lisboa.³⁴⁰

³³⁹ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 18.
³⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 23.

O abade de Sever, ao encetar o seu artigo biográfico *Bartolameu Lourenço de Gusmão* empregou uma grafia de transição, entre a velha forma de Bertolameu e a moderna de Bartolomeu.³⁴¹

Na última década de sua existência, o religioso ajuntou o sobrenome Gusmão, assim como o fizeram seu ilustre irmão Alexandre e suas irmãs Joana Gomes e Brígida Vitoria. O padre teve, então, três nomes oficiais: Bertolameu Lourenço, Bartolameu Lourenço e Bartolomeu Lourenço de Gusmão.³⁴²

Os cuidados de Taunay com os detalhes justificam-se. Como ele mesmo observa, sobretudo na França, onde há uma maior rigidez quanto aos sobrenomes, autores chegaram a desdobrá-lo em duas personalidades distintas: o padre Gusmão e o padre Bartolomeu Lourenço. “Os reflexos desta dualidade esdrúxula vieram perturbar diversos dicionaristas, acatados, de outróra. E os ecos de tal confusão se refletiram nas retificações das enciclopédias modernas, algumas da maior autoridade até”.³⁴³

Já o padre apresentado por Saramago teria dois matizes, segundo Carlos Reis, em *Memorial do convento ou a emergência da História*. Dentro de seu ponto de vista, seria sintomático o fato de se atribuir a Bartolomeu Lourenço esse nome e não o de Bartolomeu de Gusmão, presente nos textos históricos. “(...) Sendo em princípio uma figura histórica (o padre Bartolomeu de Gusmão, irmão de Alexandre de Gusmão), ele integra-se na ficção pela via de uma identificação que, por não corresponder à <<oficial>>, favorece essa integração, sem todavia exigir a obliteração da condição histórica”.³⁴⁴

³⁴¹ Id., *ibid.*, p. 24.

³⁴² Id., *ibid.*, p. 23, 25.

³⁴³ Id., *ibid.*, p. 26.

³⁴⁴ Apud ARNAUT, A. P. *Mem. do conv. – Hist. fic. e ideol.*, p. 52.

Observemos que, quando o personagem é identificado, na grande maioria das vezes, simplesmente por Bartolomeu de Lourenço, é como se o narrador nos alertasse para o fato de este ser um Bartolomeu Lourenço algo diferente do Bartolomeu de Gusmão que nos chegou por meio da História:

(...) Se alguém aí vier com perguntas, dirão que estão a guardar a quinta por ordem de el-rei, e que perante el-rei o responsável sou eu, padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, De quê, perguntaram Blimunda e Baltasar ao mesmo tempo, De Gusmão, foi assim que passei a chamar-me, por via do apelido de um padre que no Brasil me educou, Bartolomeu Lourenço era quanto bastava, disse Blimunda, não me vou habituar a dizer Gusmão, Nem precisarás, para ti e Baltasar serei sempre o mesmo Bartolomeu Lourenço, mas a corte e as academias terão de chamar-me Bartolomeu Lourenço de Gusmão, pois quem, como eu, vai ser doutor em cânones precisa ter um nome que lhe assente à dignidade (...).³⁴⁵

Para Blimunda, portanto, os nomes devem corresponder à simplicidade das coisas, de acordo com a maneira simples como vê a vida, ou seja, ignorando a complexidade das convenções humanas, como na corte e nas academias.³⁴⁶

Em uma continuação do diálogo acima, Baltasar salienta que “Adão não teve outro nome, (...) E Deus não tem nenhum, respondeu o padre, (...) E Eva não foi mais que Eva, disse Blimunda”.³⁴⁷ Vemos assim que, apesar de os nomes terem uma função social significativa, corre-se o risco de não encerrarem senão formalismo e vacuidade, sendo, por isso, dispensáveis. “Trata-se, pois, aqui de uma reflexão que ultrapassa a mera filosofia, para se atingir a sátira”, avalia António Moniz.³⁴⁸

³⁴⁵ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 140,141.

³⁴⁶ MONIZ, Ant. *P. uma lei. de Mem. do conv.*, p. 79.

³⁴⁷ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 141.

³⁴⁸ MONIZ, Ant. *P. uma lei. de Mem. do conv.*, p. 79.

Dentro desse contexto, notamos que, apesar de o padre ter sido apresentado na obra pelo narrador como um personagem muito culto, a introdução é feita em paralelo com a de Baltasar. E quando o padre está em contato com ele ou Blimunda, normalmente é utilizada a forma Bartolomeu Lourenço -- menos formal do que a com o sobrenome:

(...) que padre é este padre, palavras estas últimas que Sete-Sóis não terá dito em voz alta, só inquieto as pensou. Bartolomeu Lourenço não respondeu, apenas o olhou a direito, e assim ficaram parados, o padre um pouco mais baixo e parecendo mais novo, mas não, têm ambos a mesma idade, vinte e seis anos, como de Baltasar já sabíamos, porém são duas diferentes vidas (...).³⁴⁹

Segundo Ana Paula Arnaut, a identificação do personagem ao longo da trama dependerá, sintomaticamente, do grau de veracidade histórica das informações narradas. Assim se compreende que o personagem Bartolomeu Lourenço seja substituído pelo seu duplo Bartolomeu de Gusmão quando há referências sobre fatos indubitavelmente atribuídos à personagem histórica, tais como:³⁵⁰

- A sua relação com a corte e as academias:

Dom António Caetano de Sousa (...) por argumento conclusivo, encarece as atenções com que a corte extensamente distingue o doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão (...).³⁵¹

- A construção da passarola:

Scarlatti declara:

³⁴⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 59.

³⁵⁰ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv. – Hist. fic. e ideol.*, p. 53 a 55.

³⁵¹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 169.

Se a passarola do padre Bartolomeu de Gusmão chegar a voar um dia, gostaria de ir nela e tocar no céu (...).³⁵²

- O doutoramento em Cânones:

Já o padre Bartolomeu Lourenço regressou de Coimbra, já é doutor em cânones, confirmado de Gusmão por apelativo onomástico e firma escrita, e nós, quem somos nós para nos atrevermos a taxá-lo do pecado de orgulho, (...) que ainda o pior de tudo não será mudar de nome, mas de cara, ou de palavra. De palavra e cara não parece ele que tenha mudado, para Baltasar e Blimunda de nome também não (...).³⁵³

- As viagens para o Brasil e para a Holanda:

(...) oh, o mar, aquele mar por onde eu, Bartolomeu Lourenço de Gusmão, vim por duas vezes do Brasil, o mar por onde viajei à Holanda (...).³⁵⁴

- A sua interação com personagens do mesmo cenário histórico:

O padre Bartolomeu de Gusmão apoiou os cotovelos no tampo do cravo, olhou demoradamente Scarlatti, e, enquanto não falam, digamos nós que esta fluente conversação entre um padre português e um músico italiano não será, provavelmente, invenção pura, mas transposição admissível de frases e cumprimentos que sem dúvida trocaram um com o outro durante estes anos (...).³⁵⁵

O mesmo acontece quando ocorre intersecção entre História e ficção por meio da conversa do músico com Baltasar e Blimunda, a quem é comunicada a morte do Voador³⁵⁶:

Vim-te dizer, e a Baltasar, que o padre Bartolomeu de Gusmão morreu em Toledo, que é em Espanha, para onde tinha fugido (...)

³⁵² Id., *ibid.*, p. 171.

³⁵³ Id., *ibid.*, p. 154.

³⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 189.

³⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 157.

³⁵⁶ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv. – Hist. fic. e ideol.* p. 55.

Diz-se que foi no dia dezanove de novembro, por sinal que nessa data houve em Lisboa uma grande tempestade, se o padre Bartolomeu de Gusmão fosse santo, seria um sinal do céu (...).³⁵⁷

Na obra de Saramago o padre também é chamado de Voador. Quando ele explica a Baltasar o porquê do apelido, vemos que este implica um homem que vê além, acreditando no futuro da tecnologia, enfim, um visionário:

Agora me disse aquele meu amigo João Elvas que tendes apelido de Voador, padre, por que foi que vos deram tal nome, perguntou Baltasar. Começou Bartolomeu Lourenço a afastar-se, o soldado foi atrás dele, (.....)sentou-se o padre numa pedra, fez sinal a Sete-Sóis para que se acomodasse ao lado dele, e enfim respondeu, como se agora mesmo tivesse ouvido a pergunta, Porque eu voei, (...) Pois eu fiz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao tecto duma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tornou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará, respondeu Bartolomeu Lourenço (...).³⁵⁸

Ou então, quando nesse diálogo de Baltasar com João Elvas: “Aquele que ali vem é o padre Bartolomeu Lourenço, a quem chamam o Voador, mas ao Voador não cresceram bastante as asas (...)”.³⁵⁹

De todas as variações e combinações de nomes apontados até aqui, ressaltamos a informação fornecida por Taunay de que o padre, quando passa a residir em Portugal, abandona a forma arcaica Bertolameu. Sua mudança, que ocorre no final de 1708 ou em 1709, possibilita que ele entre em contato com os conhecimentos técnicos da época na Europa, o que pode tê-lo levado a utilizar uma forma mais evoluída de seu nome.

³⁵⁷ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 216.

³⁵⁸ Id., *Ibid.*, p. 60.

³⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 58.

Taunay nos conta também que, nos últimos dez anos de sua vida, ele adicionou o sobrenome Gusmão. Ou seja, por volta de 1714, antes de retornar à Universidade de Coimbra para concluir seu doutoramento, o religioso provavelmente percebeu que assinar o sobrenome Gusmão (de um jesuíta e também, por causa deste, de seu conceituado irmão diplomata Alexandre de Gusmão) iria lhe trazer mais prestígio. Tal preocupação com status também aparece no personagem de Saramago, quando este diz a Blimunda que a corte e as academias teriam de chamá-lo Bartolomeu Lourenço de Gusmão porque, após ser doutor em Cânones, precisaria ter um nome de acordo com tal posição.

4. HISTÓRIAS MESCLADAS

4.1 A influência dos diálogos culturais na formação de Portugal

O *melting pot* do que viria a ser Portugal pode já ser notado desde a Pré-História, com suas raízes humanas mais remotas em todos os elementos da civilização. Nos alvares da História, os celtas deixaram sua marca em nomes de lugares, de pessoas e de deuses. E os iberos, tidos geralmente como de origem africana, foram tão importantes que emprestaram seu nome à Península. Fenícios, gregos e cartagineses, vindos por mar, estabeleceram postos comerciais no litoral, incrementando a relação com os indígenas ao trocar matérias-primas locais por seus artefatos.³⁶⁰

Após o Império Romano ocupar a Península Ibérica, quando atacou e derrotou seus inimigos cartagineses na chamada Segunda Guerra Púnica, a civilização lusitano-romana teve seu apogeu no século II, com uma profunda transformação nas paisagens e nos modos de vida. A economia de montanha, com episódicas culturas nas encostas, foi substituída pelo aproveitamento intensivo dos melhores solos com o emprego regular do arado de madeira. Fixaram-se, a título de tributação, os limites das unidades agrárias, que atravessaram a Idade Média -- fracionando-se apenas interiormente para virem a formar os quadros das freguesias da Reconquista. Surgiram indústrias variadas e, sobretudo, o latim substituiu os velhos falares indígenas, facilitando o convívio das diferentes populações ibéricas. Com a queda do império romano, as invasões de povos de origem germânica como os Suevos e Visigodos, no início do século V, não trouxeram nenhuma altera-

³⁶⁰ SERRÃO, Joel. (Coord.). *Dicionário da História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, vol. 5, [s.d.], p. 131, 134, 136, 137-141, 147.

ção considerável ao estilo de vida das populações peninsulares. Isso porque os bárbaros eram pouco numerosos e já haviam sofrido influência da civilização romana.³⁶¹

No século VIII, contudo, a ocupação muçulmana da Península Ibérica contribuiu para que se desenhasse um contraste entre um Portugal mourisco, meridional, e um Portugal romano, setentrional, onde o domínio árabe menos se fez sentir. Para essa região Sul, onde dominaram de quatro a cinco séculos, os muçulmanos trouxeram uma contribuição de importância comparável à do Império de Roma. As marcas foram significativas na agricultura, onde reforçaram o tom mediterrâneo que os romanos tinham começado a imprimir. Introduziram plantas como o limoeiro e a laranjeira azeda e criaram no âmbito das principais cidades nova forma de exploração intensiva e minuciosa. Os escravos mouros das cidades do Sul ganharam a sua liberdade após a conquista delas e seus descendentes eram tão numerosos que formavam, no século XV, um subúrbio semirrural à sombra dos muros de Lisboa. Até hoje, algumas cidades e vilas conservam no nome a lembrança dessas mourarias. Na maior contribuição não românica, foram passados à língua portuguesa 600 vocábulos árabes, relativos, principalmente, à vida do campo –, mostrando como foi intensa a ação de um povo que, na orla do deserto, aprendeu a vencer a falta de chuvas com a escolha de plantas apropriadas e um engenhoso aproveitamento de águas.³⁶²

A chamada Reconquista cristã, quando os reis ibéricos começaram o repovoamento e colonização da península para fortalecê-la contra os árabes, culminou com a

³⁶¹ Id., *ibid.*, p. 137-139.

³⁶² Id., *ibid.*, p. 138-141.

formação do Reino de Portugal em meados do século XII, cujas fronteiras constituem o mais antigo limite político da Europa.³⁶³

É importante salientar aqui que, apesar de o povo português não ter tido uma sociedade organizada em moldes tipicamente feudais, apresentou uma burguesia precoce. Como veremos a seguir, os motivos dessa aparente contradição propiciaram a formação de uma cultura com uma grande variedade de antagonismos, alguns em equilíbrio, e outros em conflito.³⁶⁴

Em Portugal, a Igreja não apenas assumiu o papel de sustentáculo de uma sociedade dominada pela aristocracia agrária como acabou por constituir-se no cerne da estrutura social, passando a deter o domínio da terra. Disso resultou uma nobreza fraca, que precisou aliar-se às classes médias como garantia de sobrevivência, mesclando-se à população já impregnada de sangue mouro. A aliança resultou na ascendência das classes marítimas e comerciais, caracterizando uma burguesia prematura em uma sociedade com expressiva mobilidade social, sem exclusivismos de raça ou cultura e sem o estabelecimento de nenhuma hegemonia, a não ser momentânea.

Em outras palavras, o povo português não se aburguesou, ficando marcado por uma rusticidade resultante da passagem de uma sociedade não totalmente tradicional a uma sociedade não tipicamente moderna. Sobre tal patamar é que se tornou possível o tratamento dos escravos como se fossem agregados ou pessoas da família – um traço que aproxima os portugueses mais da civilização oriental do que a ocidental. Esse fator le-

³⁶³ Id., *ibid.*, p. 141, 147. A Reconquista compreendeu um processo gradual que resultou no surgimento de reinos como o de Navarra, Aragão, Castela e Leão. Desde último fazia parte o condado Portucalense, que conseguiu autonomia para formar o Reino de Portugal, em 1139. Sua independência foi reconhecida em 1143.

³⁶⁴ Informações sobre características feudais e burguesas de Portugal retiradas de BASTOS, Elide Rugai. “Gilberto Freire – Casa grande e senzala”. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org.). *Introdução ao Brasil - Um banquete no trópico*. São Paulo, Senac, 1999, p. 225, 226.

vou, portanto, ao hibridismo resultante do passado histórico de uma população intermediária entre a Europa e a África.

No que diz respeito ao desenvolvimento econômico, tal descompasso gerou consequências. Boaventura de Sousa Santos aponta que desde o século XVII até hoje, Portugal é um país semiperiférico no capitalismo mundial. Ou seja, uma nação que, sendo tanto o produto como o produtor dessa posição intermediária, nunca assumiu completamente as características de Estado moderno dos países centrais, particularmente os consolidados no liberalismo desde a metade do século XIX.³⁶⁵

Voltando à questão do hibridismo português resultante de seu passado histórico, Sérgio Buarque de Holanda ressalta tal plasticidade social com uma ausência de qualquer orgulho de raça. “Essa modalidade de seu caráter, que os aproxima das outras nações de estirpe latina e, mais do que delas, dos muçulmanos da África, explica-se muito pelo fato de serem os portugueses, em parte, e já ao tempo do descobrimento do Brasil, um povo de mestiços”.³⁶⁶ Na formação social do Brasil colônia, essa hibridação se aprofunda através da mesclagem com índios e negros.

4.1.1 A dialética com outros países europeus e com o Brasil colônia

As características da trajetória lusa ficam bem resumidas nas palavras de Sousa Santos, quando diz que a cultura portuguesa situa-se em uma zona fronteira.

³⁶⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Between Prospero and Caliban: Colonialism, postcolonialism, and inter-identity*. Disponível em www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/72Between%20Prospero%20and%20CalibanLusoBrazilianReview2002.pdf Acesso em 3 mar. 2011. Tradução nossa.

³⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 16 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1983, p. 22.

Segundo ele, com o surgimento no século XIX do conceito de cultura nacional, o Estado exercia dois papéis: estabelecer a diferença da cultura nacional como algo oposto ao externo e promover a homogeneidade cultural dentro do território nacional. Portugal não teria cumprido nenhum dos dois papéis satisfatoriamente e, como consequência, a cultura portuguesa sempre teve muito dificuldade em se distinguir de outras culturas nacionais.³⁶⁷ Consequentemente, podemos dizer que a cultura portuguesa não se esgota na cultura dos portugueses e, vice-versa, a cultura dos portugueses não se esgota na cultura portuguesa. E como resultado de seu processo formativo, as aberturas específicas da cultura portuguesa compreendem por um lado a Europa, por outro o Brasil e, até certo ponto, a África.³⁶⁸

Contudo, Portugal, assim como a Espanha, por ser uma das pontes pelas quais a Europa comunica-se com outros mundos, constitui-se uma zona de transição, em alguns casos, menos marcada pelo europeísmo. Voltou-se mais para atividades fora do continente europeu do que para relações internas com os demais países da Europa, onde aparecia em situação de inferioridade. Como Sérgio Buarque de Holanda observa, o ingresso tardio no coro europeu apenas a partir dos grandes descobrimentos marítimos determinou um tipo de sociedade que iria se desenvolver, em alguns sentidos, quase à margem das outras nações europeias.³⁶⁹

Por conta desse isolamento, o país não compartilhava da formação de ideias em conjunto com outros Estados europeus. O caráter de importação da Ilustração portuguesa é um exemplo desse processo. A nova filosofia foi introduzida de fora para dentro na cultura lusitana no século XVIII pelo estrangeirado, ou seja, pelo intelectual que via-

³⁶⁷ SANTOS, Boaventura da Sousa. *Betw. Prosp. and Calib.: Col., postcol., and inter-identity*. Tradução nossa.

³⁶⁸ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela Mão de Alice*. Porto, Edições Afrontamento, 1995, p. 130.

³⁶⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raíz. do Br.*, p. xv.

java ao exterior para respirar ares de modernidade e se propunha a implementá-la na pátria. Portugal não foi um dos principais centros geradores do pensamento ilustrado, mas foi um dos primeiros países a iniciar as reformas com o marquês de Pombal em 1750. Segundo Novais, essa precocidade das reformas e a importação das ideias podem ser entendidas a partir do atraso econômico e do isolamento cultural de Portugal, uma vez que os países ibéricos iniciaram os Tempos Modernos na vanguarda, mas a partir do século XVII foram sendo ultrapassados pela França, Holanda e Inglaterra. Sendo assim, as reformas eram vistas como uma forma de superar o atraso e, portanto, mais urgentes. Daí apreende-se também a precocidade com que as mesmas foram atacadas, o que explica o caráter moderado da Ilustração portuguesa.³⁷⁰

O país voltou-se, dessa forma, mais para atividades fora do continente europeu do que para relações internas com os demais países da Europa, onde aparecia em situação de inferioridade.³⁷¹ Tal atraso repercutiu, evidentemente, no desenvolvimento científico lusitano. É nesse contexto que Taunay critica a sociedade portuguesa da época de Bartolomeu de Gusmão, que além de não compreender a importância de seu invento, ainda o hostilizou.³⁷² Apenas em 1783, com a invenção do balão tripulado pelos irmãos franceses Montgolfier, que Portugal desperta para o assunto: “É então que perante os olhos da parte ilustrada do povo luso surgem nítidas as proporções da desventura oriunda do descaso por uma primazia, em matéria de descoberta científica e de inventividade, como nenhuma outra jamais tivera a raça lusa”.³⁷³

³⁷⁰ NOVAIS, Fernando A. *Aproximações – Estudos de história e historiografia*. São Paulo, Cosac naify, [200-?], p. 167, 168.

³⁷¹ ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p. 134.

³⁷² TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 3.

³⁷³ Id., *ibid.*, p. 4.

Ademais, nesse cenário comparativo com outros reinos europeus, ressalta-se o fato de as instituições universitárias de Portugal terem chegado a um lamentável abatimento durante o século XVII, tendo D. João V presenciado a lastimosa ruína do quadro dos estudos superiores no século seguinte.³⁷⁴ Vejamos um trecho em que Taunay aponta a chacota dos franceses a contestar as tímidas objeções feitas pelos portugueses na época do invento dos Montgolfier, a escassez de documentos e de habilidade para tentar provar a glória da prioridade da navegação aérea para a nação portuguesa:

Com que pesar não terão visto a chacota dos franceses contestar-lhes as tímidas objeções, estribadas em documento único, verdadeira obra prima da negação da verossimilhança!

Mas pouco a pouco se entranhou na alma nacional a necessidade imperiosíssima da reivindicação dos direitos de Bartolomeu de Gusmão. Foi a princípio a mais inhabil.³⁷⁵

Dentro da dinâmica de privilegiar o além-mar mais do que as relações internas com os demais países da Europa, Portugal explorava as colônias e, ao impor seus valores, trazia de volta elementos da cultura dos povos dominados, em face das condições em que se processou esse empreendimento.³⁷⁶

No que diz respeito à tomada de consciência da condição colonial, no Brasil tal processo foi lento e diluído. Enquanto os colonos da América Hispânica chamavam-se orgulhosamente de “criollos” para deixar claro a distância entre os espanhóis da Metrópole, os luso-americanos limitavam-se a chamar de “reinóis” aos nascidos em Portugal, identificando-se, assim, opacamente, por aquilo que não julgavam ser (“não somos reinóis”). Tal comportamento relaciona-se com a forma radical que ocorreu a emancipa-

³⁷⁴ MONIZ, Ant. *P. uma lei. de Mem. do conv.*, p. 110.

³⁷⁵ TAUNAY, Afonso de E. *B. de Gusmão: Inv. do aerost.*, p. 4.

³⁷⁶ ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p. 134.

ção da América Espanhola, em contraste com a revolução conservadora da Independência do Brasil. Realizada a emancipação, a nação não poderia se identificar nem com os colonizadores (a separação perderia o sentido) e nem com os colonizados (ameríndios e africanos) porque continuava a explorá-los, avalia Novais:

Ficamos, assim, povo de macunaímas, como que perdidos nos labirintos de nossa solidão, oscilando de um para outro lado ('Tupi or not Tupi', Oswald de Andrade; 'um tupi tangendo um alaúde', Mário de Andrade) numa permanente busca de uma identidade fugidia. Daí essa sensação de que estamos desterrados em nossa própria terra, ou de que, aqui, as ideias estão fora do lugar.³⁷⁷

Em uma visão mais ampliada, essa sensação de estranheza tão bem captada pelos modernistas brasileiros resultou da tentativa de implantação da cultura europeia e suas tradições milenares a um território extenso com ambiente muitas vezes desfavorável e hostil. Assim, o fruto de nosso trabalho parecia fazer parte de outro clima, de outra paisagem. Sérgio Buarque de Holanda avalia que o caráter aventureiro do colonizador português, baseado no provisório, foi positivo nas circunstâncias de nossa colonização, em contraste com o de um modelo colonizador acomodado na segurança. Isso porque o português apresentou uma capacidade de adaptação extraordinária, mesmo atuando “com desleixo e certo abandono”.³⁷⁸ Tal maleabilidade possibilitou o nosso caráter tipicamente híbrido, mesclado, flutuante, e não apenas multicultural, onde diferentes correntes podem coexistir, dividindo um determinado espaço sem, necessariamente, amalgamarem-se.

³⁷⁷ Informações sobre a consciência de nossa condição colonial retiradas de NOVAIS, F. *Aprox. – Est. de hist. e historiog.*, p. 225, 226.

³⁷⁸ HOLANDA, Sérgio B. de. *Raíz. do Br.*, p. xvi, p. 12.

É fundamental salientarmos aqui, entretanto, que tal miscigenação implicou também uma forma de dominação, já que o descendente do colonizador e da escrava negra nascia cativo.³⁷⁹ Às questões relacionadas aos escravos oriundos da África somam-se a exploração dos índios locais. Nesse cenário, destacam-se duas vertentes que se articularam de forma conflituosa: a catequese, que dominava o universo ideológico; e a dominação política e exploração econômica, que definia as necessidades de riqueza e poder. Isto é, de um lado, a exploração era vista como necessária para se evangelizar; de outro, via-se o inverso nas práticas sociais, ou seja, a exploração instrumentalizando as missões para garantir o domínio. Tal conflito esteve presente em todo o período colonial. Sem o trabalho dos nativos a Colônia não se mantém, mas a compulsão do trabalho, com seu limite na escravidão, pode levar ao desfalecimento dos nativos. Esses dois lados da mesma moeda geraram intensas discussões no Velho e no Novo Mundo sobre a legitimidade da escravidão tanto dos índios como dos negros da África, num debate que Lewis Henke chamaria de “luta pela justiça”.³⁸⁰

As consequências nefastas do abuso colonial que corresponde, em última instância, à exploração do homem pelo homem, encontram-se no trabalho de Frantz Fanon. Em *Pele negra, máscaras brancas*, por exemplo, ressalta que a civilização europeia e os seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo racismo colonial e discorda de autores para os quais a exploração exercida pelas colônias não se confunde com outras formas de exploração. Fanon observa que todas as formas de exploração se assemelham e que todas vão procurar a sua necessidade a qualquer decreto de ordem bíblica. Em suma: são idênticas, porque se aplicam sempre a um mesmo 'objeto': o homem.³⁸¹

³⁷⁹ NOVAIS, F. *Aprox. – Est. de hist. e historiog.*, p. 215.

³⁸⁰ Apud NOVAIS, F. *Aprox. – Est. de hist. e historiog.*, p. 222, 223.

³⁸¹ FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Alexandre Pomar, Porto, A. Ferreira, [entre 1969 e 1975], p. 120, 121.

“Eu, o homem de cor, apenas quero uma coisa: que cesse para sempre a sujeição do homem pelo homem. Isto é, de mim por um outro (...)”.³⁸²

E é justamente esse repúdio à exploração dos mais fracos que norteou Saramago em *Memorial do convento*. Afinal, são com recursos tais como o ouro e a madeira provenientes do Brasil e a utilização brutal da mão-de-obra dos miseráveis que D. João V constrói o complexo de Mafra. São com paradoxos como os citados por Henke na “luta pela Justiça” que o autor constrói a alma torturada de seu Bartolomeu de Gusmão. Para tanto, cria uma obra de várias facetas em que podemos, como se olhássemos em um caleidoscópio, enxergar o mundo em que vivemos a partir de uma história com personagens do século XVIII. São essas mesclas que abordaremos a seguir.

4.2 Implosão de fronteiras entre o histórico e o literário em *Memorial*

Em *Memorial do convento* vemos uma mistura de História e ficção, onde a narração é fundamentada no passado para que melhor possamos entender o presente. O vai e vem de fluxos da linguagem representativa de fatos históricos e das inserções da imaginação do autor torna-o um texto multifacetado e de significados plurais, gerando certa maleabilidade quanto à sua definição. Pelo fato de o livro fazer, sem dúvida, uma incursão no campo da narrativa histórica, alguns chegam a classificá-lo de romance histórico. Contudo, *Memorial* vai muito além dessa definição. E para compreendermos tal questão vamos, inicialmente, discorrer sobre os gêneros literários e, em seguida, sobre as relações entre História e ficção.

³⁸²

Id., *ibid.*, p. 32.

4.2.1 A instabilidade do gênero literário

Por estarem sujeitos a fatores históricos e culturais, os gêneros literários são por natureza instáveis e transitórios. Os escritores que os adotam, transformam ou rejeitam nada mais fazem do que dialogar com a tradição em que se acham imersos, aceitando ou refutando certas normas por ela instituídas. Seja como for – por aceitação ou recusa, por depuração ou miscigenação, por emulação ou parodização – os gêneros literários são mutáveis, não raramente apresentando limites difusos.³⁸³

Atualmente, no plano da criação literária, nota-se o que Carlos Reis chama de uma espécie de crise de gêneros, que não se limita àquela propensão ao hibridismo própria do Romantismo. Ademais, no plano teórico conceitual, nota-se certa tendência para relativizar as formulações de gêneros estabelecidas e até para fixar outras novas. Desde o Romantismo é patente a tendência para subverter (e depois refazer: na novela romântica, no drama romântico, no romance histórico) os gêneros e os subgêneros literários. Contudo, mais radical do que esse tempo cultural, no aspecto de renovação genológica, é aquele que, a partir do final do século XIX, acolhe a emergência de movimentos pós-simbolistas, modernistas e de vanguarda, normalmente irreduzíveis aos esquemas de distribuição de gêneros até então dominantes.³⁸⁴

Nem sempre as vinculações arquitextuais de um texto podem nos dar pistas para a formação de juízo sobre algumas obras, consideradas problemáticas quanto a uma precisa classificação de gênero. Este é o caso de *Memorial do convento* que, dialogando de forma crítica e num contexto cultural pós-moderno com o romance histórico oitocen-

³⁸³ REIS, Carlos. *O conh. da lit.*, p. 247 a 249.

³⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 284 a 286.

tista, não interpreta de forma passiva a dinâmica arquiteitual que o liga ao romance e ao seu subgênero. Tanto os gêneros, como também os subgêneros, são entidades historicamente localizadas. Por isso mesmo, segundo Reis, *Memorial do convento* resiste à classificação como romance histórico, pois já está esgotado, há mais de um século, o tempo ideológico-cultural (romântico, idealista, historicista) que deu lugar àquele subgênero e o legitimou.³⁸⁵

Uma consequência dos processos de reformulação dos gêneros estabelecidos poderá ser a que conduz à eventual postulação de outros novos, num processo de harmonização discursiva e ontológico-ficcional, por assim dizer de reinvenção pós-moderna, mas com antecedentes ilustres.³⁸⁶ Nesse sentido, Horácio Costa assinala algumas relações entre a obra de José Saramago e a tradição do romance histórico em Portugal. De Almeida Garrett viria o tom digressivo com que trata da problemática da representação da imaginação histórica na prosa. Em Alexandre Herculano encontra alguns valores ideológicos para enfrentar essa questão. Já em Eça de Queirós vemos um antecessor de uma postura de revisão crítica da novelística histórica como um subgênero literário.³⁸⁷

É importante salientar que a relativização dos gêneros constitui, no plano da teoria, uma atitude relacionada a certa instabilidade, verificável em práticas literárias atuais. Podemos ver um exemplo dessa instabilidade em tentativas pós-modernistas de refazer, recuperar ou conjugar gêneros e subgêneros narrativos desaparecidos ou pouco utilizados. Este seria o caso do romance histórico, em *Memorial do convento* ou *A história do cerco de Lisboa*. Segundo Reis, o que se revela em escritores -- como Saramago --

³⁸⁵ Id., *ibid.*, p. 231, 264.

³⁸⁶ Id., *ibid.*, p. 293.

³⁸⁷ COSTA, Horácio. José Saramago e a tradição do romance histórico em Portugal. *Revista USP*, São Paulo, n. 40, p. 104, dez./fev. 1998-99.

que seguem esse viés é a necessidade de refutar, pela via de uma reconversão genológica não raramente provocatória, o cânone do romance de matriz oitocentista, construído sob o signo de uma visão de mundo associada à ascensão e ao triunfo da democracia burguesa.³⁸⁸

Feitas essas considerações genológicas, citamos aqui as palavras do crítico português Mário Ventura sobre *Memorial*, para quem a obra veio a concorrer para a dissolução das fronteiras entre os gêneros literários.³⁸⁹ Assim, trata-se de um romance histórico ao detalhar a sociedade portuguesa do século XVIII, torna-se um romance social na medida em que mostra a exploração das multidões de explorados na construção de Mafra e assume os contornos de romance de realismo fantástico na criação de Blimunda³⁹⁰ e do voo da passarola movida, em última instância, pelas vontades humanas.

4.2.2. A relação entre ficção e História

Em várias ocasiões o próprio Saramago expôs seu ponto de vista sobre a relação entre História e ficção. Em entrevista a O Globo, em janeiro de 1994, disse que ambas são a mesma coisa: “A ficção a que simplificada se dá o nome de história,

³⁸⁸ REIS, C. *O conhec. da lit. – Intr. aos est. lit.*, p. 289, 290.

³⁸⁹ VENÂNCIO, Fernando. *José Saramago: A luz e o sombreado*. 1 ed. Porto, Campo das Letras, 2000, p. 61.

³⁹⁰ PICCHIO, Luciana Stegagno. Saramago: Momento por todos esperado. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 5 de dez. 1998. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1stegagno.html>. Acesso em 7 abr. 2011.

não é uma evasão, uma fuga, um refúgio, mas como se viajássemos num barco que se afasta da costa, uma espécie de último olhar à terra firme”.³⁹¹

Em artigo publicado na mídia portuguesa em 1990, escreveu que o historiador tem como primeira tarefa selecionar fatos, aproveitando alguns e descartando outros. Uma vez que isso foi feito, parte para a segunda tarefa, que é a de organizar os dados escolhidos de uma forma coerente e de acordo com uma intenção orientadora dominante. Nesse seu trabalho encontra-se subjugado por inúmeras razões, seja de classe ou de Estado, de natureza política, ou ainda em função de uma estratégia ideológica que necessita, para justificar-se, não da História, mas duma História. Assim o historiador *faz* História, aproximando-se do ficcionista, pois este último, ao voltar-se para o passado, também assume a tarefa de utilizar alguns fatos e de deixar outros de lado.³⁹²

Talvez uma possível distinção entre os dois seja que o ficcionista não escreve a História que *foi*, mas a que *está sendo* diante dos seus olhos e *poderia ter sido* no passado. A diferença entre História e ficção, portanto, resultaria do confronto entre uma recriação o quanto possível fiel ao real (enquanto possível de este ser conhecido e depois filtrado subjetivamente) e uma leitura independente, crítica e inventiva dessa mesma realidade, sempre de acordo com um ponto de vista focado em certo tempo, cultura e ideologia. De qualquer forma, as fronteiras que separam História e ficção são frágeis e sutis, ainda mais quando consideramos a chamada Nova História. Ou seja, os estudos da História, atualmente, não se limitam aos acontecimentos em si, presentes nos documentos oficiais e avaliados quase sempre a partir da perspectiva do poder. A Nova História esforça-se por estudar as culturas, as técnicas que influenciaram no dia-a-dia das socie-

³⁹¹ Apud CARVALHO, Maria Cristina C. de. “*Aqui o mar acaba e a terra principia*”: o lugar que se revela em *A jangada de pedra*. Orientador: Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: PUC, 2006, p. 14. Dissertação de mestrado em Letras.

³⁹² BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: o romance*. Lisboa, Caminho, 1998, p. 12.

dades. Nessa tarefa sai em busca das mais diversas fontes, inclusive de obras literárias, recorrendo assim ao imaginário, que permite desvendar aspectos íntimos dos grupos sociais como suas crenças e ideologias. Atualmente, portanto, os limites entre História e ficção são avaliados sob outra perspectiva. A não rara tênue fronteira que as separa permite uma mútua penetração, já que apesar de possuírem traços específicos, também compartilham vários outros.³⁹³

É sabido que Portugal possui ilustres historiadores que escreveram suas obras bem longe da fria impassibilidade. É o caso de Fernão Lopes, que já no início do século XV criava uma historiografia que, em certos momentos, aproximava-se bastante da Nova História; ou de Oliveira Martins, que em sua *História de Portugal* mostrou-se um escritor apaixonado. Na literatura, o próprio Eça de Queiroz considerava ser fina a fronteira a separar História e ficção. Em certa ocasião, comparou o amigo Oliveira Martins a um ressuscitador, aludindo à capacidade do historiador para inventar as almas dos antigos. Vemos, portanto, que o romance de Saramago inscreve-se dentro de uma tradição portuguesa de História e ficção.³⁹⁴

Embora seja mestre em reconstruir ambientes e personagens de outras épocas, Saramago não visa, simplesmente, transportar o leitor ao passado. Em um “não” oposto à infelicidade histórica do ser humano, ele altera o sentido dos dados atestados em documentos históricos, modificando o seu sentido por meio da narrativa. É assim também um mestre na desconstrução da História por meio de anacronismos, bruscas mudanças de enunciador e de tom, mistura de registros altos e baixos, pela introdução de eventos fantásticos na trama oficial ou cotidiana e pela interferência irônica do narrador. Em

³⁹³ Id., *ibid.*, p. 15, 19.

³⁹⁴ Id., *ibid.*, p. 13, 17, 27.

Memorial, a rebeldia das personagens é, assim, um “não” à opressão monárquica e religiosa, aponta Leyla Perrone Moisés:

Há, em Saramago, um permanente desejo de que a fatalidade brutal da história se detenha. É pelo 'não' contraposto aos fatos históricos que o romancista deixa de ser historiador, opondo a liberdade da fabulação à prisão da história, escapando da lógica exclusiva do 'sim' ou 'não' que preside aos fatos passados e documentados. Os próprios documentos históricos, tantas vezes contraditórios entre si, abrem brechas por onde a fabulação pode esgueirar-se.³⁹⁵

Tais contradições são, para o ficcionista, um convite ao exercício da imaginação. No real, as coisas submetem-se à lógica mutuamente exclusiva do “sim” ou “não”. Na literatura, que é apenas linguagem, mas que pode trazer consigo uma miríade de significados, as coisas podem ser e não ser.³⁹⁶

Em seus estudos sobre pós-modernismo, Linda Hutcheon aponta que esse é “fundamentalmente contraditório, resolutamente histórico, e irrefutavelmente político”. Nesse sentido, avaliamos que *Memorial* encaixa-se na definição por ela elaborada de metaficção historiográfica – ou seja, um romance altamente autorreflexivo que, paradoxalmente, se apropria de acontecimentos e personagens históricos. Nesse ponto de vista, tanto a ficção quanto a História são construções que estabelecem as bases para se repensar e retrabalhar as formas e conteúdos do passado.³⁹⁷

³⁹⁵ PERRONE-MOYSÉS, Leyla. As artimagens de Saramago. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 de dez. de 1998, cad. Mais, p. 5-9.

³⁹⁶ Id., *ibid.*

³⁹⁷ HUTCHEON, Linda. *A poetics of postmodernism: History, theory, fiction*. New York, London, Routledge, 1988, p. 4, 5. Tradução nossa.

4.2.2.1 A hibridez na crônica do real maravilhoso

Por um lado, Saramago retoma o romance histórico na reconstrução de locais e costumes. Contudo, não quer simplesmente recuperar um período da história de Portugal privilegiando os fatos, mas fazê-lo por meio de seu imaginário para ir além, denunciando engodos. De acordo com João Alexandre Barbosa, o romance de Saramago é uma “prolongada discussão acerca das relações possíveis entre a representação da realidade pela linguagem da narrativa e as inserções operadas pela imaginação ficcional”.³⁹⁸

Nessa trajetória, a ficção recheada com o fantástico acaba por se sobressair à História, ao contrário do que acontece no romance histórico. *Memorial* pode ser visto, assim, como uma notável crônica do real maravilhoso que pretende inventar (ou seria melhor dizer, reinventar) a vida portuguesa,³⁹⁹ na medida em que desenvolve um discurso problematizador da História.

Ocorre que, segundo Serge Gruzinski, esse gosto pelo maravilhoso e pelo sobrenatural está ligado a um estado de espírito que acredita na mistura das espécies. Revela-se então, mais um aspecto híbrido presente em *Memorial*. Não seria à toa, portanto, que Bartolomeu de Gusmão tem ligações com o fantástico ao usufruir das capacidades heréticas de Blimunda.

Citando a obra renascentista *As metamorfoses de Ovídio*, Gruzinski diz que a fábula, desde suas origens, mostra uma manifestação pelo exótico, nutrindo-se de singularidades, rumando ao estranho, ao bizarro.⁴⁰⁰ “No século XVI, as curiosidades decor-

³⁹⁸ BARBOSA, João Alexandre. Até os limites da realidade. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 de dez. 1998. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1jab.html>. Acesso em 7 abr. 2011.

³⁹⁹ Apud CALBUCCI, p. 36.

⁴⁰⁰ GRUZINSKI, S. *O pens. mest.*, p. 150.

rentes dos grandes descobrimentos, as heranças do paganismo da Antiguidade, o gosto pelo maravilhoso e a influência do sobrenatural cristão mantêm um estado de espírito que acredita nas misturas das espécies”.⁴⁰¹

Falando sobre os índios pintores do México antigo, Gruzinski diz ainda que “A fábula ajudou-os a abalar o jugo das formas cristãs que lhes eram impostas, ao mesmo tempo em que se tornou o veículo de um pensamento disfarçado ou discreto, subversivo ou simplesmente heterodoxo. Seu hibridismo prestava-se a todo tipo de recuperação e associação”.⁴⁰²

Vemos que Saramago utiliza-se da variante discursiva do realismo-maravilhoso -- presente em certos momentos no livro -- para a crítica social e para afirmar aspectos como a supremacia dos valores intelectuais e espirituais sobre os materiais, normalmente associados aos espaços de representações do poder. Vejamos esse trecho onde Blimunda, em sua primeira noite de amor com Baltasar, promete-lhe que nunca fará uso de sua paranormalidade para olhar em seu interior:

(...) Juro que nunca te olharei por dentro, Juras que não o farás e já o fizeste, Não sabes de que estás a falar, não te olhei por dentro, Se eu ficar, onde durmo, Comigo. (...)

Quando, de manhã, Baltasar acordou, viu Blimunda deitada ao seu lado, a comer pão, de olhos fechados. Só os abriu, cinzentos àquela hora, depois de ter acabado de comer, e disse, Nunca te olharei por dentro.⁴⁰³

Saramago evitou com maestria a armadilha de que os elementos de ficção resultassem em um texto sem qualquer relação com a época que se ambienta, estilizando

⁴⁰¹ Id., *ibid.*, p. 178.

⁴⁰² Id., *ibid.*, p. 156, 167.

⁴⁰³ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 54,55.

um tom narrativo apreendido possivelmente na leitura de obras da época. Odil José de Oliveira Filho explica que tal artifício possibilitou que “o influxo histórico sofresse a mediação do texto e se interiorizasse não como fato histórico bruto, mas já como parte integrante da trama”. Assim, a ficção não vem para “adornar” o fato histórico e subordinar-se a ele. Supõe, pelo contrário, uma confrontação entre o texto que recria ficcionalmente uma época histórica e a versão que a História construiu sobre ela.⁴⁰⁴

4.2.2.2 O papel do narrador

Até o século XIX, o narrador detinha o poder total sobre a narrativa, marcando sua presença e intervindo no plano do enunciado. Em um segundo momento, principalmente no romance realista, abstraía-se dos fatos narrados, buscando a objetividade. Já durante o século XX, as relações são subjetivadas no romance moderno. E o que dizer desses nossos tempos já chamados de pós-modernos? Uma das constatações é que a volta do narrador onisciente e interventivo no século XX significou uma redescoberta da ficção como ficção, sem o compromisso de criar a ilusão da realidade, e até de uma recuperação do contar histórias. Assim, o romance afirma-se como arte, apresentando não só um questionamento à pretensa objetividade da ficção realista, como também uma possível saída à extrema dissolução subjetivista a que chegou o romance moderno.⁴⁰⁵

No caso de *Memorial*, ao mesmo tempo em que a narrativa tem um tom próximo do oral, de conversa com o leitor, ela não esconde a sua característica essen-

⁴⁰⁴ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 22, 23.

⁴⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 74,75. O autor cita como exemplo dessa extremada dissolução subjetivista do romance moderno a sensação de estranheza causada no leitor pela recusa do narrador em interpretar as ações e pensamentos dos personagens em Henry James e a radical interiorização da voz narradora em Virginia Woolf, onde tal sensação acentua-se e beira o caótico (p. 72).

cialmente escrita, deixando às claras os procedimentos que o discurso romanesco criou para ocupar o espaço vazio deixado pelos antigos ouvintes das narrativas arcaicas. Por esse motivo, pode-se dizer que na voz narradora convivem, dialeticamente, as figuras do contador e a do narrador. E que essa ligação do contador de histórias com o narrador é que lhe confere o rótulo de onisciente e interventivo. Se do narrador pode-se questionar a validade estética de sua sabedoria e do comentário pessoal, no caso do contador espera-se justamente isso, já que a possível veracidade da história que conta não precisa da chancela da realidade para ser aceita. Pelo contrário, quanto mais fantásticos esses casos são, mais os ouvintes os gravam na consciência e se transformam em uma forma de experimentar o mundo.⁴⁰⁶

Vejamos mais em detalhes como se dá essa relação entre narrador e leitor. O narrador indaga os fatos passados para melhor entendê-los e subvertê-los, se necessário, filtrando-os por meio de sua subjetividade. Visa um receptor contemporâneo que vai ressuscitar tais ocorrências, após ter meditado no seio de sua própria subjetividade, acolhendo-os de acordo com o próprio entendimento e fantasia. Para Beatriz Berrini, são

extremamente fecundos esses múltiplos diálogos que se entrecruzam no texto: do *narrador* com a sua criação e com o destinatário que objectiva e que a sua escrita condiciona; do *leitor* que interroga as páginas à sua frente e que procura pela decifração das palavras chegar ao diálogo com o autor, para nele buscar, e na sua escrita, e também dentro de si mesmo, as respostas desejadas.⁴⁰⁷

Tal contato direto entre o narrador e seu público confirma, portanto, a caracterização de Saramago como um contador de histórias, assim como o personagem

⁴⁰⁶ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 75.
⁴⁰⁷ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 30.

Manuel Milho se põe a narrar a sua história, com um saber que veio da vida e não dos bancos escolares, pois tem “(...) ideias que lhe vêm e não sabe donde”.⁴⁰⁸ Sem saber, Manuel Milho adotou a estratégia ancestral do “era uma vez” das *Mil e uma noites*, sempre interrompendo sua narrativa à hora de dormir, apesar dos protestos dos companheiros. Simultaneamente, intercalando sua voz com a do personagem, o narrador relata e suspende a cada dia a narrativa sobre o transporte da gigantesca pedra de trinta toneladas de Pero Pinheiro a Mafra. É como se quisesse igualar-se ao contador popular, capaz de cativar a atenção dos ouvintes ao discorrer sobre as injustiças decorrentes da construção do complexo de Mafra. As comparações não param por aí. Características biográficas também aproximam Manuel Milho de Saramago, como o seu nascimento nos campos de Santarém e a familiaridade com o Ribatejo.⁴⁰⁹

São, portanto, duas as formas como o narrador encontra-se presente no texto ficcional. Primeiramente, como dono absoluto da narrativa, tem o status de um sábio experiente que se transforma em contador a levar o leitor pelas veredas das histórias e estórias, pois tem algo importante a dizer. Em segundo lugar, pelo emprego da primeira pessoa, o que também o aproxima da figura do contador de histórias. Por meio do uso do *nós*, ou coloca-se ao lado dos leitores e presentifica-os consigo na narrativa, ou leva-os para junto das personagens humildes, incluindo-as no pronome.⁴¹⁰

Saramago vê a realidade cunhada pela dominação dos poderosos com os olhos do povo, prestando atenção ao que este diz e vê. A sabedoria que adquire, então, como esse tipo de discípulo o torna um mestre. Às vezes é um *eu* que nos remete ao próprio autor. Em outros, esse *eu* é substituído por um *nós*, onde muitas vozes se adensam

⁴⁰⁸ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 233.

⁴⁰⁹ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 55.

⁴¹⁰ Id., *ibid.*, p. 56, 57.

na dele. O *nós* então será o narrador mais o leitor, ou mais esta ou aquela personagem, ora situando-se no passado da narrativa ora no tempo presente da escrita.⁴¹¹

É como se o objetivo do autor fosse estabelecer certa cumplicidade com os leitores para alertar-lhes sobre a condição humana e as injustiças que afligem o homem. Para tanto, prende a sua atenção e leva-o à reflexão em uma narrativa onde frequentemente rompe a continuidade do discurso com uma mudança de assuntos, numa mescla intencional.

Em *Memorial do convento*, o narrador “sabe o que diz”, ou seja, sabe o que vai acontecer, pois se trata de sua criação e, também, porque está revisitando o passado a partir do presente. Por exemplo, em uma passagem, Scarlatti toca cravo para uma viscondessa e sua filha de três anos, Manuela Xavier, que agitava os dedinhos imitando o músico. Então, o narrador diz que “Não vai haver muita música na vida desta criança (...)”, pois “(...) daqui a dez anos morrerá e será sepultada na igreja de Santo André, onde ainda está (...)”.⁴¹²

Para cumprir sua função, o narrador pode limitar-se ao papel de observador, adotar um ponto de vista em particular ou, ainda, delegar a palavra a um personagem. Em outras palavras, Saramago nos mostra que molda o texto conforme desejar, ou através do narrador-contador de histórias ou através dos personagens.

Dentro da narrativa que cria, chega a fantasiar um personagem (um fidalgo) ausente do relato que desenvolve sobre João Elvas, realizando assim uma invenção den-

⁴¹¹ Id., *ibid.*, p. 57.

⁴¹² SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 215, 216.

tro da própria invenção: ⁴¹³ “(..) mas a nós não nos custa nada imaginar que ao lado dele [João Elvas] se foi sentar um fidalgo caridoso e amigo de bem-fazer (...)”. ⁴¹⁴

Ou então, até coloca falas cuja autenticidade não foi provada na boca de personagens, como vemos nesta conversa entre o rei e o seu guarda-livros:

Então diz-me lá como estamos de deve e haver. O guarda-livros leva a mão ao queixo parecendo que vai entrar em meditação profunda, abre um dos livros como para citar uma decisiva verba, mas emenda ambos os movimentos e contenta-se com dizer, Saiba vossa majestade que, haver, havemos cada vez menos, e dever, devemos cada vez mais, Já o mês passado me disseste o mesmo, E também o outro mês, e o ano que lá vai, por este andar ainda acabamos por ver o fundo ao saco, majestade, Está longe daqui o fundo dos nossos sacos, um no Brasil, outro na Índia, quando se esgotarem vamos sabê-lo com tão grande atraso que poderemos então dizer, afinal estávamos pobres e não sabíamos (...). ⁴¹⁵

E prossegue falando sobre o esbanjamento do dinheiro público em Portugal do século XVIII de uma forma que o leitor de hoje reconhece a realidade atual do mundo capitalista, no truque narrativo que mescla tempo e espaço:

Se vossa majestade me perdoa o atrevimento, eu ousaria dizer que estamos pobres e sabemos, Mas, graças sejam dadas a Deus, o dinheiro não tem faltado, Pois não, e a minha experiência contabilística lembra-me todos os dias que o pior pobre é aquele a quem o dinheiro não falta, isso se passa em Portugal, que é um saco sem fundo, entra-lhe o dinheiro pela boca e sai-lhe pelo cu, com perdão de vossa majestade, Ah, ah, ah, riu o rei, essa tem muita graça, sim senhor, queres tu dizer na tua que a merda é dinheiro, Não, majestade, é o dinheiro que é merda, e eu estou em muito boa posição para o saber, de cócoras, que é como sempre deve estar quem faz as contas do dinheiro dos outros. ⁴¹⁶

⁴¹³ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 62.

⁴¹⁴ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 292, 293.

⁴¹⁵ Id., *ibid.*, p. 274.

⁴¹⁶ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 274.

Por fim, é introduzido o elemento que faltava: o dinheiro corrompido que o guarda-livros vai ganhar para realizar sua tarefa. Ao reconhecer que o diálogo aqui é falso, o narrador nos dá a seguinte pista: nada melhor do que na ficção para se falar a verdade:

Este diálogo é falso, apócrifo, calunioso, e também profundamente imoral, não respeita o trono nem o altar, põe o rei e um tesoureiro a falar como arrieiros em taberna, só faltava que os rodeassem inflamâncias de maritornes, seria um desbocamento completo, porém, isto que se leu é somente a tradução moderna do português de sempre, posto o que disse o rei, A partir de hoje, passas a receber vencimento dobrado para que te não custe tanto fazer força, Beijo as mãos de vossa majestade, respondeu o guarda-livros.⁴¹⁷

Tal natureza dialógica do texto de Saramago proporciona um tenso jogo de identificação e estranhamento. Se por um lado a figura do narrador-contador propicia contato com o leitor, que se reconhece na história, por outro lado, a todo o momento a história é cortada por procedimentos narrativos que quebram tal identificação. Causando uma sensação de estranheza, tais procedimentos fazem o narrador aparecer ao mesmo tempo como uma figura arcaica e moderna, familiar e estranha, próxima e distante (em outro tempo do da diegese), instigando o leitor e impedindo-o de fazer uma leitura meramente digestiva.⁴¹⁸

Frequentemente, entretanto, a ausência do narrador diminui, claramente deixando transparecer o poder que detém para manipular o discurso e nele se inserir. Tal intromissão é perceptível a partir da dificuldade em distinguir os discursos de algumas

⁴¹⁷ Id., *ibid.*, p. 274, 275.

⁴¹⁸ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 77.

personagens do seu próprio, ou a partir de comentários que constantemente formula. Algumas vezes, o narrador vai além ao manifestar uma presença direta no universo diegético⁴¹⁹: “(...) vindo nós de uma guerra onde vimos morrer tanta gente, não é este caso que mereça relato singular (...)”⁴²⁰

A dificuldade para a distinção dos discursos, ou seja, para saber quem está se expressando, ocorre porque o autor dispensa o uso de aspas ou travessões. Contudo, notamos que após o narrador fazer um comentário que termina com uma “vírgula”, a fala de uma personagem começa com letra maiúscula:

Foi Blimunda quem veio abrir a porta. Estava escurecendo a tarde, mas ela reconheceu o vulto do padre que desmontava, quatro anos não é tanto tempo assim, beijou-lhe a mão, não andassem por ali vizinhos curiosos e seria diferente a saudação (...) e o âmbar atraindo o éter, o éter atraindo o íman, o íman atraindo o ferro, todas as coisas se atraem entre si, a questão é saber colocá-las na ordem justa, e então se quebrará a ordem, **Esta é a minha sogra, senhor padre Bartolomeu**, aproximara-se Marta Maria, intrigada por não ouvir palavras (...).⁴²¹ (grifo nosso para a fala de Blimunda).

O *Memorial do convento* é uma obra que focaliza os marginalizados, oprimidos pelos poderosos, sejam eles advindos da monarquia ou do clero.

Por tudo isso é que, segundo José Alexandre Barbosa, temos em Saramago “a presença forte de um narrador, quase sempre no limiar da dicção autobiográfica, que busca fixar, no patamar mais objetivo da história e da realidade circunstancial, as dissonâncias das experiências subjetivas de que a linguagem tem dificuldades em dar conta”⁴²².

⁴¹⁹ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv – Hist. fic. e ideol.*, p. 83,84.

⁴²⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 36.

⁴²¹ Id., *ibid.*, p. 117.

⁴²² BARBOSA, J. A. Até os lim. da realid., em *Folha de S.Paulo*, 06/12/98.

4.2.2.3 A intertextualidade e a ironia como arma crítica

A relação intertextual entre o *Memorial do convento* e a narrativa portuguesa em seu período de formação não é uma relação tranquila. Em um ambiente de tensão causado pela intenção crítica, Saramago procura realizar um tipo de revisão dessa literatura, de caráter excessivamente doutrinário e moralista, com o objetivo de superá-la. Tal relação tem, como ponto de partida, as *Obras do diabinho da mão furada*, de António José da Silva, que representa um dos últimos produtos da tradição extremamente moralista no período entre o final do século XVI até meados do século XVIII. A obra, com a qual *Memorial* dialoga, não foi escolhida aleatoriamente. Isso porque, ao se filtrar as tendências doutrinárias de Antônio José da Silva, resgata-se outro da Silva que, juntamente com uma gama de escritores das tragédias marítimas, tentou fazer uma literatura mais realista e humana.⁴²³ Vejamos primeiramente um trecho da obra de da Silva:

Retirou-se um soldado da milícia de Flandres, em tempo de Felipe II, chamado André Peralta, aflito e maltratado da guerra, tão pobre como soldado e tão desgraçado como pobre. Depois de entrar neste reino, onde havia nascido, e caminhava para Lisboa, pátria comum de estrangeiros, madrastra de naturais e protectora de [a]venturosos, começou de anoitecer-lhe uma légua de distância da cidade de Évora, em um sítio onde estavam umas casas abertas e desocupadas de gente. Vendo o soldado caminhante que a noite ameaçava escuridão e que as nuvens sem descansar choviam, se resolveu a passar a noite como pudesse em algum aposento mais reparado daquele edifício, contentando-se nele, para seu sustento, com o limitado provimento do seu alforje; e, cortando com a espada ramos de umas árvores e valados que perto estavam, para acender fogo a que se enxugasse e reparasse do frio, se recolheu a um dos aposentos, que julgou mais acomodado.⁴²⁴

⁴²³

OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 36,37.

⁴²⁴

Apud id., *ibid.*, p. 37.

Vejamos, agora, o trecho inicial do quarto capítulo de *Memorial do conven-*

to:

Este que por desafrontada aparência, sacudir da espada e desapa-relhadas vestes, ainda que descalço, parece soldado, é Baltasar Mateus, o Sete-Sóis. Foi mandado embora do exército por já não ter serventia nele, depois de lhe cortarem a mão esquerda pelo nó do pulso, estraçalhada por uma bala em frente de Jerez de los Caballeros, na grande entrada de onze mil homens que fizemos em outubro do ano passado e que se terminou com perda de duzentos nossos e debandada dos vivos, acossados pelos cavalos que os espanhóis fizeram sair de Badajoz. (...)

Por ser pouco o que pudera guardar de soldo, pedia esmola em Évora para juntar as moedas que teria de pagar ao ferreiro e ao seleiro se queria ter o gancho de ferro que lhe havia de fazer as vezes de mão. (...) Sete-Sóis, mutilado, caminhava para Lisboa pela estrada real, credor de uma mão esquerda que ficara parte em Espanha e parte em Portugal, por artes de uma guerra em que se haveria de decidir quem viria a sentar-se no trono de Espanha, se um Carlos austríaco ou um Filipe francês, português nenhum, se completos ou manetas, se inteiros ou mancos, salvo se deixar membros cortados no campo ou vidas perdidas não é apenas sina de quem tiver de nome soldado e para se sentar o chão ou pouco mais. Saiu Sete-Sóis de Évora, passou Montemor, não leva por companhia e ajuda frade ou diabinho, e para mão furada já lhe basta a sua.⁴²⁵

Ao se comparar os dois trechos, vemos que é evidente a intertextualidade.

De certa forma, podemos dizer que Baltasar é uma continuação do soldado, apesar de ser outro. Afinal, o caminho de ambos é o convento: um para habitá-lo e, o outro, para construí-lo. Tais semelhanças e diferenças corroboram a ideia de que o texto saramaguiano, nessa proposta de releitura, aproxima-se da tradição narrativa que revisita, ao mesmo tempo em que dela se distancia. Para compreendermos melhor vamos retomar brevemente a trajetória desses dois soldados empobrecidos. No início da obra, Silva coloca Peralta em toda a sua comovente humanidade. Contudo, após seu encontro com o irrequieto Diabinho e, depois, com o Frade, passará a ser cada vez mais exemplar, até ser reduzido

⁴²⁵

SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, 34,35.

a uma marionete manipulada pela doutrina. Sete-Sóis, ao contrário, tenta construir o seu destino no mundo como companheiro da vidente Blimunda e assistente do padre Bartolomeu de Gusmão na montagem da passarola.⁴²⁶

Saramago parece construir seus três personagens principais sobre os de António José da Silva, opondo um ao outro, ou seja, Baltasar a Peralta, Blimunda ao Diabinho e, o Frade, ao padre Bartolomeu de Gusmão. Contudo, subverte os personagens para produzir os seus. Baltasar, como já sabemos, caminha para a afirmação de sua humanidade, ao passo que Peralta vai perdendo a sua. Blimunda, como o Diabinho, representa a religiosidade popular, mas diferentemente dele, é um personagem complexo, vivo, que desperta Baltasar para a vida e o ensina a ver o mundo. Por último, Gusmão é um cientista, um padre fascinado pelas Luzes, totalmente oposto ao Frade, que encaminha Peralta para a clausura do convento.⁴²⁷

Curiosamente, Saramago cita também o nome de da Silva no final do romance, quando rememora sua morte na fogueira do Santo Ofício. Com isso, a reconstituição ficcional “tem como matéria e ponto de partida a própria ficção, e o que é História (como o é a figura de António José da Silva) passa a ser *história* e a fazer parte do jogo ficcional”, avalia Odil José de Oliveira Filho.⁴²⁸ E o próprio narrador em *Memorial* nos avisa da revisão empreendida no final do texto acima citado: “não leva por companhia e ajuda frade ou diabinho e para mão furada já lhe basta a sua”.⁴²⁹

Nesse movimento de reconstrução da tradicional história literária, Saramago a ultrapassa, abrindo-se para a literatura carnavalizada. É por meio da carnavalização, como vimos em exemplos ao longo desse estudo, que Saramago vira o mundo de ponta

⁴²⁶ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 38,39.

⁴²⁷ Id., *ibid.*, p. 39.

⁴²⁸ Id., *ibid.*, p. 38.

⁴²⁹ Apud id., *ibid.*, p. 38.

cabeça e direciona seus holofotes para os oprimidos, recriando na ficção a trajetória daqueles que foram esquecidos pela História. Ao mesmo tempo, ridiculariza os que detêm o poder em tiradas irônicas como a infantilização do rei, que gosta de brincar de montar uma miniatura da basílica do Vaticano, e coloca a rainha como uma coitada:

(...) de el-rei não falemos, que sendo tão moço ainda gosta de brinquedos, por isso protege o padre, por isso se diverte tanto com as freiras nos mosteiros e as vai emprenhando, uma após outra, ou várias ao mesmo tempo, que quando acabar a sua história se hão-de contar por dezenas os filhos assim arrançados, coitada da rainha, que seria dela se não fosse o seu confessor António Stieff, jesuíta, por lhe ensinar resignação (...).⁴³⁰

Ou então quando nos conta que o rei não consegue dormir com a rainha, D.

Maria Ana, por causa de seu cobertor de penas que trouxe da Áustria:

E é por causa deste cobertor, sufocante até no frio fevereiro, que D. João V não passa toda a noite com a rainha, ao princípio sim, por ainda superar a novidade ao incómodo, que não era pequeno sentir-se banhado em suores próprios e alheios, com uma rainha tapada por cima da cabeça, recozendo cheiros e secreções. D. Maria Ana, que não veio de um país quente, não suporta o clima deste. Cobre-se toda com o imenso e altíssimo cobertor, e assim fica, enroscada como toupeira que encontrou pedra no caminho e está a decidir para que lado há-de continuar a escavação da galeria.⁴³¹

Ao lermos as sátiras de Saramago em *Memorial*, é impossível não nos lembrarmos de Gregório de Matos. O Boca do Inferno, que com seus ataques aos costumes vigentes da sociedade baiana do século XVII acabou sendo denunciado ao tribunal da

⁴³⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 89.
⁴³¹ Id., *ibid.*, p. 15.

Inquisição e deportado para Angola, não deixou pedra sobre pedra. O poema *Epílogos*⁴³²

é um exemplo de sua sátira corrosiva:

Que falta nesta cidade?Verdade
Que mais por sua desonraHonra
Falta mais que se lhe ponha Vergonha.

O demo a viver se exponha,
por mais que a fama a exalta,
numa cidade, onde falta
Verdade, Honra, Vergonha.
(....)

E que justiça a resguarda? Bastarda
É grátis distribuída? Vendida
Que tem, que a todos assusta?..... Injusta.

Valha-nos Deus, o que custa,
o que El-Rei nos dá de graça,
que anda a justiça na praça
Bastarda, Vendida, Injusta.

Que vai pela clerezia? Simonia
E pelos membros da Igreja? Inveja
Cuidei, que mais se lhe punha?..... Unha.

Sazonada caramunha!
enfim que na Santa Sé
o que se pratica, é
Simonia, Inveja, Unha.

E nos Frades há manqueiras?..... Freiras
Em que ocupam os serões? Sermões
Não se ocupam em disputas?..... Putas.

Com palavras dissolutas
me concluí na verdade,
que as lidas todas de um Frade
são Freiras, Sermões, e Putas.
(....)

⁴³²

Jornal de Poesia, disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gregoi01.html> Acesso em 5 jun. 2010.

Assim como Gregório, em *Memorial* Saramago não poupa nenhum setor das classes dominantes de sua ironia: além da realeza, ridiculariza também o clero e, por tabela, a religião que representa. Já logo no segundo capítulo do livro, o narrador desmascara a farsa de os franciscanos terem aceitado a promessa do rei de construir Mafra em troca de um herdeiro, posto que sabiam, de antemão, que a rainha estava grávida:

Com tais precedentes, sendo tão favorecidos os franciscanos de meios para alterarem, inverterem ou acelerarem a ordem natural das coisas, até a matriz renitente da rainha obedecerá à fulminante injunção do milagre. Tanto mais que convento em Mafra o anda a querer a ordem de S. Francisco desde mil seiscentos e vinte e quatro, ainda estava rei de Portugal um Felipe espanhol (...).

Agora não se vá dizer que, por segredos de confissão divulgados, souberam os arrábidos que a rainha estava grávida antes mesmo que ela o participasse ao rei. Agora não se vá dizer que D. Maria Ana, por ser tão piedosa senhora, concordou calar-se o tempo bastante para aparecer com o chamariz da promessa o escolhido e virtuoso frei António. Agora não se vá dizer que el-rei contará as luas que decorrerem desde a noite do voto ao dia em que nascer o infante, e as achará completas. Não se diga mais do que ficou dito.

Saiam então absolvidos os franciscanos desta suspeita, se nunca se acharam noutras igualmente duvidosas.⁴³³

Atacando os pilares da Igreja e seus artifícios para enganar e subjugar o povo, Saramago trata igualmente de desmistificar outros “milagres” no capítulo II e, um pouco mais adiante, caçoa sobre o Santo Sudário. Vemos no trecho que é como se o narrador presenciasse o espetáculo, tal qual um apresentador que chama as atrações ao pica-deiro:

D. Maria Ana (...) que na Quinta-feira Santa há-de ir à igreja da Madre de Deus, onde está um Santo Sudário que as freiras desdobrarão diante dela antes de o exporem aos fiéis, e nele serão claramente vistas as marcas do corpo de Cristo, este é o único e

⁴³³

Id., *ibid.*, p. 25, 26.

verdadeiro Santo Sudário que existe na cristandade, minhas senhoras e meus senhores, como todos os outros são igualmente verdadeiros e únicos, ou não seriam à mesma hora mostrados em tão diferentes lugares do mundo, mas, porque está em Portugal, é o mais vero de todos e único mesmo.⁴³⁴

E o provincial dos franciscanos é retratado como um ator de quinta categoria, puxa-saco e oportunista ao ouvir que o rei ampliaria a capacidade do convento de Mafra de 80 para 300 frades. Ao saber da novidade, o provincial:

(...) derrubou-se no chão dramaticamente, beijou com abundância as mãos da majestade, e enfim declarou, com a voz estrangulada, Senhor, ficai seguro de que neste mesmo momento está Deus mandando preparar novos e mais sumptuosos aposentos no seu paraíso para premiar quem na terra o engrandece e louva em pedras vivas, ficai seguro de que por cada novo tijolo que for colocado no convento de Mafra, uma oração será dita em vossa intenção, não pela salvação da alma, que vos está garantidíssima pelas obras, mas sim como flores da coroa com que haveis de apresentar-vos perante o supremo juiz, queira Deus que só daqui por muitos anos, para que não esmoreça a felicidade dos vossos súbditos e perdure a gratidão da igreja e ordem que sirvo e represento.⁴³⁵

E a reação de El-rei à cena, como não poderia de ser, é descrita como sendo de um canastrão de primeira: “D. João V levantou-se da sua cadeira, beijou a mão do provincial, humildando o poder da terra ao poder do céu, e quando se tornou a sentar repetiu-se-lhe o halo em redor da cabeça, se este rei não se acautela acaba santo”.⁴³⁶

Por fim, aqui e ali, o narrador refere-se com sarcasmo sobre a sociedade portuguesa como um todo, apontando o seu atraso em relação a outros países da Europa

⁴³⁴ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 32.

⁴³⁵ Id., *ibid.*, p. 273.

⁴³⁶ Id., *ibid.*, p. 273.

em ácidas inserções: “(...) bom prato somos para galhofas estrangeiras (...)” ⁴³⁷, diz o narrador. A cama real sequer foi feita no próprio país: veio da Holanda ⁴³⁸, e a madeira vinda do Brasil é “incorrompível”, “não como este rachante pinho português”. ⁴³⁹ Até as prostitutas desejadas por Baltasar são inglesas, prostitutas essas que irão para as ilhas Barbadas, “em vez de ficarem nesta boa terra portuguesa, tão favorecedora de putas estrangeiras”. ⁴⁴⁰ Em vários outros momentos salienta a posição de inferioridade dos portugueses, como quando cita que nações estrangeiras lhes dão lições mercantis:

São mistérios mercantis que os de fora ensinam e os de dentro vão aprendendo, embora estes sejam ordinariamente tão estúpidos, de mercadores falamos, que nunca mandam vir eles próprios as mercadorias das outras nações, antes se contentam com comprá-las aqui aos estrangeiros que se forram da nossa simplicidade (...). ⁴⁴¹

Ou quando mata dois coelhos com uma cajadada só: ridiculariza a rainha, comparando a sua enorme barriga de grávida a uma nau, e a incompetência das esquadras, que perdeu seis embarcações mercantes para os franceses:

Para D. Maria Ana é que lhe vem chegando o tempo. A barriga não aguenta crescer mais por muito que a pele estique, é um bojo enorme, uma nau da Índia, uma frota do Brasil, de vez em quando manda el-rei saber como vai a navegação do infante, se já se avista ao longe, se o traz bom vento ou sofreu assaltos, como aqueles que sofrem as nossas esquadras, que ainda agora, na altura das ilhas, tomaram os franceses seis naus mercantes nossas e uma de guerra, que tudo isto e muito mais se podia esperar dos cabos que temos e dos comboios que armamos, e agora parece que vão os ditos franceses esperar o resto dos nossos barcos à entrada de Pernambuco e da Baía, se é que não estão já à espreita da frota

⁴³⁷ Id. *ibid.*, p. 81.

⁴³⁸ Id. *ibid.*, p. 16.

⁴³⁹ Id. *ibid.*, p. 220.

⁴⁴⁰ Id. *ibid.*, p. 42.

⁴⁴¹ Id. *ibid.*, p. 57.

que há-de ter saído do Rio de Janeiro. Tantas foram as descobertas que fizemos quando houve que descobrir, e agora nos passam os outros à capa como a inocentes touros, sem artes de marrar, ou não mais que por acaso.⁴⁴²

Descobertas, aliás, que geraram recursos desperdiçados em Mafra, cujas paredes foram escoradas “com a boa madeira do Brasil”.⁴⁴³ Assim como foi desperdiçado o próprio sangue do povo português, para quem o rei não dava a mínima importância:

Mas em Lisboa, dirá o guarda-livros a el-rei, Saiba vossa real majestade que na inauguração do convento de Mafra se gastaram, números redondos, duzentos mil cruzados, e el-rei respondeu, Põe na conta, disse-o porque ainda estamos no princípio da obra, uma dia virá em que quereremos saber, Afinal, quanto terá custado aquilo, e ninguém dará satisfação dos dinheiros gastos, nem facturas, nem recibos, nem boletins de registo de importação, sem falar de mortes e sacrifícios, que esses são baratos.⁴⁴⁴

No entrelaçamento de diálogos que compõe *Memorial*, salientamos mais uma vez a intertextualidade onde o narrador retoma, ironicamente, textos de autores de língua portuguesa. É como se estivesse brincando com a tradição, as glórias nacionais amesquinhas pelos abusos e pela banalização com repetições excessivas em discursos patrióticos.⁴⁴⁵

No trecho abaixo, destacamos uma fala sobre a morte de Francisco Marques -- um trabalhador miserável que transportava uma pedra gigante à construção de Mafra e morreu esmagado ao fugir-lhe o calço da mão. No intuito de mostrar a desumana explo-

⁴⁴² Id. *ibid.*, p. 67,68.

⁴⁴³ Id. *ibid.*, p. 132.

⁴⁴⁴ Id. *ibid.*, p. 133.

⁴⁴⁵ Exemplos de intertextualidade retirados de BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 71.

ração a que foi submetido e o nada que significa para o rei, o narrador chega a opor-se a Camões⁴⁴⁶:

Tiraram Francisco Marques de debaixo do carro. A roda passara-lhe sobre o ventre, feito numa pasta de vísceras e ossos, por um pouco se lhe separavam as pernas do tronco, falamos da sua perna esquerda e da sua perna direita, que da outra, a tal do meio, a inquieta, aquela por amor da qual fez Francisco Marques tantas caminhadas, dessa não há sinal, nem vestígio, nem um simples farapito. Trouxeram um esquife, puseram-lhe o corpo em cima, enrolado numa manta (...)

(...) não se vá julgar que desfilaram seiscentos homens diante do cadáver em última e comovida homenagem, são coisas que só acontecem nas epopeias (...).⁴⁴⁷

Em outro momento camoniano, é feita a referência ao velho do Restelo (*Lusiadas*, canto IV, est. 95 e seguintes) na figura de um homem recrutado à força por ordem do rei, para trabalhar em Mafra. Contudo, ao invés de “um velho de aspeito venerando”, temos em seu lugar “um labrego de tanta idade”. As palavras do velho do Restelo são bem ouvidas, já o protesto do labrego resulta em sua morte, o que nos mostra o espírito altamente crítico de Saramago⁴⁴⁸:

(...) é um labrego de tanta idade já que o não quiseram, e grita subido a um valado, que é púlpito de rústicos, Ó glória de mandar, ó vã cobiça, ó rei infame, ó pátria sem justiça, e tendo assim clamado, veio dar-lhe o quadrilheiro uma cacetada na cabeça, que ali mesmo o deixou por morto.⁴⁴⁹

Em *Memorial* aparecem alguns momentos de adesão ao código histórico, como a viagem de Gusmão à Holanda e a menção das críticas feitas por Tomaz Pinto

⁴⁴⁶ Id., *ibid.*, p. 72.

⁴⁴⁷ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 250, 251, 253.

⁴⁴⁸ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, 73.

⁴⁴⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 284.

Brandão, mas o recurso mais frequente do autor parece ser mesmo o da ironia, que se espalha por toda a narrativa para mostrar que sempre se posiciona ao lado dos oprimidos.

4.3 O diálogo passado/presente

Ao diálogo História/ficção soma-se outro, o do passado/presente, visando-se a criação de um mundo completo, nem que para isso seja necessário inventar ou, melhor dizendo, corrigir os fatos.⁴⁵⁰ Como aponta João Adolfo Hansen, em *Memorial* o passado nunca é algo dado e acabado, mas um efeito do presente da enunciação.⁴⁵¹

Saramago questiona o passado a partir do presente do narrador, avaliando-o a partir de um tempo fora da diegese e expressando preocupação não apenas com as desigualdades sociais em Portugal como em toda a sociedade contemporânea, de uma maneira geral. Conforme observa Douwe W. Fokkema, o código social do pós-modernismo baseia-se numa rejeição de hierarquias discriminadoras e numa recusa da distinção entre passado e presente, ficção e verdade. “No entanto, enquanto código, contribui para textos que (...) são altamente relevantes para o pensamento contemporâneo”, diz Fokkema.⁴⁵² Nesse sentido, a produção de Saramago é profundamente atual com o seu jogo dialético com o tempo e uso conjugado da paródia e da intertextualidade.⁴⁵³ Dessa forma, reconhecemos no cenário do século XVIII, em *Memorial*, questões relacionadas aos dias de hoje como a exploração, o descaso pelas camadas menos favorecidas, a corrupção e as desigualdades socioeconômicas e somos instigados a refletir sobre as mesmas.

⁴⁵⁰ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 19.

⁴⁵¹ HANSEN, J. A. “Experiência e expectativa em *Memorial do convento*”. In: LOPONDO, Lilian. (Org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo, Humanitas, 1998, p. 20.

⁴⁵² FOKKEMA, D. W. *História literária, modernismo e pós-modernismo*. Trad. Abel Barros Baptista. Lisboa, Vega, [s.d.], p. 66.

⁴⁵³ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 69.

Como já vimos, portanto, o romance é ambientado de forma a enfatizar a hipocrisia da monarquia e do clero, de um lado, e a exploração dos trabalhadores do outro. Mas tal ambientação é feita de uma forma que podemos reconhecer a megalomania do monarca português em muitos dos governantes do mundo atual. Apesar de D. João V ter construído o famoso aqueduto de Lisboa, fundado a Academia de História e ter dado apoio a cientistas e artistas, gastava em demasia os recursos enviados da Índia e do Brasil. Utilizou a riqueza não para melhorar as condições de vida de seu povo, mas sim para obras como as da Academia dos Arcades, em Roma, e do megalomaniaco conjunto de Mafra.⁴⁵⁴ O narrador mostra o caráter vaidoso e arrogante do monarca que, ao acompanhar a procissão de Corpus Christi, em pensamento compete e compara-se a Cristo:

(...) vai passando a custódia e eu vou passando, Cristo vai dentro dela, dentro de mim a graça de ser rei na terra, ganhará qual dos dois, o que for de carne para sentir, eu, rei e varrasco, bem sabeis como as monjas são esposas do Senhor, é uma verdade santa, pois a mim como a Senhor me recebem nas suas camas, e é por ser eu o Senhor que gozam e suspiram segurando na mão o rosário, carne mística, misturada, confundida, enquanto os santos no oratório apuram o ouvido às ardentes palavras que debaixo do sobrecéu se murmuram (...).⁴⁵⁵

O passado e o presente se interlaçam no texto quando o narrador faz comentários deixando claro que o seu tempo é outro do da diegese. Assim, distancia-se da história que conta, revisitando o século XVIII partir do século XX:

E estando já passados quase dois anos que se queimaram pessoas em Lisboa, está o Roscio cheio de povo, duas vezes em festa por ser domingo e haver auto-de-fé, nunca se chegará a saber de

⁴⁵⁴ O termo “varrasco” constitui imagem pela qual o rei, pelos seus desmandos carnaís, se assemelha a “um porco novo e reprodutor”. LINHARES FILHO. “Uma leit. de *Mem. do conv.*”. In: BERRINI, B. (Org.). *J. Sar., uma homen.*, p. 184, 185.

⁴⁵⁵ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 152.

que mais gostam os moradores, se disto, se das touradas, mesmo quando só estas se usarem.⁴⁵⁶

O mesmo ocorre quando o narrador menciona que Bartolomeu é brasileiro – país que mais tarde inventaria o avião, ou que “(...) para vir o cinema ainda faltam duzentos anos (...)”.⁴⁵⁷ Em outro momento, Saramago menciona Hans Pfaall, personagem de um conto escrito por Edgar Allan Poe em 1835 com a intenção de enganar o público. Pfaall alcança a lua em um novo balão revolucionário, após fugir da Terra por ter assassinado credores:

Repete Baltasar, para si próprio, que em dia favorável voltará à serra do Barregudo e ao Monte Junto, a ver se ainda lá estará a máquina, que bem podia ter acontecido regressar às escondidas o padre e sozinho levantar voo para terras mais propícias a invenções, como seja, para dar um exemplo, a Holanda, país por excelência dado a fenómenos aeronáuticos, como virá a comprovar um certo Hans Pfaall, que, por não ter sido perdoado de alguns insignificantes crimes, continua a viver na lua, até hoje.⁴⁵⁸

Interessante notar aí também a analogia com a passarola de Gusmão, já que ele a usa para tentar escapar de um comportamento que, aos olhos da Inquisição, seria criminoso, apesar de não ter cometido nenhum crime. Na continuação da inserção acima descrita, ainda brincando com a temporalidade, o narrador faz menção da ida do homem à Lua:

Não faltava mais nada que conhecer Baltasar estes acontecimentos futuros, e outros mais cabais, como já terem ido dois homens à

⁴⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 48.

⁴⁵⁷ Id., *ibid.*, p. 211.

⁴⁵⁸ Id., *ibid.*, p. 208.

lua, que todos os vimos lá, e não encontrarem Hans Pfaall, será porque não procuraram bem. Por serem custosos de encontrar os caminhos.⁴⁵⁹

Nessa mescla de passado e presente, Saramago acrescenta também uma brincadeira no diálogo entre ficção e História, já que, para começo de conversa, Pfaall não poderia ter ido à lua, pois nunca existiu no mundo real. Segundo, porque, mesmo se tivesse existido, no século XIX não havia tecnologia para tal viagem.

De acordo com Hutcheon, o pós-modernismo confronta o passado com o presente, mas não em um retorno nostálgico e, sim, revisitando-o criticamente.⁴⁶⁰ Nos trechos acima, por exemplo, temos uma crítica ao capitalismo. Saramago, como comunista, não aceitava a existência da desigualdade de renda que gera credores e devedores. Portanto, desculpa os crimes de Pfaall, classificando-os de “insignificantes”.

Por sua vez, Oliveira Filho aponta que a poética carnavalesca não propõe a negação de um tempo pelo outro, mas o encontro dos mesmos, a síntese, e não a exclusão. Nessa convivência entre o passado e o presente, poderíamos dizer que em *Memorial*, o antigo e o moderno não estão colocados como momentos distintos, um que seria o do texto retomado e outro, o do texto reconstruído a partir dele, mas como momentos coexistentes no processo de construção e criação, próprio de um trabalho intertextual. Assim, entre a Escolástica e as Luzes, entre o medieval e o moderno, o texto não opta exclusivamente pelos últimos, como pode parecer estar proposto no voo da passarola. Um olhar mais atento revela que há uma ambiguidade, um misto de fé e racionalidade, de fé e ciência, fazendo ascender um grupo também ambíguo, composto por um padre fascinado com as Luzes, uma paranormal e um soldado-piloto. “Portanto, se é certo que seu

⁴⁵⁹ Id., *ibid.*, p. 208.

⁴⁶⁰ HUTCHEON, Linda. *A poet. of postmod.: Hist., th., fic.*, p. 4. Tradução nossa.

voo em direção ao futuro já é uma superação do passado, não é menos certo que também voa e subsiste nessa máquina mítica o passado transformado – e é assim que ele se propõe ao leitor em seu presente”, diz Oliveira Filho.⁴⁶¹

Antes de prosseguirmos, citamos aqui novamente as *Obras do diabinho da mão furada* para lembrar que a trajetória narrativa de Peralta, produto de tradição moralista, é totalmente linear, sem apresentar nenhuma tensão. A ideia de um tempo linear acompanha-se, em geral, da convicção de que existiria uma ordem das coisas, diz Gruzinski, citando uma herança positivista que alimenta uma visão do tempo baseada na linearidade. O historiador aponta que a noção de cultura nasceu numa ótica evolucionista que, por muito tempo, impregnou a História. “Com frequência, os historiadores tendem a ler as épocas passadas como fruto de um movimento linear, de uma evolução (...). Como se, a cada vez, uma nova etapa devesse supostamente desenvolver forças que estariam contidas, em gestação nas etapas anteriores. Assim é que o Renascimento sucede à Idade Média e inaugura os Tempos Modernos”.⁴⁶² Esse tempo linear carrega a questão das origens que, por sua vez, implica a ideia de uma pureza, de uma autenticidade a ser reencontrada. As mestiçagens quebram, então, esse conceito de linearidade.⁴⁶³

Com a síntese dos tempos Saramago privilegiaria a ótica da mestiçagem em relação à manutenção do previsível, do já estabelecido. Tal recurso reforçaria, portanto, a proposta utópica de rompimento com uma sociedade injusta por meio do voo da passaro-la construída por seus três personagens.

É importante frisar ainda que Saramago não se limita a apontar as relações resultantes da exploração socioeconômica, em uma preocupação que extrapola o tempo

⁴⁶¹ OLIVEIRA FILHO, Odil J. de. *Carn. no conv.: Intert. e par. em J. Sar.*, p. 66, 68.

⁴⁶² GRUZINSKI, S. *O pens. mest.*, p. 57,58.

⁴⁶³ Id., *ibid.*, 57,58.

da diegese. Mira as diferenças de classe e da situação de desigualdade entre pobres e ricos dentro da sociedade portuguesa, em um movimento para resgatar a humanidade existente em todos, independentemente de castas ou condição financeira. Esse é o caso quando cita que todos atiram o caroço de uma cereja ao chão, seja “o cepo” que é a mão de Baltasar, a “mão eclesiástica e macia” do padre Bartolomeu de Lourenço, a “mão exacta” do professor de música Scarlatti e, por fim, a “mão discreta e maltratada” de Blimunda.⁴⁶⁴ Ao citar o parto da rainha, o autor diz que “Todos os homens são reis, rainhas são todas as mulheres, e príncipes os trabalhos de todos”. Porém, logo a seguir acrescenta que “não convém perder de vista as diferenças, que são muitas”.⁴⁶⁵ Tal colocação é ambígua porque se refere às diferenças sociais, mas pode também significar que o homem do povo distingue-se da elite porque é mais valoroso.

Para Saramago, é necessário conhecer profundamente o passado para melhor compreendermos o presente e melhor construirmos o futuro. Nesse processo, interpreta os fatos que ficaram para trás, graças à memória e à imaginação, acrescentando-lhes as experiências pessoais e as da coletividade. Além disso, utiliza-se da fantasia para carregar esse passado de uma maior densidade, onde se proliferam os questionamentos e as respostas.⁴⁶⁶ Nessa viagem ao Portugal do século XVIII, temos inicialmente a impressão que caminhamos por limites espaciais e temporais, quando na verdade estamos sendo levados a horizontes mais amplos, numa nova leitura do mundo. Nesse diálogo entre tempos, o objetivo de Saramago é levar o leitor a ter uma posição crítica diante dos fatos visando uma mudança de consciência, de postura diante das injustiças. Para tanto, sempre o traz de volta do século XVIII ao presente com suas frequentes inserções. Dessa

⁴⁶⁴ Id., *ibid.*, p. 164.

⁴⁶⁵ Id., *ibid.*, p. 70.

⁴⁶⁶ BERRINI, Beatriz. *Ler Sar.: o rom.*, p. 27.

forma, ao dialogar com o passado e o presente tendo em vista o futuro, José Saramago sugere a reinvenção do mundo em que vivemos.

4.4 A utopia como legado em *Memorial do convento*

Saramago resgata a biografia de Gusmão e transforma-a com elementos do fantástico e maravilhoso. O padre pode, assim, ser comparado a Dédalo, inventor das asas de cera que permitiriam a ele e a Ícaro escapar do labirinto. Ao passo que Taunay descreve as experiências factuais com o balão realizadas pelo religioso em âmbito restrito -- e que frustraram as expectativas da época devido à ignorância popular --, Saramago vai além e nos remete ao sonho de Ícaro e à aspiração de liberdade na construção de uma passarola que voa para escapar de uma sociedade injusta. Para tanto, o elemento natural, o ar quente, é substituído por um sobrenatural, ou seja, as vontades humanas. Apresenta-nos, assim, a utopia como um projeto para romper as barreiras geradas pelo imobilismo de uma sociedade injusta e atrasada.

“O que é desejado utopicamente cria todos os movimentos libertários”, aponta Ernest Bloch em seu inventário sobre sonhos e utopias – *O princípio esperança*.⁴⁶⁷ Segundo ele, a vida dos homens é perpassada por sonhos diurnos, que em parte são, tão somente, uma fuga insossa. A outra parte, entretanto, é instigante, não permite a resignação.⁴⁶⁸ Baltasar, Blimunda e Gusmão fazem parte desse outro grupo que sonha, que não se acomoda e não se limita aos afazeres corriqueiros. Vejamos o trecho abaixo sobre a obra da passarola:

⁴⁶⁷ BLOCH, Erns. *O princípio esperança*, 1 ed., Rio de Janeiro, Contraponto, 2005. 1 v., p. 18.
⁴⁶⁸ Id., *ibid.*, p. 14.

(...) Mas esta obra, se não é, como o convento, de sua majestade, tem licença régia, provavelmente já esquecida, nem sequer lembrada para mandar D. João V averiguar se o padre Bartolomeu Lourenço ainda tem esperanças de voar um dia, ou se isto é apenas maneira de viverem três pessoas um sonho, quando tais pessoas poderiam ser mais utilmente empregadas, o padre a pregar a palavra de Deus, Blimunda a sondar nascentes de água, Baltasar a pedir esmola para abrir as portas do paraíso a quem lha desse, porque isso de voar está demonstrado que só o podem fazer os anjos e o Diabo (...).⁴⁶⁹

As vontades que movem a passarola estão ligadas à aventura humana, à utopia do homem na terra que independe dos deuses. A conquista do céu, o desejo de voar, numa análise mais ampla, é o anseio pela liberdade.⁴⁷⁰

Assim como Hitlodeu, no Livro I da *Utopia*, de Thomas More, critica as políticas repressivas, afirmando ser “inepto o monarca que só é capaz de corrigir seu povo privando-o de todos os prazeres da vida”⁴⁷¹, o narrador de *Memorial* faz um relato das injustiças sociais na corte portuguesa. A promessa do rei D. João V de construir o convento e mosteiro de Mafra para ter um herdeiro desemboca na exploração de incontáveis trabalhadores, a maioria recrutada à força. O trecho abaixo demonstra a forma cruel e opressiva usada no recrutamento para o trabalho:

Deitava-se o pregão nas praças, e, sendo escasso o número de voluntários, ia o corregedor pelas ruas, acompanhado dos quadrilheiros, entrava nas casas, empurrava os cancelos dos quintais, saía ao campo a ver onde se escondiam os relapsos, ao fim do dia juntava dez, vinte, trinta homens, e quando eram mais que os carcereiros atavam-nos com cordas, variando o modo, ora presos pela cintura uns nos outros, ora com improvisada pescoceira, ora liga-

⁴⁶⁹ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 138.

⁴⁷⁰ FERRAZ, S. *As fac. de D. na obr. de um at.: J. S.*, p. 84.

⁴⁷¹ MORE, Thomas. *Utopia*, Martins Fontes, São Paulo, 1999, 2 ed., p. 58.

dos pelos tornozelos, como galés ou escravos. Em todos os lugares se repetia a cena, Por ordem de sua majestade, vais trabalhar na obra do convento de Mafra, e se o corregedor era zeloso, tanto fazia que estivesse o requisitado na força da vida como já lhe escorregasse o rabo da tripeça, ou pouco mais fosse que menino. Recusava-se o homem primeiro, fazia menção de escapar, apresentava pretextos, a mulher no fim do tempo, a mãe velha, um rancho de filhos, a parede em meio, a arca por confortar, o alqueive necessário, e se começava a dizer as suas razões não as acabava, deitavam-lhe a mão os quadrilheiros, batiam-lhe se resistia, muitos eram metidos ao caminho a sangrar.⁴⁷²

Enquanto Taunay não menciona questões de injustiça social, já que seu objetivo é provar a prioridade aerostática de Gusmão, para Saramago são desnecessários os detalhes históricos de que os experimentos foram realizados. Ele menciona as experiências relativamente ainda no início da trama para sinalizar que a grande aventura aérea do religioso – a de efetivamente conseguir voar e cumprir o sonho libertário de Ícaro-- ainda está por vir. E virá porque será preciso:

Esse gancho que tens no braço não o inventaste tu, foi preciso que alguém tivesse a necessidade e a ideia, que sem aquela esta não ocorre, juntasse o couro e o ferro, e também estes navios que vês no rio, houve um tempo em que não tiveram velas, e outro tempo foi o da invenção dos remos, outro o do leme, e, assim como o homem, bicho da terra, se fez marinheiro por necessidade, por necessidade se fará voador.⁴⁷³

A ação libertária, portanto, é possível, é necessária e a sua realização está nas mãos dos homens. Conforme aponta Miguel Real, a fé inabalável de Gusmão mostra que, por meio de um pensamento que corresponda às necessidades humanas, todo sonho humano pode se concretizar. Além disso, seu sonho de voar não se desenvolve por entu-

472

SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 283.

473

Id., *ibid.*, p. 61.

siasmos da fé, mas por via de uma razão mecanicista, técnica, totalmente desconforme com a mentalidade eclesiástica dominicana e jesuítica que reinava no paço imperial.⁴⁷⁴

E para dar conta de tal anseio, o personagem ultrapassa os limites da sua época histórica⁴⁷⁵ na tentativa de superar as barreiras humanas naturais: “(...) voar é sair da terra para o ar, onde não há chão que nos ampare os pés (...)”, diz Baltasar, “Faremos como as aves, que tanto estão no céu como pousam na terra”, responde Gusmão.⁴⁷⁶

“Além da conversa das mulheres, são os sonhos que seguram o mundo na sua órbita”⁴⁷⁷, afirma o narrador de *Memorial*. É como se da realização do sonho de voar dependesse toda a concepção acerca do homem, da religião e do universo, aponta Ana Paula Arnaut, observando que, curiosamente, a crença religiosa caminha na proporção inversa à construção da passarola. “É à medida que a acção avança e a passarola vai estando pronta que as dúvidas e a descrença se abatem cada vez mais opressivamente” sobre os personagens, diz.⁴⁷⁸

Afinal, o homem pode ou não voar? Parece ser esta a pergunta que o narrador coloca ao leitor, apesar de saber que tal não só é possível como é uma prática corrente, numa estratégia de extrapolação alegórica. Assim como no desafio mitológico de Prometeu, cabe ao homem o destino demiúrgico de participar na criação do universo.⁴⁷⁹ É o que se vê no seguinte trecho: “Um dia voarão os filhos do homem, disse o padre Bartolomeu Lourenço quando chegou e viu a forja feita, mais a pia da água onde se tempera-

⁴⁷⁴ REAL, M. *Nar., mar., trág. e sag. em Mem. do conv. de J. Sar.*, p. 49.

⁴⁷⁵ Id., *ibid.*, p. 50.

⁴⁷⁶ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 61, 62.

⁴⁷⁷ Id., *ibid.*, p. 113.

⁴⁷⁸ ARNAUT, A. P. *Mem. do conv. – Hist. fic. e ideol.*, p. 47.

⁴⁷⁹ MONIZ, Ant. P. *uma lei. de Mem. do conv.*, p. 77.

rão os ferros, falta apenas o fole, a seu tempo soprará o vento, que o espírito já soprou neste lugar”.⁴⁸⁰

Já que o voo da passarola representaria o homem criando uma saída para a opressão, em outras palavras, a pergunta sobre a possibilidade de o homem voar ou não pode ser refeita: Afinal, o homem pode ou não se libertar de um mundo opressivo comandado pelos poderosos? E a resposta que Saramago nos apresenta é sim, pois o homem seria o senhor de seu destino, independente de reis e deuses.

“A vontade que liberta é a dos marginalizados, os que agem clandestinamente, subvertendo, com algum sonhador engenho, o status quo”, diz Linhares Filho. A vontade, mola do mundo e da vida, representaria assim o próprio sonho ontológico do homem, ou seja, o sonho que marca a busca existencial e contínua do ser humano.⁴⁸¹ Como vemos em Ernest Bloch, o “futuro contém o temido ou o esperado e, estando de acordo com a intenção humana, portanto sem malogro, contém somente o esperado”.⁴⁸²

Militante de esquerda até o fim, vemos claramente a base marxista de Saramago no voo libertário empreendido pelos personagens. Contudo, conforme aponta Benjamin Abdala Junior, “ao contrário do zdanovismo reducionista do chamado socialismo real e de suas práticas ortodoxas, o imaginário de Saramago aponta para soluções heterodoxas à margem do poder de Estado e de caráter comunitário”.⁴⁸³ A passarola apenas consegue voar por sintetizar no âmbar as vontades dos indivíduos. Ou seja, simboli-

⁴⁸⁰ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 138.

⁴⁸¹ LINHARES FILHO. “Uma leit. de *Mem. do conv.*”. In: BERRINI, B. (Org.) *J. Sar., uma homen.*, p. 178, 179.

⁴⁸² BLOCH, E. *O pr. esp.*, p. 14.

⁴⁸³ ABDALA JR., B. *Front. múlt.*, *id. pl.*, p. 78.

camente, o aeróstato se eleva pela vontade coletiva – uma espécie de potencialidade subjetiva, capaz de materializar o sonho em um objeto, diz Abdala Junior.⁴⁸⁴

Não vemos, portanto, na aventura da passarola o que Terry Eagleton chama de um pensamento utópico “premature”, que se projeta por um ato de vontade ou imaginação além das estruturas políticas comprometidas do presente. Vemos, sim, um pensamento utópico capaz de “rastrear no presente uma oculta falta de identidade com o mesmo, que é o local onde um futuro factível pode germinar – um local onde o futuro ofusca e esvazia a abundância ilegítima do presente”.⁴⁸⁵

Saramago lança, assim, o que Teresa Cristina Cerdeira chama de “a base utópica de uma reconstrução possível”, numa produção romanesca que tem como marcas ideológicas:

(...) o sentido da responsabilidade que ultrapassa o medo, a suspeição de valores que exigem revisão, a importância de uma ética nos momentos da maior degradação, enfim, a consciência de ter que evitar a grande e verdadeira crise que é a de continuar tudo como está.⁴⁸⁶

A utopia é necessária porque expressa a afirmação do ser humano, conforme vemos em Karl Mannheim:

A desapareção da utopia ocasiona um estado de coisas estático em que o próprio homem se transforma em coisa. Iríamos, então, nos defrontar com o maior paradoxo imaginável, ou seja, o do homem que, tendo alcançado o mais alto grau de domínio racional da existência, se vê deixado sem nenhum ideal, tornando-o um mero produto de impulsos. Assim, ao término de um longo e tortuoso, mas heroico desenvolvimento, justamente no mais elevado estágio da consciência, quando a história vai deixando de ser um destino ce-

⁴⁸⁴ Id., *ibid.*, p. 77.

⁴⁸⁵ EAGLETON, T; JAMESON, F.; SAID E. *Nat., col. and lit.*, p.25. Tradução nossa.

⁴⁸⁶ CERDEIRA, Teresa Cristina. “Espaços concentracionários e as crises da utopia: Sartre e Saramago”. In: BUENO, Aparecida de Fátima et alli. *Literatura portuguesa, história, memória e perspectivas*. São Paulo, Alameda, 2007, p. 364.

go e se tornando cada vez mais uma criação do próprio homem, o homem perderia, com o abandono das utopias, a vontade de plasmar a história e, com ela, a capacidade de compreendê-la.⁴⁸⁷

Afinal, diz o narrador de *Memorial*, “(...) que seria de nós se não sonhássemos”.⁴⁸⁸

O romance de Saramago nos fala sobre a opressão dos mais fracos pelos mais fortes, mas também, nos deixa uma porta entreaberta em sua fé no homem que se torna um agente de transformação da sociedade em que vive e, portanto, ganha a liberdade. É assim que Baltasar, um homem simples do povo, é convencido por Bartolomeu de Gusmão de que é possível voar. Os dois morrem, mas Blimunda sobrevive e vai ficando cada vez mais forte. Guardiã do sonho, ela fermenta um sentimento de inconformismo que pode, um dia, crescer e reunir o coletivo em uma revolução que traga mais justiça e igualdade social.

A obra vem, dessa forma, de encontro à ordem internacional dominada pelo sobe e desce dos mercados financeiros, onde há a convicção de que já não há mais lugar para o pensamento utópico. A vida moderna, com a supervalorização do privado e sem espaço para sonhos, já seria a manifestação de uma liberdade plena e ponto de chegada da democracia.⁴⁸⁹ Em 1986, Susan Strange já advertia que a crescente incerteza, volatilidade e especulação nos mercados poderia minar o respeito por “valores éticos (...) sob os quais uma sociedade democrática livre está baseada”.⁴⁹⁰

⁴⁸⁷ MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, p. 285.

⁴⁸⁸ SARAMAGO, J. *Mem. do conv.*, p. 178.

⁴⁸⁹ ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p. 159.

⁴⁹⁰ Apud GILL, Stephen R. “Neo-liberalism and the shift towards a US-centered transnational hegemony”. In: OVERBEEK, Henke. (Ed.). *Restructuring hegemony in the global political economy*, London, Routledge, 1993, p. 265. Tradução nossa.

Abdala Junior menciona, entretanto, que tal hipertrofia do privado não deixa de ser uma utopia, “pois aponta enganosamente para um mundo pretensamente sem fronteiras para o indivíduo, no domínio da vida econômica, social, política e cultural”, acrescentando que nesse momento de erosão das fronteiras nacionais, o “indivíduo emerge como espetáculo em seu individualismo”.⁴⁹¹

Quando o futuro se faz presente, nas atualizações da utopia, são então possíveis os saltos para novas configurações históricas, observa Abdala Junior. Citando Ícaro, diz que o mito, como expressão de um drama humano condensado, “toma o herói como paradigma da humanidade inteira em sua história e no impulso de sua transformação”.⁴⁹²

Ao não aceitar a exploração sob nenhuma forma e em nenhum tempo, Saramago mostra-nos que há uma saída. Nesse sentido, Boaventura de Sousa Campos aponta que “a utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe, só porque existe, em nome de algo radicalmente melhor que a humanidade tem direito a desejar e por que merece a pena lutar”.⁴⁹³ Não é à toa que a passarola de Bartolomeu de Gusmão só pode levantar voo graças às vontades reunidas por Blimunda em dois frascos posicionados dentro da máquina voadora.

Saramago teria, dessa forma, reintroduzido o povo na equação do poder, reabilitando os sonhos e mitos dos homens. Seu ideal socialista de mundo e de futuro fica mais uma vez evidente em *Memorial* com a mudança do nome do músico Scarlatti para Escarlate, na sugestão de um futuro vermelho. Vital Moreira vê no confronto entre

⁴⁹¹ ABDALA JR., B. *De v. e ilh.*, p.159.

⁴⁹² Id., *ibid.*, p. 14,28,189.

⁴⁹³ SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Al.*, p. 278.

as lógicas do poder e da liberdade o “significado último” do romance e concretiza: “A utopia será realidade; as esperanças e os sonhos dos homens valem a pena”.⁴⁹⁴

Para tanto, Saramago evoca o passado a partir do presente visando o futuro. Mas um futuro que não seja uma fatalidade e, sim, uma construção popular. É essa esperança que reforça a crença do autor no ser humano.

⁴⁹⁴

Apud VENÂNCIO, F. *José Saram.: A luz e o sombr.*, p. 62.

5. CONCLUSÃO

A literatura comparada percorreu um longo caminho desde que essa designação surgiu, no século XIX -- em um ambiente nacionalista onde as nações europeias lutavam por independência --, até o atual enfoque pós-colonialista baseado no hibridismo no qual os pilares desta tese estão fundamentados. Nessa trajetória, algumas escolas, de uma forma ou de outra, deixaram suas marcas. A escola francesa já ditava tendências desde o surgimento da literatura comparada com um enfoque baseado no positivismo, até ser desafiada, no período pós-guerra, pela escola americana com um viés despolitizado. Contudo, os franceses nunca deixaram de exercer grande influência, mesmo nos EUA, que não raramente exportam ideias francesas revisitadas. A escola alemã, com base em raízes étnicas e raciais, era outro ramo de destaque na literatura comparada na época de seu surgimento. Contudo, a adoção posterior dessa concepção particularista de cultura pelos nazistas -- numa simplificação grosseira de uma relevante corrente de pensamento do século XIX sobre as origens e o significado da cultura oral -- gerou nefastas consequências.

A partir dos anos 70, com a globalização, modelos alternativos começaram a desafiar a tradição europeia e americana. Desde 1979, conforme observou Hillis Miller, o foco do estudo da literatura deixou de ser intrínseco, centrado na língua, e passou às suas relações extrínsecas, de suas colocações dentro de contextos psicológicos, históricos ou sociológicos. O interesse desloca-se, então, do texto literário para questões referentes à situação circunstanciada do receptor e sua referência institucional formada por múltiplos reguladores da esfera cultural e social. Nessa perspectiva, a questão que mobiliza uma parte considerável dos teóricos gira em torno da construção de teoremas do múlti-

plo, do heterogêneo e o próprio objeto de estudo se pulverizou, tornando-se plural. Assim, as mudanças ocorridas nas teorias da literatura, caracterizadas por perspectivas pragmáticas e alianças interdisciplinares, tiveram como efeito significativo o deslocamento da investigação para fora dos limites da matriz disciplinar tradicional e para fora dos limites nacionais. Mary Louise Pratt vê em tal ambiente um espaço hospitaleiro para se cultivar uma consciência genuinamente global. Ao contrário dessa visão gentil, entretanto, Homi Bhabha enxerga o espaço literário mundial menos aberto à mediação, com uma forma de discordância e alteridade cultural.

De qualquer forma, em muitas partes do mundo existem agora nas universidades departamentos de literatura ocidental que deixaram de lado uma categorização binária, adotada tradicionalmente por colegas europeus e americanos, para agrupar as literaturas em grupos, onde suas similaridades são o foco das atenções, muito mais do que as suas diferenças. Tal modelo reconsidera questões de identidade cultural, implicações políticas de influência cultural e de história literária, rejeitando a falta de historicidade da escola americana e da abordagem formalista.

Sob a influência de Foucault, a análise do discurso, associada a mecanismos regulatórios de poder, desbancou o estudo da retórica. Sob a influência de Bakhtin, a linguagem passou a ser vista menos como uma estrutura autônoma e mais como um leque de discursos altamente variáveis produzidos por meio de (e geradores de) diferenciação social e interação de conflito. Críticos mais jovens como Edward Said e Gayatri Spivak ajudaram a gerar interesse no campo de estudos colonial e pós-colonial ao mostrar como as formas literárias estão embutidas em histórias coletivas e estruturas ideológicas. Emerge, assim, dos departamentos de literatura a teoria pós-colonial que desafia a hegemonia das culturas colonizadoras e reconhece a pluralidade de contatos entre o coloniza-

dor e o colonizado. Para Said, por exemplo, a literatura é, definitivamente, “mundializada” e, para analisá-la, é preciso focar-se em fenômenos globais como cultura, imperialismo, dominação, submissão, racismo, resistência nativa e nacionalismo.

No Brasil, temos uma tradição de pensamento filosófico e literário constituída ao longo de dois séculos de assimilação de ideias estrangeiras, sobretudo as francesas. Contudo, como aponta Perrone-Moisés, essa tradição deve ser lembrada em função de nossas circunstâncias locais com espírito crítico e sem servilismos de qualquer espécie. A não adoção de enfoques que dizem respeito à Europa e aos EUA sem levar em conta a nossa realidade latino-americana é crucial. Mesmo porque, quando o multiculturalismo entrou em pauta nos EUA nos anos 90, aqui há muito já vivíamos um processo de mesclagem cultural. Além disso, o multiculturalismo já vem sofrendo críticas mesmo nos Estados Unidos, já que teóricos reconhecem a influência esmagadora da americanização presente na globalização. Outro fator relevante refere-se ao crescimento do terrorismo, partindo principalmente de grupos antiamericanos. Em um cenário mundial que sofre as consequências diretas ou indiretas do terror, Djelal Kadir aponta como um desafio para a literatura comparada a necessidade de negociar alguma forma de habitação entre uma crítica à diferença e a difícil questão da incomparabilidade.

Um ponto fundamental para o estudo dessa tese é a concepção de Said que, em parte devido ao imperialismo, todas as culturas estão mutuamente imbricadas; nenhuma é pura e única, todas são híbridas, heterogêneas. E as culturas híbridas sob o signo de redes que refletem e criam culturas distintas encerram contradições, mas ao mesmo tempo, abrangem dimensões solidárias.

Em uma direção oposta à pulverização de fronteiras entre os Estados nacionais, reforçam-se os laços comunitários supranacionais com a busca por novas associa-

ções entre comunidades culturais que visam defender seu espaço nessa dinâmica. Tendo em vista esse contexto, Abdala Junior observa que em um mundo de fronteiras múltiplas, é imprescindível buscarmos novas associações no campo do comunitarismo cultural a que historicamente nos vinculamos de uma forma a não reproduzir gestos coloniais ou imperiais.

Paralelamente, a revitalização de nacionalismos e etnicismos nos últimos anos tem pretendido reduzir o trabalho histórico da construção e readaptação das identidades à simples exaltação de tradições locais. Os fundamentalismos com que muitos movimentos se caracterizam – expressando, em parte demandas pela identidade que foram sufocadas durante a constituição das nações modernas – anulam qualquer espaço de transação. Contudo, tais formas de “solucionar” questões de identidade em nações com uma composição sociocultural muito heterogênea, como as latino-americanas, teriam dificuldade em se firmar no longo prazo porque é pouco provável que os múltiplos modos de ser nesses países possam ser reduzidos a um bloco fixo de traços arcaicos.

Em um mundo onde os neonacionalismos continuam defendendo ideais de pureza, a hibridação exerce um papel potencial subversivo conforme expresso por Bhabha, ao dizer que o hibridismo é o nome dado à inversão estratégica do processo de dominação por meio da contradição. A concepção de pureza aparece também como inviável nas palavras de Seamus Deane, para quem a cultura surge de um ato de invenção cultural que, em si mesmo, depende de uma natureza anterior legitimadora. E uma vez que a origem é entendida como sendo uma invenção, nunca novamente pode ser considerada como algo “natural”. Em Gruzinski, a ideia que remete à palavra “mistura” não tem apenas o inconveniente de ser vaga. Carrega também conotações das quais “convém fu-

gir como o diabo da cruz” já que é percebida como uma passagem do homogêneo ao heterogêneo, do singular ao plural, da ordem à desordem.

Os estudos culturais contemporâneos celebram a heterogeneidade com novas estratégias discursivas e metodologias inovadoras. Inclui-se aí o surgimento, nos quatro cantos do planeta, de um vocabulário teórico miscigenado que compreende termos como hibridismo, mestiçagem, sincretismo, criouliização e multiculturalismo, além de transculturação e interculturalismo. Apesar de apresentar consensos, esses termos também trazem nuances que descortinam o esforço dos críticos em dar conta das dinâmicas interculturais e das literaturas plurais. Um dos conceitos mais utilizados em trabalhos nas áreas mais variadas das ciências sociais é o apresentado por Bhabha. Segundo ele, a hibridação trata-se de um processo para entender o movimento de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura. Já Canclini entende por hibridação processos socioculturais nos quais práticas ou estruturas separadas, previamente existentes em formas independentes, são combinadas para gerar estruturas. Estas, porém, resultam de hibridações anteriores e, portanto, não podemos considerá-las pontos de origem puros. De qualquer forma, todos os termos aqui citados que tentam dar conta dessa dinâmica compartilham a noção de heterogeneidade, um dos princípios fundamentais dos projetos pós-modernistas e pós-colonialistas.

A diversidade de identidades previamente reprimida nos nacionalismos culturais vem à tona na hibridação que permeia o debate pós-colonial, desalojando a demanda por autenticidade e pureza. Nesse contexto, é crucial focalizar os processos que são produzidos na articulação das diferenças sociais. Como aponta Bhabha, esses “entrelugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação que dão

início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, e onde o interesse comunitário ou o valor cultural são negociados. No atual momento da dinâmica cultural, o território claramente se deslocou da nação e está onde se encontra a sociedade ou comunidade. Assim, a ideia de uma identidade nacional derivada apenas de um território definido não é mais suficiente para definir uma pessoa ou um grupo. O que parecia uma inevitabilidade tornou-se opção, já que as identidades, antes outorgadas, passaram a ser construídas. É, assim, algo que está em constante transformação, pois podemos ser vários ao mesmo tempo.

Nesse processo de realocação e redefinição de identidades, as comunidades étnicas minoritárias podem sentir-se compelidas a preservar uma identidade própria. Tal articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. Essa dinâmica que caracteriza o hibridismo não está livre de tensões, já que existe aí um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte. Por isso, segundo Fanon, a afirmação da identidade pode ser libertadora apenas no contexto de uma batalha também para transformar formas institucionais de opressão.

As bases linguísticas da heterogeneidade podem ser encontradas em Mikhail Bakhtin, para quem o processo de mesclagem e de relações dialógicas nas trocas sociais já se faz presente a partir dos próprios discursos. Ou seja, o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Toda linguagem, portanto, é heterogênea. As reflexões empreendidas por Julia Kristeva sobre a obra de Bakhtin resultaram no conceito de intertextualidade, ou seja, de que todo o texto é absorção e transformação de outro texto. Também seguindo a linha de Bakhtin,

o semiólogo russo Yuri Lotman afirma que o texto não é um fenômeno isolado e pertence a um sistema maior, que chamou de semiosfera. Concluímos, conseqüentemente, que a hibridação permeia todos os níveis das produções culturais – e, portanto, dos fluxos entre as literaturas -- das sociedades.

Nesse processo dinâmico, a cultura brasileira, por ser de identidades polifônicas, tem certo know-how em relação à cultura global, já que é animada por identidades que não sentem necessidade de perguntarem-se o tempo todo por suas origens. Contudo, de acordo com Abdala Junior, para fazer frente a uma situação de dependência em relação às culturas hegemônicas, duas formas de articulações político-culturais se apresentam, ou seja, as que apontam para a América Latina e as relacionadas aos países onde se fala o português, como a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Justifica-se, assim, a necessidade dos estudos de literatura comparada, uma vez que a situação de dependência envolve a todos nós e torna-se imperativo desenvolver estratégias para reverter tal quadro. A literatura comparada a partir dessa perspectiva, então, é uma atividade política, parte de um processo de reconstrução e reafirmação cultural e da identidade nacional no período pós-colonial.

Daí, portanto, a importância em se analisar o hibridismo e os traços compartilhados pela comunidade luso-brasileira, estudados aqui nas obras escolhidas de Saramago e Taunay. Os dois livros, como vimos, têm em comum a figura do padre Bartolomeu de Gusmão. E o estudo das formas como Taunay e Saramago o retrata oferece-nos uma valiosa oportunidade para analisar o personagem e suas identidades nas duas obras, a partir do conceito de hibridismo. Dizemos que Gusmão é um personagem híbrido valendo-nos das definições de hibridez propostas por teóricos aqui já mencionados. Bhabha, por exemplo, aponta que se trata de um processo de negociação cultural que

ameaça a autoridade colonial porque subverte o conceito de origem pura. Gusmão é o retrato dessa definição. Nascido no Brasil colônia, migra para Portugal onde vive por anos, negociando valores culturais nos chamados “entrelugares”. Os conflitos resultantes de tais negociações geraram consequências: apesar de cientista brilhante, não consegue se firmar, em vida, no cenário português e europeu. Contudo, suas ações não deixam de representar uma atitude de “resistência” ao *establishment* da época.

Tal papel ameaçador de Gusmão, conferido por um hibridismo que lhe possibilita múltiplas identidades, fica claro tanto em Taunay como em Saramago. O primeiro mostra como o padre incomodou a sociedade portuguesa da época e, o segundo, como a invenção do personagem representa um escape daquele *status quo* opressor. Ambos procuram, em obras escritas em momentos históricos diferentes, a partir da questão do múltiplo, unificar o personagem na figura do herói. A diferença -- além dos distintos propósitos dos autores -- é que, em Saramago, o herói é um grupo formado, além do religioso, por Baltasar e Blimunda.

Taunay tira o padre das páginas da História e o transforma em herói, buscando evocar fortes sentimentos de nacionalidade por meio da exaltação de seu intelecto e de suas descobertas científicas. Nesse esforço, utiliza elementos que colocam o livro em estrita relação com o século XIX e com demandas, por assim dizer, românticas. Taunay tem como objetivo principal não deixar dúvidas de que ele inventou o aeróstato e de salientar como foi injustiçado pela sociedade portuguesa da época, que não soube ver a importância de seu feito. Ao contrário de Saramago, a ele não interessam questões socioeconômicas da época em questão. O mito do herói justifica-se por um herdado cunho romântico com seu desejo de retratar o nacionalismo, também pautado pelo viés positivista da época. Utiliza os documentos e depoimentos a que teve acesso buscando convencer e não fazer refletir.

Em tal processo de construção biográfica, Taunay retira de vários autores tanto as opiniões favoráveis como as não favoráveis a Gusmão para, de qualquer maneira, exaltá-lo. Os pontos de vista positivos, mais numerosos, servem para reforçar as suas qualidades. Já os negativos, ele procura desacreditá-los, demolindo-os com críticas. A transtextualidade é uma marca do livro de Taunay, mas está longe de desvalorizar a obra por falta de originalidade. Ao contrário: A prática intertextual não apenas nos traz o seu estilo e visão, como também nos apresenta a projeção dos textos que antecedem o livro.

Já Saramago incorpora atitudes do Neo-realismo em sua obra pela preocupação social ao combater o autoritarismo, a intolerância, a exploração dos oprimidos e defender a igualdade de direitos, os sem-terra, o respeito ao indivíduo. Portanto, o objetivo do autor em *Memorial* é dar voz às multidões de miseráveis, não só às que foram oprimidas no século XVIII como em qualquer outro período, utilizando-se assim da literatura como um instrumento de emancipação humana. E a saga de Gusmão representa, justamente, a aspiração por liberdade e escape de uma sociedade opressora. Uma gama considerável de influências para refletir as tensões do mundo atual demonstra a filiação estética de Saramago ao Pós-modernismo. Vemos então em seu trabalho uma mescla de tendências que incluem efeitos estéticos do Barroco e “pistas da nova literatura”, além do romance histórico: o fantástico, como possível influência do realismo mágico hispano-americano; aspectos do romance psicológico, revelando grande experiência do narrador; aspectos do *nouveau roman* pela escrita um tanto caótica devido à falta de alguma pontuação e pelo desvio do tempo presente.

Ambos os autores trabalharam as múltiplas facetas de Gusmão para unificá-las na figura do herói. A principal diferença é que – além dos distintos objetivos dos escritores -- em Saramago, no caso da construção da passarola, tal figura é representada não apenas pelo padre como também por Baltasar e Blimunda. No universo do autor

português, o herói, a havê-lo, é sempre um grupo. O narrador, por várias vezes, engrandece seus heróis do povo, os personagens Blimunda e Baltasar, ao aproximá-los de Deus e deuses. No que diz respeito à outra construção abordada no livro, a do convento de Mafra, a paródia reside na subversão do discurso heroico, já que o herói saramaguiano é o homem do povo.

Saramago, como era de se esperar de um escritor que defende o homem comum, celebra a mistura em vários momentos em *Memorial*, seja ao salientar as vantagens da hibridez em inserções feitas pelo narrador, seja ao desdobrar o discurso ficcional como forma de sublinhar a temática do duplo. Mas é em Bartolomeu de Gusmão, um exemplo de ser misto, que encontramos a sua principal homenagem ao híbrido. Apresenta-nos um personagem brasileiro que vive na corte portuguesa, amigo de pobres e ricos: um padre católico que desafia o Santo Ofício seja por sua ciência, seja por seu caráter profano.

Alguns aspectos biográficos de Bartolomeu foram registrados por ambos os escritores: A origem, a primeira viagem a Portugal aos 15 anos, seu talento e sua memória extraordinários; assim como detalhes controversos de sua vida, como as ligações com judeus e seu interesse pelo Alcorão.

Taunay, interessado em que o padre receba sua glória póstuma como brilhante cientista de família honesta e religiosa, descreve-nos com detalhes outras invenções do padre, além do aeróstato, para provar a sua capacidade como cientista. Conta-nos, também, sobre as ocupações de seus pais e irmãos, com destaque para seu ilustre irmão Alexandre de Gusmão, bem como a sua vida estudantil no país antes de embarcar para a Europa. Taunay menciona os múltiplos aspectos do padre, entretanto, com o objetivo de provar a sua versatilidade. Em nenhum momento, por exemplo, se vê em Taunay um Gusmão questionando dogmas religiosos, como acontece em *Memorial*.

Já para Saramago, por outro lado, não importa mencionar detalhes sobre a família de Gusmão e nem sobre sua trajetória na terra natal antes de sua vida em Portugal. Além do escape de um mundo injusto com a passarola, interessa-lhe mostrar o drama teológico do padre que vai levá-lo à loucura, drama esse agravado por sua multiplicidade de funções que faz dele um ser fragmentado e dividido. O escritor português constrói, assim, um personagem profano, utilizando suas diversas facetas para compor uma figura híbrida que, como cientista, ignora os fanatismos religiosos de sua sociedade e questiona os principais dogmas da igreja. Ao contrário do apresentado por Taunay, a multiplicidade de funções de Gusmão em Saramago não nos leva a um símbolo patriótico que marcou a história da humanidade com a sua invenção e, sim, a um religioso de comportamento herético, seja pela sua amizade com a vidente Blimunda ou pelo questionamento da Santíssima Trindade. Enquanto Taunay enumera todos os membros da família do padre que também seguiram a vida religiosa para ressaltar a sua origem cristã, o Gusmão de Saramago tem mais fé na ciência do que na inspiração da fé. Assim, o elemento divino, que tudo sustenta no universo, nada mais é do que o humano e está dentro de cada homem. A dinâmica do mundo acontece, então, por meio do fazer dos homens e não por vontade divina.

A impressão mais forte que temos, então, do final da trajetória do Gusmão de Saramago é o de um homem torturado, desequilibrado, que caminha para o desfecho da loucura e da morte. Em Taunay, vemos um inventor genial que não teve o reconhecimento em vida da corte portuguesa devido ao atraso da sociedade lusitana da época e à inveja.

No que diz respeito à articulação de diferenças na construção de identidades, observamos com base nos estudos de hibridismo de Bhabha como Gusmão negocia, nos “entrelugares”, seus valores, experiências e espaço junto à elite portuguesa, trazendo

em sua bagagem a origem simples de um padre do Brasil colônia. Tanto Taunay como Saramago salientam as ligações do religioso com as classes mais humildes ou influentes. O escritor brasileiro também destaca a amizade que D. João V nutria por Bartolomeu, porém com mais frequência do que Saramago, pois tem a intenção de mostrar que, não obstante as críticas e as contrariedades, de certa forma o talento do padre foi reconhecido pelo monarca português.

De qualquer maneira, fica claro em ambos os autores que a busca por espaço de Gusmão no país colonizador está relacionada a questões de identidade. Seguindo Fanon, Bhabha aponta três aspectos fundamentais no processo de construção de identidade em contextos coloniais. Em primeiro lugar, é preciso existir para *outro*. Isso resultaria no “sonho de inversão”, ou seja, um sonho no qual o colonizado sonha em, um dia, ocupar o lugar de colonizador. Em Taunay, por exemplo, vemos que um prestigiado diploma de uma universidade portuguesa vai conferir status a Gusmão, sinalizando esse movimento de ocupação de espaço. Por sua vez, ainda de acordo com Bhabha, o colonizador sonha aterrorizado com a ameaça de perder seu lugar privilegiado para o colonizado. Tal temor motivaria, então, a reação negativa de parcela da população portuguesa em relação aos inventos do Voador. Em diversos trechos, Taunay ressalta as várias críticas dirigidas a Gusmão, com destaque às tecidas por Tomaz Pinto Brandão, entre outros. Dentro dessa perspectiva, os autores das galhofas perderiam espaço se qualquer tipo de crédito fosse dado ao padre. É preciso, então, ridicularizá-lo.

Os outros dois aspectos apontados por Bhabha também podem ser reconhecidos no Gusmão de Taunay. Ao mesmo tempo em que o colonizado almeja ocupar o lugar do colonizador, ele não quer abrir mão de ocupar o seu espaço de colonizado. Tal aspecto fica evidente nas saudades da pátria expressas pelo religioso no sermão em honra a Nossa Senhora do Desterro. Por último, segundo Bhabha, a angústia e a cisão no pro-

cesso de identificação refletem-se no comportamento errático e inconstante de Gusmão. As ambivalências do padre, tidas como inconstâncias, são vistas como um problema pelas autoridades, pois subvertem o sistema.

O hibridismo de Gusmão pode ser traduzido em uma mescla que lhe possibilitou a elaboração de múltiplas identidades nos diversos espaços culturais por onde transitou. As questões de negociação de espaço e dos conflitos resultantes no processo de construção de identidade espelham-se nos nomes próprios do religioso. Tanto em Taunay como em Saramago, os matizes do padre refletem-se nas diferentes formas em que ele se apresentou. Enfim, múltiplos nomes para uma multiplicidade de “eus”.

Como vimos, portanto, aspectos da sociedade portuguesa e da relação colonizador/colonizado estão presentes nas duas obras estudadas. Julgamos então necessário traçar um apanhado da influência dos diálogos culturais na formação de Portugal a partir de sua Pré-História, que nos revela um *melting pot* composto por celtas, iberos, fenícios, gregos e cartagineses até a ocupação pelo Império Romano. Em seu auge, no século II, este exerceu na região uma profunda transformação nas paisagens e nos modos de vida. Após sua queda, as invasões de origem germânica, no início do século V, não trouxeram nenhuma alteração considerável ao estilo de vida das populações peninsulares. No século VIII, contudo, a ocupação muçulmana da Península Ibérica contribuiu para que se desenhasse um contraste entre um Portugal mourisco, meridional, e um Portugal romano, setentrional, onde o domínio árabe se fez sentir. A Reconquista cristã culminou com a formação do Reino de Portugal, em meados do século XII.

Um apanhado dessa constituição altamente mesclada é relevante porque, por ter resultado em uma sociedade com expressiva mobilidade social, sem exclusivismos de raça ou cultura, a sociedade portuguesa apresentou uma burguesia precoce que não se processou de forma típica. Dessa forma, o povo português ficou marcado por uma

rusticidade resultante da passagem de uma sociedade não totalmente tradicional a uma sociedade não tipicamente moderna. Tal plasticidade social, caracterizada por ausência de qualquer orgulho de raça, vem a influenciar na formação do Brasil colônia, em uma hibridação que se aprofunda através da mesclagem com índios e negros.

Como resultado desse processo formativo, as aberturas específicas da cultura portuguesa compreendem por um lado a Europa, por outro o Brasil e, até certo ponto, a África. Contudo, Portugal, assim como a Espanha, por ser uma das pontes pelas quais a Europa comunica-se com outros mundos, constitui-se uma zona de transição em alguns casos menos marcada pelo europeísmo. O ingresso tardio no coro europeu apenas a partir dos grandes descobrimentos marítimos determinou um tipo de sociedade que iria se desenvolver, em alguns sentidos, quase à margem das outras nações europeias. O país voltou-se, dessa forma, mais para atividades fora do continente europeu do que para relações internas com os demais países da Europa, onde aparecia em situação de inferioridade. Tal atraso repercutiu, evidentemente, no desenvolvimento científico lusitano. É nesse contexto que Taunay critica a sociedade portuguesa da época de Bartolomeu de Gusmão, que além de não compreender a importância de seu feito, ainda o hostilizou.

De qualquer maneira, no que diz respeito ao Brasil, Sérgio Buarque de Holanda avalia que o caráter aventureiro do colonizador português, baseado no provisório, gerou uma maleabilidade que possibilitou o nosso caráter tipicamente híbrido, mesclado, flutuante, e não apenas multicultural, onde diferentes correntes podem coexistir, dividindo um determinado espaço sem, necessariamente, amalgamarem-se.

É ponto fundamental, também, que tal miscigenação implicou uma forma de dominação. Abordando as consequências nefastas do abuso colonial correspondente, em última instância, à exploração do homem pelo homem, Frantz Fanon ressalta que a civilização europeia e os seus representantes mais qualificados são responsáveis pelo

racismo colonial. E é justamente esse repúdio à exploração dos mais fracos que norteou Saramago em *Memorial do convento*. São com paradoxos citados por Henke na “luta pela Justiça” que o autor constrói a alma torturada de Bartolomeu de Gusmão. Para tanto, cria uma obra de várias facetas em que podemos, como se olhássemos em um caleidoscópio, enxergar o mundo em que vivemos a partir de uma história com personagens do século XVIII.

Em *Memorial*, vemos uma mistura de História e ficção, onde a narração é fundamentada no passado para que melhor possamos entender o presente e atuar criticamente sobre ele. O vai e vem de fluxos da linguagem representativa de fatos históricos e das inserções da imaginação do autor torna-o um texto multifacetado e de significados plurais. Pelo fato de o livro fazer, sem dúvida, uma incursão no campo da narrativa histórica, alguns chegam a classificá-lo de romance histórico. Contudo, *Memorial* vai muito além dessa definição. Podemos dizer que se trata de um romance histórico ao detalhar a sociedade portuguesa do século XVIII, torna-se um romance social na medida em que mostra a exploração das multidões de explorados na construção de Mafra e assume os contornos de romance de realismo fantástico na criação de Blimunda e do voo da passaroleta movida, em última instância, pelas vontades humanas.

Saramago não visa, simplesmente, transportar o leitor ao passado. Em um “não” oposto à infelicidade histórica do ser humano, modifica o sentido dos dados atestados em documentos históricos, alterando o seu significado através da narrativa. É assim também um mestre na desconstrução da História por meio de anacronismos e bruscas mudanças de enunciador e de tom, pela mistura de registros de altos e baixos. Isso ocorre por meio de aspectos como a introdução de eventos fantásticos na trama oficial e pela interferência irônica do narrador. *Memorial* pode ser visto, assim, como uma notável crônica do real maravilhoso que pretende reinventar a vida portuguesa na medida em que

desenvolve um discurso problematizador da História. Utiliza-se, portanto, da variante discursiva do realismo-maravilhoso para a crítica social e para afirmar aspectos como a supremacia dos valores intelectuais e espirituais sobre os materiais, normalmente associados aos espaços de representações do poder.

A natureza dialógica do texto de Saramago proporciona um tenso jogo de identificação e estranhamento. Se por um lado a figura do narrador-contador propicia contato com o leitor, que se reconhece na história, por outro, a todo o momento, a história é cortada por procedimentos narrativos que quebram tal identificação. Causando uma sensação de estranheza, tais procedimentos fazem o narrador aparecer ao mesmo tempo como uma figura arcaica e moderna, familiar e estranha, próxima e distante (em outro tempo do da diegese), instigando o leitor e impedindo-o de fazer uma leitura meramente digestiva.

Em diversos momentos Saramago utiliza a intertextualidade e a ironia como armas críticas. Nesse sentido, procura realizar um tipo de revisão da narrativa portuguesa em seu período de formação, de caráter excessivamente doutrinário e moralista, com o objetivo de superá-la. Tal relação tem, como ponto de partida, as *Obras do diabinho da mão furada*, de António José da Silva. Parece construir seus três personagens principais sobre os de da Silva, opondo um ao outro, ou seja, Baltasar a Peralta, Blimunda ao Diabinho e, o Frade, ao padre Bartolomeu de Gusmão. Contudo, subverte os personagens para produzir os seus. Nesse movimento de reconstrução da tradicional história literária, Saramago a ultrapassa, abrindo-se para a literatura carnalizada. É por meio dela que vira o mundo de ponta cabeça e direciona seus holofotes para os oprimidos, recriando na ficção a trajetória daqueles que foram esquecidos pela História. Nesse movimento que nos faz lembrar Gregório de Matos, não poupa nenhum setor das classes dominantes: além da realeza, ridiculariza também o clero e, por tabela, a religião que representa.

Ao diálogo História/ficção soma-se outro, o do passado/presente, visando-se a criação de um mundo completo, nem que para isso seja preciso inventar ou, melhor dizer, corrigir os fatos. Nesse sentido, a produção de Saramago é profundamente atual com o seu jogo dialético com o tempo, assim como o uso conjugado da paródia e da intertextualidade. É dessa forma que reconhecemos no cenário do século XVIII, em *Memorial*, questões relacionadas aos dias de hoje, como a exploração das camadas menos favorecidas, a corrupção e as desigualdades socioeconômicas. Somos então instigados a refletir sobre as mesmas, a assumir uma posição crítica diante dos fatos visando uma mudança de consciência. Dessa forma, ao dialogar com o passado e o presente tendo em vista o futuro, reinventa não apenas o romance, mas sugere a reinvenção do mundo em que vivemos.

Saramago resgata a biografia de Gusmão e transforma-a com elementos do fantástico e maravilhoso. O padre pode, assim, ser comparado a Dédalo, inventor das asas de cera que permitiriam a Ícaro escapar do labirinto. Ao passo que Taunay descreve as experiências factuais com o balão realizadas pelo religioso em âmbito restrito – e que frustraram as expectativas da época devido à ignorância popular –, Saramago vai além e nos remete ao sonho de Ícaro e à aspiração de liberdade na construção de uma passarola que voa para escapar de uma sociedade injusta. Para tanto, o elemento natural, o ar quente, é substituído por um sobrenatural, ou as vontades humanas. Simbolicamente, a máquina voadora eleva-se, então, pela vontade coletiva, representando um projeto para romper as barreiras geradas pelo imobilismo de uma sociedade injusta e atrasada.

Ao contrário de Taunay, para Saramago são desnecessários os detalhes históricos de que os experimentos foram realizados. Interessa-lhe, como no desafio mitológico de Prometeu, mostrar que cabe ao homem o destino demiúrgico de participar na criação do universo.

Podemos dizer que, apesar de percorrerem caminhos diferentes ao focar o padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, ambos os autores visam o futuro. Se Taunay empenha-se para dar a um brasileiro as glórias merecidas por sua invenção na terra do colonizador, o faz como um resgate do passado não apenas para o presente, mas principalmente para as gerações futuras. Já Saramago investe em um pensador de “opostas e inimigas verdades” para deixar-nos uma porta entreaberta em sua fé no homem que se torna um agente de transformação da sociedade em que vive.

Em um mundo onde a discriminação ao que é “diferente” se intensifica com movimentos como os de preconceito a imigrantes e de cunho religioso – aumentando as injustiças de toda ordem –, os estudos de hibridismo em questão, assim como a essência híbrida de Gusmão mostrada tanto em Taunay como em Saramago nos revela ser um legado sem fronteiras, libertador.

Estamos conscientes, entretanto, de que alguns assuntos aqui tratados podem ser abordados com uma profundidade maior. Não o fizemos para não nos alongarmos demais em certos tópicos e correremos o risco de perder a fluidez do texto. Para futuras pesquisas dentro do escopo da literatura comparada, contudo, gostaríamos de sugerir temas que dizem respeito à formação de identidades no contexto colonial e pós-colonial, além de estudos que investiguem com mais detalhes questões ligadas à alta plasticidade social de uma sociedade e sua correlação com atipicidades e/ou atrasos no desenvolvimento de um determinado sistema socioeconômico, como ocorrido com Portugal. Finalmente, seria interessante observar em que medida a chamada “era do terror” influenciaria os estudos dos fluxos culturais nas literaturas.

BIBLIOGRAFIA

1. AUTORES.

SARAMAGO, José. *A bagagem do viajante*. 2. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1986.

_____. *A caverna*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

_____. *A jangada de pedra*. Lisboa, Editorial Caminho, 1986.

_____. *A maior flor do mundo*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2008.

_____. *A noite*. 2. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1987.

_____. *A segunda vida de Francisco de Assis*. Lisboa, Editorial Caminho, 1987.

_____. *A viagem do elefante*. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

_____. *As intermitências da morte*. 3. reimpr. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. *As opiniões que o DL teve*. Lisboa, Seara Nova, 1974.

_____. *As pequenas memórias*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

_____. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

_____. *Cadernos de Lanzarote II*. Lisboa, Editorial Caminho, 1994.

_____. *Caim*. São Paulo, Companhia as Letras, 2009.

_____. *Deste mundo e do outro*. 3. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1986.

_____. *Don Giovanni ou o dissoluto absolvido*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

_____. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

- _____. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- _____. *In nomini dei*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- _____. *Levantado do chão*. 10. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1994.
- _____. *Manual de pintura e caligrafia*. 2. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1983.
- _____. *Memorial do convento*. 31. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- _____. *O ano da morte de Ricardo Reis*. 6. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1985.
- _____. *O ano de 1993*. Lisboa, Editorial Caminho, 1987.
- _____. *O conto da ilha desconhecida*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____. *O evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.
- _____. *O homem duplicado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Os apontamentos*. 2. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1990.
- _____. *Os poemas possíveis*. 2. ed. rev. e emen. Lisboa, Editorial Caminho, 1982.
- _____. *Objecto quase*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Poética dos cinco sentidos: O Ouvido*. Lisboa, Bertrand, 1979.
- _____. *Provavelmente alegria*. 3. ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1987.
- _____. *Que farei com este livro?* Lisboa, Editorial Caminho, 1980.
- _____. *Terra do pecado*. Lisboa, Editorial Caminho, 1997.
- _____. *Todos os nomes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

_____. *Viagem a Portugal*. 9ª ed. Lisboa, Editorial Caminho, 1994.

TAUNAY, Afonso de E. *A câmara dos deputados sob o império*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1950.

_____. *A grande vida de Fernão Dias Paes*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1955.

_____. *A guerra dos bárbaros*. São Paulo, 1936. Separata da Rev. do Arquivo Municipal, vol. 22.

_____. *A missão artística de 1816*. Brasília, Edit. Universidade de Brasília, 1983.

_____. *A retirada da laguna: episódio da guerra do Paraguay*. 11. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1942.

_____. *A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1938.

_____. *Achegas à biografia de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1943.

_____. *Amador Bueno e outros ensaios*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1943.

_____. *Antigos aspectos paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1927.

_____. *Assuntos de três séculos coloniais (1598-1790)*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1944.

_____. *Bartholomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1938.

_____. “Bartolomeu de Gusmão”. In: *Homens de São Paulo*, São Paulo, Martins/EDUSP, São Paulo, 1981, proêmio.

- _____. *Bartolomeu de Gusmão: Inventor do aerostato, a vida e a obra do primeiro inventor americano*. São Paulo, Edições Leia, 1942.
- _____. *Cinco peças da velha iconografia catarinense (1815)*. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950. Anais do Congresso de História Catarinense, v.2, 1950, p. 125-138.
- _____. *Comemoração do cincoentenário da solene instalação do Museu Paulista*. São Paulo, Departamento do Serviço Público, Serviço de Documentação, 1946.
- _____. *Crônica do tempo dos Felipes*. Tours, E. Arrault et Cie., 1910.
- _____. *Curso de bandeirologia*. São Paulo, Departamento Estadual de Informações, 1946.
- _____. *De brasiliae rebus pluribus*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1936.
- _____. *Do reino ao império*. São Paulo, Diário Oficial, 1927.
- _____. *Ensaio de carta geral das bandeiras paulistas: séculos XVI, XVII, XVIII*. 2.ed. São Paulo, Melhoramentos, 1937.
- _____. *Ensaio de história paulistana*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1941.
- _____. *Em Santa Catharina colonial*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1936.
- _____. *Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escriptos*. São Paulo, 1932.
- _____. *Estudos de historia paulista*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1927.
- _____. *Grande amigo do museu paulista: Júlio Conceição 1864-1938*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1938.
- _____. *Grandes vultos da independência brasileira*. São Paulo, Melhoramentos, 1922.

- _____. *Guia da secção histórica do Museu Paulista*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1937.
- _____. *Guia do museu republicano “Convenção de Itu”*. São Paulo, Indústria Gráfica Siqueira, Departamento Estadual de Informações, 1946.
- _____. *História administrativa e econômica do Brasil*. Rio de Janeiro, Simões, 1955.
- _____. *História antiga da abadia de São Paulo*. São Paulo Typ. Ideal, 1927.
- _____. *História colonial da cidade de São Paulo no século XIX*. São Paulo, Departamento de Cultura, 1956.
- _____. *História da cidade de São Paulo*. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1956.
- _____. *História da cidade de São Paulo no século XVIII*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado e Divisão do Arquivo Municipal, 1931/1951, 7 volumes.
- _____. *História da cidade de São Paulo no século XIX*. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, 1959.
- _____. *História da cidade de São Paulo sob o império*. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico da Municipalidade, 1956/1977, 3 volumes.
- _____. *História das bandeiras paulistas*. São Paulo, Melhoramentos, 1975.
- _____. *História do café no Brasil*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1939-1943, 15 volumes.
- _____. *História geral das bandeiras paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1946/1950, 11 volumes.
- _____. *História seiscentista da vila de São Paulo*. São Paulo, Tip. Ideal, 1926-1929, 4 volumes.

- _____. *Índios! Ouro! Pedras! :Antonio Raposo Tavares; Fernão Dias Paes Leme; a glória das monções*. São Paulo, Melhoramentos, 1926.
- _____. *Inopia Scientifica e vocabular dos grandes dictionarios portuguezes*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1932.
- _____. *Insufficiencia e deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes*. Tours, E. Arrault et. Cie., 1928.
- _____. *João Ramalho e Santo André da Borda do Campo*. 2. ed. São Paulo, Revista dos Tribunais, 1968.
- _____. *Leonor de Avila*. São Paulo, Ferraz, 1926.
- _____. *Lexico de lacunas*. São Paulo, Tours, E. Arrault et Cie., 1914.
- _____. *Lexico de termos technicos e scientificos ainda não apontados nos dictionarios da lingua portuguesa*. São Paulo, separata do Anuário da Escola Politécnica, 1909.
- _____. *Monstros e monstrenhos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Na Bahia colonial*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1925.
- _____. *Na era das bandeiras*. 2. ed. São Paulo. Melhoramentos, Weiszflog Irmãos, 1922.
- _____. *No Brasil de 1840*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1935.
- _____. *No Brasil imperial*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922.
- _____. *No Rio de Janeiro de Dom Pedro II*. Rio de Janeiro, Agir, 1947.
- _____. *No Rio de Janeiro dos vice-reis*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1943.
- _____. *Non ducor duco: notícias de São Paulo*. Campinas, PUC, Departamento de História, 1980.

- _____. *O grande imperador*. São Paulo. Melhoramentos, Weiszflog Irmãos, 1932.
- _____. *O senado do império*. Brasília, Senado Federal, 1978.
- _____. *Obras diversas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo, Melhoramentos, 1934.
- _____. *Painéis do Museu de Itu*. São Paulo, Departamento de Serviço Público, 1945.
- _____. *Pedro II. São Paulo*. 2. ed. Companhia Editora Nacional, 1938.
- _____. *Pequena história do café no Brasil (1727-1937)*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1945.
- _____. *Propagação da cultura cafeeira*. Departamento Nacional do Café, 1934.
- _____. *Quatro séculos paulistanos*. São Paulo, Gráfica Municipal, 1954.
- _____. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1981.
- _____. *Relatos sertanistas*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1981.
- _____. *Rio de Janeiro de antanho: Impressões de viajantes estrangeiros*. São Paulo, Editora Nacional, 1942.
- _____. *San Pablo en el siglo XVI*. Buenos Aires, Ministerio de Justicia e Instrucción Pública, 1947.
- _____. *Santa Catarina nos anos primevos*. São Paulo, Imprensa Oficial, 1931.
- _____. *São Paulo no século XVI*. Tours, E. Arrault et Cie., 1921.
- _____. *São Paulo nos primeiros anos*. Tours, E. Arrault et Cie., 1920.

- _____. *São Paulo: Vetera et nova*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1949. Separata dos Anais do Museu Paulista, vol. 13.
- _____. *Silva Leme e o povoamento do Brasil central pelos paulistas*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1941.
- _____. *Subsídios para a biografia de Sampaio Ferraz*. São Paulo, Rothschild Loureiro, 1952.
- _____. *Subsídios para a história do café no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1935.
- _____. *Subsídios para a história do tráfico africano no Brasil*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1941.
- _____. *Um tratado de paz na colônia*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1946.
- _____. *Uma grande glória brasileira: Jose Mauricio Nunes Garcia*. Melhoramentos, 1930.
- _____. *Velho São Paulo*. 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, [1954?].
- _____. *Viagens na capitania de Minas Gerais: (1811-1821)*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1945.
- _____. *Visitantes do Brasil colonial: séculos XVI-XVIII*. 2. ed. São Paulo, Nacional, 1938.
- _____. *Zoologia Fantástica do Brasil*. Edusp, Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1999.

2. TEORIA, CRÍTICA, HISTÓRIA

ABDALA JUNIOR, Benjamin. A literatura, a diferença e a condição intelectual. *Revista*

- Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 19-39, jul. 2006.
- _____. *Brasil-Portugal (1974-1987): Repensando identidades. II Seminário de Estudos Literários – Anais*. São Paulo: HVF – Arte & Cultura, Assis: FCL-UNESP, 1994, p. 106-110.
- _____. *De voos e ilhas: Literatura e comunitarismos*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- _____. “Formação da literatura brasileira – Antonio Candido”. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org.). *Introdução ao Brasil – Um banquete nos trópicos*. 3. ed. São Paulo, Senac, 2001, p. 357-379.
- _____. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais: Um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo, Senac, 2002.
- _____. Necessidade e solidariedade nos estudos de literatura comparada. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, Abralic, n. 3, p. 87-95, 1996.
- _____. “Um ensaio de abertura: mestiçagem e hibridismo, globalização e comunitarismos”. Em seu *Margens da cultura: Mestiçagem, hibridismos e outras misturas*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 9-20.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Arquivo eletrônico sobre biografias do Visconde de Taunay e de Afonso de E. Taunay disponível em www.academia.org.br. Acesso em 19 fev. 2010.
- AGUIAR, Flávio; GUARDINI VASCONCELOS, Sandra . “O conceito da transculturação na obra de Ángel Rama”. In: ABDALA JR., B. (Org.). *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 87-98.
- APTER, Emily. “Comparative exile”. In: BERNHEIMER C. (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*, Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995, p.86-96.
- _____. “Je ne crois pas beaucoup à la littérature comparée”. In: SAUSSY, Haun. (Ed.). *Comparative literature in an age of globalization*. Baltimore, The Johns Hopkins Univ. Press, 2006, p.54-62.

- ARIAS, Juan. José Saramago: *El amor posible*. Barcelona, Planeta, 1998.
- ARNAUT, Ana Paula. *Memorial do convento: história, ficção e ideologia*. Coimbra, Fora do Texto, 1996.
- BARBOSA, João Alexandre. Até os limites da realidade. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 6 de dez. 1998. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1jab.html>. Acesso em 07/04/2011.
- BASSNETT, Susan. *Comparative literature: A critical introduction*. 1st. ed. Oxford, Blackwell, 1993.
- BASTOS, Elide Rugai. “Gilberto Freire – Casa grande e senzala”. In: MOTA, Lourenço Dantas. (Org.). *Introdução ao Brasil - Um banquete no trópico*. São Paulo, Senac, 1999
- BERGEZ, Daniel et alli. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BERND, Zilá. “O elogio da criouliidade: o conceito de hibridação a partir dos autores francófonos do Caribe”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin, org. *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 99-112.
- _____. Perspectivas comparadas trans-americanas. In: CONGRESSO DA ABRALIC, [2006?], Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.zilabernd.com/pdf/ABRALIC2006.pdf> . Acesso em 4 abr. 2011.
- BERNHEIMER, C. (Ed.). “The anxieties of comparison”. Em sua *Comparative literature in age of multiculturalism*. Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995, p. 1-17.
- BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago: o romance*. Lisboa, Caminho, 1998.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte, 3. reimpressão, Ed. UFMG, 2005.

BIRCH, David. *Language, literature and critical practice*. London, New York, Routledge.

BLOCH, Erns. *O princípio esperança*, 1 ed., Rio de Janeiro, Contraponto, 2005. 1 v.

CALBUCCI, E. *Saramago: um roteiro para os romances*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.

CAMPBELL, Joseph. *The hero with a thousand faces*. New York, Pantheon Books, Cop. 1949.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. 4. ed. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001.

_____. *Culturas en globalización*. 1. ed. Caracas, Editorial Nueva Sociedad, 1996.

_____. *Hybrid cultures: Strategies for entering and leaving modernity*. Minneapolis, Univ. of Minnesota Press, 1995,

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*. 3. ed. São Paulo, Livraria Martins, [s.d.], 1 v.

_____. *Literatura e sociedade: Estudos de teoria e história literária*. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2008.

CARDOSO, Marília Rothier. Biografia e valor literário. *Revista brasileira de literatura. Comparada*, Belo Horizonte, Abralic, 2002.

CARVALHAL, Tânia F. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo, Ática, 2004.

CARVALHO, Maria Cristina C. de. “*Aqui o mar acaba e a terra principia*”: o lugar que se revela em *A jangada de pedra*. Orientador: Cleonice Berardinelli. Rio de

Janeiro: PUC, 2006, p. 14. Dissertação de mestrado em Letras.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. Roneide Venancio Majer. 8. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

CERDEIRA DA SILVA, Teresa Cristina. “Espaços concentracionários e as crises da utopia: Sartre e Saramago”. In: BUENO, Aparecida de Fátima et alli. *Literatura portuguesa*. História, memória e perspectivas. São Paulo, Alameda, 2007, p.357-364.

COSTA, Horácio. *José Saramago e a tradição do romance histórico em Portugal*. Revista USP, São Paulo, n. 40, p. 104, dez./fev. 1998-99.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Editorial Sul Americana, 1968, v.1.

DAVIS, Robert C.; SCHLEIFER, Ronald. *Literary criticism*. New York, Longman, 1998.

EAGLETON, T; JAMESON, F.; SAID E. *Nationalism, colonialism and literature*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1990.

ELLIS, Myriam e HORCH, Rosemarie. *Afonso D'Escagnolle Taunay no centenário do seu nascimento*. São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1977.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Alexandre Pomar. Porto, A. Ferreira, [entre 1969 e 1975].

FANTINI, Marli. “Águas turvas, identidades quebradas: hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (Org.) *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 159-180.

FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu: José Saramago*. Juiz de Fora,

UFJF/Blumenau, Edifurb, 2003.

FERREIRA, Tito Lívio. Mestre Afonso de Taunay – O historiador da pátria. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, 1960.

FINAZZI-AGRÒ, Ettore. O duplo e a falta – Construção do outro e a identidade nacional na literatura brasileira. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 1, Abralic, Niterói, março 1991.

FIORIN, José Luiz. “Bakthin e a concepção dialógica da linguagem”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. (Org.). *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 37-66.

FOKKEMA, D. W. *História literária, modernismo e pós-modernismo*. Trad. Abel Barros Baptista. Lisboa, Vega, [s.d.].

GILL, Stephen R. “Neo-liberalism and the shift towards a US-centered transnational hegemony”. In: H. Overbeek. (Ed.). *Restructuring hegemony in the global political economy*, London, Routledge, 1993.

GRANDIS, R. de; BERND, Z. “Hybridity: The never-ending metamorphosis?” Em seu *Critical Studies – Unforeseeable Americas: Questioning cultural hybridity in the Americas*, Amsterdam-Atlanta, Editions Rodopi, 2000, p. x-xxix.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

HANSEN, João Adolfo. “Experiência e expectativa em Memorial do convento”. In: LOPONDO, L.(Org.). *Saramago segundo terceiros*. São Paulo, Humanitas, 1998.
_____.O percevejo, as carnes e a utopia. *Folha de S. Paulo*. Disponível em <http://biblioteca.folha.com.br/1/04/1998101801.html>. Acesso em 7 abr. 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 16. ed. Rio de Janeiro, José Olympio,

1983.

HUTCHEON, L. *A poetics of postmodernism: History, theory, fiction*. New York, London, Routledge, 1988.

JORNAL DE POESIA. Publicação eletrônica disponível em
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/>

KADIR, Djelal. “Comparative literature in an age of terrorism”. In: SAUSSY, H. (Ed.). *Comparative literature in an age of globalization*. Baltimore, The Johns Hopkins Univ. Press, 2006, p. 68-77.

KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè. Recherches por une sémanalyse*. Paris, Seuil, 1969.

KRUKS, Sonia. “Fanon, Sartre, and Identity Politics”. In: GORDON, Lewis R.; SHARPLEY-WHITING, T. Denean; WHITE, Renée T. (Ed.). *Fanon: A critical reader*. Massachusetts, Blackwell, 1996, p. 122-133.

LAMORE, Jean. “Transculturation: naissance d’un mot”. In: LACROIX, Jean-Michel; CACCIA, Fulvio. (Org.). *Métamorphoses d’une utopie*, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle/Éditions Triptyque, 1992, p.43-48.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Mito e significado*. Trad. António Marques Bessa. Lisboa, Edições 70, [s.d.], p. 57, 63.

LINHARES FILHO. “Uma leitura de *Memorial do Convento*”. In: BERRINI, Beatriz. (Org.). *José Saramago, uma homenagem*. São Paulo, Educ, Fapesp, p. 169-191.

LOTMAN, Yuri. On the semiosphere. *Sign Systems Studies*, 2005, vol. 33. Disponível em www.ut.ee/SOSE/sss/Lotman331.pdf. Acesso em 8 ago. 2009, p. 2, 6, 11.

MABARDI, Sabine. “Encounters of a heterogenous kind: Hybridity in cultural theory”. In: GRANDIS, Rita de; BERND, Zilá. (Ed.). *Critical Studies – Unforeseeable*

Americas: Questioning cultural hybridity in the Americas, Amsterdam-Atlanta, Editions Rodopi, 2000, p. 1-20.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

MARCONDES FILHO, Ciro (Coord). *Pensar pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidades*. São Paulo, Ed. NTC, 1996.

MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, 1977, v.1.

MAZZOTTI, José Antônio. “Mestizo dreams: Transculturation and heterogeneity in Inca Garcilaso de la Vega”. In: ST. GEORGE, Robert Blair. (Ed.). *Possible pasts – Becoming colonial in early America*. Ithaca, Cornell University Press, 2000, p. 131-147.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. “Poesia e Mito”. In: AMARANTE DOS SANTOS, Dulce; TURCHI, Maria. (Org.). *Encruzilhadas do imaginário: ensaios de literatura e história*. Goiânia, Cânone Editorial, 2003, p. 11-26.

MERCER. Kobena. “Busy in the ruins of wretched phantasia”. In: ALESSANDRINI, Anthony. (Ed.). *Franz Fanon: Critical perspectives*. London, Routledge, 1999, p. 195-218.

MILLER, Joseph Hillis. “The function of literary theory at the present time”. Em sua *Theory now and then*. Durham, Duke University Press, 1991, p. 385-393.

MONIZ, Antônio. *Para uma leitura de Memorial do convento de José Saramago*. 1 ed. Lisboa, Editorial Presença, 1995.

MORE, Thomas. *Utopia*. 2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

NOVAIS, Fernando A. *Aproximações: Estudos de história e historiografia*. São Paulo,

Cosacnaify, [200-?].

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura. As novas teorias alemãs*. São Paulo, Ed. Ática, 1996.

OLIVEIRA FILHO, Odil José de. *Carnaval no convento: Intertextualidade e paródia em José Saramago*. São Paulo, Editora da Unesp, 1993.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. Um português de sons e pausas. *Revista Língua Portuguesa*. São Paulo, n.3, dez. 2005.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. As artimagens de Saramago. *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 6 dez. 1998, cad. Mais, p. 5-9.

_____. “Pós-estruturalismo e desconstrução nas Américas”. Em seu *Do positivismo à desconstrução*. Edusp, São Paulo, 2004, p. 213-236.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Saramago: Momento por todos esperado. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 5 de dez. 1998. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/1lstegagno.html>. Acesso em 7 abr. 2011.

PIZARRO, Ana. “Áreas culturais na modernidade tardia”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin, org. *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 21-36.

PRATT, Mary Louise. “Comparative literature and global citizenship”. In: BERNHEIMER C. (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*, Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995, p. 58-65.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*, 4.ed. Ciudad de México, Siglo XXI Editores, 2004.

REAL, Miguel. *Narração, maravilhoso, trágico e sagrado em Memorial do convento de José Saramago*. Lisboa. Editorial Caminho, 1995.

REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: Introdução aos estudos literários*. Coimbra, Livraria Almedina, 1995.

RIBEIRO, Renilson Rosa. Nos jardins do tempo: memória e história na perspectiva de Pierre Nora. In: *História e-História*, Unicamp, Ceans, ago. 2004. Disponível em www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=historiadores&id=11 . Acesso em 6 abr. 2010.

RIFFATERRE, Michael. “On the complementarity of comparative literature and cultural Studies”. In: BERNHEIMER C. (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*, Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995, p.66-73.

ROCHA, Clara. “Ficção dos anos 80”. In: LOPES, Óscar e MARINHO, Maria de Fátima. (Dir.). *História da Literatura Portuguesa – As correntes contemporâneas*. Lisboa, Publicações Alfa, [2003?], v.7.

RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil*. 2. ed. aum. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1969, p. 98,99. (Col. Brasiliana, série Grande Formato, v. 20).

_____. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo, Fulgor, 1965.

RUSSO, Mary. “Telling tales out of school”. In: BERNHEIMER C. (Ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*, Baltimore, London, The s Hopkins University Press, 1995, p.187-194.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. *Cultura e política*. Trad. Luiz Bernardo Pericás. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003.

SAN JUAN JUNIOR., E. “Fanon: An intervention into cultural studies”. In:

ALESSANDRINI, Anthony. (Ed.). *Franz Fanon: Critical perspectives*. London, Routledge, 1999, p.126-145.

SANCHES NETO, Miguel. Saramago, a vaidade justificável. *Jornal de Poesia*. Disponível em <http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches29.html>. Acesso em 5 jun. 09.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Between Prospero and Caliban: Colonialism, postcolonialism, and inter-identity*. Disponível em www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/72Between%20Prospero%20and%20CalibanLusoBrazilianReview2002.pdf Acesso em 3 mar. 2011.

_____. *Pela mão de Alice*. 4. ed. Porto, Edições Afrontamento, 1995.

SARAIVA, A. J. & LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 17. ed. Porto, Porto Editora, 2000.

SAUSSY, Haun. “Exquisite cadavers stitched from fresh nightmares: of memes, hives and selfish genes”. Em sua *Comparative literature in an age of globalization*. Baltimore, The Johns Hopkins Univ. Press, 2006, p. 3-42.

SEIXO, Maria Alzira. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

SERRÃO, Joel. (Coord.). *Dicionário da História de Portugal*. Porto, Livraria Figueirinhas, vol. 5, [s.d.].

SOBREVILLA, David. Transculturación y heterogeneidad: Avatares de dos categorías literárias en América Latina. *Revista de crítica literária latino-americana*, Lima-Hanover, n.54, 2001, p.21 a 33. Disponível em <http://www.insumisos.com/lecturasinsumisas/Transculturacion%20y%20heterogeneidad.pdf> . Acesso em 5 abr. 2011.

SOUZA, Jonas Soares de. Afonso de Taunay: História e ação. Publicação eletrônica *Itu.com.br*. Disponível em www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=6868 Acesso em 2 out.

2008.

SOUZA, Lynn M. T. Menezes de. “Hibridismo e tradução cultural em Bhabha”. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Margens da cultura*. 1. ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004, p. 113-134.

STRANGE, Susan. *States and markets*. 2nd. London, Pinter Publishers, 1994.

STRÔNGOLI, Maria Thereza. “O discurso literário, o mítico e o multiculturalismo”. In: AMARANTE DOS SANTOS, Dulce; TURCHI, Maria. (Org.). *Encruzilhadas do imaginário: Ensaios de literatura e história*. Goiânia, Cãnone Editorial, 2003, p. 117-128.

TRIGO, Abril. “Shifting paradigms: From transculturation to hybridity: A theoretical critique”. In: GRANDIS, Rita de; BERND, Zilá. (Ed.). *Critical Studies – Unforeseeable Americas: Questioning cultural hybridity in the Americas*. Amsterdam-Atlanta, Editions Rodopi, 2000, p. 85-111.

VENÂNCIO, Fernando. *José Saramago: A luz e o sombreado*. 1. ed. Porto. Campo das Letras, 2000.

YOUNG, Robert J.C. *Colonial desire: hybridity in theory, culture and race*. London e New York, Routledge, 1995,

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica*. 8. ed. São Paulo, Editora Prazer de Ler.

BOOTH, WAYNE C. *A arte da pesquisa*. Tradução Henrique A. Rego Monteiro. São

Paulo, Martins Fontes, 2000.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. Tradução: Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo, Perspectiva, 1988.

PAULI, Evaldo. *Manual de metodologia científica*. São Paulo, Ed. Resenha Universitária, 1976.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Diretrizes metodológicas para o trabalho científico*. São Paulo, 1975.

SPINA, Segismundo. *Normas Gerais para os trabalhos de grau*. São Paulo, Livr. Edit. Fernando Pessoa, 1974.